



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS BENEDITO BENTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

EDILEUZA LIMA FERRAZ

LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE
CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Maceió
2024

EDILEUZA LIMA FERRAZ

**LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE
CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *Campus* Avançado Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (Linha 1).

Macroprojeto: Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT (Macroprojeto 1).

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (ProfEPT/Ifal)

Maceió
2024



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

F3811

Ferraz, Edileuza Lima.

Letramento literário no ensino médio integrado: o portfólio de círculos de leitura na biblioteca escolar / Edileuza Lima Ferraz. – 2024.

279 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti.

Dissertação - (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2024.

1. Educação. 2. Letramento Literário 3. Ensino Médio Integrado. 4. Educação Profissional e Tecnológica. I. Título.

CDD: 370

Fernanda Isis Correia da Silva
Bibliotecária - CRB-4/1796

EDILEUZA LIMA FERRAZ

**LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE
CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertada pelo Campus Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em ____ de ____ de _____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (ProfEPT/Ifal)
Instituto Federal de Alagoas (Ifal)
Orientador

Prof. Dr. Jarbas Mauricio Gomes (ProfEPT/Ifal)
Instituto Federal de Alagoas (Ifal)
Membro Interno

Profa. Dra. Lúcia de Fátima Santos
Universidade Federal de Alagoas (Ufal)
Membro Externo

EDILEUZA LIMA FERRAZ

**LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE
CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Avançado Benedito Bentes do Instituto Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (ProfEPT/Ifal)
Instituto Federal de Alagoas (Ifal)
Orientador

Prof. Dr. Jarbas Mauricio Gomes (ProfEPT/Ifal)
Instituto Federal de Alagoas (Ifal)
Membro Interno

Profa. Dra. Lúcia de Fátima Santos
Universidade Federal de Alagoas (Ufal)
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo seu imenso amor e cuidado.

À minha mãe, que me ensinou o valor do estudo e da honestidade.

A Ésio, meu marido e grande apoiador, que sempre me incentivou a lutar pelo que eu queria, sempre atento às minhas necessidades e à minha felicidade.

Aos meus filhos Fernanda, Cíntia e Alyson, por acreditarem em mim em todos os aspectos.

Ao amigo João J. F., pelas contribuições importantes para a realização deste trabalho e por sua amizade incondicional. O mundo não seria o mesmo sem a sua alegria.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti, pela confiança, paciência, dedicação e por compartilhar seus conhecimentos. Suas sábias orientações me conduziram ao crescimento acadêmico, sempre me instigando e incentivando, de modo a tornar essa jornada mais leve. Além do que, não posso deixar de passar a oportunidade de elogiar a humanidade, o profissionalismo e a empatia com que fui tratada.

Aos meus colegas de trabalho, pela compreensão nos momentos em que precisei substituir as minhas atribuições profissionais pela escrita e pelo estudo, em especial ao meu chefe, Emerson Magalhães, por permitir o meu afastamento semanal e, posteriormente, autorizar o afastamento total para escrever este trabalho.

Aos colegas do mestrado, que estiveram junto comigo, prestando apoio e compartilhando saberes, aprendizados e angústias. Ao nos envolvermos e vivenciarmos as aflições dos outros, percebemo-nos mais fortes, pela união e força adquiridas na comunhão.

Às participantes da pesquisa, pela disposição e disponibilidade em participar dos círculos de leitura e pela atenção demonstrada durante as atividades.

A todos os professores do ProfEPT, que fizeram parte da minha caminhada, pelas contribuições valiosas, sem as quais eu não teria aprendido tanto.

Aos membros da minha banca de avaliação da qualificação, e posteriormente da defesa, pelo apoio e contribuições necessários a este trabalho.

Por fim, obrigada a todos que, de alguma forma, ajudaram para que este trabalho fosse realizado (cada um de vocês sabe em que parte desse percurso fizeram parte).

RESUMO

Esta dissertação, desenvolvida no âmbito do ProfEPT, na Linha de Pesquisa Práticas Educativas em EPT, descreve o resultado de uma pesquisa desenvolvida no *Campus* Maceió do Instituto Federal de Alagoas (Ifal), especificamente na Biblioteca Benevides Monte, com estudantes do gênero feminino, da terceira série do Ensino Médio Integrado (EMI), cujo objetivo geral é promover ações de estímulo à leitura literária, por meio de círculos de leitura e reunir as impressões desses momentos na elaboração do Produto Educacional Portfólio, tendo em conta a leitura e a análise da obra “A hora da estrela”, de Clarice Lispector. Aportamo-nos nas contribuições de Cândido (2011), Cavalcanti *et al.* (2020), Colomer (2003), Cosson (2006, 2014, 2020), Cruz (2021), Freire (1989, 2014), Lajolo; Zilberman (2019), Moreira (2006, 2019), Oliveira (2022), Soares (2009), Tonet (2020) e Zilberman (2015), entre outros/as. A metodologia foi a pesquisa-ação de natureza qualitativa, fundamentada em Barbier (2002), Gibbs (2009) e Thiollent (1986). Foram adotados os seguintes procedimentos: i) diagnóstico de leitura das estudantes participantes por meio de questionários-perfis; questionário de avaliação dos círculos; e iii) realização de círculos de leitura, nos quais foram discutidos aspectos da obra e coletamos subsídios para responder à nossa pergunta de pesquisa e elaborar nosso Produto Educacional, intitulado: Portfólio de círculos de leitura na biblioteca. Os resultados da pesquisa nos revelam a necessidade de ações investigativas com tal perspectiva a fim de promover o desenvolvimento de práticas de letramento literário, especificamente, de estudantes do gênero feminino na inter-relação com abordagens voltadas ao mundo do trabalho e ao universo feminino num contexto educativo formal pertencente à Rede Federal de Ensino.

Palavras-chave: Letramento Literário; Círculos de leitura; Ensino Médio Integrado; Educação Profissional e Tecnológica; Produto Educacional Portfólio

ABSTRACT

This dissertation, developed within the scope of ProfEPT, in the Educational Practices Research Line in EPT, describes the result of research carried out at the Maceió Campus of the Federal Institute of Alagoas (Ifal), specifically at the Benevides Monte Library, with female students, from third grade of Integrated High School (EMI), whose general objective is to promote actions to encourage literary reading, through reading circles and to gather the impressions of these moments in the elaboration of the Portfolio Educational Product, taking into account reading and analysis from the work "The Hour of the Star", by Clarice Lispector. We draw on the contributions of Cândido (2011), Cavalcanti *et al.* (2020), Colomer (2003), Cosson (2006, 2014, 2020), Cruz (2021), Freire (1989, 2014), Lajolo; Zilberman (2019), Moreira (2006, 2019), Oliveira (2022), Soares (2009), Tonet (2020) and Zilberman (2015), among others. The methodology was qualitative action research, based on Barbier (2002), Gibbs (2009) and Thiollent (1986). The following procedures were adopted: i) reading diagnosis of the participating students through profile questionnaires; circle evaluation questionnaire; and iii) carrying out reading circles, in which aspects of the work were discussed and we collected information to answer our research question and develop our Educational Product, entitled: Portfolio of reading circles in the library. The research results reveal to us the need for investigative actions with such a perspective in order to promote the development of literary literacy practices, specifically, of female students in the interrelationship with approaches focused on the world of work and the female universe in a context formal education belonging to the Federal Education Network.

Keywords: Literary Literacy; Reading circles; Integrated High School; Professional and Technological Education; Educational Product Portfolio

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução da Rede Federal de Ensino ao longo dos tempos	23
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Planejamento dos círculos de leitura e enfoques tratados	42
Quadro 2 - Autodeclaração quanto ao convite para participação na pesquisa	47
Quadro 3 - Participação em rodas/círculos de leitura	48
Quadro 4 - Frequência de leitura de livre escolha	49
Quadro 5 - Colaboração dos pais quanto ao incentivo à leitura	50
Quadro 6 - Escolaridade dos pais/mães e/ou responsáveis	51
Quadro 7 - Tipologia de preferência de livros para realização de leituras	51
Quadro 8 - Meio pelo qual preferem ler	53
Quadro 9 - Motivação para ler	53
Quadro 10 - Local em que preferem ler	54
Quadro 11 - Tempo destinado à leitura diariamente	55
Quadro 12 - Completar a frase: eu leria mais se.....	56
Quadro 13 - Motivação para participar dos círculos de leitura	59
Quadro 14 – Atendo/a às oportunidades	61
Quadro 15 - Aspectos ligados à nordestinidade	62
Quadro 16 - Percepção de Macabéa sob a ótica do narrador	63
Quadro 17 - Preconceitos infligidos à mulher	65
Quadro 18 - A mulher e o mundo do trabalho	68
Quadro 19 - Educação emancipadora	69
Quadro 20 - Evasão escolar no mundo do feminino	70
Quadro 21 - Reação das estudantes ao término da obra	73
Quadro 22 - Fator determinismo: rotina ou exceção?.....	73
Quadro 23 - Possíveis fatores que podem alterar o destino das pessoas	74
Quadro 24 - Submundo dos invisíveis	76
Quadro 25 - Macabéa e seu destino	76
Quadro 26 - Receio inicial de participarem nos Círculos de Leitura	77
Quadro 27 - Características de Macabéa observadas no filme e não encontradas na obra	78
Quadro 28 - Fidelidade do filme à obra.....	80
Quadro 29 - Contribuições dos círculos de leitura	81
Quadro 30 - Mudanças ocorridas após os círculos de leitura	82

Quadro 31 - Receio inicial ao serem convidadas a participar dos círculos de leitura	82
Quadro 32 - Principais ensinamentos obtidos na leitura da obra	83
Quadro 33 - Pretensão sobre desenvolver o gosto pelos processos de leitura	84
Quadro 34 – Possíveis razões que impediram de ter lido mais este ano	85
Quadro 35 - Avaliação da experiência dos círculos de leitura na biblioteca	86
Quadro 36 - Sugestões para um novo projeto de leitura	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica
CEP - Comitê de Ética
CEB - Câmara de Educação Básica
CNE - Conselho Nacional de Educação
EM - Ensino Médio
EMI - Ensino Médio Integrado
EPT - Educação Profissional e Tecnológica
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IF - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
IFAL – Instituto Federal de Alagoas
PE - Produto Educacional
PROFEPT - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PRATICANDO O LETRAMENTO LITERÁRIO NOS CÍRCULOS DE LEITURA	20
2.1 O leitor e sua identificação com o texto	20
2.2 O dilema da educação: saber ler x ser letrado	22
2.3 Letramento Literário na biblioteca no contexto da EPT	30
2.4 Círculos de leitura e sua relação com a Aprendizagem Significativa	33
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS	39
3.1 Instrumentos escolhidos para coletar os dados	42
3.2 Método utilizado para analisar os dados	44
4 O QUE NOS REVELAM OS DADOS?	46
4.1 Análise do questionário-perfil	46
4.2 Análise dos círculos de leitura	57
4.2.1 Primeiro Círculo de Leitura: 17/04/2023	58
4.2.2 Segundo Círculo de Leitura: 19/04/2023	61
4.2.3 Terceiro Círculo de Leitura: 24/04/2023	63
4.2.4 Quarto Círculo de Leitura: 26/04/2023	64
4.2.5 Quinto Círculo de Leitura: 03/05/2023	66
4.2.6 Sexto Círculo de Leitura: 08/05/2023	69
4.2.7 Sétimo Círculo de Leitura: 10/05/2020	72
4.2.8 Nono Círculo de Leitura: 17/05/2023	88
4.3 Análise do questionário de avaliação	80
5 PRODUTO EDUCACIONAL	88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
APÊNDICE 1 - Questionário-perfil para estudantes	158
APÊNDICE 2 - Questionário de avaliação dos Círculos de Leitura	160
APÊNDICE 3 - Questionário de avaliação do Produto Educacional	162
APÊNDICE 4 - Transcrições dos círculos de leitura	164
APÊNDICE 5 - Ficha de Validação do Produto Educacional	256
ANEXO 1 – Termo de compromisso	260
ANEXO 2 – Termo de concordância dos serviços envolvidos da instituição proponente	261
ANEXO 3 – Termo de autorização de uso de imagem, som de voz e depoimentos para fins de pesquisa – maior de 18 anos	262
ANEXO 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TALE) - estudante – mais de 18 anos	263
ANEXO 5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - estudante – mais de 18 anos	264
ANEXO 6 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - estudante – mais de 18 anos	268
ANEXO 7 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) - para maiores de 12 anos e menores de 18 anos	272

1 INTRODUÇÃO

Observar os hábitos de leitura de alunos/as de diversas turmas e séries, frequentadores da biblioteca onde trabalho, motivou o interesse em desenvolver um estudo sobre os tipos de literatura escolhidos de forma mais frequente para compreender os motivos que os/as levavam às suas opções. Aliado a isso, a falta de interesse pela leitura constante que divergisse de suas escolhas, em especial as indicadas pelos professores para subsidiar uma atividade específica, era bastante notória, e causou-me preocupação. Desse comportamento, resultou a intenção de buscar respostas a minha inquietação, bem como, de tentar, em alguma medida, contribuir para auxiliar estudantes a expandir seus horizontes culturais a partir de uma atividade que ultrapassasse a barreira da obrigatoriedade a que quase sempre precisam lidar, a fim de que possam usufruir do incrível ato de ler, não apenas como fruição, mas atuando como agentes participantes da história, à medida que podem refletir sobre os temas encontrados na leitura de um livro.

Graduada em Letras há 27 anos, apaixonada por livros e leitora compulsiva, desde 2016 resolvi permitir que todos esses anos de semeadura feita por tantos outros agricultores da arte em minha existência frutificassem: os frutos foram dez livros publicados em formato digital. Mas é necessário destacar que só cheguei a isso porque a leitura fez parte do meu cotidiano desde a adolescência, fase em que muitas vezes a utilizei como fuga para os meus problemas. Por meio da leitura eu conhecia lugares, pessoas e ideias descritas por escritores/as fabulosos/as. Esses autores/as logo tornaram-se como heróis/heroínas para mim, pois traziam luz e cor à minha precária vida, e imaginava que jamais teria a oportunidade de conhecer aquele mundo descrito nos livros. Mas podia suprir essa carência ao deixar a imaginação se estender até o permitido pela obra e, por vezes, até depois, ao me deparar com situações às quais não me agradavam e entrar naquelas narrativas, por meio de uma imaginação muito fértil e criar as minhas próprias, para “ajeitar” e “melhorar” aquilo que o/a autor/a havia supostamente deixado “escapar”.

Essa maneira de me inserir nas histórias ocorria porque, ao enveredar pelas narrativas, eu ficava tão empolgada, principalmente com os diálogos – apetece-me diálogos –, que se não apreciasse o modo como os/as autores/as as escreviam e, principalmente, como as finalizavam, eu reinventava tudo ao meu modo, ora reescrevendo os fatos, ora os descrevendo apenas na minha mente. Ao descobrir os

autores brasileiros, tais como: José de Alencar, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Maria José Dupré, entre outros, percebi que as histórias me emocionavam e as letras me fascinavam sobremaneira, de modo que, enquanto meus colegas de escola reclamavam da dificuldade para compreender palavras que denominavam de difíceis e obsoletas, eu me encantava com elas, pois para mim se reportavam a um passado incrível que jamais voltaria, com seus costumes e maneira de falar peculiares e belos, reproduzindo a época narrada. Por esse motivo, veio a minha paixão pelo romance de época – sem desprezar outros tipos de literatura –, pois jamais envelhecem ou saem de moda, são atemporais. Neles, as palavras têm o poder de nos transportar a outros tempos e a outros mundos, não estão interligados a um movimento ou uma moda que logo são substituídos, caindo, assim, em desuso.

Tornar-me escritora não foi uma decisão planejada, na verdade, nunca havia pensado em escrever sequer um poema, contudo, às vezes um problema pode levar uma pessoa a caminhos que antes jamais pensou percorrer. Sempre amei o meu trabalho como servidora pública, mas ao tomar posse em um cargo de gestão, deparei-me com situações de muito estresse, pois lidar com problemas de ordem administrativa e, principalmente, de ordem pessoal requer sabedoria e maleabilidade. Embora eu tivesse à frente daquele cargo há mais de seis anos, e pensasse possuir essas características tão necessárias à condução das minhas atribuições, as coisas começaram a seguir um rumo diferente e passei a viver uma situação insustentável no trabalho, de modo que a depressão se avizinhava e nem a leitura trazia o alívio necessário à minha paz. Depois de longas noites de sono perdidas, percebi a necessidade de encontrar alguma atividade paralela para substituir os pensamentos que me atormentavam e subjugavam o meu equilíbrio.

Assim, da mesma forma que fazia na minha adolescência, busquei refúgio na criatividade literária para fugir e, exclusivamente com essa intenção, inventei um romance que existia apenas na minha cabeça sobre o qual todos os dias eu me debruçava ao me deitar, e, na noite seguinte, antes que os problemas viessem me inquietar, eu dava continuidade àquela história. Aquilo se transformou num refrigério. Um dia, resolvi escrever tudo o que havia imaginado e a história foi ganhando palavras, que se transformaram em parágrafos, que se converteram em páginas e resultaram no meu primeiro livro. Dessa maneira, ao me afastar daquele cargo, passei a escrever formalmente nas horas livres e, embora não seja professora de Língua

Portuguesa, o trabalho com a escrita literária e o amor pela leitura proporcionaram-me um lugar de fala no meio em que vivo, principalmente no meu ambiente de trabalho, onde me identifico em muitos aspectos, pois é um lugar que remete a pessoas, a livros e a busca do saber e, devemos reconhecer, de entretenimento.

Diante do que consegui expressar, posso afirmar resumidamente que, para mim, ler foi e é uma ação libertadora, é como beber numa fonte inesgotável de conhecimento e enveredar no mundo do extraordinário. A leitura não apenas me libertou de situações desagradáveis e, por vezes, degradantes, as quais poderiam resultar em eternas amarguras, como ajudou na minha transformação pessoal e social, na construção de quem eu sou hoje. E assim, é impossível não desejar que outras pessoas passem por tal experiência, o que nos leva à questão do reconhecimento dos direitos humanos, conforme reflexão de Antônio Cândido (2011, p. 174), “[...] pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que é indispensável para nós é também para o próximo”. Logo, concordo com esse autor ao afirmar que todas as pessoas têm direito à literatura, principalmente da forma ampla como ele a descreve:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Cândido, 2011, p. 176).

Parafraseando Cândido (2011), há de se reconhecer que é inconcebível um ser humano passar uma vida sem jamais ter contato com o universo fabuloso, apresentado nessa citação, visto que todos estamos sujeitos e aptos à criação ficcional, esta faz parte de cada um de nós, seja por meio de uma música, da escrita de uma poesia, da contação de um caso, de uma leitura, etc. Esse tipo de criação se “[...] manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance” (Cândido, 2011, p. 177).

É de conhecimento universal que antes de entrarem na escola, as crianças têm suas primeiras experiências com a leitura oral por meio de interlocutores, sejam eles os pais ou outros atores, que leem, recitam e contam histórias que as fazem imaginar o que escutam. Isso de certa forma configura um incentivo para estimular o interesse pela leitura e pela escrita. Por outro lado, suscita a tendência natural e necessária de imitação desde a infância, conforme aponta Aristóteles (2008, p. 42) “[...] imitar é

natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos”.

Pode-se asseverar que ler é um ato de desbravar de palavras, associando-as a uma imaginação, a qual se movimenta, faz relação com imagens, possibilita “viajar” por lugares desconhecidos, sente e resente os sentimentos postos em uma história, enxerga pontos inatingíveis, os quais somente a fertilidade do pensamento consegue. Ler é transportar-se para dentro do conteúdo escrito. Seja entrando em uma ficção por meio da imersão literária, seja apenas estudando. No final das contas, ler é um eterno aprendizado e é por meio da leitura que se permite a compreensão da própria existência por intermédio da experiência de outras pessoas, como também experimentar a vida do outro, como destaca Cosson:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos (Cosson, 2006, p. 17).

Nesse ponto de vista, não se pode tratar de leitura, sem associar ao letramento literário, pois, este é o processo de apropriação daquela, enquanto linguagem. Evidenciando-se que o letramento literário se configura como algo mais profundo e abrangente, visto que, nesse processo, a leitura não é um simples ato de fruição ou de deleite, dentro de uma perspectiva de letramento, a leitura é um ato de saber e de prazer. Podemos afirmar que

É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário (Cosson, 2006, p. 120).

Dessa forma, não há como negar que somos nós que damos o significado ao texto, conforme o nosso olhar crítico e os conhecimentos de mundo que mobilizamos, a partir de nossas vivências, repletas de sentidos e aprendizagens, as quais se estreitam com o texto e veem o significado implícito nele. Cada palavra é entendida de acordo com esse mundo interior, com o que sentimos, e são estimulados de formas

diferentes. Afinal, as pessoas guardam um mundo dentro de si. A leitura, na concepção do letramento literário, tem o poder de trazer esse mundo à tona.

No Glossário Ceale¹, Cosson (2014) define o letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”. Ele também sinaliza que “o *letramento literário* começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido”. Ou seja, é um processo que acompanha a pessoa a vida inteira. Contudo, embora se saiba da importância da leitura e do letramento literário, conforme levantamento da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil², 2021, 5ª edição, observa-se que a leitura não faz parte de forma habitual da vida dos brasileiros de modo geral, sendo a falta de tempo citada como uma das causas para essa ausência de leitura. Contudo, “mais de 50 % dos entrevistados informaram que usam o tempo livre com televisão, internet, música ou rádio e WhatsApp” (p. 44-46).

Esse contexto motivou a realização desta pesquisa no âmbito da Biblioteca, e a promoção de círculos de leitura com a tônica do Letramento Literário, consistiu no objeto do estudo. Para isso, a pergunta lançada é: de que forma os círculos de leitura promovidos contribuem para o letramento literário na Educação Profissional e Tecnológica – EPT?

Com base nesse pressuposto, levantamos a seguinte hipótese: círculos de leitura são promotores do letramento literário na EPT.

Diante da hipótese arrolada ao desenvolvimento do estudo, pretendemos atender aos seguintes objetivos:

a) Objetivo Geral: Promover ações de estímulo à leitura literária, por meio de círculos de leitura, e reunir as impressões desses momentos na elaboração do Produto Educacional Portfólio.

b) Objetivos específicos:

- ✓ Realizar círculos de leitura para o contato com a novela literária *A Hora de Estrela*, de Clarice Lispector³;

¹Glossário CEALE - termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores - foi definido, a partir de várias possibilidades dicionarizadas, como “conjunto de termos de uma área de conhecimento e seus significados”.

²Pesquisa realizada pelo Instituto Pró Livro – IPL, que é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), sem fins lucrativos.

³A escolha pelo gênero novela, além da expansão narrativa intermediária, se deu em razão dos nossos propósitos de estudo no que tange às questões ligadas ao universo feminino, às relações estabelecidas entre esse universo e o mundo do trabalho, além de não deixar de focar em aspectos ligados à nordestinidade, aos processos migratórios e a outras categorias de discussão e de análise, que serão dispostas à medida em que fomos reconhecendo os achados na investigação.

- ✓ possibilitar a discussão dos valores suscitados na obra, propiciando a intervenção social, visando à mudança por meio de círculos de leitura, da reflexão e da libertação de estereótipos culturais;
- ✓ elaborar um portfólio como Produto Educacional, resultado da pesquisa desenvolvida, para contribuir para a formação do/da estudante-leitor/a crítico/a do ensino médio, em consonância com a proposta do Ensino Médio Integral – EMI.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: a seção 1, destinada à Introdução, na qual discorro sobre a importância da leitura em minha vida, e como isso influenciou na escolha do estudo em tela, bem como apresentamos os objetivos (geral e específicos).

A Seção 2 trata do referencial teórico-conceitual, intitulada: Praticando o Letramento Literário nos círculos de leitura, em que embasamos a fundamentação necessária para orientar uma pesquisa sobre letramento literário. Essa Seção está dividida nos seguintes tópicos:

- 2.1) O leitor e a sua identificação com o texto;
- 2.2) O dilema da educação: saber ler x ser letrado;
- 2.3) Letramento literário na biblioteca escolar no contexto da EPT; e
- 2.4) Círculos de leitura e sua relação com a aprendizagem significativa.

Na Seção 3, são apresentados os percursos metodológicos que foram adotados na pesquisa, e está dividida em dois tópicos:

3.1) Instrumentos escolhidos para coletar os dados, a fim de obter as informações necessárias para responder à pergunta de pesquisa e alcançar os objetivos geral e específicos; e

3.2) Método utilizado para analisar os dados.

Em seguida, na Seção 4, tratamos da análise dos dados coletados, e assim se dividiram:

- 4.1) Análise do questionário-perfil;
- 4.2) Análise dos círculos de leitura; e
- 4.3) Análise do questionário de avaliação dos círculos de leitura.

Na Seção 5, apresentamos o nosso Produto Educacional, que foi construído a partir do resultado dos círculos de leitura, após a realização dos encontros.

Nas considerações finais, destacamos os pontos relevantes observados durante a realização da pesquisa e a aplicabilidade da nossa proposta, na expectativa de contribuirmos para o ensino de Língua Portuguesa na EPT, bem como, repensar o ensino da literatura em outros contextos formais de ensino, a exemplo das bibliotecas escolares e, principalmente, nas salas de aula.

2 PRATICANDO O LETRAMENTO LITERÁRIO NOS CÍRCULOS DE LEITURA

Nesta Seção II, predispomo-nos a discorrer sobre o nosso objeto de estudo, ou seja, a promoção de círculos de leitura com a tônica do Letramento Literário, bem como discorrer a respeito dos processos de letramento por quê passam os sujeitos em práticas sociais e escolares diversificadas.

No tocante aos assuntos referentes à leitura, ao letramento literário e aos círculos de leitura, a revisão bibliográfica se concentrou nas leituras dos autores Cândido (2011), Cavalcanti *et al.*, (2020), Cruz (2021), Cosson (2006, 2014, 2020), Colomer (2003), Freire, (1989, 2014), Lajolo; Zilberman (2019), Moreira (2006; 2019), Oliveira (2022) e Tonet (2020), e entre outros. Para fundamentar a metodologia, utilizamos as contribuições de Thiollent (1986), Gibbs (2009) e Barbier (2002). Além disso, a pesquisa Retratos da leitura no Brasil, 5ª edição, publicada em 2021, foi consultada para respaldar os nossos apontamentos sobre a população brasileira leitora e não leitora, assim como dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015), para tratar sobre o analfabetismo.

Cabe ressaltar que a pesquisa desse último trabalho objetivou refletir sobre o lugar de prática da contação de histórias, no processo de formação integral em aulas de Língua Portuguesa. Contudo, embora o enfoque do Letramento Literário apresente uma abordagem diferente da que estamos propondo no nosso trabalho, em alguma medida, os trabalhos guardam ressonâncias, pois a promoção dos círculos de leitura e a contação de história no contexto escolar refletem o desejo dos/as pesquisadores/as de que haja uma transformação social por meio da apropriação, disseminação e produção de suas culturas.

Por fim, consultamos o artigo *Memórias literárias de alunos licenciandos em letras: problematização acerca do letramento literário* (Cavalcanti *et al.*, 2020), por meio do qual apresentou uma discussão sobre os/as estudantes de graduação em Letras-Português frente aos seus letramentos literários, especialmente na perspectiva da formação docente, entres outros artigos, que se dispuseram a abordar discussões semelhantes e afinadas ao/com nosso estudo.

2.1 O leitor e a sua identificação com o texto

A história do leitor começou na Europa no século XVIII, época em que as obras escritas artesanalmente eram geridas pelo Estado, e quando passaram a ser uma

atividade nos moldes de empresas capitalistas, direcionadas ao lucro, por meio de uma tecnologia que envolvesse menos custos, para render maiores lucros. Contudo, essa atividade só poderia dar certo se existisse uma grande quantidade de pessoas capazes de consumir os livros e, para isso, era necessário o saber ler. Outros fatores importantes propiciaram a expansão desse público leitor, entre eles, a valorização da família, no seio da qual a leitura social era praticada, e as revoluções dos séculos XVIII e XIX, começando pela francesa, em 1789, que propunha afastar o Estado das operações econômicas para facilitar o “comércio independente e o liberalismo financeiro” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 24).

A definição do leitor, segundo Britto (2011, p. 18-19), é:

[...] a de que leitor é aquele que sabe ler e que lê com certa frequência, para estudar, para informar-se, para conhecer, experimentar vida, fazer coisas..
[...] essa definição de leitor supõe mais que simplesmente saber ler, implicando uma atitude diante das coisas do mundo. O leitor não é leitor porque pode ler (ainda que isso seja condição determinante): ele se constitui quando, para além do texto, faz a leitura do mundo para usar a consagrada expressão de Paulo Freire.

A leitura de mundo amplia o papel do leitor, pois “[...] só tem sentido aprender a leitura do texto se for para ampliar as formas de perceber o mundo e perceber-se nele”, conforme entendimento de Britto (2011, p. 19). Dessa forma, o leitor percebe que ler e escrever ganham significado ao compreender que, apropriando-se do texto, ele pode intervir na sociedade em que vive na condição de ser criativo e participativo, atuando de modo a mudar a si mesmo e/ou o meio em que vive. Ou seja, a consciência das próprias experiências e do contexto social em que está inserido é “[...] condição fundamental para que a aprendizagem dos saberes formais seja instrumento de transformação da ordem social” Britto (*ibidem*).

Lajolo e Zilberman (2019) apontam que, se não temos condições de fazer uma biografia do leitor, podemos “narrar a sua história”, que teve início com “a expansão da imprensa e desenvolveu-se graças à ampliação do mercado do livro, à difusão da escola, à alfabetização em massa das populações urbanas, à valorização da família e da privacidade doméstica, e a emergência da ideia de lazer” (p. 23). Na qualidade de “[...] indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas”, o leitor é objeto de sedução dos escritores, que buscam captar o seu interesse por meio do diálogo e da influência” (p. 19). O leitor exerce o papel principal do ato da leitura, esta não existiria sem aquele.

Nesse sentido, Colomer (2003, p. 95) assevera que, segundo a Teoria da Recepção⁴, “[...] o texto não é o único elemento do fenômeno literário, mas é também a reação do leitor e que, por conseguinte, é preciso explicar o texto a partir desta reação”. Conforme essa autora, há uma relação entre o texto e o leitor, a partir de “uma construção de mundo e de algumas convenções compartilhadas”. No papel de protagonista, o leitor preenche os “elementos não ditos” no texto, com sua própria interpretação e cooperação, mas não de uma forma arbitrária, e sim de forma já prevista pelo autor do texto (Colomer, 2003, p. 96).

Cruz (2021, p. 19) define que “A leitura promove maneiras diversas de ver e entender o mundo; o texto é uma potencialidade significativa, mas necessita do leitor para potencializar os significados”. De modo que um texto não são somente símbolos, letras que formam palavras, às quais juntamos, o sentido não é encontrado, mas produzido na interação com o autor através do texto. Assim, leitor se conecta com as palavras por meio da leitura que o leva ao conhecimento e a compreensão do mundo, e sem a sua participação, o texto não faria sentido.

2.2 O dilema da educação no Brasil: saber ler x ser letrado

Antes do século XIX, não há indícios, pelo menos registrados, de iniciativas no sentido de oferecer uma educação profissional às pessoas. Somente com a criação do Colégio das Fábricas, em 1809, pelo Príncipe Regente, é que surgiu o que hoje chamamos de educação profissional (Brasil, 1999 – Parecer nº 16/99-CEB/CNE). Até então, o que existia era “a educação propedêutica para as elites, voltada para a formação de futuros dirigentes” (Moura *et al.*, 2007, p. 10). A educação profissional no Brasil tem origem num formato assistencialista, a fim de “[...] atender àqueles que não tinham condições sociais satisfatórias, para que não continuassem a praticar ações que estavam na contraordem dos bons costumes” (Moura *et al.*, 2007, p. 11). E somente no início do século XX, essa preocupação foi substituída por outra: a “preparação de operários para o exercício profissional” (*ibidem*).

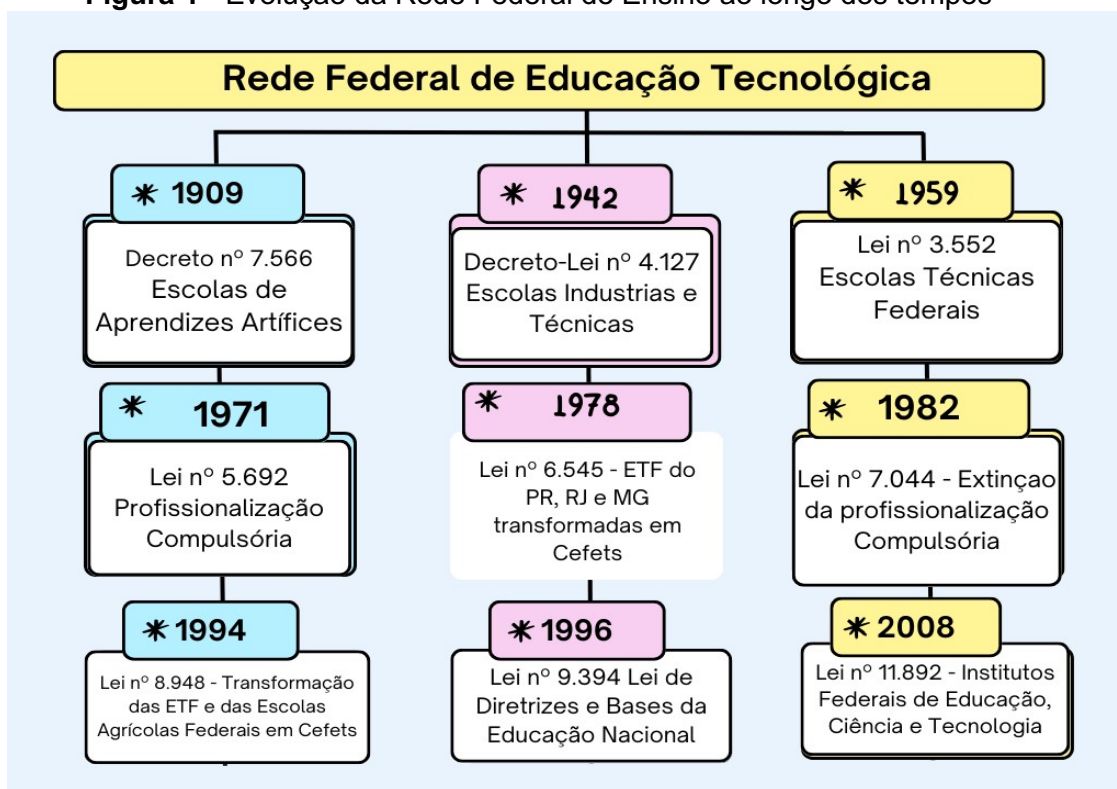
Dessa forma, foram criadas as Escolas de Aprendizes Artífices, pelo então Presidente da República Nilo Peçanha, em 1909. Assim, em 1910 foram criadas

⁴A Teoria da Recepção ou Estética da Recepção foi um movimento de intelectuais ocorrido na década de 1960, caracterizado por transformações que atingiram a vida universitária, em especial, e a sociedade ocidental. “A Estética da Recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda o foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor” (Zilberman, 2015, p. 17).

dezenove unidades da Escola de Aprendizes e Artífices – dentre estas, a de Alagoas, em Maceió (Moura *et al.*, 2007, p. 11). A partir da criação dessas escolas e do ensino agrícola, pode-se observar que a educação profissional estava caminhando para um novo direcionamento, com a finalidade de ampliar “[...] o seu horizonte de atuação para atender necessidades emergentes dos empreendimentos nos campos da agricultura e da indústria” (*ibidem*). É nesse contexto que os debates sobre a educação profissional passam a ser discutidos, surgindo várias reformas ao longo dos anos, por meio de leis, decretos e afins, evidenciando-se a importância que o tema da educação nacional passou a ter, culminando na Lei nº 11.892/2008, que criou os institutos, com uma proposta que objetivava, entre outras medidas, a interiorização do ensino, de modo que os alunos de determinadas localidades não precisassem sair para outras, por vezes distantes e dispendiosas para eles.

É importante esclarecer que não é intuito deste trabalho fazer um histórico sequencial relativo a esse assunto, pois, para maiores detalhamentos sobre um tema tão relevante, existem os mais variados documentos que tratam especificamente disso. Contudo, apresentamos, a seguir, um breve percurso histórico da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, por meio da Figura 1:

Figura 1 - Evolução da Rede Federal de Ensino ao longo dos tempos



Fonte: Autora, 2023

É primordial compreender que a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é uma modalidade educacional que visa à formação integral do aluno e à preparação do/da estudante para o mundo do trabalho e para a vida em sociedade. Logo, uma formação humana integral não se refere apenas àquela exercida em laboratórios e salas de aula, é se integrar em pesquisa de extensão, entre outras atividades, além das atividades de ensino. Entre essas atividades, no caso específico relatado neste trabalho, os círculos de leitura consistiram em um aporte para que o letramento literário fosse privilegiado, uma vez que as estudantes, valendo-se de uma perspectiva crítico-emancipatória, por meio da leitura discutiram temas relativos ao mundo do trabalho, bem como o papel da mulher e como elas se enxergam a partir da personagem da obra.

Suplantar o dualismo, marcado pela divisão de uma educação voltada para a elite, para que esta domine o saber e esteja em posição de comando e direção, e outra, para a formação de trabalhadores braçais, só pode acontecer com uma educação em que o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura estejam entrelaçados. Desses pilares, o nosso estudo está ancorado na base da cultura, pois entende-se que a leitura é uma prática cultural que precisa ser fomentada em instâncias formais e não formais, por agentes de letramento que sejam também leitores. Valorizar a Educação Profissional e Tecnológica requer assumir o compromisso com a educação pública de qualidade e voltada para a emancipação do indivíduo, para que sejam capazes de desenvolver suas capacidades de forma humana e integral, a fim de participarem de forma ativa e crítica, buscando conhecer e compor o mundo apto a modificá-lo.

Nesse sentido, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, edição 2021, que tem como “principal objetivo conhecer o comportamento do leitor quanto à intensidade e à forma de leitura, suas limitações e motivações, bem como conhecer as condições de leitura e a forma de acesso ao livro” (p. 64), foi verificado que entre 2015 e 2019, o Brasil perdeu mais de 4,6 milhões de leitores e que a porcentagem de leitores caiu de 56% (2015) para 52% (2019), enquanto os não leitores representavam 48% da população, o que equivalia a 93 milhões de brasileiros. A pesquisa também apontou que o brasileiro lê, em média, 2,6 livros por ano. Realizada em 208 municípios de 26 estados entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, a pesquisa apontou que somente

15% da população frequenta as bibliotecas das escolas ou faculdades; 7% frequentam as bibliotecas públicas; e 3%, as bibliotecas comunitárias.

Ainda segundo essa pesquisa, de 2015 a 2020 “[...] não ocorreu aumento de número de livros lidos, com tendência de decréscimo na frequência de quase todos os formatos, sobretudo, livros de literatura escolhidos por vontade própria e de livros didáticos indicados nas escolas”. Não bastasse esse prognóstico bastante preocupante, segundo os dados obtidos em 2015, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ainda existe um número considerável de pessoas não-alfabetizadas no Brasil, com idade de 15 anos ou mais, tendo a estimativa de cerca de 11 milhões de pessoas, ou seja, 6,6% da população. Desse percentual, o Nordeste possui a taxa de 13,9%. Os apontamentos da pesquisa demonstram que, além de o Brasil possuir um número elevado de pessoas não alfabetizadas, os nomeados alfabetizados se apresentam com dificuldades para uma atuação cidadã mais efetiva socialmente. É importante enfatizar que saber ler não é ser letrado. Quem sabe ler é uma pessoa alfabetizada, no sentido de conseguir decifrar os elementos componentes da leitura, ao passo que uma pessoa letrada consegue tanto decifrar tais elementos, como sabe usar a leitura e está apta a interpretar e compreender textos e a refletir sobre eles. Por isso, deve-se distinguir a alfabetização do letramento. Do ponto de vista de Tfouni (*apud* Soares, 2002), a saber:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isto é levado a efeito, em geral, através do processo de escolarização, e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. [...] tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, neste sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo (Tfouni, 1988, p.9).

No artigo “Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura”, Tfouni (*apud* Soares, 2002, p. 20), reitera a diferença entre a letramento e alfabetização: “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito em uma sociedade”. A alfabetização possui caráter individual e o letramento possui caráter social. Logo, é importante que, ao adentrar no universo da leitura, as pessoas o façam compreendendo, analisando e criticando o que leem, de forma a se posicionarem, inclusive, com vistas a mudanças no meio em que vivem e/ou em práticas sociais diversificadas por que passam

cotidianamente. Ao abandonar o papel passivo, o leitor traz as suas próprias experiências, crenças e interpretações para o processo de leitura.

Todavia, entende-se que cada sujeito possui um contexto social e cultural, nos quais esbarram suas limitações de leitura e compreensão desta. Isso se configura no meio familiar, em que muitas vezes essas pessoas não encontram incentivo necessário para se tornarem leitores, partindo-se de uma questão de que o costume de ler tem início desde tenra idade por meio dos pais ou das pessoas que educam a criança. Contudo, se educadores/as familiares também não tiveram esse tipo de acesso, como o ofertarão a outros?

Para além dessa questão social e/ou familiar, é necessário que haja o envolvimento e a vontade de educadores/as comprometidos/as, de serem veículos de mudança de atitudes. Principalmente porque, em se tratando de professores, estes têm papel importante na formação do leitor, a partir de suas indicações literárias, haja vista que em 2019 esses profissionais elencaram o primeiro lugar em indicações do último livro lido, em influenciar o gosto pela leitura e também foi por meio deles que o interesse pela literatura teve início nos participantes da pesquisa *Retratos da Leitura* (2021, p. 95-96).

[...] a participação do professor é determinante na busca e leitura de um livro, é ele quem estabelece a trajetória de leitura a partir de concepções que integram o uso do texto no contexto pedagógico e certamente conduzirá o processo de forma a atender as necessidades de cada etapa de ensino. Nesse contexto, podemos compreender o protagonismo do professor e também que, apesar de a leitura ser uma prática que não se finda após o período escolar, é na escola que ela se inicia e se qualifica, ou não, pelas mãos do educador.

Isso levanta a questão de que, se o professor não for um leitor, não será o agente de letramento⁵ necessário à formação do aluno nesse sentido. Cosson (2020, p. 141) faz uma explanação sucinta do papel do professor enquanto educador: “[...] é fundamental que o professor tenha para com a literatura que ensina um compromisso íntimo e pessoal, ou seja, que deixe de lado o saber técnico e se declare seu amante”. Isso nos leva a refletir que, antes do papel de educador, o professor tem o papel de um leitor apaixonado pela leitura.

⁵um novo conjunto de comportamentos e capacidades; uma dedicação maior às ações sociais mediadas pela leitura e uma ênfase menor no domínio de conteúdos por parte do professor e do alfabetizador; a possibilidade de liderar o planejamento, organização e realização de atividades envolvendo o uso da escrita que interessem ao aluno e que tenham alguma função real na sua vida social (Kleiman, 2019, *apud* Santos, , p. 25).

Segundo Cruz (2021, p. 13) “é necessário que o professor seja letrado literariamente para que ele possa contribuir nas escolhas, na reflexão e numa interação mais efetiva para a formação do educando”. Deve-se considerar, dessa forma, que a escolha do texto literário a ser apresentado ao aluno fica restrita à formação cultural do docente, à sua forma de ver o mundo e se ele mesmo é adepto da prática da leitura.

Referente ao ensino da Literatura, Cosson (2006) afirma que no ensino fundamental “[...] a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto que apresente parentesco com ficção ou poesia” e, no ensino médio, [...] limita-se à literatura brasileira, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária [...], o que é ressaltado na oferta dos textos, que são apresentados de forma fragmentada, com o objetivo prioritário de “comprovar as características dos períodos literários antes nomeadas” (p. 21).

Esse quadro se contrapõe ao verdadeiro conteúdo do ensino da literatura, que é “a análise literária como um procedimento de interpretação da obra individual e, por conseguinte, de sua avaliação ou afirmação esteticamente literária”. Essa análise, por sua vez, “é um estudo centrado no desvelamento do aspecto formal da literatura, usualmente efetivado a partir da identificação dos elementos que compõem a estrutura ou aqueles que se destacam na tecitura do texto” (Cosson, 2020, p. 79). Vê-se que é muito difícil conseguir uma análise mais aprofundada de qualquer literatura, sendo esta ofertada por partes e sem a preocupação do debate após a leitura do todo.

Além desse prognóstico, a literatura não tem sequer um lugar próprio na matriz curricular, estando vinculada geralmente às disciplinas de Gramática, Retórica e Poética, sendo que nessas disciplinas a literatura “[...] é um conteúdo que está inserido no ensino da escrita, ou seja, ela faz parte de ensinar a ler e escrever, do acesso e do domínio da escrita” (Cosson, 2020, p. 30). Outro fator que acompanha o ensino da literatura, é que, na prática, os textos são escolhidos pela tradição que opta pelos clássicos. Vale ressaltar, que esses textos compõem listas de leitura e coletâneas já definidas e que devem ser adotadas (Cosson, 2020, p. 30). Talvez por isso, seja coerente afirmar que

[...] o ensino da literatura gera insegurança entre os professores, levando uma parte a simplesmente ignorar suas especificidades e a outros a postularem objetivos que lhe são estranhos. É verdade que isso também acontece

porque os cursos de Letras e Pedagogia até recentemente pouco se importavam com a formação do professor de literatura, mais preocupados com a formação teórico-crítica do aluno do que o funcionamento real da escola. Também porque as propostas curriculares não trazem orientações concretas para o ensino da literatura, a maioria das vezes simplesmente subordinando a literatura aos fins do ensino da escrita em língua materna para o qual funciona como seu apêndice (Cosson; Lucena, 2022, p. 10).

Diante disso, reconhecemos que não é tarefa fácil para os professores ultrapassarem essas dificuldades, visto que não encontram o apoio necessário para serem vetores do conhecimento da literatura de uma forma mais abrangente, quando esta nem mesmo tem papel distinto das demais disciplinas, ficando sempre agregada/vinculada a outras, o que inviabiliza de alguma forma o seu ensino pleno. Ou seja, eles têm de buscar alternativas dentro daquilo que são obrigados a desenvolver em meio às propostas curriculares que devem seguir.

A perspectiva no ensino médio integrado também não é animadora. De acordo com Oliveira (2022, p.24),

Historicamente, tem-se verificado que, em muitos contextos de ensino, o currículo tem sido organizado de forma a contemplar conhecimentos cristalizados, conservados historicamente ao longo das gerações a partir de uma lógica descontextualizada, cujas características são: (i) os conhecimentos são exclusivamente compartimentados nos componentes curriculares; (ii) o contexto social não tem conexão com o que é transmitido; (iii) a sistematização do ensino é prioridade. Tal metodologia vem sendo perpetuada em algumas escolas, cujo interesse está na preparação para atividades específicas do mercado de trabalho ou para aprovação em vestibulares, além de preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Caso o estudo da literatura encontrasse um lugar com matriz curricular definida ou um tempo maior para suas atividades, o seu ensino poderia alcançar uma maneira mais ampla, em que professores e estudantes pudessem ler e compartilhar não apenas partes de textos, mas o que fosse necessário para o/a estudante experimentar a leitura de forma mais exploratória, fazendo ver e valer suas observações, seus pontos de vista e, principalmente, demonstrando sua capacidade crítico-reflexiva. Esta, pode ser adquirida por meio de um ensino no qual o docente privilegie seus conceitos no tocante à leitura, conforme disposto:

À medida que o docente apresenta o texto literário na sala de aula e propõe atividades de contextualização da obra, tais como análise psicológica das personagens, análise do tempo cronológico e/ou psicológico da narrativa, compreensão de seu enredo, também considera o texto literário como polissêmico, ou seja, com múltiplos sentidos (Cavalcanti *et al.*, 2020, p. 29).

Para além dessa discussão, é necessário reconhecer que existem fatores que podem influenciar para que o sujeito se distancie da leitura, modificando de forma significativa o seu ingresso na graduação na condição de agente de letramento que ele precisa ser diante de seus alunos após o término dos seus estudos. Cavalcanti *et al.* (2020) apresenta uma discussão sobre os/as estudantes que ingressam na graduação em Letras-Português e se autodeclaram como não leitores, dados os seus acessos anteriores à Instituição de Ensino Superior, isto é, aqueles que foram obtidos durante o seu percurso na Educação Básica. A pesquisa não se prontificou a analisar o impacto disso, mas se inicialmente esses sujeitos não se conceberem como leitores ao longo do Curso, podem ser agentes de letramento? E mais, por que esses sujeitos não se tornaram leitores no percurso de suas vidas?

Em vez de culpá-los, é preciso fazer uma ressalva referente a essa questão, pois, às vezes, esse/a estudante não é leitor porque muitas vezes chega à graduação trabalhando os dois horários e estudando à noite, como é a realidade dos/as estudantes inseridos no contexto em foco da discussão promovida. Muitas vezes, não tiveram condições de ter acesso à leitura, porque comprar livro no Brasil ainda é um artefato de luxo, e embora existam as plataformas digitais, com livros mais baratos, ainda assim são pagos. De modo que, encontrar pessoas que podem consumir o livro e que mensalmente investem na sua compra, nem sempre é possível, devido a condições financeiras desfavoráveis. Por certo, a Rede Federal de Ensino, lócus de nossa pesquisa, é um contexto privilegiado porque existem processos licitatórios para adquirir volumes a partir do que os setores sinalizam, conforme a demanda de procura, mas o que acontece nos contextos públicos nos quais não possuem esses processos licitatórios?

Tais indagações servem apenas para reflexão, pois este trabalho não se presta a respondê-las. O que temos, ante a isso, é que, em se tratando daqueles que não possuem condições financeiras para adquirir livros, a escola, na condição de agência de letramento, pode adotar políticas de leitura melhor elaboradas, pois, se as condições econômicas de algumas famílias impedem o contato com os livros no decorrer da vida estudantil, a quem mais caberia a tarefa de envolver os/as estudantes e indicar obras, por meio de uma política elaborada para atender as demandas de leitura durante todas as fases escolares? Com uma política voltada intencionalmente a essa questão essencial, possivelmente esse graduando chegaria com uma

bagagem de leitura ampla, podendo ser um agente de letramento leitor após a conclusão do curso.

2.3 Letramento literário na biblioteca escolar no contexto da EPT

No significado etimológico, a expressão “letramento literário” é composta de dois vocábulos originários do latim *litterariu*, e, de acordo com o dicionário Michaelis online (2009), o termo “literário” se enquadra em vários campos semânticos, entre eles, “o que diz respeito a letras ou à literatura”, de 1986. Já a palavra “letramento” surgiu no livro de Mary Kato: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Soares (2009, p. 17) aponta que a palavra letramento é uma versão para o Português da palavra inglesa *literacy*. Etimologicamente, esta palavra é a junção do latim *littera*, (letra), com o sufixo *cy*, “[...] que denota qualidade, condição, estado, fato de ser (como por exemplo, em *innocency*, a qualidade ou condição de ser inocente)”. Em suas palavras, letramento é “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de se ter apropriado da escrita” (Soares, 2009, p.18). Vale destacar que Magda Soares trabalha com o letramento sob a perspectiva de alfabetização, isto é, estado ou a condição em que se envolve os sujeitos no contato com práticas de leitura e de escrita com vistas aos seus usos sociais.

O letramento é defendido nas obras de Cosson (2006, p. 29), que entende que, para “formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler”. A leitura é algo que fascina, à medida que se descobre as ideias por trás das palavras. Logo,

[...] O segredo maior da leitura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância (Cosson, 2006, p. 29).

Da mesma forma, Freire (1989, p. 22) declara que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Nessa perspectiva, a necessidade da pesquisa surgiu ao observar estudantes frequentadores da Biblioteca Benevides Monte, do *Campus Maceió*, com notória falta de interesse por uma leitura diferente da tradicionalmente buscada nos livros indicados pelos professores, com objetivo principal de estudar para prova. Isso

levantou uma questão simples de formular, contudo, complexa de ser respondida, que compreendemos que está interligada à nossa pergunta de pesquisa, a saber: *o que poderia ser feito para mobilizar estudantes para a importância da leitura literária?*

Mediante esse prognóstico, a leitura da obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, em círculos de leitura, configurou-se como uma possibilidade, embora não como uma resposta, de que as alunas se envolvessem no contexto da história e refletissem sobre os muitos valores da feminilidade implícitos nela. É de se destacar também que temas bastante atuais foram abordados na referida história, como a pobreza, a marginalização das classes sociais e a migração de território. De maneira que a nossa pesquisa estimulou o desenvolvimento cultural das alunas, ao possibilitar que elas tivessem acesso às produções literárias e incentivando o desenvolvimento da capacidade crítica, integrado ao mundo do trabalho, inserindo-se no contexto de uma construção enquanto ser humano emancipado e livre de limitações.

O que fazer para tornar relevante uma pesquisa cujo tema é tão conhecido e amplamente divulgado e debatido entre professores de Língua Portuguesa, embora ainda se apresente como algo recente e urgente, virou um motivo de preocupação. Como justificar um novo estudo, uma nova pesquisa e, conseqüentemente, um novo Produto Educacional, quando outros já haviam sido produzidos? Conforme buscas nas plataformas Cielo, Educapes e no repositório do ProfEPT, foi verificado que os trabalhos/estudos/produtos sobre o assunto foram realizados, em grande monta, por docentes e desenvolvidos em sala de aula, quando muito, perpassaram de modo superficial o âmbito da biblioteca.

Nesse seguimento, a pesquisa teve o diferencial de ser realizada por uma servidora, ocupante do cargo técnico administrativo, cujas funções são exercidas numa biblioteca, assumindo-se como agente de letramento literário, participando ativamente da dinâmica laboral do seu setor, em vez de exercer apenas a função burocrática e automática de entregador e receber livros. Também vale ressaltar que uma pesquisa realizada na biblioteca favoreceu que as estudantes, uma vez longe de certas obrigatoriedades impostas pelo sistema educacional, sentiram-se à vontade para analisarem, criticarem, questionarem, entre outras abordagens, e, acima de tudo, espelharam-se na protagonista, bem como na obra. E aqui vale esclarecer que espelhar-se numa personagem não deve ser visto apenas do ponto de vista de desejar

assemelhar-se a ela, mas também no sentido de tomar um rumo diferente e fazer sua própria história.

Segundo o Dicionário Houaiss⁶ de Língua Portuguesa, biblioteca é, entre outras definições, um “[...]edifício ou recinto onde ficam depositadas, ordenadas e catalogadas diversas coleções de livros, periódicos e outros documentos [...]. Para algumas pessoas a biblioteca é apenas o “coletivo de livros”. Contudo, o papel da biblioteca supera, em muito, essas definições. A princípio, podemos afirmar que as bibliotecas são campos favoráveis à aprendizagem e ao acesso a grupos de estudos, propiciando a interação entre as pessoas que a visitam, de modo que, por meio desses contatos e do contato com os livros, é provável que haja uma mudança de comportamento no que se refere aos hábitos de leitura.

Na etimologia, “a origem da palavra biblioteca vem dos termos gregos *biblíon* (livro) e *theka* (caixa), significando o móvel ou lugar onde se guardam livros” (Campos, 2018, p. 39). Isso, no entanto, não traduz o papel atual da biblioteca nos dias atuais. Na biblioteca, complementam-se as atividades de sala de aula, apresenta-se um mundo de leitura e de informações, atende-se as demandas acadêmicas, apoiam-se atividades de ensino, pesquisa e extensão, entre outras atividades. Portanto,

Muito se tem discutido a respeito de propostas para que esse espaço cumpra o seu papel, o de formar leitores, o de fomentar práticas de leitura e o de se tornar um organismo vivo, ativo e participativo dentro da escola. Mais ainda, discutir a relevância e características da biblioteca na perspectiva do uso em promoção do leitor literário (*ibidem*, p. 40).

Assim, nada mais gratificante do que compreender o papel importante desse universo estudantil e buscar atividades que o engrandecem ainda mais e que beneficiem aqueles/as que o frequentam. Aqui vale a ressalva de que esse benefício, por certo não engrandecerá apenas o ambiente, mas também àqueles que se propõem a promover essas atividades. É necessário compreendermos que a biblioteca não deve ser vista apenas como um espaço onde há um ajuntamento de livros nas estantes, que podem, ou não, ser acessados. Embora o seu surgimento na antiguidade se reportasse apenas a um local de arquivamento de documentos, atualmente, a biblioteca é um espaço vivo, em que as pessoas se conectam entre si e com os livros. Estes, por sua vez, devem ser lidos com o propósito de desenvolver a capacidade crítica e autônoma.

⁶ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa elaborado pelo lexicógrafo brasileiro Antônio Houaiss. A primeira edição foi lançada em 2001, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Antônio Houaiss.

É importante analisar a função da biblioteca comparando-a aos demais ambientes escolares. Diferentemente de atividades que obrigatoriamente têm de ser desenvolvidas em sala de aula ou em laboratórios, por exemplo, a biblioteca é um espaço da escola, utilizado e acessado por estudantes, docentes e servidores administrativos, e também por um público externo. Contudo, embora alguns professores encaminhem os/as estudantes para buscarem livros para a prática de leitura de algumas obras e/ou para pesquisarem assuntos referentes algumas atividades de sala de aula, ela não é utilizada na perspectiva habitual. Ou seja, um/a professor/a ao indicar a leitura de uma obra para realizar alguma atividade, o/a aluno/a pode buscar o livro na biblioteca ou em outro lugar.

2.4 Círculos de leitura e sua relação com a Aprendizagem Significativa

Diante de uma pesquisa sobre letramento literário e leitura, é importante destacar que tanto a leitura como o letramento perpassam por caminhos árduos, pois são resultados das formas de aprendizagem pelas quais estudantes de modo geral passam. Nesse sentido, Moreira (2019, p. 159-160) aponta que há três tipos gerais de aprendizagem:

a) Afetiva, resultado de sinais internos do indivíduo e estão relacionados a sensações e sentimentos, como prazer, medo, ansiedade e tristeza. Isso pode influenciar na aprendizagem, de forma positiva ou negativa. Ao interagir com outros indivíduos, por meio de sentimentos e experiências trocadas, há uma aprendizagem mútua;

b) Psicomotora, envolve treino e prática. Ou seja, reflete a prática antiga de ensino tradicional do estímulo à memorização, em que não é necessário se preocupar com a assimilação, bastando apenas incorporar a informação recebida de forma mecânica, de modo que isso se reflita em suas atividades e suas notas. É o que Freire (2014, p. 27) denominava de ensino bancário, no qual o aluno é como uma conta em um banco em que são depositados os conhecimentos e ele recebe, sem questionar, e memoriza basicamente o que lhe é proposto. Assim, logo esquecem e não têm como acessar esse conhecimento com o passar do tempo, nem como passar adiante; e

c) Cognitiva, resultado da aprendizagem armazenada na mente do indivíduo. O que aprende significativamente, pode esquecer algo do que aprendeu, mas, ao ser

acessado na sua memória, ele vai conseguir resgatar, reativar o antigo conhecimento para relacionar ao novo.

Além desses tipos de aprendizagem, o autor discorre sobre as suas diversas teorias, entre elas: Teorias behavioristas, de mediação de Vygotsky, pedagogias de Paulo Freire e Aprendizagem Significativa.

Considerando o teor do objeto de estudo da pesquisa, não há dúvida de que cada uma dessas teorias tem algo importante para acrescentar ao desenvolvimento da aprendizagem do aluno, contudo, nota-se que a Aprendizagem Significativa é condicionante ao letramento literário, ao se reconhecer que o/a aluno/a tem algo a ser apreciado, agregado, a partir dos conhecimentos prévios adquiridos ao longo de sua vida. A esse respeito, vejamos o que aponta Tonet (2020):

Ressalta-se que a tendência é que as pessoas inseridas em uma sociedade letrada, diante de um crescente contato com situações diversas, vão diferenciando aquelas que envolvem o ler e o escrever, as quais aguçam sua curiosidade motivadora e as mobiliza para esse tipo de aprendizagem. Cada qual traz sua bagagem de aprendizagens prévias e, ao vivenciar a escolarização, são capazes de ser agentes de sua aprendizagem, de forma mais ou menos autônoma, conforme as circunstâncias do processo escolar a que se submetem (p. 28).

Nessa direção, a pesquisa contemplou uma prática de leitura na qual, em alguma medida, foram acessados os conhecimentos prévios das estudantes referentes às leituras outrora realizadas, mediados pela pesquisadora, por meio de perguntas desencadeadoras que incentivaram as estudantes a revisitarem arquivos já existentes em suas memórias, o que, possivelmente contribuíram não somente para o desenvolvimento de um novo conhecimento, como ocorre na aprendizagem em sala de aula, mas para um novo gosto, além de uma prática mais efetiva, pela leitura. Afinal de contas,

O ser humano é um ser histórico; à medida que ele se constitui e constitui o tempo em que vive, independendo das características biológicas ou das estruturas mentais. A realidade não é natural, não é dada por si mesma, mas é resultante de processos humanos que podem ser extintos, transformados ou reafirmados. Essa imbricação entre construir e ser construído se dá por intermédio das relações. Elas é que fundem o humano, haja vista que não podemos ser quem somos sem a existência do outro, ou sem um passado que nos referencie no mundo (Oliveira, 2022, p. 33).

Uma explicação plausível para o desinteresse pela leitura foi desvendada por Moreira (2006), ele argumenta que a Literatura é, muitas vezes, associada à leitura de longas listas de livros, acompanhadas da obrigatoriedade de uma análise ao final

das leituras. Dessa forma, estudantes já sentem predisposição a não gostar da leitura literária. De outra sorte, alguns/as docentes se embrenham por explicações das obras, conforme suas próprias opiniões, e se especializam em pormenores, como datas e nome de autores importantes, sem, contudo, atentar para o fato de que “o ponto mais importante no ensino deve ser o aluno e aquilo que ele já sabe” (Moreira, 2006, p. 66-67).

Mediante o exposto, Moreira (2006) questionou o que se fazer no caso da não existência de conhecimentos prévios, visto que na sua visão a aprendizagem significativa deve ser preferida em relação à aprendizagem mecânica. Ele atenta que a aprendizagem mecânica seria uma resposta plausível nessas situações, posto que, conforme defendido por Ausubel, a aprendizagem mecânica é “a aprendizagem de novas informações com pouco ou nenhuma interação com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva” (p. 18). Isso ocorre quando “o indivíduo adquire informação numa área de conhecimento completamente nova para ele” (p. 19). Contudo, ressalta-se que esse tipo de aprendizagem permanece até que encontre ancoragem em elementos de conhecimento, passando a aprendizagem a ser significativa. É bem possível que, por isso, Ausubel não dicotomiza a aprendizagem mecânica da significativa, define-a como uma sendo continuidade da outra.

Nessa lógica, a leitura de uma novela em círculos de leitura, em um ambiente que propicie às estudantes a crítica e a exposição de suas ideias, possivelmente auxiliará para que elas “adquiram os conceitos mais importantes envolvidos no romance ou conto, a fim de desenvolver os subsunçores que lhes permitam apreciar e entender o que estão lendo” (Moreira, 2006, p. 67). Isso, por si só, já imbrica o letramento literário e os círculos de leitura à aprendizagem significativa, uma vez que tanto docentes (no caso de sala de aula) como outro agente de letramento (no caso de outros ambientes formais e não formais de ensino) devem articular o novo conhecimento/leitura com os conhecimentos/experiências literárias adquiridos previamente pelos(as) estudantes.

A leitura é, portanto, um aspecto relevante a ser considerado ao intencionarmos envolver estudantes num projeto de pesquisa, posto que não é necessária a sua memorização, método ultrapassado de ensino. E a leitura realizada em círculos de leitura “é uma das maneiras privilegiadas de uma comunidade de leitores se constituir explicitamente” (Cosson, 2014, p. 136), nos quais todos os participantes podem

contribuir emitindo considerações, às quais são bem-vindas, pois esses círculos não intentam “formar especialistas, antes reunir em um debate as diversas maneiras como aquele texto pode ser lido, sem que uma interpretação seja considerada melhor do que outra ou se deva chegar a um consenso” (Cosson, 2014, p. 135).

Segundo esse autor, “[...] um círculo de leitura é basicamente um grupo de pessoas que se reúne em uma série de encontros para discutir a leitura de uma obra” (2014, p. 157), divididos em três tipos: a) Círculo estruturado, que obedece a uma estrutura previamente estabelecida e é usado basicamente em sala de aula, embora também possa ser usado em outro ambiente; b) semiestruturado, não possui propriamente um roteiro, contudo, orientações guiam as atividades e ficam sob responsabilidade de um condutor que inicia a discussão, “controla os turnos de fala, esclarece dúvidas e anima o debate, evitando que as contribuições se desviem da obra ou do tema a ser discutido” (2014, p. 159); c) aberto ou não estruturado, aproxima-se mais de um clube de leitura – posto que não há regras a serem seguidas – no qual há um revezamento de participantes na condução das reuniões.

No que se refere à pesquisa, não tivemos a intenção de desenvolver atividades que rivalizassem com as dos docentes, nosso propósito foi contribuir para expandir a situação do universo cultural das estudantes, a partir de uma atividade voltada para a promoção da literatura e dos valores da biblioteca, a roda de leitura, e dar origem a um produto educacional, o Portfólio de círculos de leitura, com potencial para desencadear outras pesquisas e/ou desdobramentos em formato de publicações e participações com apresentações orais em eventos locais, regionais e/ou nacionais. Ou seja, a nossa pesquisa visou a uma contribuição mais abrangente ao oportunizar estudantes a desenvolverem suas capacidades literárias, não apenas como simples leitura, mas participando ativamente, por meio de reflexões/críticas, na consideração dos variados aspectos que foram encontrados na obra lida.

Almejamos, portanto, possibilitar aporte teórico-metodológico para, de algum modo, repensar o ensino de literatura, tendo em vista uma obra trabalhada na biblioteca escolar, que poderá acontecer também no contexto de sala de aula. Afinal,

[...] o docente precisa dinamizar suas práxis pedagógicas orientando, conduzindo seus estudantes a percorrerem caminhos que os levem ao conhecimento científico e cultural. Isso com o máximo de respeito às limitações de cada um, ou seja, com seu ritmo de estudo, assimilação a determinadas situações e conteúdos. O estímulo à agregação do meio social com o conteúdo em si pode facilitar o entendimento do que está sendo proposto em sala de aula; por isso a contextualização de saberes é tão

requerida no ensino médio integrado, justamente por integrar conhecimentos múltiplos trazidos por alunos e professores, a fim de se obter conhecimentos novos e diversas possibilidades de resolução de conflitos cognitivos, afetivos, profissionais, entre outros (Oliveira, 2022, p. 25).

Assim, afirmamos que a prática de círculos de leitura pode ser realizada tanto por professores de Língua Portuguesa/Literatura como por outros agentes em práticas interdisciplinares, como foi o caso da pesquisadora na biblioteca escolar. A biblioteca é um espaço de intensa movimentação, onde usuários se misturam com livros, dispostos em estantes. Os livros, por sua vez, só existem se forem retirados destas para serem lidos. No entanto, a partir das minhas observações como pesquisadora durante as horas diárias do meu expediente como servidora da biblioteca, constatei que a maioria dos/as estudantes frequentam esse espaço com as mais diversas motivações, como conversar, usar o celular, dormir/descansar, jogar, entre outras. Raros/as são os/as que procuram o local para efetivamente ler. Excetuando-se apenas os/as estudantes que pegam livros para fazer pesquisas. Nesse caso, não é leitura literária, mas estudo obrigatório.

Diante disso, importa compreender que não se pode reduzir um espaço tão importante a ações pessoais, sem direcionamento, afinal, deve haver uma vinculação desse ambiente com a leitura e, em especial, ao letramento literário, antes de qualquer outra atividade, pois

A biblioteca pode funcionar como um centro de trocas culturais, de contato com as novidades. A leitura de cada aluno, de cada educador, de cada funcionário que frequente a biblioteca deve ser respeitada. O que a leitura da obra promove no leitor? Como que ele associa? É importante provocar no aluno a criação de questões para as obras lidas. Exercícios prontos empobrecem a leitura. Animações cabem bem nos locais indicados (pátios, sala de recreação), não na biblioteca. Lemos e pronto. É suficiente. É o bastante. Um turbilhão de coisas se passa com o leitor. É um processo dele que poderá ser compartilhado com os colegas (Parreiras, 2011, p. 28).

Contudo, se os/as professores/as não desenvolverem estratégias efetivas para aproximar esses/as estudantes da leitura desde cedo, estimulando-os a compreender a importância desse ato, na perspectiva do letramento literário, no qual a leitura não é apenas um ato de fruição – embora ela também possa e deva ocorrer dessa forma –, mas um ato de saber e de prazer, as atividades desenvolvidas nesse espaço serão meras distrações, que trarão apenas a sensação de bem-estar.

Na Seção seguinte, correspondente aos percursos metodológicos, discorreremos sobre o método de pesquisa e descreveremos as demais etapas relativas à realização

do estudo, além dos instrumentos que foram adotados para procedermos à coleta dos dados.

3 OS PERCURSOS METODOLÓGICOS

Nesta Seção 3, apresentaremos o método de pesquisa a que se destinou o nosso estudo, bem como descreveremos as etapas às quais se referem ao público-alvo, ao local da pesquisa, aos critérios de inclusão e exclusão, às técnicas utilizadas e aos instrumentos de coleta de dados que alicerçaram esta dissertação e a construção do Produto Educacional.

A pesquisa realizada teve natureza qualitativa, que “parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia” (Gibbs, 2009, p. 16). Nesse sentido, este trabalho não visou a resultados numéricos, mas a compreender e descrever a situação que gerou a necessidade da pesquisa, qual seja, o desinteresse pela leitura de estudantes do Ensino Médio Integrado.

Elegemos o método da Pesquisa-ação, pois dessa forma há o envolvimento dos pesquisadores nas questões do cotidiano das participantes, a fim de encontrar as situações que ensejaram o desejo de se pesquisar o fenômeno do possível desinteresse pela leitura literária nessa etapa do ensino médio. Parafraseando Barbier (2002, p. 14), não existe pesquisa-ação sem a implicação dos pesquisadores. Já Thiollent (1986, p. 14) define a Pesquisa-ação assim:

A pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Diante do exposto, afirmamos que o caráter político emancipatório é evidenciado na pesquisa, posto que a pesquisadora se assume como agente de letramento, no propósito de modificar, em alguma medida, a realidade investigada, ao fomentar o interesse pela leitura, bem como, instigar a capacidade crítica das participantes envolvidas no estudo.

Nossa intenção inicial era realizar a pesquisa com o maior número possível de estudantes do gênero feminino regularmente matriculadas na 3ª série dos cursos técnicos integrado ao ensino médio. Para isso, buscamos na base de dados das matrículas ativas a quantidade de estudantes e chegamos ao total de 157 (cento e cinquenta e sete). No entanto, embora tenhamos percorrido as salas de aula e enviado mensagens por meio do WhatsApp e do e-mail para cada aluna, perfazendo o total de

157 (cento e cinquenta e sete) convites, apenas 12 (doze) estudantes se dispuseram a participar do estudo e, ao final, 2 (duas) desistiram e apenas 9 (nove) participaram efetivamente.

Reiteramos que, em pesquisas de natureza qualitativa, cuja adesão voluntária se dá por parte do público-alvo, essa diminuição estava previamente prevista por nós, mesmo com a expansão dos convites, na quantidade de participantes disposta no CEP, ao submetermos o nosso Projeto de Pesquisa ao Comitê. A esse respeito também, ainda que não tenhamos dados que corroborem, parece-nos plausível afirmar que a pouca adesão aos estudos talvez se deva ao fato de que os encontros aconteceram logo após o término das aulas, o que, de certo modo, não deixa de ser um aumento da carga horária semanal, pois, embora não se configure como aumento de conteúdos, os círculos de leitura é uma prática educativa que impacta o tempo gasto durante os dias em que ocorrem, caso seja realizada fora de sala de aula.

Portanto, é importante ressaltar que, embora não disponhamos de dados para comprovar essa análise, com base em nossa observação, constatamos que, no decorrer dos encontros, algumas estudantes chegavam atrasadas, outras necessitavam sair mais cedo, e algumas faltavam vez ou outra. O que nos leva a compreender que, na 3ª série, existe a possibilidade de realização de estágio, entre outras atividades essenciais ao término do curso, inviabilizando, por vezes, a adesão de um número maior de participantes. Fato esse explicado pelas participantes. Contudo, não houve uma diminuição significativa, levando-se em conta a quantidade de estudantes que assinaram os termos de compromisso e preencheram as demais declarações e as que efetivamente participaram, chegando às etapas finais da investigação.

A opção por essa modalidade de estudantes deveu-se ao fato de já apresentarem certa maturidade para abordar assuntos delicados que se encontram na obra. Nesse sentido, entende-se que, ao chegarem à 3ª série, normalmente essas estudantes já leram diversas obras literárias nas séries anteriores, conferindo-lhes mais capacidade de análise e entendimento em um nível maior do que nas séries iniciais, além de terem adquirido experiência enquanto estudantes de um instituto federal. Sem esquecer as próprias vivências provenientes do contexto social de qualquer pessoa, acrescidas a cada ano de vida.

A faixa etária das participantes da pesquisa variou entre 17 (dezessete) e 19 (dezenove) anos, sendo que as duas menores tiveram autorização dos pais, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Depoimentos, e estão matriculadas nos cursos técnicos integrados ao ensino médio de Edificações, Eletrotécnica, Estradas, Mecânica e Química. Não houve interesse de estudante alguma dos cursos de Eletrônica e de Desenvolvimento de Sistemas de participarem da ação-investigação.

A exclusão do gênero masculino ocorreu devido aos assuntos que seriam abordados na leitura, que envolviam diretamente o universo feminino, desconsiderando, assim, como um dos critérios de inclusão e de exclusão para proceder ao nosso estudo. O intuito foi resguardar as estudantes, de modo que não sentissem constrangimento ao lerem tais relatos e elaborassem os seus. Além disso, o objetivo também era se voltar a um público que por muito tempo foi invisibilizado, levando para discussão, como já dito neste trabalho, temas relativos ao mundo do trabalho que estão relacionados ao mundo feminino.

No momento em que foi realizado o convite, foi explicado o teor dos estudos, seus benefícios e possíveis desconfortos e o que se esperava alcançar ao término. As estudantes que manifestaram interesse em participar do estudo receberam em mãos os formulários TCLE ou o TALE, conforme a idade, contendo por escrito a apresentação da pesquisa e os seus objetivos. O TCLE dos menores de idade foi intermediado para a assinatura de seus responsáveis por elas próprias.

A partir da adesão voluntária ao estudo formalmente, foram dispostos questionários-perfis com perguntas relacionadas ao nome que desejavam ser identificadas, à idade, aos assuntos sobre preferências de leitura e letramento, além da indicação do contato da pesquisadora responsável, via contato de WhatsApp ou endereço de e-mail, para eventuais esclarecimentos a respeito do desenvolvimento do estudo. O questionário-perfil está disponível no Apêndice 1 deste trabalho.

O local selecionado para a realização da pesquisa foi o *Campus* Maceió, especificamente na Biblioteca Benevides Monte, por tratar-se do ambiente de trabalho da pesquisadora e, principalmente, a partir de observações, de base empírica, ao perceber a necessidade de promoção de círculos de leitura, para compreender o motivo da falta de interesse pela leitura.

3.1 Instrumentos escolhidos para coletar os dados

O primeiro instrumento de coleta de dados utilizado foi a aplicação de Questionários-perfis com questões semiabertas (semiestruturadas), nos quais coletamos dados sobre as preferências quanto às práticas de leitura das estudantes.

O segundo instrumento foi a utilização do Sistema Integrado de Gestão e Atividades Acadêmicas - SIGAA⁷, no qual foram realizadas pesquisas com o intuito de localizar as estudantes, com base em suas matrículas ativas e também referentes tipologias de empréstimos de livros.

O terceiro instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado após a realização dos círculos de leitura, no qual as estudantes relataram suas experiências nos encontros e possíveis mudanças no sentido de procurar desenvolver o gosto pelos processos de leitura.

Por fim, nos círculos de leitura, em meio aos assuntos discutidos relativos ao estudo do objeto de investigação, encontramos subsídios para responder à nossa pergunta de pesquisa e elaborar nosso Produto Educacional.

Esses círculos obedeceram ao planejamento, constante do Quadro 1, a seguir. Por meio deste primeiro Quadro, apresentamos como se deu a organização desses encontros, apresentando de uma maneira resumida:

- a) As datas em que foram realizados;
- b) os enfoques trabalhados, que se tratavam especificamente das páginas lidas da obra;
- c) os temas escolhidos antecipadamente para serem abordados durante a leitura;
- d) a quantidade de estudantes que se propunham a participar em cada um desses encontros; e
- e) a duração, visto que cada dia apresentava possibilidades diferentes, devido às demandas das estudantes.

Quadro 1 - Planejamento dos círculos de leitura e enfoques tratados

Data	Enfoques trabalhados	Temas relacionados	Total de participantes	Duração
1º encontro 17/04/23	- Apresentação da pesquisadora e das estudantes colaboradoras;	- Biografia da escritora Clarice Lispector: vida e obras. - Culpa	06	1:36:26

⁷ SIGAA é um espaço informatizado para gerenciamento de disciplinas e de todas as informações relativas à vida acadêmica do aluno e ao qual secretários, coordenadores, docentes e demais servidores que têm acesso, mediante sua lotação de trabalho. Esse Sistema é adotado pelo Ifal, formalmente, para o registro e o contato entre docentes e discentes em seus processos de ensino-aprendizagem cotidianamente.

	- Apresentação sobre a vida e obra da escritora Clarice Lispector. - Parte introdutória da obra: compreendida entre as páginas 19-23.	- Educação e oportunidades		
2º encontro 19/04/23	- Parte de continuidade: compreendida entre as páginas 23-30.	- Aspectos ligados à nordestinidade e aos processos migratórios.	09	1:19:30
3º encontro 24/04/23	- Parte de continuidade: compreendida entre as páginas 31-41.	- Características dos gêneros literários, em especial, o gênero Novela; - Interveniências sobre a subjetivação da personagem Macabéa a partir da ótica do narrador Rodrigo S.M.	08	1:15:20
4º encontro 26/04/23	- Parte de continuidade: compreendida entre as páginas 42-51.	- Questões envoltas ao universo feminino presentes na obra.	08	1:11:27
5º encontro 03/05/23	- Parte de continuidade: compreendida entre as páginas 52-66.	- A figura da mulher e o mundo do trabalho.	09	1:13:02
6º encontro 08/05/23	- Parte de continuidade: compreendida entre as páginas 67-74.	- A promoção da mulher por meio de uma educação crítico-emancipatória.	08	1:06:58
7º encontro 10/05/23	- Parte de conclusão: compreendida entre as páginas 75-88	- A educação como promotora da mobilização social: por uma educação combatidora de desigualdades sociais.	08	1:23:37
8º encontro 15/05/23	- Filme: A Hora da Estrela, de Susana Amaral.	- Como foi 1h30min de filme, só houve essa atividade.	09	1:45:30
9º encontro 17/05/23	- Temas relacionados ao filme	- Análise dos tipos de linguagem adotados, considerando a película e a obra escrita/trabalhada nos momentos destinados aos círculos de leitura.	08	1:01:00

Fonte: Autora, 2023.

Conforme o esboço desse Quadro 1, elaboramos o nosso Produto Educacional, com unidades temáticas, destacando, a partir do trabalho de pesquisa realizado, as falas das participantes no curso investigativo e a interface entre a obra e o que ela suscitou no que tange aos temas eleitos para a promoção da discussão. Salientamos

que os círculos de leitura promovidos, foram transcritos utilizando-se o software Transkriptor⁸, cujas normas de transcrição foram negociadas para o atendimento dos objetivos traçados.

É importante esclarecer que encontramos nesse software limitações de fidedignidade de transcrições, de modo que foi necessário escutar todos os áudios para comparar com as falas e retificar expressões que claramente não condiziam com aquilo que foi falado e/ou relatado pelas estudantes, além de fazermos a pontuação.

3.2 Método utilizado para analisar os dados

Esta parte do trabalho trata-se da análise dos resultados da pesquisa. É uma etapa essencial em se tratando de uma pesquisa qualitativa, pois, nessa fase, são coletadas, organizadas e estruturadas as informações obtidas durante o estudo realizado, a partir da concepção de cada pesquisador/a, pois se leva em consideração suas concepções epistemológicas, visto que o objetivo é relacionar argumentos para subsidiar o resultado de afirmações.

Técnicas distintas são utilizadas para analisar os dados de um estudo investigativo, mas, no caso de uma pesquisa qualitativa, o/a pesquisador/a tem a autonomia para escolher a que deseja utilizar, escolha condicionada a partir de como se comporta, mediante o contato inicial, o objeto de estudo. Dessa forma, para interpretação dos nossos dados, optamos pelo método de Análise de Conteúdo, técnica defendida por Bardin (1977, p.38), como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Bardin (1977, p.38) adverte que não é suficiente apenas a descrição dos conteúdos, mas a sua significação após ser tratado em relação a outros aspectos, pois, “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Assim, cabe ao/a pesquisador/a trabalhar com a inferência, ou seja, a dedução lógica, para identificar o que existe por trás das mensagens contidas no material coletado. Se a preocupação fosse apenas a descrição e/ou transcrição dos fatos, a pesquisa perderia o sentido.

⁸ Transkriptor é uma solução que utiliza IA(inteligência artificial) para transcrever automaticamente áudios em geral. Embora, a partir de tal transcrição feita por esse programa, há necessidade de/a pesquisador/a adicionar passagens e/ou pontuações não conseguidas de serem captadas por esse mecanismo de transcrição.

Essas inferências ou deduções lógicas são de extrema importância, pois podem responder a dois tipos de problema: “O que é que conduziu um determinado enunciado?” e “Quais as consequências que um determinado enunciado vai provavelmente provocar?” (Bardin, 1977, p. 39). É necessário, portanto, haver transparência e responsabilidade nessas deduções, sempre levando em conta a importância e a perspectiva do estudo.

Segundo Bardin (1977, p. 95), a Análise de Conteúdo está ancorada em três fases cronológicas:

a) Pré-análise, que objetiva organizar o material coletado. Nessa primeira fase, fizemos uma leitura flutuante do material e escolhemos aquele que julgamos necessários à análise;

b) exploração do material (análise do material), é a fase da categorização ou decodificação no estudo. Nessa segunda fase, exploramos o material escolhido, e os transformamos em dados de fácil análise, por meio da codificação, para que pudéssemos identificar os elementos recortados para a pesquisa; e

c) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Nessa última fase, “Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos” (Bardin, 1977, p. 101). Após a organização do material e sua exploração, buscamos os resultados por meio dos significados das mensagens obtidas nos instrumentos escolhidos para coletar os dados.

Na seção seguinte, procedemos à análise dos dados coletados. O que eles nos revelam?

4 O QUE NOS REVELAM OS DADOS?

Nesta Seção, passaremos a descrever as manifestações coletadas nos questionários-perfis e no questionário de avaliação dos Círculos de Leitura, aplicados às participantes da pesquisa, bem como nos dedicaremos à análise das respostas. Os Círculos de Leitura, por meio das falas obtidas na interação com as estudantes durante as reuniões, também serão analisados.

4.1 Análise do questionário-perfil aplicado

Os questionários-perfis (Apêndice 1) abordaram questões relativas à preferência de leitura e letramento literário, a fim de buscar subsídios para substanciar a análise. Esclarecemos que optamos por perguntas semiestruturadas, com o intuito de dialogar com os objetivos do estudo, que envolvem as questões relacionadas ao interesse/possível desinteresse pela leitura. Assim, as perguntas elaboradas de modo estruturado e semiestruturado proporcionaram às participantes a possibilidade de sinalizar com um “x” em determinadas perguntas, nas quais um roteiro foi pré-definido e, em outras, puderam discorrer sobre o tema apresentado. Para possibilitar a distribuição desses questionários, visitamos as salas de aula das terceiras séries e também nos aproximamos das estudantes nos momentos em que frequentavam a Biblioteca, no período compreendido entre 20 e 24 de fevereiro de 2023, convidando-as para uma reunião na sala de vídeo localizada nesse espaço destinado à realização de nossa pesquisa.

O questionário-perfil foi planejado a partir de três dimensões: 1) Dados pessoais, em que se solicitou às participantes o nome pelo qual gostariam de ser identificadas na pesquisa; 2) uma questão que abordou como se sentiram ao serem convidadas a participar da pesquisa; 3) questões objetivas de resposta única e também de múltiplas escolhas, de modo que em algumas delas solicitou-se algum posicionamento com base na resposta dada. Destas, oito foram objetivas, sendo duas com abertura para justificativa às respostas; e, por fim, 4) três questões abertas.

Os dados obtidos por meio dos instrumentos de coleta evidenciaram aspectos para justificar a relevância do objeto, em especial para esse público que respondeu aos questionários. Assim, elencamos, nos Quadros a seguir, os dados coletados. Para preservar a identidade das participantes, os nomes utilizados são fictícios.

No Quadro 2, apresentamos as respostas das participantes a respeito de como se sentiram ao serem convidadas para participar da pesquisa.

Quadro 2 - Autodeclaração quanto ao convite para participação na pesquisa

“fiquei feliz e bastante interessada, o convite despertou curiosidade e muita animação” (Dimitria Clarke)
“Feliz pela oportunidade e entusiasmada” (Lírio 1)
“Animada” (1456)
“me senti bem com a oportunidade de contribuição” (Cher)
“Entusiasmada. Será minha primeira vez participando de algo assim, estou ansiosa.” (Welly)
“Surpreendida, alegre e confortável.” (Bibi)
“Surpresa e empolgada. Nunca participei de um círculo de leitura, então me parece uma ótima ideia.” (Diem)
“Me senti um tanto especial, é algo novo e é bom fazer parte disso.” (Girassol)
“Me senti feliz por ter a oportunidade.” (Jude Duarte)
“Achei muito legal, uma coisa diferente da qual nunca fiz.” (Townie)
“Fiquei contente. Nunca havia recebido oportunidades tão “convidativas” para participar de um círculo de leitura.” (Lana)
“Feliz pois queria fazer parte de algum projeto de pesquisar pelo tema do projeto achei que seria uma boa oportunidade de tornar mais forte meu hábito de leitura.” (Lírio 2)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

As respostas demonstram que essas estudantes se sentiram privilegiadas ao serem convidadas para participar desse empreendimento. Uma vez desobrigadas de lerem obras nas quais se debruçam para fazer um resumo da história ou preencher uma ficha de leitura, essa ação chamou-lhes a atenção porque provocou a curiosidade para a atividade e também desenvolveu a percepção de importância de si mesmas. O que nos faz reportar a Freire (2014, p. 53), que trata especialmente dessa percepção, ao declarar que “[...] minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história”.

Diante da receptividade e do prazer das alunas com o convite, comprovou-se a necessidade de se efetuar a pesquisa, haja vista que grande parte afirmou nunca ter participado de alguma atividade dessa natureza. Logo, percebe-se que, embora os livros de literatura sejam indicados como fonte de leitura pelos professores da área de Língua Portuguesa, ainda existe espaço para explorar ações nesse sentido.

Afirmamos, portanto, que os círculos de leitura realizados na biblioteca contemplaram uma questão importante pois oferece um espaço diferente como uma possibilidade para as estudantes realizarem a atividade em grupo, de forma proativa e com prerrogativa para opinar na leitura.

A segunda pergunta se prontificou a descobrir quantas estudantes já haviam participado de outras rodas ou círculos de leitura.

Quadro 3 - Participação em rodas/círculos de leitura

Alunas	SIM	NÃO
Lírio 1		X
Dimíttria Clarke		X
Girassol		X
Welly		X
Diem		X
Cher	X	
Bibi		X
Jude Duarte	X	
1456		X
Lírio 2		X
Townie		X
Lara		X
Total	02	10

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os dados mostraram que, das 12 (doze) estudantes, apenas duas participaram de círculos de leitura anteriormente. Diante disso, embora o número de alunas seja baixo em relação ao total de estudantes do *Campus*, essa quantidade de respostas demonstra que ações dessa natureza devem ser incluídas na escola, seja em sala de aula, seja na biblioteca. É importante destacar que a totalidade das estudantes que responderam ao Questionário de Satisfação, aplicado ao término dos encontros dos Círculos de Leitura, informaram que se disponibilizariam a participar de outro projeto semelhante, o que nos leva a crer que, ao elaborar esse tipo de ação, as adesões podem aumentar, a partir da indicação de quem aprova a experiência.

A pergunta seguinte trata da frequência com que as alunas leem quando não são obrigadas. Nesse caso, podemos entender a leitura como um simples ato de fruição, de deleite.

Quadro 4 - Frequência de leitura de livre escolha

Respostas	Número de respostas	Frequência de leitura
Nunca	-	-
Raramente	2	16,67%
1 - 2 vezes por semana	2	16,67%
2 - 3 vezes por semana	1	8,33%
4 - 5 vezes por semana	3	25%
Todo dia	4	33,33%

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Percebemos que, embora conste no levantamento da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, que a leitura não ocupa papel importante na vida dos brasileiros de modo geral, a quantidade de estudantes que leem com maior frequência, foi maior: 33,33% delas leem diariamente, 25% leem de 4 a 5 vezes por semana. Cruzando esses dados com as respostas obtidas nos Questionários de Satisfação, referente a essas estudantes estarem lendo algum livro atualmente, 56% das estudantes responderam que sim; 22,2%, responderam que não e 22,2%, que estão lendo em parte. Dessa forma, comprova-se, mediante as respostas, que os hábitos referentes à frequência de leitura aumentaram, após os círculos de leitura. Embora, devamos ressaltar que as perguntas não são iguais nos dois questionários, elas guardam semelhanças entre si.

Os dados levantados durante a investigação nos levam a crer que, possivelmente, esse grupo se diferencia da grande parte dos brasileiros porque está inserido no contexto da educação pública federal. Também, pressupõe-se que, para participar do processo seletivo a que são submetidas para ingressar no Instituto, elas leiam algumas obras. Além disso, como estudantes da 3ª série, por certo, alguns/as dos/as seus/suas professores/as indicaram obras para leitura ao longo dos primeiros anos. Contudo, a partir da análise das respostas em sua totalidade, no decorrer da escrita deste trabalho, outros fatores evidenciaram alguns problemas no processo de

leitura e que serão dispostos conforme o prosseguimento das análises a seguir, em especial, dos Círculos de Leitura.

A próxima pergunta procura identificar a importância de os pais incentivarem os filhos a praticarem o ato da leitura.

Quadro 5 - Colaboração dos pais quanto ao incentivo à leitura

“Quando demonstrei interesse eles incentivaram apesar de não terem o hábito.” (Cher)
“Meu pai me dava livros para ler e estudar, incentivava com suas histórias”. (Dimitria Clarke)
“Colaboram me dando livros, quando me deram um Kindle ou quando me deixam ler em todos os lugares. Até mesmo em festas.” (Jude Duarte)
“Sempre fui incentivada, principalmente pela minha mãe, que me dava livros”. (Townie)
“Minha mãe costumava me comprar livros de presente, além de acompanhar em eventos e convenções literárias.” (Lana)
“Eles sempre compravam livros, e minha mãe lia comigo.” (1456)
“Desde a infância minha mãe me incentiva a ler com a assinatura mensal de livros do Itaú e histórias em quadrinho, além de me levar para eventos educacionais literários sempre que podia.” (Lírio 1)
“Eles não colaboram, simplesmente deixam eu ler em paz.” (Girassol)
“Não colaboram.” (Diem)
“Não há incentivo a leitura na minha casa.” (Lírio 2)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Com essas respostas, constatamos que a maioria dos pais incentiva as estudantes a cultivar o hábito da leitura, não apenas estimulando-as com palavras, mas também com ações, ao comprarem livros e as levarem para eventos literários. Das doze estudantes, três declararam que não recebem incentivo algum e os pais não colaboram em nada para promover a leitura em suas casas e duas deixaram a questão em branco.

Em que pese essas últimas informações, o que muito nos satisfaz é que em meio às dificuldades dessas duas estudantes, elas se propuseram a participar dos círculos de leitura, sendo que as duas que deixaram a pergunta em branco, declararam que leem todos os dias; e das três restantes, duas leem de 2-3 e 4-5 vezes por semana, respectivamente; e apenas uma delas lê raramente.

Na pergunta 4, abordamos a escolaridade dos pais dessas participantes, a fim de que possamos analisar até que ponto o grau de instrução dos responsáveis pode interferir na leitura dos filhos.

Quadro 6 - Escolaridade dos pais/mães e/ou responsáveis

Alternativas	Número de respostas	Escolaridade
Sem escolaridade	0	-
Ensino Fundamental (1º Grau) incompleto	2	16,67%
Ensino Fundamental (1º Grau) completo	1	8,33%
Ensino Médio (2º Grau) incompleto	-	-
Ensino Médio (2º Grau) completo	7	58,33%
Superior incompleto	0	-
Superior completo	2	16,67%
Mestrado ou Doutorado	0	-
Não sei informar	0	-

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao cruzarmos os dados do Quadro 6 com os do Quadro 4 (frequência de leitura), não será possível afirmar que há correlação direta entre a escolaridade dos pais e a frequência com que as estudantes leem, mas esses dados indicam que, no caso das estudantes participantes da pesquisa, os pais com maior nível de escolaridade foram agentes de letramento em seus espaços familiares, pois, quanto maior o nível de escolarização, maior foi o acesso à leitura e, por extensão, o incentivo a essa prática nos ambientes nos quais estão inseridas. Contudo, não há como afirmar em razão destes dados, que haja uma estreita relação para que os números se configurem dessa forma em maioria. Mas asseveramos o quão importante é outras agências de letramento, para além da escola, incentivarem a leitura.

No Quadro 7, listamos as perguntas que poderiam ter mais de uma resposta e trata sobre o tipo de livro que as estudantes preferem para ler.

Quadro 7 - Tipologia de preferência de livros para realização de leituras

Alunas	Ficção	Mistério	Aventura	Fantasia	Romance	História em quadrinhos	Ficção científica	Outro
Lírio 1		X	X	X			X	X
Outro: especificou "livros técnicos para aprofundamento de conhecimentos"								
Dimíttria Clarke	X	X	X			X		
Girassol				X	X	X		

Welly	X	X	X	X	X	X	X	
Diem	X	X	X	X	X	X	X	
Cher	X			X	X	X		
Bibi	X	X		X			X	
Jude Duarte					X			
1456	X	X		X	X			
Lírio 2	X	X		X	X		X	
Townie	X	X		X	X	X	X	X
Lara	X			X				X
Total	09	08	04	10	08	06	06	03
Outro: especificou "drama, fatos históricos, filosofia"								

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Nessas respostas, que poderiam ser dadas em mais de uma alternativa, os gêneros autodeclarados de maior preferência foram: 1º lugar, Fantasia; 2º lugar, Ficção; 3º lugar, Mistério e Romance; 4º lugar, História em quadrinhos e Ficção científica; 5º lugar, Aventura; e 6º lugar, Outros. Nesse sentido, reportamo-nos a uma busca realizada na base de dados do Sistema Integrado de Gestão e Atividades Acadêmicas – SIGAA sobre a tipologia de livros emprestados, e encontramos os seguintes dados: a) Março/2023 foram emprestados 2.505 livros: 20 de Literatura Brasileira, 94 de leituras literárias diversas e 2.104 de pesquisa escolar/outras; b) abril/2023 foram emprestados 2.104 livros: 24 de Literatura Brasileira, 85 leituras literárias diversas e 1.995 de pesquisa escolar/outras.

Embora a pesquisa referente ao nosso estudo tenha sido realizada com um número reduzido de estudantes do gênero feminino, e os dados retirados do SIGAA se refiram à quantidade total de estudantes de todos os gêneros que frequentaram a biblioteca nesses meses, ao cruzarmos os dados do Quadro 7 com os do Quadro 4 (Frequência de leitura de livre escolha), triangulando-os com os dados encontrados no SIGAA, é possível afirmar que, ainda que esse grupo de alunas tenha demonstrado fazer parte da condição de leitoras, os números encontrados referentes aos empréstimos de livros na biblioteca mostram que, de fato, a leitura literária não é predominante na vida dos/as estudantes do *campus*.

O Quadro 8 define o meio de leitura que os/as estudantes optam na hora de escolherem ler.

Quadro 8 - Meio pelo qual preferem ler

Alunas	Imprimir	E-books	Revistas	Pela Internet	Outro	Não desejo responder
Lírio 1	X					
Dimíttria Clarke		X	X			
Girassol	X					
Welly		X				
Diem	X	X		X		
Cher		X		X		
Bibi					Livro físico	
Jude Duarte	X	X				
1456	X					
Lírio 2		X				
Townie		X			Livro físico	
Lana		X				
Total	05	08	1	02	02	

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

De acordo com os dados, a maior parte das alunas prefere ler no formato e-book, configurando uma tendência de popularização dos livros digitais, em seguida, vêm os livros impressos, o que talvez caracterize a falta de condições financeiras para se adquirir livros físicos. Ainda que essa causa não tenha sido investigada na nossa pesquisa, essa afirmação não parte de base empírica, visto que nos Círculos de Leitura várias alunas relataram a dificuldade para adquirir livros físicos devido ao preço, além disso, podemos cruzar os dados com os do Quadro 12 e observar que o fator financeiro também foi aventado.

No 9, mostra o que determina ou define o desejo de ler um livro para as estudantes envolvidas na pesquisa.

Quadro 9 - Motivação para ler

Alunas	Tarefas escolares	Recomendação de amigos	Necessidade de informação	Meus pais me forçam	Atividade de relaxamento	Outro	Não desejo responder
--------	-------------------	------------------------	---------------------------	---------------------	--------------------------	-------	----------------------

Lírio 1		x					
Dimíttria Clarke		x	x		x		
Girassol					x		
Welly					x		
Diem					x		
Cher					x		
Bibi						Não leio	
Jude Duarte						Fugir da realidade	
1456	x	x	x	x	x		
Lírio 2						Curiosidade	
Townie		x	x		x		
Lana	x		x			Válvula de escape	
Total	02	04	04		07	03	

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os dados mostram que, para esse recorte amostral, a leitura serve para relaxar. No entanto, no decorrer dos círculos de leitura, os quais analisaremos em seção específica deste trabalho, percebemos que as estudantes entenderam a importância da leitura crítica, contextualizada às suas realidades.

Considerando a pesquisa ter sido realizada no âmbito da biblioteca escolar, no Quadro 10, a seguir, há disposição quanto às declarações sobre o lugar em que preferem ler, a fim de que pudéssemos saber se esse ambiente tem lugar de destaque na vida dessas estudantes.

Quadro 10 - Local em que prefere ler

Aluna	Biblioteca escolar	Em casa	Em viagens	Ao ar livre	Outro	Não desejo responder
Lírio 1	x					
Dimíttria Clarke		x		x		
Girassol	x	x	X	x		
Welly	x		X			
Diem	x	x	X	X		
Cher		x				

Bibi			X	x		
Jude Duarte		x				
1456				x		
Lírio 2		x				
Townie		x	X	x		
Lana		x		x	“Onde der”	
Total	04	08	05	07	01	

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Como os dados mostram, a biblioteca ocupa o último lugar de preferência de leitura para as estudantes. Logo, faz-se necessário que ações literárias sejam desenvolvidas nesse espaço, a exemplo dos círculos de leitura, e que haja um entrelaçamento entre sala de aula e a biblioteca, com a participação de docentes e servidores da biblioteca. Do contrário, esse espaço está fadado apenas a acolher os/as alunos/as nas atividades pessoais que em muito se distanciam da leitura.

Diante de uma perspectiva tão negativa em relação a esse ambiente importante, é necessário questionarmos: “Será que a biblioteca escolar tem funcionado como um espaço de comunhão de ideias e de trocas de saberes? Será que ela recebe a comunidade escolar?” (Parreiras, 2011, p. 26). Não buscamos delinear o papel da biblioteca em que realizamos a nossa pesquisa com essa profundidade, afinal não era essa a proposta do estudo, mas é importante lançar tal indagação para podermos refletir e discutir sobre isso em projetos futuros.

No Quadro 11, foi elaborada uma pergunta ligada ao tempo destinado à leitura diariamente, tendo em vista a presente pesquisa que enfoca o letramento literário.

Quadro 11 - Tempo destinado à leitura diariamente

Unidades de escolha	Resposta	Tempo gasto
Eu não leio, mesmo que seja forçado	1	8,33%
Menos de 15 minutos	1	8,33%
De 15 a 30 minutos	4	33,33%
De 30 minutos a 1 hora	2	16,67%
Mais de uma hora	3	25%

Não respondeu	1	8,33%
---------------	---	-------

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Conforme dados levantados no tocante ao tempo gasto com a leitura, com exceção de uma estudante, que declarou que não lê nunca, e de outra que exerceu o seu direito de não responder, as demais declararam que leem diariamente, em maior ou menor proporção. Assim sendo, é importante reforçar que os círculos de leitura podem contribuir em muito para fomentar o ato da leitura, bem como, auxiliar àquelas com menos disposição a isso.

Os dados dispostos representam a primeira etapa de nossa pesquisa, uma vez que, por meio dele, apresentamos o perfil das estudantes colaboradoras à realização de nosso estudo e, além disso, defendemos, de forma a problematizá-lo, o porquê da promoção de pesquisas com esse tema, em especial, no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica da Rede Federal de Ensino, cuja tônica visa ao trabalho com aspectos, categorias e analíticas, em que possam ser contempladas situações que desenvolvam uma formação mais crítico-emancipatória.

Por fim, segue o último Quadro 12, referente ao questionário-perfil, no qual solicitamos especificamente que as estudantes completassem uma frase:

Quadro 12 - Completar a frase: eu leria mais se...

“Tivesse mais tempo.” (Cher)
“os livros fossem mais baratos e eu tivesse tempo, junto de um local”. (Dimitria Clarke)
“Eu já leio com muita frequência.” (Jude Duarte)
“Tivesse tempo e disposição”. (Townie)
“Se tivesse mais tempo, mais conforto, um ambiente mais reservado, dinheiro (os livros estão muito caros!).” (Lana)
“Tivesse mais tempo e se deixasse de mexer tanto no celular.” (1456)
“A escola não tomasse minha rotina, me motivando mais.” (Lírio 1)
“Tivesse mais força de vontade.” (Girassol)
“Eu leria com mais frequência se os livros não fossem tão caros.” (Diem)
“Se o meu bairro tivesse mais segurança para que possa frequentar, sem medo, a biblioteca pública mais próxima durante meu tempo livre.” (Lírio 2)
“Tivesse um incentivo.” (Bibi)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os dados da última pergunta mostram que o fator tempo é o maior empecilho para a leitura das alunas envolvidas no estudo realizado, seguidos pelo preço alto dos livros e, por fim, outros fatores aparecem em uma proporção bem pequena. O que nos remonta ao artigo *Memórias literárias de alunos licenciandos em letras: problematização acerca do letramento literário*, no qual aborda “[...] as condições economicamente desfavoráveis de parte das famílias que integra a educação pública impossibilitam o contato antecipado com obras que lhes favoreçam [...]” (Cavalcanti *et al.*, 2020, p. 36). Já em relação ao fator tempo, é de se destacar que muitas dessas alunas estão no último ano de escola, algumas estão fazendo estágio, outras trabalhando, outras moram sozinhas, o que inviabiliza ou diminui as possibilidades de acrescentar o ato da leitura às suas rotinas já tão atarefadas.

4.2 Análise dos Círculos de leitura

Após o término dos círculos, transcritos integralmente no Apêndice 4, seguiu-se a análise das transcrições das gravações, à luz da análise de conteúdo, de Bardin (1977), com a finalidade de transformar esse material em dados com possibilidade de serem analisados. Nessa lógica, os dados foram atrelados a categorias analíticas, que foram nomeadas como unidades de registro, em acordo com o objeto de estudo. Partindo para a última fase, a interpretação dos dados, buscamos o significado das mensagens contidas no material coletado. As categorias foram eleitas a partir de temas escolhidos para o trabalho de círculos de leitura, elencados no Quadro 1, estas, são as categorias previsíveis. Contudo, durante a realização dos encontros, surgiram outras a partir do contato com as participantes, as quais denominamos de categorias imprevisíveis, sempre que forem disponibilizadas. Esclarecemos que foram planejados 08 (oito) encontros inicialmente, contudo, foi acrescentado um encontro, devido à inserção de diversos assuntos no decorrer das reuniões. Tal alteração ocorreu a partir do diálogo com as estudantes. Os círculos foram realizados num espaço reservado e acolhedor dentro da biblioteca, sem interferências externas, do tipo semiestruturado, e as interações ocorreram apenas de forma oral, às quais foram gravadas e filmadas para posterior transcrição e análise. Essas interações ficaram sob a minha responsabilidade, que conduzi, sempre dando início à discussão, tendo o cuidado para organizar os turnos de fala das estudantes.

Círculos semiestruturados são assim definidos por Cosson (2014, p. 159):

Esse tipo de círculo não possui propriamente um roteiro, mas sim orientações que servem para guiar as atividades do grupo de leitores. Essas orientações ficam sob a responsabilidade de um coordenador ou condutor que dá início à discussão, controla os turnos de fala, esclarece dúvidas e anima o debate, evitando que as contribuições se desviem da obra ou do tema a ser discutido.

Dessa forma, nossos Círculos de Leitura foram guiados pela pesquisadora, a condutora responsável por esses momentos, que sempre deu início às discussões, bem como monitorando o tempo de fala de cada participante e evitando o desvio de assunto. Os encontros foram movimentados na sua maior parte de modo oral, nos quais lemos, debatemos e analisamos os temas propostos inicialmente ou que foram emergindo no decorrer dos debates. Em alguns desses encontros, os quais passarei a relatar seguidamente, levei slides para alterar a dinâmica das atividades.

4.2.1 Primeiro Círculo de Leitura: 17/04/2023

Esclarecemos que as transposições ocorridas após a realização de cada Círculo de Leitura se deram fidedignamente à forma como as participantes falaram. Além disso, os destaques se dão em razão de reconhecer elementos-chave ao objeto de estudo. Essa lógica segue todos os Quadros referentes às análises que envolveram resposta direta das participantes.

Por meio de uma motivação baseada exclusivamente na oralidade, centrada no que havíamos planejado no Quadro 1, promovemos introdutoriamente um momento de apresentação da pesquisadora e das alunas. Estas, falaram um pouco sobre si mesmas e o que esperavam dos círculos. Para motivar as estudantes, promovemos um diálogo em que apresentamos várias perguntas alusivas às obras de Clarice Lispector e também levamos referências referentes à sua carreira literária e vida pessoal. Percebemos que, a partir dessas interações, houve interesse das estudantes em conhecer melhor a autora, o que foi bastante gratificante, pois algumas alegaram que só a conheciam de ouvir falar, e apenas duas delas já haviam lido uma de suas obras.

Em seguida, distribuimos uma cópia do livro para todas as estudantes e procedemos à leitura inicial, tendo o cuidado para que todas que desejassem, pudessem participar. Nesse encontro, que consideramos o mais importante, pois foi construído o entrosamento necessário para a continuidade dos encontros seguintes, as estudantes demonstraram disposição para analisar e questionar aquilo que lhes

chamassem a atenção, com o intuito de compreender a complexa obra. Por fim, fizemos as interações por meio de perguntas relacionadas à percepção das estudantes em relação a vários aspectos da obra, textos que chamaram a atenção, bem como apresentamos nossas próprias percepções, para que elas ficassem à vontade para comentar.

No Quadro 13, a seguir, destacamos as motivações que levaram as estudantes a participarem dos círculos. Ressaltamos que todas as falas foram transcritas conforme os áudios, sendo, portanto, passíveis de palavras repetidas, entre outras situações que ocorrem numa fala espontânea. Além disso, é importante esclarecer que, como não havia caráter obrigatório, só responderam a essas e as demais perguntas, as estudantes que se sentiram à vontade. Nesse encontro tivemos a presença de apenas 06 (seis) estudantes. Posteriormente as demais apresentaram suas justificativas, de esquecimento a compromissos pessoais. Contudo, a partir do segundo encontro houve uma adesão maior.

Quadro 13 - Motivação para participar dos círculos de leitura

Unidade de registro	Respostas das participantes
Falta de incentivo	<ul style="list-style-type: none"> ● Éh, meu nome é LANA e o que eu espero desse clube de leitura é que... a gente vê logo perspectivas né? Principalmente feminina, quando você falou do livro eu queria começar a ler, só que eu nunca tive assim um um empurrãozinho sabe? Aí eu acho legal pra gente ver os hábitos, a perspectiva de cada uma sobre a obra e esse universo pelo mundo. (Lana) ● Eu já tinha lido alguns contos dela, mas nunca li num livro, livro completo, sempre me interessei, só que eu nunca tive aquele empurrão, falei, tipo, vou começar. Eu sempre dizia, não, depois eu leio, depois, mais tarde, mais tarde nunca chegava. E eu achei que tipo, aqui com todo mundo lendo junto, todo mundo falando sobre, comentando e tal. Eu num teria esse impulso. (Cher)
Escassez de ações com círculos de leitura	<ul style="list-style-type: none"> ● Meu nome é LÍRIO 2 e eu resolvi fazer parte desse desse projeto porque eu já tinha interesse na leitura, ler os autores brasileiros e de outros autores só que eu não tinha, não tive esse contato antes. Aí eu achei que esse círculo seria uma boa forma de começar realmente ler a literatura mesmo. (Lírio 2) ● Meu nome LAUREL HELL e eu me interessei em fazer parte por ser eh porque nunca me foi proposto isso, acho que eu nunca tive a oportunidade de participar ainda mais ser só mulheres aqui e se tratar de uma de uma obra da Clarice ainda mais A hora da estrela que era do meu interesse de ler. Eu cheguei a ler um e foi justamente terminei, sexta-feira, que foi perto do Coração Salvado e acho que foi o primeiro romance. Sim. E eu gostei muito é realmente ela traz muito dessa questão feminina nas obras dela e foi isso. (Laurel Hell)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao falarem sobre as expectativas em relação aos círculos de leitura, as estudantes evidenciaram a necessidade de serem convidadas e de um projeto de leitura que as impulsionasse a ler. Foi possível observar, nesse primeiro encontro, que

projetos desenvolvidos em grupo são uma atividade bem-aceita e servem de motivação para iniciar a leitura ou retomar um hábito por vezes desprezado, ou esquecido por motivos diversos. Nesse sentido, Cosson (2014, p. 177) afirma que “[...] a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas [...]”, de modo que, uma das várias maneiras de se efetivar tal atividade é em círculo de leitura. Este, no entanto, só pode acontecer a partir do interesse e do convite de agentes de letramentos, que promovam esses projetos. Há de se reconhecer que dificilmente estudantes por vontade própria desenvolvam esse tipo de atividade.

Nesse encontro, também foram abordados alguns aspectos referentes à dificuldade do nordestino que se arvora em sair de sua terra para outras distantes, onde nem sempre consegue melhorar sua condição financeira, pois eles muitas vezes saem de sua região sem a qualificação necessária para alcançar postos de trabalhos compensatórios e acabam contribuindo com uma mão de obra, em sua maioria desqualificada, recebendo valores ínfimos incapazes de dar conta do custo de vida alto das grandes metrópoles. Nesse sentido, falaram sobre a relevância de um estudo qualificado e das escolhas a se fazer no campo educacional, consideraram que a maioria das pessoas quase sempre percorre os mesmos caminhos, para se formar nas mesmas profissões, que já estão muito saturadas. Ou seja, na opinião delas, pessoas com o mesmo nível de conhecimento não se distinguem para ascenderem profissionalmente.

Um aspecto que se tornou bastante evidente desde o início da leitura até o seu final, e que foi objeto de discussão por diversas vezes até o término dos encontros, foi que, ao tratar da obra e comparar a parte do que se conhece sobre a vida de Clarice Lispector, muitas vezes parecia que sua história se confundia com a da personagem central, como se a autora tivesse feito parte de algum modo da vida narrada naquelas páginas ou convivido com cenários e situações semelhantes, os quais ela se valeu e criou o pano de fundo para a tessitura da criação dessa intrigante história, pois essas realidades foram tratadas de forma intencionalmente crua. Não à toa, nós que nos propusemos a ler o livro, somos conclamados a “levar um soco no estômago” (Lispector, 2019, p. 75) como um balde de água gelada na esperança.

No Quadro 14, a seguir, destacamos as falas relativas ao que as estudantes enxergam como possibilidade de mudança de vida.

Quadro 14 - Atento/a às oportunidades

Unidade de registro	Respostas das participantes
Educação/ Oportunidade	<ul style="list-style-type: none"> ● Em questão de de profissão, aqui eu faço mecânica, aqui em Alagoas não tem profissionais em mecânicas de avião, o aeroporto tem que contratar de São Paulo e do Rio de Janeiro pra vir pra cá, alugam apartamento, casa, tudo, alimentação, feira do mês, eles pagam tudo. Pagam caro, porque não tem ninguém aqui pra fazer isso. Você tem que olhar pro lugar que você está. É aqui, exatamente a necessidade. Eu quero me manter aqui, aqui está precisando disso e disso e disso. É não é uma coisa só, é várias coisas. Então, você tem que olhar, ah, tá precisando nisso? Então, eu gosto disso. Então, vou fazer isso. (1456) ● É como eu disse, as oportunidades têm aqui, só que as pessoas não não querem. Eu acho que muitas pessoas daqui também tem um pensamento muito fechado. (Jude) ● No SENAC a cada início do semestre eles disponibilizam listas de cursos gratuitos que você pode fazer. (1456) ● No livro também fala na época muita gente ia lá e ia só na esperança. Não tinha nenhum nenhuma nenhum estudo, nada. lam lá né? Não encontravam nada e as meninas a única coisa que elas tinham era o corpo. É, ela diz que há milhares de moças em cortiço, atrás de balcões, trabalhando até a estafa, né? Não notam se quer que são facilmente substituíveis. É mesmo. Adoece, morre coloca outra, outra igual no lugar. Então, o segredo é esse, é a educação. É você querer sair de onde você está pra uma situação melhor por meio da educação não é verdade?(Cher) ● Não é saindo de um lugar pra o outro, continuando só com o ensino médio que você vai crescer na vida. (1456) ● É muito difícil você encontrar alguém que não tem o mínimo acesso à internet. E se você passar cinco minutos no Google você consegue achar vários cursos com certificado grátis que assim vai fazer maravilhas pro teu currículo. (Jude)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

As estudantes vincularam as oportunidades à força de vontade, ao afirmarem que deve haver uma busca individual por uma qualificação educacional diferenciada da corriqueira. Para elas, essa busca é imprescindível para cada pessoa vencer na vida. Contudo, não se pode excluir o papel da escola na formação educacional dos indivíduos, imputando-lhes uma responsabilidade que deve ter início no convívio do próprio lar, chegando até a sua inclusão escolar. Temos consciência de que muitas são as barreiras que podem impedir uma pessoa de aproveitar as oportunidades, inclusive o abandono do estudo devido à inserção antecipada ao mundo do trabalho, entre outros fatores que serão evidenciados ao longo das análises.

4.2.2 Segundo Círculo de Leitura: 19/04/2023

Iniciei esse encontro relembro aspectos levantados sobre a vida e as obras de Clarice Lispector, para em seguida darmos continuidade à leitura. Também

discutimos sobre a estranheza a que Clarice sempre se reportava podia se referir a si mesma enquanto escritora/pessoa, por talvez ter sofrido com xenofobia, devido à sua origem de uma família judia vinda da Ucrânia e também porque, embora não houvesse nascido no Nordeste, considerava-se uma nordestina. Outras observações importantes referentes à autora e sua relação com a obra foram aventadas. No Quadro 15 constam os pontos mais relevantes das interações com as estudantes.

Quadro 15 - Aspectos ligados à nordestinidade

Unidade de registro	Respostas das participantes
Xenofobia	<ul style="list-style-type: none"> • Uma coisa que eu tava pensando isso em casa, que hoje em dia existe ainda existe bastante xenofobia, e ela veio de outro país para o Brasil, aí já começou daí. Que era do Nordeste e mesmo não sendo uma pessoa classe A, elite agora, mas mesmo assim existe preconceito em todo lugar. E tipo ela lá eu acho isso na minha cabeça o que eu penso é de que ela sofria lá, justamente de onde havia nascido, onde ela tem sido criada, e ninguém aceita ela. Ninguém não aceitou ela lá na elite pelo fato da origem dela e nem a classe média aceita. Porque também existe preconceito. (1456) • Essa parte esquisita pode fazer sentido nessa parte dos livros e tudo mais, agora no monstro, eu acho que eu poderia concordar com ela (APONTANDO PARA 1456), poderia ser xenofobia, por ela ser de outro país, a origem nordestina e tudo o mais. (Bibi)
Condição/Classe social que separa	<ul style="list-style-type: none"> • Fatores da personalidade dela também pode, como se ela não se encaixasse. Essa é a tendência dela de se isolar. Talvez também por causa dos livros, do jeito que ela escreve, sobre as coisas que ela escreve, talvez porque as pessoas naquele tempo não tinham livros, a classe mais baixa não tinha livros. Aí as classes altas ficavam olhando pra esse sonho de escrever e falavam “que é isso?”. Eles não tinham noção das coisas que não acontecia no mundo deles. Ela era casada com diplomata e escrevia sobre a nordestina. É. Ela era, ela era esquisita mesmo, não é? Uma pessoa da classe alta escrevendo sobre uma nordestina. (Diem) • É porque só pela classe social ser diferente tipo uma família rica, aí uma pessoa da família rica começa a namorar, casar com uma menina pobre. Essa menina pobre sempre é mais julgada. Pelo menos a maioria das vezes é mais julgada pela classe social dela, de onde ela vem? Até hoje muita muitas vezes eu já vi isso acontecendo. (3456) • Por isso que muitos casamentos entre pessoas de classe sociais diferentes não convém, é muito julgada. Até mesmo no mundo inter-raciais também, quando uma pessoa branca fica com uma pessoa negra. Pior ainda mais. (Diem)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Segundo um artigo disponível em um dos maiores sites educacionais de conteúdo aberto, O Mundo Educação, disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/xenofobia.htm>,

A palavra xenofobia originou-se das palavras gregas *xénos* (estranho, estrangeiro) e *phóbos* (medo, aversão). Resumidamente, a xenofobia é uma forma de **preconceito contra pessoas de outras origens nacionais e de**

outras culturas. Pode-se identificar a xenofobia entre pessoas de um país que desenvolvem aversão a imigrantes de outros países, ou até mesmo dentro de um país onde há um fluxo migratório de pessoas de regiões diferentes.

Percebe-se que as estudantes conseguiram perceber a essência da autora ao longo da história, que, em muitas das vezes, se mistura com a da personagem Macabéa. Esta, sofria esse tipo de preconceito até mesmo ao se deparar com outra pessoa também de origem nordestina, o qual ela denominou de namorado. Não à toa, em um depoimento após a morte de Clarice Lispector, sua amiga Olga Borelli afirmou que a autora “Ficava indignada quando se lembrava que a chamavam de estrangeira, tendo chegado ao Brasil com apenas dois meses de idade” (Guidin, 1996, p. 107). Logo, podemos inferir que as estudantes fizeram uma leitura reflexiva desse assunto, bem como, mostraram pontos de vista referentes à segregação existente entre pessoas de classe social diferentes.

4.2.3 Terceiro Círculo de Leitura: 24/04/2023

Dei início ao encontro explicando sobre o gênero literário da obra em questão e o motivo de ser considerada uma novela, em vez de um romance ou um conto. Após o que, os aspectos relativos à nordestinidade e aos processos migratórios ainda foram trazidos à tona, o que demonstra o quanto essa característica é forte na narrativa. Houve também um debate sobre a subjetividade da personagem Macabéa que, sob a ótica do narrador Rodrigo S. M., não tinha a percepção de si mesma e nem do mundo ao seu redor. Em meio à leitura, as estudantes se espantavam com uma perspectiva tão insignificante da personagem, tanto da parte do narrador como da própria, e demonstraram não somente empatia, mas manifestaram, ainda que implicitamente, o desejo de serem diferentes em suas posturas diante da vida. Tais posturas podem ser observadas no Quadro 16, seguidamente.

Quadro 16 - Percepção de Macabéa sob a ótica do narrador

Unidade de registro	Respostas das participantes
Ignorada na rua	<ul style="list-style-type: none"> ● Ela contribuía para que ela fosse ignorada. (Diem) ● E na verdade se a gente olhar direitinho aqui ela não era nem ignorada. Ela era ignorada na rua, mas lá com as colegas ela não era, porque ela estava muito presente, pelo odor né? (Cher)
	<ul style="list-style-type: none"> ● A gente pode aqui fazer uma alusão a um trabalho, não nesse sentido realmente, mas crianças que os pais trabalham e às vezes os filhos em vez de estarem brincando, estão ajudando nas tarefas do lar, né? (Pesquisadora)

Infância perdida	<ul style="list-style-type: none"> ● Com certeza. Porque hoje é muito mais comum o pai e a mãe trabalhar do que antes, pra conseguir pagar as contas e comprar comida, que hoje tá muito caro. (Lírio 2) ● Aí às vezes falam que as mulheres são naturalmente mais maduras, que mas não, elas são obrigadas a crescer mais rápido.
Inércia da personagem	<ul style="list-style-type: none"> ● Ela não tem lençol pra se enrolar de noite, dorme encolhida no frio, não tem comida, e ela não reclama de nada, ela não pede um lençol emprestado. É como se ela tivesse só ela mesma e ela vai se bastando, né? E não reclama de nada e ele tem raiva por causa disso. (Lírio 2) ● É. Ela não reage. Cadê um pouco de fibra? Ela é um doce. Por isso que o seu Raimundo deu a ela mais um tempo de trabalho. Porque que seria dela se não fosse aquele emprego que era tudo o que ela tinha. (Diem) ● É visível como ela sofre e também é explicável. Quando lá atrás a gente viu o porquê de ela não reclamar. É como se não adiantasse reclamar. E também às vezes assim a culpa era tanta que preferia viver desse jeito mesmo e não ia reclamar porque de que adianta? Pra quem reclamar? E se mudasse alguma coisa pra ficar bom será que queria? Então essa história é muito densa mesmo. (Cher)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Vários aspectos da personalidade de Macabéa colocados na obra sob a ótica do narrador foram notados pelas participantes. Conforme as falas transcritas, presentes nesse Quadro 16, esses traços inerentes à personagem deixaram-nas indignadas, o que reforça o quanto foi importante a leitura em grupo, realizada com objetivo de ser analisada. Dificilmente, uma pessoa que lê uma obra com objetivo único de deleite encontrará aspectos relevantes que sejam capazes de raciocinar no sentido de buscar respostas para o que o autor quis dizer com a história.

Nessa perspectiva, [...] a prática de leitura traz consigo o acesso aos saberes, autonomia e emancipação, por meio dela os conhecimentos são descortinados, ela conduz os sujeitos históricos ao caminho da liberdade” (Paula; Macedo, 2021, p. 2). A condição emancipadora da leitura, contudo, só pode ser alçada com o envolvimento nas práticas de leitura. Por isso, esse estudo usou uma ferramenta essencial para o desenvolvimento crítico das envolvidas, a leitura em grupo, realizada nos Círculos de Leitura.

4.2.4 Quarto Círculo de Leitura: 26/04/2023

Resolvi alterar o formato de leitura naquele dia, em acordo com as estudantes, no sentido de que lêssemos tudo e elas fizessem as anotações e observações, que seriam discutidas após a leitura. Questões relativas ao papel da mulher e como é tratada devido ao seu gênero, foram discutidas, afluindo, a partir disso, relatos das estudantes alusivos às situações pelas quais passaram em diversas situações, inclusive entrevistas para estágios. Perguntei se elas se lembravam de algum episódio

em que foram preteridas pelo fato de serem mulheres, obtivemos resposta de duas estudantes, uma da área de Mecânica e outra da área de Eletrotécnica, conforme podemos ler no Quadro 17.

Quadro 17 - Preconceitos infligidos à mulher

Unidade de registro	Respostas das participantes
Tratamento desigual com mulheres	<ul style="list-style-type: none"> • Meu estágio. Eu fui pra uma empresa de engenharia elétrica né? E eu passado por todas as fases e tinha feito um questionário. Era uma sessão. E aí passou um menino do segundo ano e ele foi contratado e eu não, ele é do segundo ano, e eu sou do terceiro. E ele não tem como saber as mesmas coisas. (Jude) • Pelo menos o dele não foi explícito e quando eu faço entrevista que a minha é explícita, literalmente dizem, não, porque você é menina. Ah, não, tipo, não, eu gostei muito de você, tem muito conhecimento, mas você não vai aguentar o trabalho. (Cher)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Embora a Constituição Federal de 1988 tenha previsto a igualdade de direitos entre homens e mulheres, no seu art. 5º, é de amplo conhecimento que ainda hoje as mulheres sofrem preconceitos devido à sua condição feminina. Os fatos relatados são apenas o anúncio do que ocorre diariamente, em diversos ambientes, sendo o do trabalho (estágio) um dos principais. A esse respeito, Cerqueira relata que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil, 2018), “A mulher tem a escolarização necessária ao exercício da função, consegue enxergar até onde poderia ir na carreira, mas se depara com uma ‘barreira invisível’ que a impede de alcançar seu potencial máximo” (2022, p. 49). Tal declaração assemelha-se ao relato da estudante Jude, que, devido à sua condição feminina, perdeu o estágio para um “menino do segundo ano”.

Embora nessa discussão não tenha havido frase alguma ou palavra sobre a condição da mulher negra que pudesse ser destacada como unidade de registro, e que o nosso trabalho, dado o recorte epistemológico, não se prontifica a trabalhar com questões ligadas à interseccionalidade, embora não se pode compreender tal discussão tão amplamente se não forem considerados alguns desses marcadores sociais, é importante discorrer sobre tal questão, pois sabemos que o peso que a mulher negra carrega é muito maior que o peso que a mulher branca traz consigo nos espaços nos quais atua. Se para a mulher branca é difícil se projetar no mundo do trabalho, sendo mulher negra sofre o duplo preconceito, de gênero e de raça. A pesquisadora Feijó (2022) identificou que:

Entre os anos 2012 e 2014 as taxas permaneceram relativamente estáveis. Entre os anos 2014 e 2017 cresceram expressivamente sob o impacto da recessão econômica pela qual o país passou. Já no período 2018-2019 tinham se reduzido lentamente até a pandemia interromper essa trajetória. Em relação a população ocupada, a quantidade de mulheres negras ocupadas caiu 11,5% entre o primeiro trimestre de 2020 e 2021, maior queda entre os quatro grupos [Homens Brancos e Amarelos (-1,3%), Homens negros (-6,6) e Mulheres Brancas/Amarelas (-7,0%)]. Esse aumento contribuiu para que a taxa de desemprego atingisse 22,1% no 1º tri de 2021. Já no 1º trimestre de 2022 todos os grupos voltaram a atingir os níveis do 1º tri de 2020, com as mulheres negras apresentando o menor crescimento no período (1,6%). A taxa de informalidade entre as mulheres negras ocupadas também tem sido elevada. No 1º tri de 2022 43,3% das mulheres negras ocupadas estavam em postos de trabalho informais, taxa superior à média nacional (40,1%), dos homens brancos/amarelos (34,8%) das mulheres brancas e amarelas (32,7%). Por outro lado, ficou abaixo da taxa entre homens negros (46,6%).

Os preocupantes dados mostram que, apesar da luta pela igualdade nessa seara trabalhista, existe uma enorme lacuna entre a mulher negra e os demais grupos demográficos, restando-lhe muitas vezes, a sua inserção nos trabalhos informais. E ainda assim, “[...] a taxa de desemprego e de informalidade também são mais altas entre as mulheres negras do que para os demais grupos” (*ibidem*). Desta feita, não há como negar que conseguir a igualdade a curto prazo é um sonho a ser perseguido com determinação, porquanto o caminho é longo e árduo. Parafraseando Cerqueira (2022, p. 17), a condição de mulher, negra e trabalhadora pobre sofrer tripla discriminação. Contudo, há de se convir que muitas barreiras já foram vencidas por mulheres negras, a exemplo de Katherine Johnson, primeira engenheira mulher e preta nos Estados Unidos (Cerqueira, 2022, p. 23), entre outras conhecidas e também as desconhecidas, que fazem história no dia a dia. Entretanto, é inegável que o racismo ainda hoje segrega e humilha, e abrange todos os âmbitos da vida das mulheres, inclusive e principalmente o trabalho, algo que mexe diretamente com sua sobrevivência e autoestima

4.2.5 Quinto Círculo de Leitura: 03/05/2023

Decidimos retornarmos ao modelo de leitura anterior, em que líamos e comentávamos à medida que algo chamava a atenção, pois as estudantes relataram que não conseguiram acompanhar a leitura e fazer anotações concomitantemente. Antes de iniciarmos a leitura, projetei slides com as seguintes indagações: A hora da estrela é uma obra hermética, desafiadora, difícil, instigante? O intuito foi que as estudantes expressassem o que pensavam sobre a obra que, no meu entendimento,

comporta os três últimos conceitos. Isso rendeu algumas ponderações. Em seguida, fiz uma reflexão sobre o papel da mulher e o seu lugar no mundo do trabalho, pois esse assunto estava intimamente ligado ao que ponderamos na reunião anterior.

Discorri sobre o movimento sufragista, que foi um movimento iniciado no século XIX, na Europa, e desencadeado por mulheres com boas condições financeiras, porque quando elas foram para rua lutar, a reivindicação era estender o direito de voto às mulheres. Era a chamada “primeira onda” e teve adesão de mulheres de vários países ocidentais. Direito esse que no Brasil só foi alcançado em 1934, na era Vargas. Conforme Cerqueira (2022, p. 47) “[...] o movimento de luta e reivindicação como o sufragista era representado no Brasil por um feminismo branco, de classe média, heteronormativo”. Ou seja, mulheres com características idênticas às da Europa.

Ressaltei que se essas mulheres fossem pobres como a personagem da obra que estávamos lendo, certamente, suas reivindicações teriam sido outras, talvez condições melhores de trabalho, pois nossas lutas dependem do contexto em que vivemos. As mulheres pobres daquela época estavam trabalhando em jornadas exaustivas nas fábricas e, em vez de babás para cuidarem de seus filhos, elas os deixavam em casa, e ao voltarem, certamente continuavam os serviços domésticos, demandando uma jornada dupla de trabalho. É notório que ainda hoje a situação da mulher nessa área ainda é muito mais difícil do que da maioria dos homens, pois na classe trabalhadora a mulher tem de lidar com as demandas do trabalho secular e da casa.

Em que pese aparentemente estarmos trabalhando apenas com literatura, é necessário esclarecer que não se trata apenas disso. Apesar de reconhecermos que a luta das mulheres são lutas que elas levam nessa perspectiva uma equidade, não estamos elegendo uma discussão feminina, mas os femininos, porque tem a mulher que é negra, mãe solo, classe subalterna, periférica. Esses grupos não são completamente homogêneos.

Por fim, a partir do exemplo de uma mulher que conseguiu se destacar numa época em que somente homens conseguiam, Mary Curie, uma cientista física e química, ganhadora de dois prêmios nobéis, enfatizei que independentemente da condição feminina, somos pessoas tão capazes quanto os homens e que talvez nós hoje tenhamos que lutar para que outras mulheres lá na frente também tenham

conquistas importantes, conforme ocorreu naquele movimento e que nos beneficia nos dias atuais.

Em seguida, dispus os slides dos diálogos ocorridos entre Macabéa e o namorado, Olímpico, e fizemos uma espécie de encenação, na qual alterávamos o timbre de voz e líamos alternadamente, como se fosse uma peça teatral. Mediante muitos risos, no entremeio dos diálogos, algumas provocações foram feitas e houve contribuições das estudantes em vários assuntos importantes, os quais descrevemos no Quadro 18, abaixo.

Quadro 18 - A mulher e o mundo do trabalho

Unidade de registro	Respostas das participantes
Jornada dupla de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Porque é isso daí, a mulher trabalha fora, mas quando ela chega em casa, ainda tem que dar conta de casa, tem que tá cuidando do marido, tem filho em casa, a educação dos filhos recai sobre a cabeça das mulheres e não na dos homens, qualquer coisa que acontece é mais a mãe do que um pai, e quem não é casado tem um lar, né? Ninguém vive só trabalhando, a mulher sempre tem alguma coisa além do trabalho. (1456) • Tem gente que diz que a jornada em casa ainda é pior do que no trabalho. Tem algumas pessoas que dizem que trabalha mais em casa do que no próprio trabalho assim, é mais cansativo. Eu fico aqui de manhã, de tarde, chego em casa de noite tão cansada que é como se tivesse trabalhando. (Lírio 2)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao falarmos sobre o papel da mulher no mundo do trabalho, as estudantes demonstraram ter consciência da dupla jornada de trabalho feminina, até porque os pais de algumas dessas estudantes moram no interior e elas vivem sozinhas na capital, onde acumulam atividades relacionadas ao lar, à vida social e à escola que, por vezes, demandam muito do seu tempo. Assim, relataram que vivenciam as dificuldades advindas da dupla e até tripla jornada, inerentes à mulher. Jornadas citadas por Zart (2019, p. 40):

Após muitas reivindicações por reconhecimentos, na segunda metade do Século XX as mulheres conquistaram a esfera pública, deixando de lado, em tese, as funções relativas ao lar, exclusivamente. Lutavam pelo direito à igualdade, buscando ocupar os mesmos lugares e exercer as mesmas funções que os homens. A Revolução Industrial possibilitou a entrada da mulher no mercado de trabalho, momento em que acreditaram em sua libertação, tendo em vista que sua privação relacionava-se com a dependência econômica do marido. Com a saída para o mercado de trabalho, as mulheres passaram a prover a família da mesma forma que o homem, no entanto, continuaram responsáveis pelas atividades domésticas, não conseguindo desvincular-se do espaço privado, o que gerou a dupla jornada de trabalho feminina. A divisão sexual do trabalho que atribuiu o espaço

privado exclusivamente às mulheres é herança cultural da história, marcada pela dominação masculina.

Por conseguinte, se por um lado houve um ganho das mulheres, possibilitando-as a inserir-se no mercado de trabalho, por outro, a responsabilidade aumentou, pois passaram a se igualar aos homens no provimento da casa, e as atividades do lar permaneceram sob sua responsabilidade. Essa dupla jornada de trabalho é um problema recorrente e pode se tornar tripla, nos casos de mulheres que estudam.

4.2.6 Sexto círculo de leitura: 08/05/2023

Levei alguns temas dispostos em slides para debatermos. Ao serem indagadas se havia algo que pudesse alterar a situação de Macabéa, elas responderam que a cultura/educação poderia possibilitar tal mudança, conforme podemos constatar a partir dos relatos no Quadro 19.

Quadro 19 - Educação emancipadora

Unidade de registro	Respostas das participantes
Cultura/ Educação	<ul style="list-style-type: none"> ● A cultura, talvez, a sua cultura? (Lírio 2) ● Acesso à educação. Ter contatos com diferentes tipos de vida? (Lana) ● Acredito nisso também, o acesso à educação muda muita coisa. (Cher)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Do ponto de vista jurídico, o acesso à educação é um direito previsto na Constituição Federal, de 1988, no seu art. 23, que estatui: “É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios”. Com redação dada pela Emenda Constitucional nº 85, de 2005, o inciso V passou a vigorar da seguinte forma: “proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação.” Vale a ressalva que anteriormente o citado inciso não abrangia as palavras *tecnologia*, *pesquisa* e *inovação*. O acréscimo é o reconhecimento governamental de que o Estado deve promover o desenvolvimento da Ciência, tecnologia, pesquisa e inovação, aliando-os à cultura e à educação.

Contudo, o nosso objetivo neste tópico é focar na educação que liberta o indivíduo, pois a educação é um direito de todos e, inquestionavelmente, por meio dela se alcança a emancipação. O conhecido conceito de educação emancipadora está entrelaçado com o trabalho Freiriano, que criticava o modelo tradicional de ensino, segundo Ferreira; Gomes; Henning (*apud* Freire, 2022, p. 3).

Ele denuncia o problema da educação tradicional, o tema desumanizante do silêncio e do não-diálogo, propondo, em contrapartida, uma educação libertadora que se dará por meio de uma pedagogia dialógica garantidora do acesso ao processo emancipatório e libertador.

Não existe emancipação em um modelo de ensino em que o/a estudante não tenha autonomia para interagir, para opinar em um diálogo em sala de aula, onde o educador muitas vezes se acha o dono do pensamento e suas práticas não dão o lugar de fala necessário para que haja comunicação e interação. Esta, afasta o individualismo, promove a convivência e transforma socialmente as pessoas.

Ao tratarmos sobre a evasão escolar, surgiram dois temas muito atuais e que merecem destaque: a situação de que muitas vezes os rapazes deixam de estudar para trabalhar e ajudar nas despesas da casa e, aí vem a questão se eles seriam capazes de conseguir retornar à escola para terminar os estudos e ascenderem socialmente falando, ou se tornariam como os Olímpicos da vida. Em relação às meninas, o assunto sobre gravidez foi abordado e o estabelecemos na categoria imprevisível, posto que esse tema não fez parte do livro *A hora da estrela* e, por isso, não o presumimos inicialmente ao organizarmos os tópicos a serem discutidos nos círculos. De fato, é um assunto bastante atual e de grande impacto, que pode influenciar a vida delas para sempre, pois, se para os rapazes a questão do trabalho é algo que pode afastá-los da escola, uma gravidez, muitas vezes somada também ao fator trabalho, pode ser ainda mais relevante. Contemplemos as falas transcritas das estudantes presentes no Quadro 20.

Quadro 20 - Evasão escolar e suas causas no mundo do feminino

Unidade de registro	Respostas das participantes
Gravidez	<ul style="list-style-type: none"> ● Gravidez é um fator de evasão escolar. (Lírio 2) ● E eu acho que quando isso acontece, tipo não é incentivado, não é como se fosse incentivado que ela voltasse. Já que é entendido que o papel dela seria ser esposa depois. Então é como se quando ela sáisse alguém fosse incentivar ela voltar a estudar. Como se tivesse o esquecimento das mulheres. (Lírio 1) ● É como se já tivesse perdido, já que ela engravidou agora não tem mais o que fazer. (Lana) ● E muitas vezes como não tem nenhum apoio, ela tem que trabalhar também, né? (Cher)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

O artigo intitulado *Educação Profissional e Tecnológica: Permanência e evasão em foco*, assinala a preocupação da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC/MEC e dos gestores da Rede referente a esse assunto. De

acordo com Moreira; Lambert; Castro (2018, p. 4), “os fatores individuais foram os mais identificados [...]” e, dentre eles, um dos que mais se destaca é “[...] a dificuldade em conciliar o trabalho com os estudos [...]”. Contudo, existem vários fatores responsáveis por esse fenômeno,

Outros fatores são recorrentes na tomada de decisão pela evasão, como deficiências no processo ensino aprendizagem, a falta de incentivo por parte dos professores, a distribuição das disciplinas no currículo escolar, o excesso de conteúdo, o baixo rendimento nas disciplinas, as frustrações frente aos desafios impostos no meio escolar, bem como problemas de saúde e a gravidez durante o curso (Moreira; Lambert; Castro, 2018, p. 4).

A evasão escolar é um problema recorrente e muitos fatores podem influenciar na decisão dos/as estudantes nessa direção, sendo a gravidez apontada como uma das causas pelas estudantes e corroborada nesse artigo. Não é tarefa fácil para a escola detectar os problemas e resolvê-los, mas é fundamental que procure sua raiz, para poder implementar as políticas necessárias para reduzi-los, uma vez que é praticamente impossível erradicá-los.

Ao serem indagadas se elas achavam que o Instituto Federal cumpre um papel no sentido de incentivar os alunos a terem uma educação emancipatória e se existia a preocupação de formar cidadãos preparados tanto intelectualmente como para o mercado de trabalho, a estudante Lírio 2 falou: “Depois do ensino médio não. Antes já não tinha tanto, e depois do ensino médio aí acabou com tudo mesmo. Porque foi tirado a obrigatoriedade das matérias humanas. Foi sendo diminuído muito delas, muito mesmo. Cada um escolhe uma área vai pra... eh linguagens, matemática e tecnologia ou humanas.”

Quanto à oferta de uma educação emancipatória, a mesma aluna comentou: “Essa questão do campus, eh essa proposta de educação emancipatória. Eu acho que tem uma má comunicação entre as áreas, entre as matérias em sim, entre os anos. Porque tem muito professor que só cumprimenta. Aí meio que falta alguma coisa, tem uma descontinuidade entre tipo alguma vez alguma pessoa não termina algum assunto principalmente assim humanas que é o foco aqui eh formação do pensamento, crítico, certo? Eu acho que tem essa descontinuidade que acaba meio que atrapalhando essa parte de formação crítica e você, você... é isso, é isso que eu acho, eu acho que tem essa parte. Tem gente que só cumprimenta. Só cumpre um programa. Tem vez até que o professor não conclui a ementa a parte que o outro não

concluiu e fica pra lá aquele conhecimento que não foi aprendido, tem essa parte que eu acho que acaba atrapalhando essa formação.”

A estudante Lana também demonstrou preocupação com o problema da falta de comunicação: “E até na questão de comunicação do professor com o aluno não é tipo diretamente do aluno, o professor às vezes é por meio de uma pedagoga, ou isso, mas assim, a informação vai de fora dos nossos olhos, sabe? Chega até o professor, a informação do professor chega até a gente, mas nunca é por meio direto. Não por tipo, ah tem uma reclamação pra fazer sobre tal professor aí você vai contar pra uma pessoa que não participa ativamente daqui. Aí é muito difícil acontecer essa troca se essa comunicação não acontece. E você tem uma barreira entre a comunicação do aluno que atrapalha demais.” Já a estudante Girassol disse que não tinha abertura para poderem dar opiniões ou criticar em sala de aula e Lírio 1 em seguida concordou que falta comunicação e disse que esta era “muito mecânica”.

Essas respostas mostram que existe uma falha de comunicação entre os professores com eles mesmos e entre os professores com os alunos, e também fica evidente que o abandono da conclusão da ementa por parte de alguns professores é um problema grave. Logo, percebe-se que, embora o papel dos Institutos Federais se incline para uma modalidade de educação emancipatória, pois visa à formação integral do aluno, preparando-o para o mundo do trabalho e para a vida em sociedade, alguns profissionais que compõem o quadro de pessoal parecem destoar dessa visão, nesse caso em especial docentes. Portanto, não basta oferecer salas, laboratórios, bibliotecas, quadras de esporte e outros espaços se não houver o preparo daqueles que vão lidar diretamente com esses/as alunos/as.

4.2.7 Sétimo Círculo de Leitura: 10/05/2023

Demos início à leitura alternada, sempre fazendo as interrupções necessárias para os comentários. Houve uma consternação geral devido ao fim de Macabéa, a personagem central da história, pois era notório como elas esperavam um futuro mais promissor para ela.

O registro da indignação das estudantes está disponível no Quadro 21, a seguir.

Quadro 21 - Reações das estudantes ao término da obra

Unidade de registro	Respostas das participantes
Tristeza	<ul style="list-style-type: none"> ● Não gostei. (Girassol) ● Também não. (Lírio 2) ● Eu só não chorei porque pensei em outras coisas (Lana) ● Acho que se Macabéa tivesse vivido um pouquinho mais talvez ela tivesse vencido na vida. (Lana)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Embora desde o início a história se encaminhasse para um desfecho infeliz, mediante todos os prenúncios da autora e do narrador, as estudantes tinham esperança que estivessem enganadas e tudo ocorresse como desejavam. Ao se depararem com o final trágico de Macabéa, seus semblantes ficaram entristecidos. O que reforça a ideia de que houve um envolvimento na leitura e com a personagem, após debaterem tantos temas relacionados a ela.

Diante daquela comoção, perguntei se elas acreditavam que existia o fator determinismo, ou seja, que algumas pessoas estavam fadadas a permanecer da mesma forma, dentro dos mesmos parâmetros/limitações para sempre, uma vez que a história relatada na obra parecia apontar para isso, para situações que se inclinavam a se perpetuar na vida dos personagens.

Vejamos as respostas no Quadro 22, seguinte:

Quadro 22 - Fator determinismo: rotina ou exceção?

Unidade de registro	Respostas das participantes
Realidade/ possibilidade	<ul style="list-style-type: none"> ● Dependendo do contexto que ela nasce, né? Por exemplo, se, por exemplo, muitas moradoras de rua, as mulheres que moram na rua tem crianças, então se não tiver do governo, auxílio, é provável que aquela criança cresça e viva a vida dela pra sempre naquela situação e morra. Vai até morrer antes de mesmo virar adolescente, por exemplo. Geralmente nesse contexto, elas estão fadadas praticamente fadadas. (Diem) ● Teria como mudar? Teria, só que pra mudar teria de ser da pessoa de fora, outras pessoas pra ajudar e lutar. (1456) ● Se não houver intervenção de uma coisa maior como o Estado que pode auxiliar melhor essas pessoas elas vão viver aquela situação até chegar a certa idade. As crianças principalmente porque muitas crianças quando nascem nessa situação não tem nem um registro de nascimento, não é visto como cidadão, não tem os direitos qualquer cidadão tem, então é alguém que não existe perante a lei perante o governo, então não tem como mudar eu acho. Poucas são as instituições que dão auxílio. (Diem) ● Eu acho que fadados é uma palavra muito forte, eu acho. Sim. Assim, pode ocorrer a exceção, mas realmente é difícil, a exceção é uma realidade. Essa exceção é raridade. A maior a maior parte dos casos é tipo é o nome mesmo. É a história se repetindo o tempo todo. Mas existem casos que são raríssimos que há

jeito, então eu a palavra fadado eu acho que não é muito certo nesse contexto, eu acho. Mas acho que são raros os casos.(Lírio 2)

- Essa é uma exceção. Se você nasce naquele ambiente, você convive com aquilo, aquela é a sua realidade, é aquilo que você conhece? Você só vai saber que existe um mundo em volta se você for buscar o conhecimento. Mas **se você nascer naquilo e continuar ali você nunca vai saber quem existe o mundo.** (1456)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Sem perceber, as estudantes refletiram o ponto de vista da diretora do filme, Suzana Amaral: “A vitória é uma exceção; o fracasso é a rotina. Se ela não tivesse morrido, o que ia acontecer? Ela casaria com Olímpico, iria morar na periferia, ter muitos filhos, ele começaria a beber, acabaria largando dela. Seria esse o fim dela” (Guidin, 1996, p. 97). A leitura da obra, aliada a essa fala, nos faz refletir sobre pessoas como Macabéa, sem percepção de si mesmas, deficientes da comunicação necessária para conseguir se fazer entender, entre outras coisas, que marginalizam essas pessoas e, por vezes inviabiliza a mobilidade social. Por certo, uma educação de qualidade, voltada para a formação integral do indivíduo, é o caminho para minimizar ou até mesmo erradicar esse tipo de fracasso, fazendo deste uma rotina em vez de uma exceção.

Mediante as interações realizadas nos diálogos, no Quadro 23 a seguir, constam outros fatores que podem ou não alterar o destino das pessoas.

Quadro 23 - Possíveis fatores que podem alterar o destino das pessoas

Unidade de registro	Respostas das participantes
Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Como por exemplo, esse homem tinha conhecimento da alfabetização, é uma coisa também que muita gente não tem acesso ao básico, né? (Diem) • Porque a pessoa tem que estar aberta pra uma coisa nova, né? Aí ele vê um livro e falou, e se eu ler? (Lírio 2) • Pode ter uma outra vida, só que só vai ter que buscar mais. Isso é, no estudo.(1456)
Fome	<ul style="list-style-type: none"> • E quem é que vai estudar passando fome em casa? (Lírio 2) • Eu estudava em Escola estadual. Tinha alunos que só comiam no colégio. Iam pra escola só pra comer. (1456) • Inclusive na minha antiga escola, depois da pandemia começaram a distribuir cesta básica. Às vezes o aluno ia pra escola não era nem pra aprender, ele não tinha nem condição de aprender. Ele ia pra se alimentar e não por outra coisa. (Lírio 2)
Influência	<ul style="list-style-type: none"> • Como Macabéa era uma pessoa influenciável, faltou uma boa influência na vida dela. (1456) • E essa influência começa na infância, né? Durante toda vida dela, teve tratamento parecido com o da infância. Tudo era dos outros, ela não tinha

	nada. Ela não tinha direito de ter algo. Ela não tinha o direito nem de sentir tristeza. (Diem)
Desemprego	<ul style="list-style-type: none"> • Eu acho que é um conjunto de coisas. Não é só a escola. O desemprego afeta muito coisa. Porque hoje a gente vê gente que se forma no curso superior e não tem onde trabalhar, não sai do lugar. (Lírio 2) • Sem contar também que tem muita gente que estuda, mas tem de largar os estudos pra trabalhar, e quando não consegue um emprego vai trabalhar como profissional liberal, uma coisa na rua ou fazer um qualquer coisa. (1456)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

As unidades de registro Educação, Fome, (má) Influência e desemprego permearam o debate, demonstrando o quanto se pode extrair de uma leitura literária, se os leitores estiverem envolvidos com os temas, encontrando-os conforme forem sendo instigadas. É nesse momento que o papel da pesquisadora se torna essencial, para conduzir as falas àquilo que realmente importa. Além dos fatores mencionados acima, outro assunto bastante importante, que estava previsto no Quadro 1, foi a mobilidade social. A estudante 1456 trouxe as seguintes considerações: “Porque assim, aqui tem algumas falhas, mas se o aluno se interessar bastante, conseguem criar um excelente técnico. Dependendo também bastante do aluno, da inteligência, conseguem criar, só que entra no mercado de trabalho, não ajuda, não contribui, a sociedade não contribui, as oportunidades não contribui. Porque tipo, querendo ou não, eles têm condições dependendo, principalmente, eu vejo muitos professores bastante interessados. E se eles veem alunos interessados, eles vão lá e ajuda, fazem o possível, tá? Mas o mercado também não ajuda, não tem lugar pra todo mundo trabalhar, né?”

Enquanto a estudante Lírio 2, considerou a leitura desde os anos iniciais da criança como um fator importante: “Uma crítica minha é que a pessoa deveria ser incentivada à leitura desde o nível fundamental um. É que tem o imaginário de que ler livro é chato. Dá pra apresentar umas obras legais, sabe? Com a primeira infância. Dá pra apresentar.” No tocante a esse último posicionamento, Segato (2011, p. 7) argumenta que “A criança se familiariza com livro desde os primeiros meses de vida, desde que possa ter esse contado” e também que “Os ambientes escolar e lar sem livros e sem alguém como modelo de inspiração à leitura pode dificultar não só o ato de ler, mas o prazer que a leitura proporciona”.

Assim sendo, como é impossível termos acesso ou conhecimento da infância dos/as estudantes inseridos/as na escola, bem como é impossível nos apropriarmos do passado, que é imutável, é importante estabelecer no presente outras formas de

leitura diferentes daquelas que deveriam ter sido desenvolvidas nos anos iniciais, para podermos motivar em alguma medida essa prática e possibilitemos um futuro mais promissor nesse sentido, da leitura enquanto ação libertadora. Entendemos que a partir dessa ação, ao se depararem com os livros literários, as estudantes no mínimo procurarão uma forma de ler baseada no escrutínio e na crítica que compara o sentido da leitura ao contexto de suas vidas.

Perto do fim do nosso encontro, um assunto de importante emergiu, e, apesar dessa palavra não fazer parte da estrutura do livro *A hora da estrela*, implicitamente ela esteve presente no contexto da história, a cada vez que abordamos assuntos que envolviam a pobreza e seus aspectos, projetados na personagem Macabéa, que representa milhares de pessoas ainda hoje. Vejamos no Quadro 24, abaixo.

Quadro 24 - Submundo dos invisíveis

Unidade de registro	Respostas das participantes
Pessoas Invisíveis	<ul style="list-style-type: none"> • Sem direitos, basicamente, ser invisível é não ter direito. (Lírio 2) • Esse submundo é uma coisa que está visível aos nossos olhos, né? A gente vê todos os dias, né? A gente só para e fala nossa, nunca tinha visto antes. (Diem) • Isso que a Diem falou sobre ser um submundo, mas não é porque a gente vê todos os dias, eu acho engraçado porque o sistema ele nos obriga a gente tipo a gente tá muito preocupado tentando sobreviver que às vezes acaba nem tendo empatia. (Lana)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A invisibilidade citada pelas estudantes não se refere apenas às pessoas que não possuem documentos de identificação, reporta-se principalmente àquelas que vemos no dia a dia e nem observamos suas mazelas, pois, a exemplo de um médico que se acostuma a ver pacientes morrerem, nós também muitas vezes nos acostumamos à miséria humana, mesmo que esteja bem próxima.

Para minha surpresa, embora tenha sido difícil de aceitarem o destino de Macabéa assim que leram o final do livro, as estudantes apresentaram outra compreensão, quase como se estivessem revoltadas com a posição da protagonista do início ao final da obra. De modo que obtivemos seguintes ponderações no Quadro 25 de duas estudantes, às quais foram acompanhadas gestualmente pelas demais:

Quadro 25 - Macabéa e seu destino

Unidade de registro	Respostas das participantes
	<ul style="list-style-type: none"> • Aquela parte mesmo que as pessoas estavam ao redor dela, mas não ajudavam ela. É como se ela merecesse morrer. Acho que é esse o

Destino merecido	<p>ponto, ela merecia morrer, não tinha como ela ter uma vida boa, ter a chance de ter uma vida boa se ela até aquele ponto alheia a tudo. Então de fato ela merecia morrer. (Diem)</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Macabéa não tinha sangue pra viver, ela não sabia viver. (Girassol) ● Ela vivia porque vivia. (Cher) ● Pior que não tem outro final (Lana) ● Ela realmente merecia morrer. (Laurel)
------------------	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao definirem que Macabéa merecia o seu trágico fim, as estudantes se rebelaram contra a inércia dessa personagem, de modo que, repudiar esse comportamento resignado, foi como um lenitivo para aquilo que esperavam e não obtiveram no final da história, pois, conforme observamos no Quadro 21, embora elas tenham demonstrado tristeza pelo final infeliz, neste último Quadro 25 esse sentimento foi abafado pelo inconformismo típico de pessoas que não aceitam ser enganadas, sem lutar devidamente pelo que desejam.

Por fim, quis saber sobre o receio inicial ao serem convidadas para participarem dos círculos de leitura, ao que as estudantes responderam, conforme Quadro 26 a seguir.

Quadro 26 - Receio inicial de participarem nos Círculos de Leitura

Unidade de registro	Respostas das participantes
Timidez	<ul style="list-style-type: none"> ● Eu quis me recusar por timidez, mas disse: vou passar por essa, né? (Girassol) ● Eu só não costumo ler em voz alta. Por isso tive receio. (Lírio 2) ● Pessoas desconhecidas, né? Tirando elas (apontando para duas colegas), as pessoas eram bem desconhecidas. Aí eu pensei no quão desconfortável iria ficar, tenho uma ansiedade muito grande quando eu penso que eu vou ficar num lugar cheio de gente que eu não conheço. Ter que dar opinião. Só que foi natural, né? (Diem) ● Cheguei aqui não conhecia ninguém, né? Grande parte de desconhecidos tudo, mas era por timidez pra se expressar e talvez sentisse medo de sei lá, de fazer uma pergunta direta, né? Mas não aconteceu isso. (Lírio 1) ● Eu sempre deixei claro só era falar quem quisesse. (Pesquisadora) ● Sim, e ajudou bastante isso. (Lírio 1)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A timidez e o medo de opinar apresentaram-se como empecilhos para que as alunas participassem dos Círculos de Leitura, mas felizmente não as impediu de experimentarem essa nova modalidade de leitura em suas vidas (pelo menos para a maioria). De modo que a maioria que se prontificou a participar do estudo esteve presente em quase todas as reuniões, e as que faltaram alegaram motivos justificáveis

para isso. Percebe-se que embora a timidez seja algo que incomode e encoraje a pessoa a se esconder ou se afastar de atividades que a façam serem percebidas, conforme essa pessoas se desprendem desse padrão próprio, ao se envolverem numa atividade como os Círculos de Leitura, começam a compreender que têm muito a aprender e também a ensinar.

Assim sendo, é necessário reforçar mais uma vez o caráter emancipador da leitura, pois não liberta a pessoa somente da ignorância, mas a introduz no mundo social, por meio dos diálogos necessários nesse tipo de atividade, e na bagagem de aprendizagem a cada interação. Ao exercerem com liberdade o direito de fala, há o encontro do leitor com o outro leitor, do leitor com a obra e do leitor com o/a autor/a da obra. Além do mais, ao colocar as estudantes em iguais condições para argumentar, contradizer ou concordar, e até ficar em silêncio, é uma forma de respeitar a individualidade e o processo de aprendizagem/leitura individual.

4.2.8 Nono Círculo de Leitura: 17/05/2023

Como o oitavo círculo, ocorrido no dia 15/05/23, só deu tempo de assistirmos ao filme, que foi projetado no quadro, por meio do equipamento de projeção multimídia, passo a relatar sobre o nono e último encontro, no qual trazemos as considerações das alunas referentes à análise da obra lida, confrontando-a com a película.

Seguidamente, no Quadro 27, vamos tratar das impressões que as estudantes tiveram após a leitura da obra, confrontando-a com o filme.

Quadro 27 - Características de Macabéa, observados no filme e não encontradas na obra

Unidade de registro	Respostas das participantes
Desejo inesperado	<ul style="list-style-type: none"> • Acho que no filme ela demonstrava muito desejo, desejo no geral, vontade de algo, vontade do amanhã e no livro ela não tinha vontade de nada disso. Ela vivia porque tava viva. (Diem) • Assim, é que no filme acho que eles quiseram trazer a imagem de uma Macabéa nova, tipo, pegou ali a Macabéa do livro, mas quis trazer assim uma Macabéa pro público, porque no filme a gente observa que a Macabéa é desejosa, tem até de se casar, isso não tem nada no livro sobre isso. (Cher) • Tem até desejo de futuro. (1456)
	<ul style="list-style-type: none"> • Acho que no filme Macabéa fala demais, porque no livro era mais o Rodrigo narrando sobre ela. (Lana)

Uma Macabéa Inusitada	<ul style="list-style-type: none"> • Como a Lana disse, eles trouxeram uma Macabéa no livro muito cômica, as expressões, a cara dela. (Diem) • Assim, é que no filme acho que eles quiseram trazer a imagem de uma Macabéa nova, tipo, pegou ali a Macabéa do livro, mas quis trazer assim uma Macabéa pro público, porque no filme a gente observa que a Macabéa é desejosa, tem até de se casar, isso não tem nada no livro sobre isso. (Cher)
-----------------------	--

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ainda que o filme tenha apresentado uma Macabéa diferente da conhecida na obra, as estudantes compreenderam que era necessário fazer isso, para tornar o enredo mais atrativo. Segundo a estudante Bibi, foi necessário haver uma adequação do filme: “Eu acho que eles fizeram essa modificação para ficar uma coisa mais atrativa. Porque o livro, querendo ou não é algo mais atrativo. Então seria um filme todo narrado e não seria tão legal.”, Girassol concordou que “... se eles tivessem colocado do jeito que tá no livro, ninguém ia gostar, se eu assistisse só o filme, sem ter lido o livro, eu não ia gostar do livro. Eu dia dizer, ahn, como assim, já morreu? Não tem nem vida?”.

A Lana arrematou “É porque é uma adaptação. Mas também tem essa coisa assim de o livro ser todo narrado. Aí é impossível fazer um filme narrado.” Contudo, mesmo diante dessa defesa, a estudante Lírio 2 discordou: “Eu acho que o filme foi bem superficial, a gente vê que isso afetou muito ela no livro, o fato de ela ser uma pessoa muito introspectiva, mas a gente não sabe a história, a origem dela, os pensamentos dela, foi uma coisa mais superficial.” No que foi acompanhada pela estudante Lana “Acho que no filme faltou muito colocar a essência dos personagens.”

De forma sucinta, expliquei que a principal diferença entre as versões livro e filme é a de linguagem. Enquanto na obra é utilizada a linguagem escrita e, por meio desta vamos criando as imagens na nossa cabeça, no filme a linguagem é visual e de início já nos deparamos com as cenas, mas que embora algumas situações tenham sido suprimidas e outras acrescentadas, de modo geral o filme se aproximava da obra, pois conseguiu mostrar as situações que se propunha denunciar: pobreza; desigualdade social; educação escolar; a questão da migração, mobilidade social; a falta de comunicação. Logo, tanto a obra como o filme proporcionaram às estudantes enxergarem aspectos relevantes e confrontá-los com a realidade ao redor.

Perguntei se elas achavam que o filme era fiel à obra, e obtive as seguintes respostas, dispostas no Quadro 28.

Quadro 28 - Fidelidade do filme à obra

Unidade de registro	Respostas das participantes
Não	<ul style="list-style-type: none"> • Porque eu acho que o livro traz uma profundidade que o filme não traz passa uma mensagem diferente, querendo ou não. (Cher) • Tipo eu acho que foi fiel à sequência de acontecimentos, mas não conseguiu, a essência da Clarice mesmo foi perdida. (Lírio 1) • É como ela tá falando, porque no livro a Clarice deixa claro que vai ser uma história cruel, nua, crua, que é diferente no filme, que a gente não sente a crueldade da história de Macabéa, como ela é uma pessoa vazia de vontade, de futuro, como as pessoas são com ela, como isso afeta ela, a essência vazia de Macabéa, a gente não sentiu isso no filme. Eles tentaram suavizar a crueldade que a Clarice deixa claro na obra. (Diem)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

É importante destacar mais uma vez que não há possibilidade nenhuma de um filme ser totalmente fiel à obra, visto que “[...] o filme é uma interpretação do texto escrito e a infidelidade, se é que existe tal coisa, não é ao romance, mas sim à interpretação que o leitor fez do romance quando o leu” (Cosson, 2014, p. 17). Logo, ao transpor um romance para as telas, aparecem outros elementos necessários para a composição do enredo e torna-se impossível a fidelidade aos escritos. Além disso, projeta-se na imagem a interpretação do diretor do filme, em vez da percepção do leitor.

Importa dizer que as respostas enfáticas e precisas das estudantes demonstraram um grau de maturidade em suas análises, como também o desejo de serem completamente diferentes da protagonista da obra, pois, ao perguntar se elas achavam que Macabéa era infeliz, quase por unanimidade, responderam que não, pois Macabéa “era tão inerte que não sabia o que era ser feliz ou infeliz” e “era uma pessoa neutra.” Tais afirmações, aliadas a outras proposições no decorrer dos encontros, levam a crer que as estudantes não somente perceberam o valor da leitura, como o que esta pode proporcionar no sentido de compreenderem o seu papel no mundo. E que esse papel em muito se distancia da inércia e do alheamento, principalmente de si mesmas, observado na personagem central.

4.3 Análise do questionário de avaliação dos Círculos de Leitura

O objetivo da aplicação do questionário de satisfação (Apêndice 2), foi avaliar as experiências com os círculos de leitura, e levou em consideração em especial a contribuição dos círculos para influenciar os hábitos da leitura partir de então, bem

como o papel que a biblioteca desempenha na vida dessas estudantes, entre outros fatores ligados ao letramento literário. O questionário foi respondido por nove estudantes.

No Quadro 29, a seguir, destacamos quais as contribuições dos círculos na vida das estudantes, a partir de suas falas.

Quadro 29 - Contribuições dos Círculos de Leitura

Unidade de registro	Respostas das participantes
Leitura crítica/ Reflexiva	<ul style="list-style-type: none"> ● Eu avalio como uma experiência significativa, a roda de leituras me abriu os olhos para um mundo divertido e reflexivo que é a leitura. (Girassol) ● muito boa. trouxe pra mim uma perspectiva mais interessante sobre todas as nuances e interpretações de um livro. (Lana) ● Ótima. Foi de grande importância poder interagir por meio da leitura, mostrando como trocar opiniões sobre uma obra é importante para a compreensão e absorção do que está sendo lido. (Diem) ● Tenho uma avaliação positiva, agr analiso mais minhas leituras e leio prestando atenção em cada detalhe. (Cher)
Prática de leitura coletiva	<ul style="list-style-type: none"> ● foram ótimos, de grande ajuda. proporcionaram uma nova forma de leitura, a leitura coletiva, onde há muita troca, o que é legal. (Laurell) ● Ótima. Foi de grande importância poder interagir por meio da leitura, mostrando como trocar opiniões sobre uma obra é importante para a compreensão e absorção do que está sendo lido. (Diem)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Essas respostas demonstram que as estudantes compreenderam que a leitura apenas como fruição não leva o leitor a uma reflexão. Contudo, é necessário ressaltar, que a leitura como deleite é importante, pois pode se tornar um entretenimento que motiva e estimula a imaginação, mas para o propósito que o trabalho se configura, embora tenha tido um aspecto de fruição, visou transcender a isso. Para que o letramento literário, enfoque do nosso trabalho, seja evidenciado, é necessário ler e compreender a leitura, embrenhar-se no contexto para entender o que está proposto além das letras, afinal “A leitura simples é apenas a forma mais determinada da leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado” (Cosson, 2006, p. 30-31). Nessa direção, Cruz afirma que “[...] refletir sobre o mundo à nossa volta, encontrar novos horizontes, ampliar os conhecimentos são perspectivas possibilitadas pela leitura literária” (p. 39). Ou seja, há de se compreender que é necessário encontrar caminhos que possibilitem apresentar uma forma diferenciada de leitura na jornada estudantil.

Observamos que o prazer de ler coletivamente mostrou-se um incentivo para algumas alunas, o que corrobora com a importância da prática dos círculos de leitura

proposto com Cosson, 2014, p. 139 “[...] a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça a identidade e a solidariedade entre as pessoas”. O senso de coletividade ativa a socialização, transparecendo a identidade e reforçando a empatia de quem se propõe a essa excelente prática. Por meio desta, houve mudança de comportamento referente ao modo como as estudantes passaram a enxergar a leitura, na perspectiva de melhorar o hábito e desenvolver o pensamento crítico a partir dos círculos promovidos, conforme nos revela o Quadro 30, seguinte.

Quadro 30 - Mudanças ocorridas após os Círculos de Leitura

Unidade de registro	Respostas das participantes
Melhorou o hábito de ler	<ul style="list-style-type: none"> • os círculos me ajudaram e mudaram um pedacinho de mim, com toda certeza. com eles consegui formular e expressar melhor minhas concepções e interpretações, sem falar que me impulsionou a continuar sempre lendo e buscar ler ainda mais (Laurel) • Mudanças? Em mim? Huuummm Creio que meu abito de ler melhorou muito e eu aprendi a refletir no que estou lendo, sem falar que ler em grupo é muito bom. (Girassol) • Comecei a desenvolver um mais forte hábito de leitura e também passei a ler os livros de autores clássicos brasileiros. (Lírio 2)
Consciência das múltiplas interpretações	<ul style="list-style-type: none"> • os círculos me ajudaram e mudaram um pedacinho de mim, com toda certeza. com eles consegui formular e expressar melhor minhas concepções e interpretações, sem falar que me impulsionou a continuar sempre lendo e buscar ler ainda mais (Laurel) • Entender que uma pequena frase pode ter várias interpretações, e que é bom conversar com outras pessoas sobre o livro, para poder vê-lo de outra forma. (1456) • Ler mais consciente, de como me sinto sobre o tema e sobre o que o autor quer passar pra mim. (Cher)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Por meio da leitura coletiva nos círculos de leitura, “Os alunos aprendem a dialogar, resolver problemas, liderar, argumentar, sintetizar, exemplificar, registrar, questionar, entre outras competências” (Cosson, 2014, p. 177). Ao compararmos essas respostas às do Quadro 34 (Pretensão sobre desenvolver o gosto pela leitura), podemos enxergar no mínimo uma luz direcionada à melhora dos hábitos de leitura e a consciência da importância de que essa seja munida de interpretação individual, posto que cada estudante tem um mundo a ser revisitado.

Quadro 31 - Receio inicial ao ser convidada para participar dos Círculos de Leitura

Unidade de registro	Respostas das participantes
Timidez / vergonha	<ul style="list-style-type: none"> • Assim que recebi o convite fiquei meio receosa, por conta da minha timidez e vergonha. por se tratar de ser um círculo e você ter que interagir com outras pessoas (ainda mais sendo desconhecidas) (Laurel)

	<ul style="list-style-type: none"> • Tive um pouco de vergonha no início mas me senti confortável com o tempo (Cher) • Tive medo de não conseguir participar devido a timidez e nível da obra, mas me senti muito confortável com ambos. (Lírio 1)
Medo de (não) interagir	<ul style="list-style-type: none"> • Sim. Eu temia não se integrar bem com as outras garotas. (Girassol) • Sim. Me senti, de certo modo, receosa de participar de algo com pessoas que eu não conhecia, embora fosse estudantes da mesma instituição. Não é um hábito meu interagir socialmente, ainda mais por conta de obras literárias. (Diem) • só em questão de entrosamento social. (Lana)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Essas respostas corroboram as interações ocorridas no 7º Círculo de Leitura (Receio inicial de participarem nos Círculos de Leitura), cujos dados foram dispostos no Quadro 26, em que as estudantes alegaram que a timidez e o medo foram obstáculos que precisaram ser transpostos para participarem dos encontros. Contudo, observa-se que o resultado foi positivo, tendo em vista que as estudantes sentiram-se confortáveis ao término dos encontros. Isso nos leva a ponderar que se a escola desenvolver atividades dessa natureza, seja em sala de aula ou em outro ambiente, como a biblioteca, por exemplo, com certeza auxiliará estudantes a se livrarem de timidez ou medo, visto que certas limitações podem ser vencidas por meio da vivência/experiência.

Nesse caso, a leitura coletiva pode ser o início de uma transposição de atitudes tanto no sentido de abandonar essas atitudes limitadoras, como de exercer o ato da leitura. É certo que a timidez ou o medo de falar, ou ler em público, pode limitar a decisão de fazer parte de projetos dessa natureza, contudo, a experiência mostrou que, ao ultrapassar barreiras, passando por cima desses temores, a situação pode se voltar benéfica em muitos aspectos, inclusive de aceitação própria, posto que todos temos limitações e podemos nos ajudar.

Quadro 32 - Principais ensinamentos obtidos com a leitura da obra

Unidade de registro	Respostas das participantes
Ter consciência própria	<ul style="list-style-type: none"> • Além da ciência do autoconhecimento, coisa que a protagonista Macabéa não tinha, foi possível ter conhecimento de como as pessoas podem ser violentadas mesmo que indiretamente. Um ótimo ensinamento é como não podemos terminar como Macabéa, alguém triste e sem noção de si mesma, totalmente alheia ao mundo, mas como o contrário. (Diem) • A sermos mais alertas kkkkk (Bibi) • A ver a vida de maneira simples como Macabéa e a importância de se impor sobre seus sentimentos e desejo (Cher) • Que a inatividade leva a eternização das mazelas da vida visto que nada é feito para alterá-las. (Lírio 2)

	<ul style="list-style-type: none"> • Ter uma infância saudável e feliz é importante • Ter uma educação na escola e ter o contato diversificado com outras pessoas é significativo. • Saber ver além das coisas • Ser paciente • Sonhar é necessário • Saber notar as pessoas (as vezes precisamos só de um pouco de atenção) (Girassol)
O significado da educação	<ul style="list-style-type: none"> • que a educação é a base de tudo, e uma boa e humanizada educação (Lana) • Ter uma educação na escola e ter o contato diversificado com outras pessoas é significativo. (Girassol)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Cosson (2014, p. 37) afirma que “Ler não é buscar o que disse ou quis dizer o autor, mas sim revelar o que está no texto [...]”, ou seja, “Ler é revelar o texto” (*ibidem*). A partir dessas unidades de registro, compreendemos que, por intermédio da experiência com os Círculos de Leitura promovidos, as estudantes desenvolveram algumas habilidades, como por exemplo, compreender o texto lido a partir de suas próprias percepções, fugindo daquilo que a autora disse ou almejou dizer, bem como aprenderam a se posicionar diante da história. O que nos leva a crer que possivelmente elas terão o cuidado de observar em futuras obras. Nesse sentido, entendemos que apenas nove encontros não são suficientes para o desenvolvimento pleno dessas habilidades, contudo, por meio deles as estudantes puderam ser despertadas para o ato da leitura.

Na pergunta “Você pretende, a partir da experiência da leitura em grupo nos Círculos de Leitura, procurar desenvolver o gosto pelos processos de leitura? 100% (cem por cento) das estudantes respondeu que sim.

Logo, a pergunta seguinte, no Quadro 33, tratou do motivo de tal pretensão.

Quadro 33 - Pretensão sobre desenvolver o gosto pela leitura

Unidade de registro	Respostas das participantes
Despertar do pensamento crítico	<ul style="list-style-type: none"> • Porque percebi a importância de ler obras exercitando ao mesmo tempo o pensamento crítico de observar seus contextos e as mensagens que o(a) autor(a) deseja passar. Isso me motivou bastante! (Lírio 1) • sempre gostei de ler, mas pretendo desenvolver mais contato com perspectivas exteriores sobre o que leio. (Lana)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

As duas últimas respostas demonstram que fica explícita a pretensão de mudança comportamental das estudantes quanto ao hábito da leitura, ainda que saibamos que sem projetos que incentivem os/as estudantes, essa prática pode se

tornar apenas uma alusão a algo que poderia dar certo. Contudo, é dever da escola buscar atividades que promovam essa atividade, e também daqueles que se propõem a ser agentes de letramento, trazer à compreensão da importância do ato da leitura, pois

O domínio dessa ferramenta poderosa, a leitura, proporciona a transformação de visão de mundo por meio de reflexões críticas. Contribui para entender o passado, o contexto presente e ter visões futuras ampliadas que auxiliam nas tomadas de decisões. A leitura é um ato social e possibilita a todos(as) que a ela tiverem acesso torna-se cidadãos(ãs) que almejam uma sociedade mais democrática com mais igualdade entre os gêneros (Paula; Macedo. 2021, p. 5). O indivíduo envolvido em práticas de leituras se transforma e fica munido de instrumentos para lutar por uma sociedade mais justa e menos desigual, sem preconceitos, discriminação e intolerância, mas com respeito e empatia para com as diversidades (Paula; Macedo. 2021, p. 5) .

Logo, a transformação social e política, bem como em outros campos, depende do quanto o indivíduo conhece do mundo. A pessoa que exerce o ato de ler, de forma consciente, munida de um pensamento crítico, pode adquirir conhecimento para lutar não apenas pela sobrevivência ou ascensão individual, mas também pela igualdade social em todos os níveis, pois está apta a se apropriar de uma arma poderosa contra a desinformação e a ignorância, que é uma forma de cegueira.

Ao perguntarmos sobre os fatores que influenciam/motivam na hora de escolher um livro para ler, 77,8% disseram que são movidas pelo tema ou o assunto e 22,22%, por outro motivo. Destas, uma alegou que além do tema, segue dica de mais, o título ou o autor (a) e outra disse que o próprio círculo foi um motivador.

Quadro 34 - Possíveis razões que impediram de ter lido mais este ano

Unidade de registro	Respostas das participantes
Atividades escolares	<ul style="list-style-type: none"> ● Rotina exaustiva da escola, cansaço físico e mental, desmotivação e desorganização (Lírio 1) ● Rotina escolar e questões pessoais (Diem) ● As atividades escolares e serviços do dia a dia (Girassol) ● o ifal. (Lana)
Fator tempo	<ul style="list-style-type: none"> ● Falta de estímulo e de tempo. (Lírio 2) ● Falta de tempo e acomodação (Cher) ● tempo, obrigações da vida e cansaço (Laurel)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Conforme os encontros foram acontecendo, parte das estudantes demonstraram que, além de estudarem, ainda cuidavam de suas casas, haja vista morarem distante de seus pais e, outras, que residiam com eles, ajudavam nos afazeres domésticos. Logo, a alegada falta de tempo, para esse recorte, pode ser entendida como um fator importante na inserção de hábitos que demandem mais

atividades além daquelas desempenhadas no dia a dia da rotina caseira e escolar. Por isso, a escola é um ambiente favorável para o/a estudante desenvolver essa habilidade e os agentes de letramento, em especial, os/as professores/as têm a função importante de estimular essas habilidades, compreendendo as dificuldades acima descritas ou outras que porventura venham a ocorrer.

Com relação à avaliação da experiência da leitura realizada em um ambiente como a biblioteca, as respostas revelaram que foi de boa a excelente, vejamos no Quadro 35:

Quadro 35 - Avaliação da experiência da leitura realizada na biblioteca

Unidade de registro	Respostas das participantes
Boa/muito boa/excelente	<ul style="list-style-type: none"> ● muito boa (Laurel) ● Muito bom e aconchegante, pois a atmosfera do ambiente acaba influenciando na qualidade de leitura (Lírio 1) ● boa. a biblioteca e confortável mas as vezes nem tanto em questão de concentração. (Lana) ● Muito boa. (Lírio 2) ● Em minha experiência foi muito bom, era interessante ouvir outros pontos de vistas sobre o mesmo tema e como cada uma tinha uma interpretação da escrita mas mesmo assim tínhamos as mesmas conclusões. Isso me empolgava e me divertia (Cher) ● Eu avalio em 100% , Muito bom ! e Maravilhoso kkkkkkk . Sem brincadeira, eu não esperava muito quando fui convidada para a roda de leitura , porém no mesmo dia eu senti o impacto e aquele ambiente bom e agradável. Experiência incrível (Girassol) ● Uma das melhores experiências que o ifal me proporcionou (1456) ● 10 (Bibi) ● Maravilhosa, me proporcionou muitos momentos de diversão e interação pessoal e literária (Diem)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Por meio dessas respostas, é possível perceber que a prática de Círculos de Leitura é uma estratégia que pode auxiliar estudantes em sua formação desde o início até o final de seus estudos. Uma das razões para isso é que o senso crítico das estudantes foi aguçado durante os encontros, devido a esse formato de leitura em grupo, que inegavelmente realça o lugar de fala do indivíduo, seja de qualquer classe social e em qualquer contexto: ambientes formais, como os espaços da escola, e ambientes não formais, inclusive no lar.

É na construção do diálogo, da problematização dinâmica, da busca pela contraposição, com a finalidade de se chegar à convergência, ou não, que se constrói o leitor crítico e emancipado. Há necessidade, pois, de escutar o/a estudante a partir

da sua visão de mundo e ajudá-lo/la a descobrir que, para além dos seus estudos dentro do currículo escolar, a leitura literária deve ser considerada, por meio da qual pode haver uma mudança interior e também do mundo seu redor. Afinal, não existe pessoa vazia, mas que evolui a cada novo conhecimento adquirido, o qual auxilia na (re)construção do ser humano.

No último Quadro 36, solicitei sugestões para novos projetos de leitura, e obtive as seguintes:

Quadro 36 - Sugestões para um novo projeto de leitura

Respostas das participantes
poderia ser algum suspense, ou romance, ou não ficção também (Laurel Hell)
Hmmm.... - No início do círculo cada participante adotasse um personagem para si . - E claro sempre fazer comentários a cada capítulo ou partes que já leram (Girassol)
mais dinâmico. (Lana)
Não tenho sugestões. A modalidade de ler o livro em conjunto é melhor que individualmente pois o livro se torna muito mais proveitoso ao lermos em conjunto. (Lírio 2)
De mais de 1 ou 2 livros para ler, no mínimo (Diem)
Divulgar mais (1456)
Fazer de maneira assíncrona, onde se teria metas de capítulos semanas e no fim de semana ou em uma data marcada se comentaria sobre esses capítulos. (Cher)

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Apenas 07 (sete) participantes responderam a essa pergunta. A sugestão das estudantes Laurel, de ler outro gênero de leitura e Diem, de ler 1 ou 2 livros, demonstra que a atividade foi proveitosa, pois enseja novos projetos de semelhante natureza. Já a estudante Cher parece ter gostado da experiência, mas sugere que seja realizada de maneira diferente, na qual teriam tempo para ler e no encontro seguinte, debater. A estudante Girassol, apelou para a dramaturgia, mas sempre tendo em foco a leitura, bem como os comentários a cada capítulo. Logo, percebe-se a importância da leitura em grupo, realizada em círculos de leitura.

Quanto à falta de divulgação aventada pela estudante 1456, como anunciado na escrita inicial nesse trabalho, foram demandados todos os esforços à época para que houvesse uma adesão maior de participantes. Contudo, há de se considerar que sempre existem maneiras de se divulgar mais uma atividade, principalmente uma que consideramos de tanta relevância e almejamos obter resultados promissores e efetivos. Assim sendo, há de se considerar essa sugestão num próximo projeto de leitura, buscando outras alternativas diferentes das utilizadas.

5 O PRODUTO EDUCACIONAL: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Esta Seção intenciona apresentar à/ao leitora/or o Produto Educacional desenvolvido a partir de nossa pesquisa.

Os Mestrados Profissionais se distinguem dos Acadêmicos porque é necessário que, além de produzir a dissertação, o/a discente também elabore um Produto Educacional como parte suplementar do trabalho, pois nessa modalidade deve haver uma integração entre o conteúdo disciplinar e o pedagógico, como define o Comunicado Conjunto nº 001/2013 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES):

Os Programas da Área de Ensino, na Grande Área Multidisciplinar da CAPES, focam as pesquisas (artigos e livros) e produções (processos, materiais, tecnologias educacionais e sociais, propostas educativas, 59 políticas públicas) em “Ensino de determinado conteúdo”, buscando interlocução com Áreas geradoras dos conhecimentos a serem ensinados. É característica específica da Área o foco na integração entre conhecimento disciplinar e conhecimento pedagógico. A Área de Ensino é, portanto, uma Área essencialmente de pesquisa translacional, que busca construir pontes entre conhecimentos acadêmicos gerados em educação e ensino para sua utilização em produtos e processos educativos na sociedade (CAPES, 2013, p. 01).

Uma vez elaborado, o Produto Educacional foi apresentado à Banca, no momento da defesa pública, e teve como pressuposto a sua aplicabilidade por outros/as pesquisadores/as no contexto real, seja em sala de aula ou em outro ambiente não necessariamente formal de ensino. Porquanto,

[...] a modalidade profissional necessita estabelecer uma interlocução com demais setores da sociedade, extrapolando os muros da academia e promovendo “transferência de tecnologia” científica e/ou cultural, bebendo na fonte da pesquisa aplicada, além de ampliar o tempo de exposição e reflexão do profissional aos referenciais teórico-metodológicos de cada área de conhecimento (Rôças; Moreira; Pereira, 2018, p. 61).

Enquanto a ideia da pesquisa é procurar solucionar ou minimizar problema/s observado/s, o Produto Educacional se configura como uma ferramenta capaz de auxiliar esse processo, promovendo possibilidade de resposta a tal prognóstico, posto que tem “[...] o intuito de responder a uma/um pergunta/problema, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo” (Bessemer; Treffinger, 1981 *apud* Rizzatti *et al.*, 2020, p. 7).

Em se tratando de artefatos, no âmbito educacional, vale destacar que,

No contexto da concepção de produtos educacionais, entendemos artefatos como um ou mais objetos físicos ou digitais (texto, vídeo, blog, podcast, etc.) que compõe um produto educacional ou está relacionado ao seu desenvolvimento. Observado isoladamente, isto é, fora do produto educacional, o artefato não é capaz de orientar professores, alunos ou gestores quanto ao seu propósito educacional, não respondendo ao problema de pesquisa (Mendonça *et al.*, 2022, p. 8).

Ou seja, “[...] todo produto educacional pode ser composto por um ou mais artefatos. Contudo, um artefato não é um produto educacional (Mendonça *et al.*, 2022, p. 8). Portanto, só existe artefato acompanhado do Produto Educacional, pois este é o guia didático que traz as respostas ao/s problema/s suscitado/s, e orienta àqueles/as que desejam fazer uso do instrumento. Logo, O PE pode ter diferentes modelos, conforme a/a pesquisado/a considere adequado ao seu estudo: manuais, materiais didáticos, softwares, aplicativos, Sequência Didática, cursos de formação continuada, eventos organizados, entre outros.

Sendo assim, a sequência didática com vistas ao desenvolvimento de práticas de Letramento Literário, por meio da realização de nove encontros, serviu de artefato para materializar o Portfólio na condição de Produto Educacional, pois, para a realização do estudo, os Círculos de Leitura foram os procedimentos metodológicos considerados por nós pertinentes aos objetivos da pesquisa, tendo em vista o objeto e o público a que se destinaram. No portfólio elaborado como PE, estão contidos elementos relevantes colhidos durante a investigação: a) a interação das estudantes nos Círculos de Leitura; b) fotografias dos encontros; bem como, c) o cotejo (cruzamento) dos dados advindos dos demais instrumentos investigativos, que são os questionários aplicados como instrumentos de coleta de dados.

Cabe destacar que, diante das variadas maneiras pelas quais se caracteriza um portfólio, a definição que coaduna com o tipo de produto que desenvolvemos é a de Crockett (*apud* Alvarenga, 2006, p. 138), que destaca que o Portfólio é “uma amostra de exemplos, documentos, gravações ou produções que evidenciam habilidades, atitudes e/ou conhecimentos e aquisições obtidas pelo estudante durante um espaço de tempo”.

A escolha desta tipologia de PE se deu porque, no âmbito do ProfEPT/Ifal, existe razoável escassez de Produtos Educacionais que têm como princípio a oferta de Círculos de Leitura materializados no gênero Portfólio. Dessa forma, elegemos o

Portfólio porque almejamos que possa servir não como modelo, mas como uma alternativa para todos/as aqueles/as que busquem desenvolver produtos semelhantes para se trabalhar o letramento em ambientes formais e não formais de ensino, com as adaptações necessárias a cada realidade, posto que esse estudo é amplo e não poderá se limitar a este recorte de discussão, embora ele possibilite subsídios para a promoção de tal reflexão.

Para isso, descrevemos no encarte, de forma didática, noções sobre esse tipo de PE, os assuntos que tiveram relevância nos encontros e catalogando o passo a passo, com base na nossa experiência, para que professores de Língua Portuguesa/Literatura ou outros agentes em práticas interdisciplinares tenham acesso ao material produzido.

O Portfólio foi avaliado por quatro docentes de Língua Portuguesa, pois, embora os Círculos de Leitura tenham sido realizados na biblioteca do contexto em que se desenvolveu a investigação, a obra é prevista nos conteúdos programáticos das terceiras séries do ensino médio. Portanto, elegemos professores/as que, além de se voluntariarem para fazer a avaliação, trabalham com a obra em tela e também têm a percepção sobre questões que são ligadas à leitura e ao letramento literário, além de termos podido contar com 3 doutores/as e um/a mestre/a. Há ainda de se considerar que, nesse caso, três docentes têm doutorado em Linguística e um/a tem mestrado em Educação, o que, a nosso ver, compõe um público interessante para análise e proceder à avaliação do PE em primeira instância de avaliação.

A avaliação ocorreu por meio de um questionário disposto no Apêndice 3, a partir de sete perguntas, sendo duas delas semiestruturadas, e mediante as respostas obteve-se os seguintes dados:

- a) 100% dos/as docentes concordaram plenamente que a linguagem utilizada, a considerar o gênero textual Portfólio, é de fácil compreensão; As características visuais do Portfólio são atrativas do ponto de vista estético e da organização textual; e a clareza do ponto de vista da organização das ideias, bem como as imagens permitem identificar o Produto de forma dinâmica.
- b) 75% **concordaram plenamente** e outros 25% **concordaram** concordam que a quantidade de páginas é suficiente para desenvolver o conteúdo a que o produto intenciona.

c) 50% **concordaram plenamente** e outros 50% **concordaram** tem a possibilidade de ser reaplicado, em alguma medida, no contexto de sala de aula em que atuam na condição de docente de Língua Portuguesa.

Em relação à pergunta sobre as potencialidades e/ou fragilidades do Portfólio, a partir de suas percepções como docentes, destacamos algumas respostas que, em muito, se assemelharam: “É uma proposta com grande potencial, sobretudo por contribuir para a manutenção do letramento literário, tão importante para a formação integral do sujeito”; “promoção da interação entre os(as) estudantes”, “fomenta a reflexão crítica dos(as) estudantes”; “a possibilidade de ampliação do repertório literário dos(as) estudantes, permitindo o contato com diferentes gêneros, estilos e autores(as)”; “O Portfólio de círculos de leitura promove o letramento literário em ambiente formal em qualquer escola de ensino médio, pode ser adaptado para trabalhar outras obras, como também trabalhar em outros níveis de ensino, inclusive o superior – uma das potencialidades desse recurso tão bem construído e bem planejado”.

Referente às fragilidades, um/a docente não abordou sobre elas; uma docente afirmou: “não as enxergo no Portfólio, mas no atendimento a ele, por meio da Instituição, que podem comprometer a eficácia do uso dos Círculos de Leitura no processo de formação discente.”; e a outra, asseverou: “Não percebi fragilidade para o que esse produto propõe, ao contrário, percebi autoridade, empoderamento, percepção da identidade e força feminina, letramento, formação discente e docente, extrapola as possibilidades do trabalho pedagógico.”

Por fim, dos/as quatro docentes, três docentes fizeram algumas sugestões, quais sejam: que o objeto de pesquisa esteja escrito de forma mais delimitada e que onde estiver escrito o problema de pesquisa, ele também esteja escrito; a criação de um parágrafo para simplificar e situar a origem dos discursos; conceituar o gênero textual e os gêneros textuais; trabalhar a biografia da autora antes da leitura da obra; apresentar as impressões das estudantes quanto aos saberes construídos sobre o gênero textual trabalhado; e trabalhar os conceitos de novela, mulher e feminilidade.

A partir disso, direcionamo-nos ao atendimento, na medida do possível, das sugestões para que, assim, pudéssemos apresentar o PE a seguir.

PORTFÓLIO

Círculos de Leitura

Possibilidades de desenvolvimento
do letramento literário no Ensino
Médio Integrado ao Técnico



Edileuza Lima Ferraz
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti

**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**

Campus Benedito Bentes

Expediente

Autor

Edileuza Lima Ferraz

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1913730971228364>

Orientador

Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2706881213553955>

Artes, Projeto Gráfico e Diagramação

José Diego de Lima Costa Caparica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Avançado Benedito Bentes
Biblioteca

F381c

Ferraz, Edileuza Lima.

Círculos de leitura: possibilidades de desenvolvimento do letramento literário no ensino médio integrado ao técnico / Edileuza Lima Ferraz; Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti. – 2024.

52 f. : il.

ISBN: 978-65-01-00393-1

Produto Educacional da Dissertação - Letramento literário no ensino médio integrado: o portfólio de círculos de leitura na biblioteca escolar (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) Instituto Federal de Alagoas, Campus Avançado Benedito Bentes, Maceió, 2024.

1. Educação. 2. Letramento Literário 3. Ensino Médio Integrado. 4. Educação Profissional e Tecnológica. I. Cavalcanti, Ricardo Jorge de Sousa. II. Título.

CDD: 370

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1:	Conhecendo a obra	19
Imagem 2:	Registrando os encontros	23
Imagem 3:	Cópias entregues da obra	24
Imagem 4:	Analisando o material	24
Imagem 5:	E assim se fez o círculo	24
Imagem 6:	Algumas indagações	32
Imagem 7:	Nosso universo participante	34
Imagem 8:	Falando em Macabéa	38
Imagem 9:	Cine pipoca - Preparando o ambiente	40
Imagem 10:	Cena do filme - 1	40
Imagem 11:	Cena do filme - 2	40
Imagem 12:	Encerrando com foto	47

Sumário

	Descrição técnica do Produto Educacional.....	03
1	O nosso Portfólio	04
	Apresentação - Palavras da autora	05
	Apresentação - Palavras do coautor	08
	Por que e para quem	10
	Mas, o que é um Portfólio?	10
2	O Produto Educacional na perspectiva do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Técnica – ProfEPT	12
3	Como tudo começou: uma preocupação, uma ideia	14
	LETRAMENTO LITERÁRIO: dizeres da pesquisadora.....	15
	Um pouco sobre gêneros literários: novela, conto e romance.....	16
4	A hora da estrela: breve relato	18
5	Círculos de Leitura: o que Cosson tem a nos ensinar?	20
6	Nossos Círculos: criando laços	22
	Seção 1 - Círculo de Leitura 1	24
	Seção 2 - Círculo de Leitura 2	26
	Seção 3 - Círculo de Leitura 3	28
	Seção 4 - Círculo de Leitura 4	30
	Seção 5 - Círculo de Leitura 5	32
	Seção 6 - Círculo de Leitura 6	34
	Seção 7 - Círculo de Leitura 7	37
	Seção 8 - Círculo de Leitura 8	40
	Seção 9 - Círculo de Leitura 9	41
7	Minhas impressões sobre os encontros	43
	O necessário clichê: antes e depois	45
8	Algumas considerações, que não se tenham como finais	48
	Referências.....	51

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Origem do Produto: Dissertação intitulada “Letramento literário em ambiente formal no ensino médio integrado: o portfólio de círculos de leitura na biblioteca escolar.

Título do Produto: Círculos de Leitura: possibilidades de desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio Integrado ao Técnico

Área de Conhecimento: Ensino.

Área de Concentração: Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em EPT – Linha 1

Macroprojeto: Práticas Educativas no Currículo Integrado – Macroprojeto 3

Tipologia deste Produto: Portfólio

Finalidade: Oferecer ao professor do Ensino Médio Integrado e a todos aqueles que se apropriam da condição de agentes de letramento alternativa para ser utilizada com os/as estudantes, a fim de que vejam a leitura literária como algo interessante, prazeroso e cheio de boas perspectivas.

Estruturação do Produto: Portfólio contendo os procedimentos metodológicos voltados à realização dos Círculos de Leitura, promovidos na Biblioteca Benevides Monte, do Campus Maceió do Ifal.

Registro do Produto/Ano: Biblioteca do Ifal – *Campus Benedito Bentes*, 2024.

Avaliação do Produto: Produto Educacional avaliado por quatro docentes do componente curricular Língua Portuguesa do *Campus Maceió*, lócus da investigação.

Disponibilidade: Irrestrita, preservando-se os direitos autorais, com a proibição do uso comercial do produto.

Divulgação: Em formato digital, via EduCAPES (licenciado via Creative Commons), bem como em Repositório Institucionais do Ifal.

Instituições envolvidas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas.

URL: <https://www2.ifal.edu.br/profept>

Idioma: Português - **País:** Brasil - **Estado:** Alagoas - **Cidade:** Maceió

SOBRE A AUTORIA

Edileuza Lima Ferraz

Servidora técnico-administrativa do Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*. Graduada em Letras-Português/Inglês; especialista em Gestão de Pessoas; e Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifal), *Campus Benedito Bentes*.

E-mail: edileuza.ferraz@ifal.edu.br

Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti

Professor efetivo de Língua Portuguesa do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - Ifal. Professor e Pesquisador Permanente do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifal), *Campus Benedito Bentes/Ifal*, onde exerceu a função de Coordenador Acadêmico Local (2018-2020/2020-2022). Doutor e pós-doutor em Linguística. Foi orientador do presente trabalho.

E-mail: ricardo.cavalcanti@ifal.edu.br



O nosso
PORTFÓLIO

APRESENTAÇÃO

Palavras da autora



Olá, caros/as docentes!

A intenção de elaborar este portfólio foi oferecer ao/à professor/a do Ensino Médio Integrado, bem como a todos aqueles que se apropriam da condição de agentes de letramento, seja em ambientes formais e não formais de ensino, uma alternativa para ser utilizada com os/as estudantes, a fim de que vejam a leitura literária como algo interessante, mas que, acima de tudo, possam desenvolver suas habilidades, de forma crítica e emancipatória.

Ao promovermos condições de uma leitura oral, exercida em grupo, seguida de um diálogo em torno dos temas abordados e trazendo para a discussão a vida cotidiana em que os/as estudantes estão inseridos/as, o senso de coletividade, bem como do conhecimento de si mesmo e do próximo, produz construções, questionamentos e reflexões, redundando em experiências que colocam o sujeito como centro de sua própria vida e de sua própria aprendizagem.

Além disso, as interações ocorridas nesses momentos são propícias à imaginação ser acionada de um modo mais efetivo do que na leitura exercida individualmente. Logo, esse tipo de atividade, que traz para os momentos de encontro a construção dos conhecimentos mútuos, aproxima o sujeito de uma formação integral, tão buscada no modelo de ensino que a Educação Profissional e Tecnológica tem como pressuposto ofertar.

Com essas palavras preliminares, é importante situar que o nosso objeto de estudo é a promoção de círculos de leitura com a tônica do Letramento Literário, e teve a seguinte pergunta de pesquisa: *De que forma os círculos de leitura promovidos contribuem para o letramento literário na Educação Profissional e Tecnológica – EPT?*

Assim sendo, para construirmos o nosso Portfólio, seguimos esta sequência: 1) na primeira parte, discorremos sobre conceitos relativos ao gênero Portfólio, bem como o motivo por que realizamos nossa opção por ele; 2) em seguida, ativemo-nos sobre a necessidade da elaboração do Produto Educacional no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, o ProfEPT; 3) apresentamos materiais colhidos durante os encontros nos

Círculos de Leitura, os quais consideramos mais relevantes para o objetivo do estudo e, por fim, 4) apresentamos nossa percepção acerca do trabalho e das considerações que não podem ser estimadas como finais, posto que uma pesquisa sobre esse tema é considerada inacabada, haja vista os processos de letramento como contínuos e infinitos, em acordo com o que vimos a discutir, em meio a tantas outras que poderão vir, sob uma gama de olhares diferentes e essenciais nesse sentido.

Com isso, esperamos que os Círculos de Leitura sugeridos neste Portfólio, possam apresentar uma possibilidade quanto ao desenvolvimento do Letramento Literário a partir da leitura de uma obra, a exemplo de *A hora da estrela*, que foi discutida nos encontros presenciais e trouxe resultados significativos em relação aos propósitos intencionados ao desenvolvimento da pesquisa.

Os aportes teóricos sobre Letramento estão amparados epistemologicamente por Cosson (2006, 2014) e a pesquisa Retratos da leitura (2021); sobre Portfólio, nosso embasamento está em Gusman (2001); Alvarenga (2006) e Barros e Cavalcanti (2021).

A pesquisa realizada teve natureza qualitativa, que “parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia” (Gibbs, 2009, p. 16). Nesse sentido, o estudo visou a compreender e descrever a situação que gerou o desinteresse pela leitura de estudantes do Ensino Médio Integrado.

Elegemos o método da Pesquisa-ação, pois dessa forma há o envolvimento dos pesquisadores nas questões do cotidiano das participantes. Parafraseando Barbier (2002, p. 14), não existe pesquisa-ação sem a implicação dos pesquisadores. Já Thiollent (1986, p. 14) define que:

A pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Diante do exposto, afirmamos que o caráter político emancipatório é evidenciado na pesquisa, posto que a pesquisadora se assume como agente de letramento, no propósito de modificar, em alguma medida, a realidade investigada, ao fomentar o interesse pelo hábito da leitura, bem como, instigar a capacidade crítica das participantes envolvidas no estudo.

Para interpretação dos nossos dados, optamos pelo método de Análise de Conteúdo, técnica apresentada por Bardin (1977, p.38), como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Considerando que, em caso de pesquisa qualitativa o/a pesquisador/a tem a liberdade para escolher a técnica de análise que deseja utilizar, essa

foi a que melhor se adequou ao nosso estudo.

Edileuza Lima Ferraz

Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo ProfEPT/Ifal

Servidora Técnico-administrativa lotada na Biblioteca Benevides Monte, Campus Maceió/Ifal

APRESENTAÇÃO

Palavras do coautor



Queridos/as Docentes, tudo bem?

Como bem sabemos, a expressão “letramento literário” tem ganhado força em nossos discursos pedagógicos, especialmente, na condição de docentes de Língua Portuguesa, especialmente, a partir da obra “Letramento Literário: teoria e Prática”, do Prof.Dr.Rildo Cosson, quando, em 2006, trouxe experiências de trabalho com o ensino de Literatura, tanto por meio de seu trabalho em suas turmas de graduação quanto a partir de cursos ministrados em contextos de formação continuada docente.

Nessa mesma esteira, cabe destacar, por exemplo, que o meu contato com discussões sobre o ensino de Literatura na escola básica se deu no momento em que estive na minha graduação em Letras: Port/Inglês, no início dos anos 2000, numa universidade pública, localizada no Nordeste do Brasil. Desde então, já começara a refletir, antes mesmo da prática efetiva de ensino de Língua Portuguesa, sobre aspectos e procedimentos metodológicos a serem levados em conta para um ensino de Literatura em sala de aula num viés empoderador e que pudesse conjugar a prática da fruição ao desenvolvimento de uma abordagem crítico-reflexiva. Autores/as como Marisa Lajolo, Ezequiel Theodoro da Silva, Fanny Abramovich, Lígia Chiappini, além dos críticos literários, a saber: Antonio Candido e Alfredo Bosi, entre outros/as, fizeram-me ter uma percepção mais acurada a respeito de tais abordagens e, principalmente, analisar o porquê e a quem se prestava um ensino de Literatura, que tive na minha educação básica (não diferentemente da maioria dos/as estudantes nas décadas de 1990 e início dos anos 2000) nas escolas públicas brasileiras.

Na condição de estudioso de língua(gem), além da minha experiência profissional com o ensino de Literatura no contexto do Ifal (e anteriormente em outros contextos públicos e privados de ensino), onde também ministro componentes que se voltam a tal tônica, a exemplo de “Projetos Integradores I”, cujo enfoque é a leitura performática, a partir do acesso ao clássico “Teatro do Oprimido”, de Augusto Boal; além de “Saberes e Práticas do Ensino de Língua e Literatura II”, cujo enfoque é o estabelecimento praxiológico, numa abordagem sociointeracionista, de abordagens que contemplem os processos de ensino-aprendizagem de língua e de literatura na perspectiva do desenvolvimento de problematizações que enalteçam a potencialidade do texto literário e o seu lugar na escola

como um veículo de inter-ação. A perspectiva é de, igualmente, romper com discursos quanto à inacessibilidade do ensino das artes, sobretudo, a grupos minorizados, na falsa ideia que estes não possam “consumir” uma literatura que, por muitos/as e há muito, foi concebida como um verniz burguês.

No ProfEPT/Ifal, na condição de Docente Permanente, inscrito na Linha de Pesquisa 1, voltada a Práticas Educativas em EPT, tenho tido a oportunidade de orientar trabalhos pautados em questões, por muito, lamentavelmente, invisibilizadas, que se propõem a problematizar aspectos da inclusão e da diversidade; das discussões ligadas a gênero, numa perspectiva translacional, além do debate integrado na EPT para a promoção do trabalho (como categoria fundante da condição humana), da ciência, da tecnologia, da cultura, e, no caso em tela, na viabilização de reflexões sobre metodologias e procedimentos que podem subsidiar um aparato ao/à docente em práticas educativas, tanto em ambientes formais quanto em ambientes não-formais de ensino.

Com o fito de possibilitar reflexões sobre o ensino da Literatura, tendo em conta a participação de um público composto por colaboradoras do gênero feminino, a partir do nosso feliz encontro no ProfEPT/Ifal, Edileuza e eu vislumbramos desenvolver uma investigação que tivesse a centralidade do debate na obra “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, tendo em vista ser uma das obras recomendadas ao trabalho na 3ª série do Ensino Médio. Tal feito se deu na conjugação com aspectos relacionados ao mundo do trabalho, tendo em vista o contexto investigativo se prestar à formação humana integral de estudantes para o mundo do trabalho. Com isso, o Portfólio “Círculos de Leitura: possibilidades de desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio Integrado ao Técnico” se apresenta como um aporte teórico-metodológico não restritivo ao trabalho com a obra nessa série, mas também noutras séries da Educação Básica e, quiçá, na possibilidade de discussões pautadas na formação inicial e continuada docente.

Intencionado e materializado com muito empenho e dedicação por essa dupla de autora e coautor, este Portfólio contém o percurso metodológico adotado, por meio de oficinas, que foram realizadas nas dependências físicas da Biblioteca Benevides Monte, do Campus Maceió, com a colaboração inicial de 09 estudantes. Há de se destacar, seguindo o raciocínio disposto por Edileuza Lima Ferraz, em sua apresentação anterior, que o intuito do portfólio, como gênero, é o de reunir partes que podem, gradativamente, intencionar dar uma dimensão ao/à leitor/a quanto ao todo realizado, neste caso, uma experiência de ensino com o gênero novela literária.

Prof.Dr.Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (coautor/orientador)
Doutor e Pós-doutor em Linguística
Professor Permanente do ProfEPT/Ifal – Campus Benedito Bentes
Professor EBTT de Língua Portuguesa
Coordenação de Linguagens e Códigos (Colic) – Campus Maceió

Por que um **PORTFÓLIO** e **PARA QUEM?**

Nosso intuito é que este Produto sirva, em alguma medida, de alternativa para aqueles/as que buscam desenvolver produtos semelhantes ou que anseiam ampliar práticas educativas em sala de aula, oferecendo um sentido, cada vez mais especial, ao processo de leitura literária; na biblioteca escolar, em que servidores/as se possam exercer o papel de agentes de letramento; e também nos ambientes não formais de ensino.

Mas, o que é um **PORTFÓLIO?**

Terminologias diversas são atribuídas ao gênero Portfólio: porta-fólios, processo-fólios, diários de bordo e dossiês. Dentre as diversas definições, Gusman (2001) esclarece que:

Fazer portfólio é estar ciente de ser responsável pela construção do próprio conhecimento e, nessa dinâmica, aprender que esse processo será uma ferramenta de trabalho do futuro profissional: um profissional autor de sua caminhada, capaz de construir as estratégias necessárias a cada momento ou situação, além de ser criativo para buscar novas linhas de ação (Gusman, 2001, p. 7).

Nosso Portfólio é o resultado dos conhecimentos adquiridos durante o percurso do nosso estudo, como uma possibilidade que poderá ser utilizada por professores/as e por profissionais que vislumbrem trabalhar com a leitura literária utilizando estratégias criativas durante o processo de ensino-aprendizagem.

Nessa direção, Barros e Cavalcanti (2021, p. 9) asseveram que “um Portfólio não se limita ao registro das atividades discentes; ele pode também ser uma forma de registro e de reflexão do próprio trabalho docente [...]”. No caso, reporta-se ao trabalho da pesquisadora, considerando tratar-se de uma servidora técnico administrativa que atua na biblioteca e que, em sua trajetória pessoal, tem um caso de amor/paixão pelas letras, e de um Professor Pesquisador das letras, da linguística e do letramento.

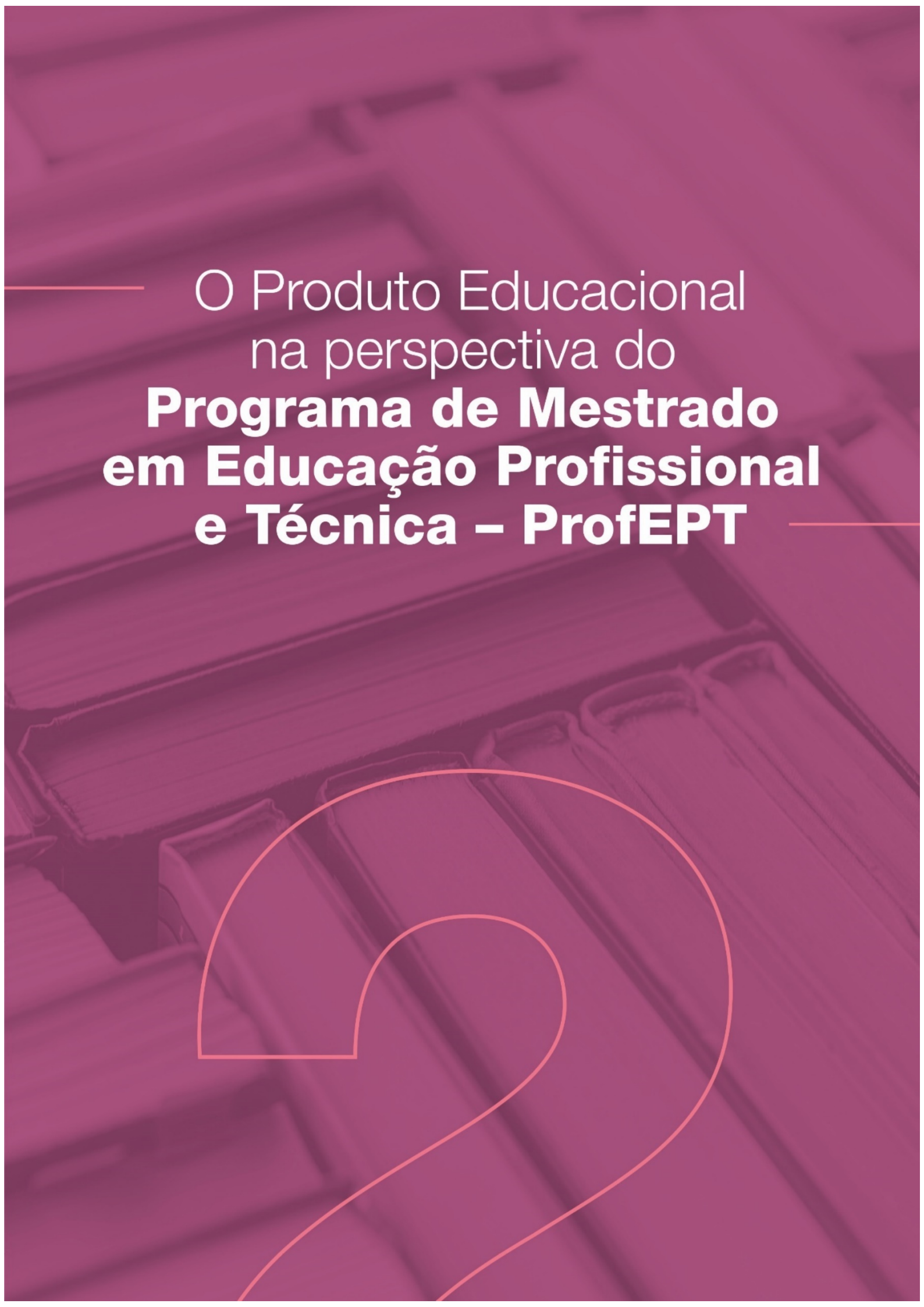
Barros e Cavalcanti (2021, p. 9) apresentam uma definição que se adequa ao nosso produto, tendo em vista o foco: “O Portfólio resulta da materialização do procedimento

metodológico das Rodas de conversa, um dos instrumentos utilizados com vistas à coleta de dados para o desenvolvimento da pesquisa”. Assim, este Portfólio apresenta o material com os percursos metodológicos desenvolvidos nos nossos Círculos de Leitura, bem como, as impressões da pesquisadora, de modo a dialogar com o público a que o destinamos.

Por fim, Crockett (1998 *apud* Alvarenga, 2006, p. 138) qualifica o Portfólio como “uma amostra de exemplos, documentos, gravações ou produções que evidenciam habilidades, atitudes e/ou conhecimentos e aquisições obtidas pelo estudante durante um espaço de tempo”. Nessa perspectiva, destacamos que, diante das várias maneiras pelas quais se caracteriza um portfólio, essa é uma das definições que coaduna com o tipo de produto que desenvolvemos.

A partir de tais conceituações, posicionamo-nos que o portfólio é um gênero textual que se presta ao registro, de forma organizada, com base em uma unidade de ensino desenvolvida, em nosso caso, em círculos de leitura, mas que também pode partir das observações realizadas pelo/a docente em vista de uma prática pedagógica de sala de aula, em componentes curriculares distintos. Noutros termos, o portfólio se assume como um aporte didático eficaz ao trabalho do/a professor/a e do/a pesquisador/a comprometido/a com o processo de reflexão sobre a prática desenvolvida, quer em contextos formais e/ou não formais.



The background of the page is a dark purple color with a faint, high-angle photograph of an open book. The book's pages are visible, and a decorative line in a lighter shade of purple starts from the left edge, curves around the bottom, and ends on the right edge. The text is centered and reads:

O Produto Educacional
na perspectiva do
**Programa de Mestrado
em Educação Profissional
e Técnica – ProfEPT**

Nos Mestrados Profissionais, faz-se necessário que, além de elaborar uma dissertação, o/a discente também desenvolva um Produto Educacional como parte integrativa do trabalho investigativo.

A ideia da pesquisa é procurar solucionar ou minimizar problema, ou problemas, observado(s), e o Produto Educacional se configura como uma possibilidade didática com o propósito de auxiliar esse processo, promovendo devolutiva de resposta a tal prognóstico, posto que tem “[...] o intuito de responder a uma/um pergunta/problema, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo” (Bessemer; Treffinger, 1981 *apud* Rizzatti *et al.*, 2020, p. 7).

O Produto Educacional tem como pressuposto a sua aplicabilidade por outros/as pesquisadores/as no contexto real, seja em sala de aula ou em outro ambiente não necessariamente formal de ensino. Porquanto,

[...] a modalidade profissional necessita estabelecer uma interlocução com demais setores da sociedade, extrapolando os muros da academia e promovendo “transferência de tecnologia” científica e/ou cultural, bebendo na fonte da pesquisa aplicada, além de ampliar o tempo de exposição e reflexão do profissional aos referenciais teórico-metodológicos de cada área de conhecimento (Rôças; Moreira; Pereira, 2018, p. 61).

Para isso, ao descrevermos no encarte as noções sobre esse tipo de Produto Educacional, os assuntos que tiveram relevância nos encontros, catalogando o passo a passo, com base em nossa experiência, procuramos estabelecer essa interlocução com professores/as de Língua Portuguesa/Literatura e/ou outros agentes de letramento em práticas interdisciplinares para que tenham acesso ao material produzido e, de algum modo, este material possa servir como proposição de atividades, evidentemente, salvaguardando as especificidades de possíveis desenvolvimentos.



The background of the image is a stack of old, thick books with worn spines, viewed from an angle. The entire image has a monochromatic purple/maroon color scheme. A large, white outline of a speech bubble is positioned in the lower half of the frame. The text is centered within the upper portion of the image, flanked by two horizontal white lines.

Como tudo começou:
**uma preocupação,
uma ideia**

Tudo começou com a nossa preocupação ao observar que os/as estudantes que frequentavam a biblioteca Benevides Monte, *Campus* Maceió, demonstravam falta de interesse pela leitura, o que emergiu o desejo de realizar um estudo para ter contato com as causas desse fenômeno. A partir do problema, veio a pergunta de pesquisa: de que forma os círculos de leitura promovidos contribuem para o letramento literário na Educação Profissional e Tecnológica - EPT?

A leitura da obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, em círculos de leitura, foi uma possibilidade encontrada para que as estudantes se envolvessem no contexto da história e refletissem sobre os muitos valores da feminilidade implícitos nela, além de outros valores. Era importante, naquele contexto, estimular o desenvolvimento cultural dessas estudantes, ao possibilitar que elas, não somente tivessem acesso às produções literárias, mas que também se percebessem capazes de produzir essas obras. Ademais, incentivar o desenvolvimento da capacidade crítica, integrado ao mundo do trabalho, inserindo-se no contexto de uma construção na condição de ser humano emancipado e livre de limitações.

Nessa perspectiva, não seria interessante oferecer apenas uma leitura de fruição para simples deleite, mas algo de maior abrangência, a exemplo de práticas voltadas ao Letramento Literário, que seria promovido por meio de Círculos de Leitura, à medida que as participantes se envolvessem na leitura da obra em tela.

LETRAMENTO LITERÁRIO: dizeres da pesquisadora



Vamos parafrasear:
*leio, logo existo;
analiso, logo penso.*

Desde a adolescência, eu era uma leitora voraz, o que me dava liberdade, pois “viajava”. Por meio da leitura, eu conhecia lugares, pessoas e ideias descritas por escritores/as fabulosos/as, que logo tornaram-se heróis/heroínas para mim. Essa liberdade era algo que eu utilizava também para

reescrever ou descrever fatos/narrativas/diálogos apenas na minha mente, caso eu ficasse insatisfeita com a forma como haviam sido escritos.

Com isso, o meu senso crítico foi aguçado, porque também fazia comparações com a realidade que me rodeava. Assim, mesmo sem entender, à época, eu estava inserida no contexto do Letramento Literário. Isso foi importante, pois aprendi a escrever minhas próprias histórias e tornei-me escritora. O que nos reporta a Cosson, que tem reiterado o letramento literário como:

[...] posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário (Cosson, 2006, p. 120).

O letramento literário se configura como algo mais profundo e abrangente, em que a simples leitura, dentro de uma perspectiva de letramento, é um ato de saber e de prazer. No Glossário Ceale¹, Cosson (2014) define o letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”. Ou seja, é um processo que acompanha a pessoa a vida inteira.

Como escritora mulher, que enfrentou muitos desafios, entre eles, conciliar o trabalho, os afazeres domésticos e as situações que compõem o universo feminino, escolher uma obra de Clarice Lispector foi uma decisão acertada e muito importante, pois, em sua escrita, ela trata de questões profundas ligadas à realidade desse mundo inerente às mulheres, estas, geralmente são escolhidas como personagens principais de suas obras, abrangendo a rotina do dia a dia e conflitos psicológicos, por meio de uma narrativa intimista.

UM POUCO SOBRE GÊNEROS LITERÁRIOS: novela, conto e romance

Enquanto o tipo textual é a estrutura do texto e todo enunciado que estabelece a comunicação, por meio de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição e injunção, gênero textual é o uso dos textos no dia a dia.

¹ Glossário CEALE - termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores - foi definido, a partir de várias possibilidades dicionarizadas, como “conjunto de termos de uma área de conhecimento e seus significados” Por sua função pedagógica, relacionada à atuação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) na formação inicial e continuada de professores, na pesquisa e na documentação, foi concebido para ser um apoio aos processos de ensino e aprendizagem da alfabetização, leitura e escrita.

Segundo Marcuschi [s.d.],

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (p. 4).

Noutras palavras, o gênero textual explica os textos utilizados diariamente. Por exemplo, a narração é um tipo textual, já uma crônica é um gênero textual, pois transforma um fato do cotidiano em uma narrativa; a exposição é tipo textual, já um seminário é gênero textual baseado numa exposição de ideias.

Nesse sentido, a novela, o conto e o romance se caracterizam como gêneros literários, cada um com suas particularidades, segundo o portal de educação Brasil Escola: a) Novela é um texto narrativo de tamanho intermediário entre o conto e o romance e se concentra no fato principal; b) Romance é uma narrativa mais extensa do que a novela, podendo apresentar um maior detalhamento do enredo e personagens mais complexos; e c) Conto é uma narrativa curta que, em geral, apresenta apenas um conflito.



The background features a dense arrangement of books, their spines and pages creating a textured, layered effect. A semi-transparent red overlay covers the entire scene. Overlaid on this are several thin, white geometric lines: a horizontal line on the left, another on the right, and a complex, stepped line structure in the lower half that resembles a staircase or a series of connected triangles.

A hora da estrela:
BREVE RELATO

A HORA DA ESTRELA: Breve relato

A obra *A hora da estrela* se caracteriza como gênero novela, porque o texto narrativo é um pouco mais longo que um conto, porém menor que um romance. Além disso, o ritmo das ações ocorre de forma mais acelerada. Possui apenas seis personagens: Rodrigo S. M.: narrador; Macabéa: protagonista; Raimundo Silveira: chefe de Macabéa; Glória: colega de trabalho da protagonista; Olímpico: namorado de Macabéa; e Carlota: cartomante.

Nas palavras da própria Clarice Lispector, em uma entrevista sobre a obra, ela informa que essa novela “É a história de uma moça nordestina, de Alagoas, tão pobre que só comia cachorro-quente. A

história não é só isso, não. A história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima” (Guidin, 1996, p. 31).

De fato, o livro relata a história de Macabéa, a protagonista que conta 19 anos, “[...] uma nordestina feia, miserável, tuberculosa, dolorosamente ignorante, profundamente solitária e carente de relações familiares” (Guidin, 1996, p. 51), e o espaço geográfico é a zona suburbana do Rio de Janeiro. Não há precisão quanto ao tempo, levando-se a crer que se passa no ano em que foi escrita, conforme se lê no próprio livro.

Macabéa trabalha como datilógrafa numa fábrica, cujo chefe se chama Raimundo. Ela arranja um namorado no decorrer da história, Olímpico, um homem ignorante e ambicioso, e o perde, em seguida, para a colega de trabalho, Glória. Macabéa não exprime vontade alguma de nada, demonstrando o alheamento de si mesma, a não ser no final do enredo, quando se deixa levar pela crença em uma cartomante que, enfim, vai encontrar a felicidade. Somente o prognóstico já a deixa feliz e esperançosa no futuro que nunca chegará.

É uma história triste, que nos faz refletir sobre a migração nordestina e suas implicações, sobre a pobreza que assola não somente o/a nordestino/a, sobre as pessoas que vivem à margem da sociedade, por vezes invisibilizadas até aos olhos de quem as vê constantemente, sobre o interdito de identidade, entre outros aspectos que, conforme se lê, vai se encontrando.

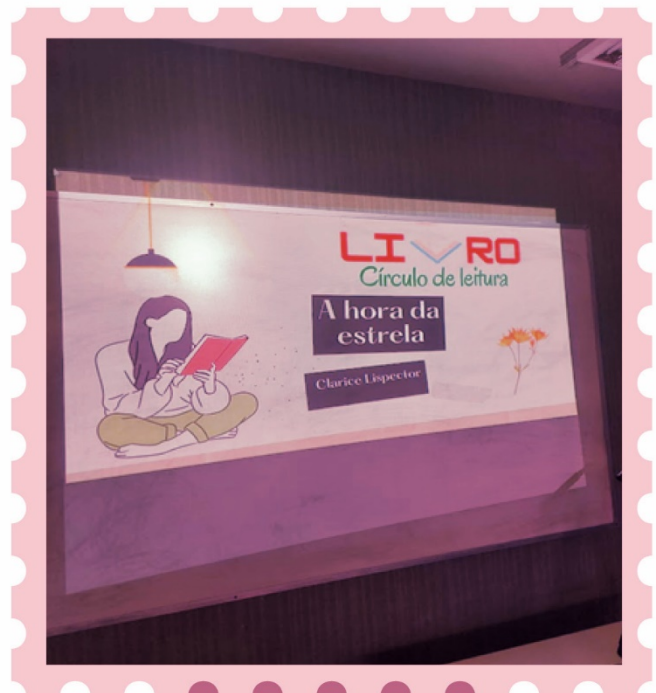


Imagem 1: conhecendo a obra





Círculos de Leitura:
**O QUE COSSON TEM
A NOS ENSINAR?**

Do ponto de vista sucinto, os Círculos de Leitura são atividades de leitura que podem ser realizadas de variadas formas e em variados lugares. Segundo Cosson (2014),



A leitura realizada em círculos de leitura “é uma das maneiras privilegiadas de uma comunidade de leitores se constituir explicitamente” (Cosson, 2014, p. 136).



“[...] um círculo de leitura é basicamente um grupo de pessoas que se reúne em uma série de encontros para discutir a leitura de uma obra” (2014, p. 157).



Os círculos não tentam “formar especialistas, antes reunir em um debate as diversas maneiras como aquele texto pode ser lido, sem que uma interpretação seja considerada melhor do que outra ou se deva chegar a um consenso” (Cosson, 2014, p. 135).

Assim, Círculos de Leitura são uma proposta metodológica que abrange possibilidades de escuta de todas as pessoas, pois beneficia as camadas sociais em sua totalidade, incluindo os grupos minorizados e/ou oprimidos, pois nesses círculos, essas pessoas têm voz e vez. Têm seu lugar de fala e, por extensão, deixam de ser silenciadas e invisibilizadas.





Nossos Círculos:
CRIANDO LAÇOS

Os Círculos de Leitura, com vistas ao Letramento Literário, serviram de artefatos para materializar o Portfólio, pois contou-se com a migração dos dados obtidos nos encontros para a sua realização. No portfólio estão contidos elementos importantes colhidos durante a investigação: a interação das estudantes nos momentos de leitura da obra, com as colegas e a pesquisadora e fotografias dos encontros.

Os encontros foram gravados, filmados e transcritos posteriormente pelo software Transkriptor. As transcrições se deram fidedignamente à forma como as participantes falaram e a motivação foi baseada principalmente na oralidade, considerando o ambiente distante das obrigatoriedades da sala de aula, em que não pensamos em utilizar outras formas de interação, principalmente fichas de leitura.

Transkriptor é uma solução que utiliza IA (inteligência artificial) para transcrever automaticamente áudios em geral. Embora, a partir de tal transcrição feita por esse programa, há necessidade do/a pesquisador/a adicionar passagens e/ou pontuações não captadas por esse mecanismo de transcrição.

Nas seções seguintes, descrevemos a sequência dos **Círculos de Leitura** promovidos, que acompanha os temas desenvolvidos durante os encontros, e as falas consideradas mais relevantes das estudantes pelos pesquisadores.



Imagem 2: Registrando os encontros

SESSÃO I

Círculo de LEITURA 1



Duração
1:36:26

Tema do dia:

Biografia da escritora Clarice Lispector: vida e obra

O objetivo desse primeiro encontro, foi familiarizar as participantes com a vida e a obra de Clarice Lispector e estimulá-las a falar sobre o motivo de aceitarem participar do estudo.

Nesse dia, distribuímos cópias do livro e lemos as páginas compreendidas entre 19 e 23.



Imagem 3: Cópias entregues da obra



Imagem 4: analisando o material



Imagem 5: E assim se fez o círculo...

As falas a seguir, que fizeram parte da análise de dados do nosso estudo, mostram a importância de se convidar estudantes para aderirem a projetos que objetivem incentivar a leitura ou a sua retomada.

“

Éh, meu nome é LANA e o que eu espero desse clube de leitura é que... a gente vê logo perspectivas né? Principalmente feminina, quando você falou do livro eu queria começar a ler, só que eu **nunca tive assim um empurrãozinho** sabe? Aí eu acho legal pra gente ver os hábitos, a perspectiva de cada uma sobre a obra e esse universo pelo mundo.

”

“

Meu nome LAUREL HELL e eu me interessei em fazer parte por ser eh porque nunca me foi proposto isso, acho que eu **nunca tive a oportunidade de participar** ainda mais ser só mulheres aqui e se tratar de uma de uma obra da Clarice ainda mais A hora da estrela que era do meu interesse de ler. Eu cheguei a ler um e foi justamente terminei, sexta-feira, que foi perto do Coração Salvado e acho que foi o primeiro romance. Sim. E eu gostei muito é realmente ela traz muito dessa questão feminina nas obras dela e foi isso.

”

”

Cosson (2014, p. 177) afirma que “[...] a leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas [...]”. Uma das várias maneiras de se efetivar a leitura em grupo é a mediação a partir de círculos de leitura



**Temas do dia:****Aspectos ligados à nordestinidade e aos processos migratórios.****A figura da mulher e o mundo do trabalho.**

No segundo encontro, nosso objetivo foi discutir sobre os processos que envolvem as pessoas que saem do Nordeste para o Sudeste em busca de oportunidades de uma vida melhor, bem como o papel da mulher no cenário do mundo do trabalho.

Lemos a parte compreendida entre as páginas 23 e 30 do livro. As falas abaixo mostram que as estudantes “entraram” na história e a discutiram dos seus pontos de vista, sem contudo se afastarem da realidade da leitura.

Uma coisa que eu tava pensando isso em casa, que hoje em dia existe ainda existe bastante **xenofobia**, e ela veio de outro país para o Brasil, aí já começou daí. Que era do Nordeste e mesmo não sendo uma pessoa classe A, elite agora, mas mesmo assim existe **preconceito** em todo lugar. E tipo ela lá eu acho isso na minha cabeça o que eu penso é de que ela sofria lá, justamente de onde havia nascido, onde ela tem sido criada, e ninguém aceita ela. Ninguém não aceitou ela lá na elite pelo fato da origem dela e nem a classe média aceita. Porque também existe preconceito. (Estudante 1456)

Fatores da personalidade dela também pode, como se ela não se encaixasse. Essa é a tendência dela de se isolar. Talvez também por causa dos livros, do jeito que ela escreve, sobre as coisas que ela escreve, talvez porque as pessoas naquele tempo não tinham não livros, a classe mais baixa não tinha livros. Aí as classes altas ficavam olhando pra esse sonho de escrever e falavam “que é isso?”. Eles não tinham noção das coisas que não acontecia no mundo deles. Ela era casada com diplomata e escrevia sobre a nordestina. É. Ela era, ela era esquisita mesmo, não é? Uma pessoa da classe alta escrevendo sobre uma nordestina. (Estudante Diem)

A partir das falas que consideramos mais significativas, percebe-se que, por meio da leitura e de suas próprias percepções, as estudantes conseguiram compreender a suscitada essência de Clarice Lispector na obra.



**Temas do dia:****Características dos gêneros literários, em especial, o gênero Novela****Interveniências sobre a subjetivação da personagem Macabéa a partir da ótica do narrador Rodrigo S.M**

O objetivo desse terceiro encontro foi apresentar e discutir sobre o gênero do livro que estávamos lendo, para que as estudantes pudessem diferenciar o que era uma novela, um conto e um romance. Além disso, discorrer sobre a figura do narrador da história e a forma como ele via a personagem central da história: Macabéa.

Lemos a parte compreendida entre as páginas 31 e 41 e as estudantes demonstraram impaciência com a inércia de Macabéa.

Ela não tem lençol pra se enrolar de noite, dorme encolhida no frio, não tem comida, e ela não reclama de nada, ela não pede um lençol emprestado. É como se ela tivesse só ela mesma e ela vai se bastando, né? E não reclama de nada e ele tem raiva por causa disso. (Estudante Lírio 2)

É. Ela não reage. Cadê um pouco de fibra? Ela é um doce. Por isso que o seu Raimundo deu a ela mais um tempo de trabalho. Porque que seria dela se não fosse aquele emprego que era tudo o que ela tinha. (Estudante Diem)

É visível como ela sofre e também é explicável. Quando lá atrás a gente viu o porquê de ela não reclamar. É como se não adiantasse reclamar. E também às vezes assim a culpa era tanta que preferia viver desse jeito mesmo e não ia reclamar porque de que adianta? Pra quem reclamar? E se mudasse alguma coisa pra ficar bom será que queria? Então essa história é muito densa mesmo. (Estudante Cher)

A personalidade da personagem central da obra, evidenciados sob a ótica do narrador da história, foram facilmente observados pelas participantes, o que demonstra que, para além do deleite, a obra lida serviu de análise por elas, pois as fizeram raciocinar, inquirir e buscar respostas.



SESSÃO 4

Círculo de LEITURA 4



Duração
1:11:27

No quarto encontro, o nosso objetivo foi discutir os aspectos do universo feminino observados no livro e como a educação pode afastar a desigualdade social.

Temas do dia:

Questões envoltas ao universo feminino presentes na obra.

**A educação como promotora da mobilização social:
por uma educação combatidora de desigualdades sociais.**

Nesse dia, lemos da página 42 à 51. Ao serem indagadas se algumas delas já haviam sofrido algum tipo de preconceito devido ao seu gênero, as estudantes debateram e expuseram seus pontos de vista, a contemplar em seguida:

“Meu estágio. Eu fui pra uma empresa de engenharia elétrica né? E eu passado por todas as fases e tinha feito um questionário. Era uma sessão. E aí passou um menino do segundo ano e ele foi contratado e eu não, ele é do segundo ano, e eu sou do terceiro. E ele não tem como saber as mesmas coisas. (Estudante Jude)”

“Pelo menos o dele não foi explícito e quando eu faço entrevista que a minha é explícita, literalmente dizem, não, porque você é menina. Ah, não, tipo, não, eu gostei muito de você, tem muito conhecimento, mas você não vai aguentar o trabalho. (Estudante Cher)”

Como se pode ver, esse tema trouxe uma questão muito importante ao debate, pois embora a Constituição Federal de 1988 preveja a igualdade de direitos entre homens e mulheres, no seu art. 5º, bem sabemos que, ainda hoje, as mulheres sofrem preconceitos

devido ao seu gênero. Cerqueira relata que, segundo dados do IBGE, (Brasil, 2018), “A mulher tem a escolarização necessária ao exercício da função, consegue enxergar até onde poderia ir na carreira, mas se depara com uma ‘barreira invisível’ que a impede de alcançar seu potencial máximo” (2021, p. 49).

Tal declaração assemelha-se ao relato da estudante Jude, que, devido à sua condição feminina, perdeu o estágio para um “menino do segundo ano”. E, não pude deixar de me enxergar nessa situação, enquanto conduzia a interação entre as meninas, pois, na condição de mulher, desde muito cedo, sofri abusos, tanto no ambiente do trabalho como dentro da própria casa, devido ao assédio que me acompanhou até a adolescência.

Assim sendo, é importante compreender que os círculos de leitura, desenvolvidos em um ambiente em que possamos captar numa obra os aspectos que a compõem e compará-las ao contexto do mundo que nos rodeia, de fato, traz-nos benefícios, além do crescimento cultural e humano.



**Tema do dia:****A figura da mulher e o mundo do trabalho**

Preliminarmente, projetamos slides com as seguintes indagações: A hora da estrela é uma obra hermética, desafiadora, difícil, instigante? O intuito foi que as estudantes expressassem o que pensavam sobre a obra. Isso rendeu algumas ponderações, antes de iniciar a leitura do ponto alcançado no encontro anterior.



Imagem 6: Algumas indagações

Em seguida, procedemos a leitura da página 67 à 74. Nosso objetivo nesse encontro foi discorrer sobre a mulher e seu papel no mundo do trabalho para que as estudantes pudessem se identificar nesse papel, pois algumas já estão inseridas ou próximas de inserir-se nesse mundo. Para isso, iniciamos um diálogo com base em ponderações sobre o movimento sufragista, a fim de contextualizar aquele cenário ao das mulheres da atualidade, a vida de pessoas como a personagem Macabéa, que podem ser encontradas no nosso dia a dia.

As estudantes se manifestaram sobre a jornada dupla de trabalho, como podemos observar a partir das falas transcritas a seguir:

“Porque é isso daí, a mulher trabalha fora, mas quando ela chega em casa, ainda tem que dar conta de casa, tem que tá cuidando do marido, tem filho em casa, a educação dos filhos recai sobre a cabeça das mulheres e não na dos homens, qualquer coisa que acontece é mais a mãe do que um pai, e quem não é casado tem um lar, né? Ninguém vive só trabalhando, a mulher sempre tem alguma coisa além do trabalho. (Estudante 1456)”

“

Tem gente que diz que a jornada em casa ainda é pior do que no trabalho. Tem algumas pessoas que dizem que trabalha mais em casa do que no próprio trabalho assim, é mais cansativo. Eu fico aqui de manhã, de tarde, chego em casa de noite tão cansada que é como se tivesse trabalhando.

(Estudante Lírio 2)

”

As reflexões resultantes do momento, dão conta de que, desde cedo, as tarefas da mulher são árduas e, ao inserir-se no mundo do trabalho, a responsabilidade aumenta, pois além de se igualar aos homens no provimento da casa, as atividades do lar permaneceram sob responsabilidade dela. Essa dupla jornada de trabalho é um problema recorrente e pode se tornar tripla, em muitos dos casos, especialmente, nas situações em que as mulheres também estudam.

Nesse círculo, dispusemos slides dos diálogos de Macabéa com o namorado, o que rendeu muitas risadas, evidenciando que o uso criativo de diferentes recursos pelos mediadores pode tornar a atividade lúdica e diversificado.



SESSÃO 6

Círculo de LEITURA 6



Duração
1:06:58

Tema do dia:

A promoção da mulher por meio de uma educação crítico-emancipatória



Imagem 7: Nosso universo participante

O objetivo da leitura, que compreendeu as páginas entre 67 e 74, foi provocar nas estudantes o senso de criticidade no quesito principal que abrange todas as pessoas, no caso do nosso estudo, em especial, as mulheres: o que poderia ser feito para alterar a situação de Macabéa e de pessoas que estão em situação semelhante.

Ao serem indagadas se algo poderia alterar o destino de Macabéa, as três falas, que transcrevemos a seguir, convergiram para o mesmo sentido: cultura/educação.

“

A cultura, talvez, a sua cultura? (Estudante Lírio 2)

”

“ Acesso à educação. Ter contatos com diferentes tipos de vida?
- Estudante Lana

“ Acredito nisso também, o acesso à educação muda muita coisa.
- Estudante Cher

Destacamos que do ponto de vista jurídico, o acesso à educação é um direito previsto na Constituição Federal, de 1988, mas o nosso foco foi na educação que liberta o sujeito, pois esta é um direito de todos e, inquestionavelmente, por meio dela, alcança-se a emancipação, conceito de educação entrelaçado com o trabalho Freiriano, que critica o modelo tradicional de ensino.

Ele denuncia o problema da educação tradicional, o tema desumanizante do silêncio e do não-diálogo, propondo, em contrapartida, uma educação libertadora que se dará por meio de uma pedagogia dialógica garantidora do acesso ao processo emancipatório e libertador (Freire *apud* Gomes; Henning; Ferreira, 2022, p. 3)).

Ainda que não tenhamos trazido a gravidez como tema, o assunto apareceu, o que foi pertinente, pois atinge, especialmente, as mulheres.

“ **Gravidez** é um fator de evasão escolar.”
- Estudante Lírio 2

“ E eu acho que quando isso acontece, tipo não é incentivado, não é como se fosse incentivado que ela voltasse. Já que é entendido que o papel dela seria ser esposa depois. Então é como se quando ela sáisse alguém fosse incentivar ela voltar a estudar. Como se tivesse o esquecimento das mulheres.”
- Estudante Lírio 1

Logo se vê, que as estudantes identificaram na nossa interação um dos principais motivos de evasão escolar, tema importante que também é motivo de preocupação da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC/MEC e dos gestores da Rede. Conforme Moreira,

Lambert e Castro (2018, p. 4), “os fatores individuais foram os mais identificados [...]” e, dentre eles, um dos que mais se destaca é “[...] a dificuldade em conciliar o trabalho com os estudos [...]” e também

Outros fatores são recorrentes na tomada de decisão pela evasão, como deficiências no processo ensino aprendizagem, a falta de incentivo por parte dos professores, a distribuição das disciplinas no currículo escolar, o excesso de conteúdo, o baixo rendimento nas disciplinas, as frustrações frente aos desafios impostos no meio escolar, bem como problemas de saúde e a gravidez durante o curso (Moreira; Lambert; Castro, 2018, p. 4).

Diante disso, compreendemos que não é uma das tarefas mais fáceis para a escola detectar os problemas e resolvê-los, mas é fundamental que procure sua gênese, debruce-se sobre eles, para que, assim, possa implementar as políticas, num contexto micro, necessárias para minimizá-los.



**Tema do dia:**

**A educação como promotora da mobilização social:
por uma educação combatadora de desigualdades sociais.**

Nesse último encontro, lemos a parte da conclusão, compreendida entre as páginas 75 e 88.

O objetivo final foi, ao terminar a obra, colher o que a história proporcionou no tocante aos sentimentos e às expectativas das estudantes ao desembocar no final já esperado. Assim que leram as últimas palavras, elas expuseram:

“ Não gostei.
- Estudante Girassol ”

“ Também não.
- Estudante Lírio 2 ”

“ Eu só não chorei porque
pensei em outras coisas.
- Estudante Lana ”

“ Acho que se Macabéa tivesse
vivido um pouquinho mais talvez
ela tivesse vencido na vida.
- Estudante Lana ”

Nesse sentido, não houve controvérsias, como se pode ver. Embora a história toda já preanunciasse um desfecho infeliz, a princípio, as estudantes gostariam e torciam para que o destino de Macabéa tivesse sido diferente. Contudo, era difícil, pois Macabéa não sabia o que era viver.

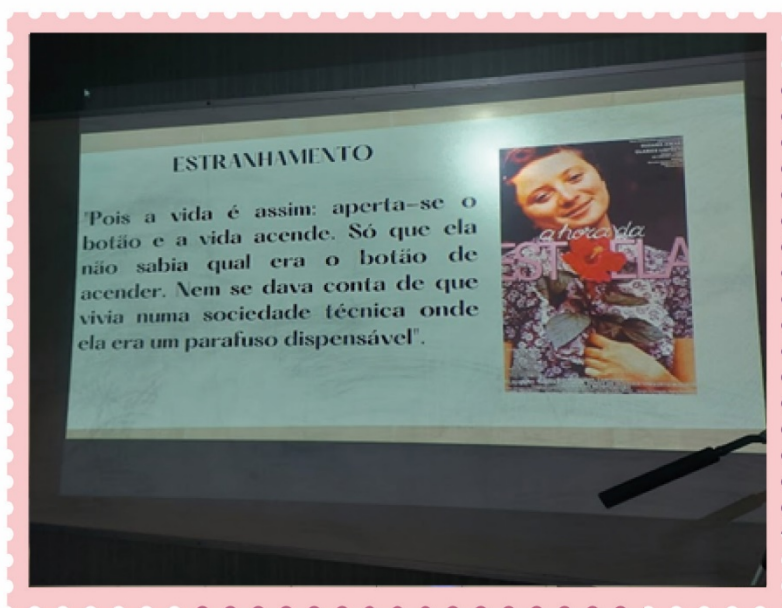


Imagem 8: Falando em Macabéa...

Ao perguntar sobre **fatores que podem alterar o destino das pessoas**, as alunas responderam que:

Pode ter uma outra vida, só que só vai ter que buscar mais. Isso é, no **estudo**.

- Estudante 1456

E quem é que vai estudar passando fome em casa?

- Estudante Lírio 2

Como Macabéa era uma pessoa influenciável, faltou uma boa influência na vida dela.

- Estudante 1456

Eu acho que é um conjunto de coisas. Não é só a escola. O desemprego afeta muito coisa. Porque hoje a gente vê gente que se forma no curso superior e não tem onde trabalhar, não sai do lugar.

- Estudante Lírio 2

Educação, fome, (má)influência e desemprego permearam o debate, demonstrando o quanto se pode extrair de uma leitura literária, se os/as leitores/as estiverem envolvidos/as com os temas, encontrando-os conforme forem sendo instigado/as.

No final do encontro, ao serem questionadas se Macabéa merecia o destino trágico que teve, elas retrocederam, e, embora a princípio tenham ficado penalizadas e torcendo por uma mudança no destino da protagonista, concluíram que ela merecia o que teve.

“

Aquela parte mesmo que as pessoas estavam ao redor dela, mas não ajudavam ela. É como se ela **mercesse morrer**. Acho que é esse o ponto, ela merecia morrer, não tinha como ela ter uma vida boa, ter a chance de ter uma vida boa se ela até aquele ponto alheia a tudo. Então de fato ela merecia morrer.

- Estudante Diem

”

“

Macabéa **não tinha sangue pra viver**, ela não sabia viver.

- Estudante Girassol

”

“

Ela realmente **merecia morrer**.

- Estudante Laurel

”

É fato que as estudantes se rebelaram quanto à inércia de Macabéa e decidiram que ela merecia morrer, uma vez que faltou à personagem posicionamento diante das situações, em especial, diante das pessoas que contribuíram para diminuir o seu papel de protagonista. Elas compreenderam que somos responsáveis pelas nossas decisões e, somente assim, somos autores da nossa própria história.



SESSÃO 8

Círculo de LEITURA 8



Duração
1:45:30



Nesse dia, fizemos um cine pipoca, regado a guloseimas, e assistimos ao filme *A hora da estrela*, da diretora Suzana Amaral, que foi projetado no quadro, por meio do equipamento multimídia. O objetivo principal foi que as estudantes pudessem analisar e destacar as diferenças entre a obra lida e o filme.

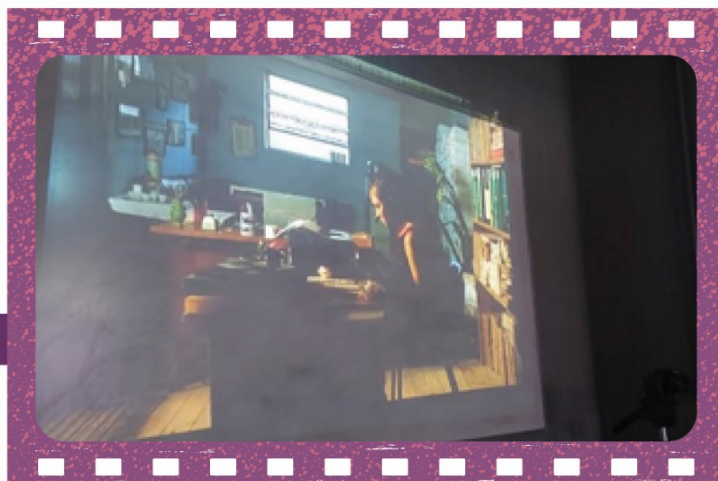


Imagem 9: Cine pipoca - Preparando o ambiente



Imagem 10: Cena do filme *A hora da estrela* - 1

Imagem 11: Cena do filme *A hora da estrela* - 2



**Tema do dia:**

Análise dos tipos de linguagem adotados, considerando a película e a obra escrita/trabalhada nos momentos destinados aos círculos de leitura.

O objetivo principal desse último encontro foi que as estudantes apresentassem suas análises sobre a obra lida, confrontando-a com o filme assistido no penúltimo Círculo de Leitura.

Assim, destacamos alguns relatos sobre algumas características de Macabéa que as estudantes observaram no livro e que não foram encontradas na obra:

Acho que no filme ela **demonstrava muito desejo**, desejo no geral, vontade de algo, vontade do amanhã e no livro ela não tinha vontade de nada disso. Ela vivia porque tava viva.

- Estudante Diem

Assim, é que no filme acho que eles quiseram trazer a imagem de uma Macabéa nova, tipo, pegou ali a Macabéa do livro, mas quis trazer assim uma Macabéa pro público, porque no filme a gente observa que a Macabéa é desejosa, tem até de se casar, isso não tem nada no livro sobre isso.

- Estudante Cher

Acho que no filme Macabéa fala demais, porque no livro era mais o Rodrigo narrando sobre ela.

- Estudante Lana

As estudantes alegaram que, embora o filme tenha apresentado uma Macabéa diferente da conhecida na obra, era necessário fazer isso, para tornar o enredo mais atrativo.

Segundo o entendimento das alunas, não houve fidelidade do filme em relação à obra. Vejamos algumas falas a esse respeito:

“
Porque eu acho que o livro traz uma profundidade que o filme não traz passa uma mensagem diferente, querendo ou não.
”
- Estudante Cher

“
Tipo eu acho que foi fiel à sequência de acontecimentos, mas não conseguiu, a essência da Clarice mesmo foi perdida.
”
- Estudante Lírio 1

“
É como ela tá falando, porque no livro a Clarice deixa claro que vai ser uma história cruel, nua, crua, que é diferente no filme, que a gente não sente a crueldade da história de Macabéa, como ela é uma pessoa vazia de vontade, de futuro, como as pessoas são com ela, como isso afeta ela, a essência vazia de Macabéa, a gente não sentiu isso no filme. Eles tentaram suavizar a crueldade que a Clarice deixa claro na obra.
”
- Estudante Diem

De fato, não há possibilidade alguma de um filme ser totalmente fiel à obra, visto que “[...] o filme é uma interpretação do texto escrito e a infidelidade, se é que existe tal coisa, não é ao romance, mas sim à interpretação que o leitor fez do romance quando o leu” (Cosson, 2014, p. 17). Assim, ao transformar um romance em filme, aparecem outros elementos necessários para a composição do enredo e torna-se impossível a fidelidade aos escritos.

Diante de tudo, as respostas enfáticas e precisas das estudantes demonstraram um grau de maturidade em suas análises, como também o desejo de serem completamente diferentes da protagonista da obra, pois, ao perguntar se elas achavam que Macabéa era infeliz, quase por unanimidade, responderam que não, pois Macabéa “era tão inerte que não sabia o que era ser feliz ou infeliz” e “era uma pessoa neutra.” Tais afirmações, aliadas a outras proposições no decorrer dos encontros, levam a crer que as estudantes não somente perceberam o valor da leitura, como o que esta pode proporcionar no sentido de compreenderem o seu papel no mundo. E que esse papel em muito se distancia da inércia e do alheamento, principalmente de si mesmas, observado na personagem central.



The background features a dense collection of books, their spines and pages creating a textured, layered effect. A semi-transparent red overlay covers the entire scene. Overlaid on this are several white geometric lines: a horizontal line on the left, a horizontal line on the right, a large white-outlined rectangle in the lower-middle section, and a white curved line at the bottom. The text is centered in the upper half of the image.

Minhas impressões sobre
OS ENCONTROS

Os encontros dos Círculos de Leitura ocorreram presencialmente entre os meses de abril e maio de 2023, na Biblioteca Benevides Monte, do *Campus* Maceió, Instituto Federal de Alagoas (IFAL). As datas foram previamente agendadas com as participantes e, nos momentos de interação, foram utilizadas cópias da obra, slides, celular para gravar e filmadora. A realização das atividades foi majoritariamente por meio da oralidade, contando com a leitura, seguida por comentários e sugestões por parte das participantes.

Como servidora técnico-administrativa, exercendo minhas atividades na biblioteca do *Campus* Maceió, pude observar o quanto é importante fomentar ações que direcionem estudantes para a leitura literária, utilizando estratégias que tornem essa atividade atrativa. No entanto, é necessário ressaltar que qualquer ação que envolva pessoas, cada uma dentro de suas rotinas, e essas ações necessitem de um cronograma, torna-se difícil realizá-las sem interveniências.

Inicialmente, nosso receio era não conseguirmos a quantidade considerada minimamente plausível para compor nossos encontros, tendo em vista um público específico de estudantes do gênero feminino, das 3ª séries dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do turno matutino. De fato, após 157 (cento e cinquenta e sete) convites, apenas 12 (doze) estudantes se dispuseram a participar efetivamente do estudo e esse número ao final baixou para 09 (nove). Contudo, compreendíamos que em pesquisas de natureza qualitativa, cuja adesão voluntária se dá por parte do público-alvo, essa diminuição estava, em alguma medida, prevista, mesmo a considerar a expansão dos convites.

A esse respeito, ainda que não tenhamos dados que corroborem – mas temos alguns relatos sugestivos – parece-nos plausível afirmar que a pouca adesão aos estudos, possivelmente, se deva ao fato de que os encontros aconteceram logo após o término das aulas, o que, de alguma maneira, não deixa de ser um aumento da carga horária semanal. Ainda nesse sentido, embora não se configure como aumento de conteúdo, os círculos de leitura são uma prática educativa que impacta o tempo gasto durante os dias em que ocorrem, caso seja realizada fora de sala de aula. Assim, podemos afirmar que essa foi a principal dificuldade encontrada.

A opção por essa modalidade de estudantes se deveu ao fato de já apresentarem, de algum modo, maturidade para abordar assuntos delicados que se encontram na obra. Nesse sentido, entende-se que, ao chegarem à 3ª série, normalmente essas estudantes já leram diversas obras literárias nas séries anteriores, conferindo-lhes maior capacidade de análise e entendimento em um nível, de elementar a avançado, quando comparado aos anos iniciais da Educação Básica, além de terem adquirido experiência na condição de estudantes de um *Campus* pertencente à Rede Federal de Ensino. Não deixando de se considerarem as próprias vivências provenientes do contexto social de qualquer pessoa, acrescidas a cada ano de vida.

A exclusão do gênero masculino ocorreu devido aos assuntos que seriam abordados na leitura, que envolviam diretamente o universo feminino, desconsiderando, assim, como

um dos critérios de inclusão e de exclusão para proceder ao nosso estudo. O intuito foi resguardar as estudantes, de modo que não sentissem constrangimento ao lerem tais relatos e elaborassem os seus. Além disso, o objetivo também era se voltar a um público que, por muito tempo, foi invisibilizado, silenciado, levando para discussão temas relativos ao mundo do trabalho, que estão inter-relacionados com o universo feminino.

Assim, com a escolha do público-alvo e dos temas a serem abordados, como tratado anteriormente, foi empreendido um esforço considerável por parte da pesquisadora para que os círculos pudessem ser realizados com o maior número de estudantes. Contudo, destacamos que as participantes também se esforçaram bastante e a maioria se comprometeu para a sua realização, de modo que podemos concluir que houve um ganho em termos de aprendizagem e de interação entre a pesquisadora e as estudantes e entre elas mesmas. Logo, é necessário revisitar relatos que mostram o antes e o depois dessa ação, que consideramos oportuna ao desenvolvimento do Letramento Literário, na qual ultrapassamos as meras palavras e entramos no sentido delas, ao lermos o livro *A hora da estrela*, de forma crítico-emancipatória, em círculos de letramento literário.

O NECESSÁRIO CLICHÊ: antes e depois

Após o término dos círculos de leitura, perguntamos às estudantes, por meio de um questionário, se houve mudanças em suas vidas a partir da leitura com o grupo, e, podemos afirmar que sim, com base em suas respostas. Vejamos as perguntas que delinearão nossa intenção de descobrirmos essa mudança e as respostas que indicaram tal mudança, a seguir:

ANTES - Pergunta:

Receio inicial ao ser convidada para participar dos Círculos de Leitura

Respostas:

“

Tive medo de não conseguir participar devido a timidez e nível da obra, mas me senti muito confortável com ambos.

- Estudante Lírio 1

“

Assim que recebi o convite fiquei meio receosa, por conta da minha timidez e vergonha, por se tratar de ser um círculo e você ter que interagir com outras pessoas (ainda mais sendo desconhecidas)

- Estudante Laurel

“ Tive um pouco de vergonha no início mas me senti confortável com o tempo - Estudante Cher

“ Sim. Eu temia não se integrar bem com as outras garotas

- Estudante Girassol

“ só em questão de entrosamento social.

- Estudante Lana

“ Sim. Me senti, de certo modo, receosa de participar de algo com pessoas que eu não conhecia, embora fosse estudantes da mesma instituição. Não é um hábito meu interagir socialmente, ainda mais por conta de obras literárias

- Estudante Diem

DEPOIS - Pergunta:

Mudanças ocorridas após os Círculos de Leitura

Respostas:

“ Os círculos me ajudaram e mudaram um pedacinho de mim, com toda certeza. com eles consegui formular e expressar melhor minhas concepções e interpretações, sem falar que me impulsionou a continuar sempre lendo e buscar ler ainda mais

- Estudante Laurel

“ Mudanças? Em mim? Huummm Creio que meu abito de ler melhorou muito e eu aprendi a refletir no que estou lendo, sem falar que ler em grupo é muito bom.

- Estudante Girassol

“ Comecei a desenvolver um mais forte hábito de leitura e também passei a ler os livros de autores clássicos brasileiros.

- Estudante Lana

“

Entender que uma pequena frase pode ter várias interpretações, e que é bom conversar com outras pessoas sobre o livro, para poder vê-lo de outra forma.

- Estudante 1456

“

Ler mais consciente, de como me sinto sobre o tema e sobre o que o autor quer passar pra mim.

- Estudante Cher

Se inicialmente as estudantes apresentaram ressalvas para participarem dos Círculos de Leitura, principalmente devido ao fator timidez e/ou receio de não conseguirem interagir, ao final perceberam a importância da leitura reflexiva e consciente, que pode ser aprofundada e interpretada, conforme o entendimento de cada leitor, sem contudo, extrapolar seus limites.



Imagem 12: Encerrando com foto

The background features a blurred image of a bookshelf with several books. A semi-transparent red overlay covers the entire scene. In the lower portion, there is a stylized outline of a person's head and shoulders in a light blue color. The text is centered in the upper half of the image.

Algumas considerações,
**QUE NÃO SE TENHAM
COMO FINAIS**

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, QUE NÃO SE TENHAM COMO FINAIS:

Antes de fazer qualquer consideração, é importante destacar que ao iniciar esta pesquisa, lançamos como objetivo geral: “promover ações de estímulo à leitura literária, por meio de círculos de leitura, e reunir as impressões desses momentos na elaboração do Produto Educacional Portfólio” e, como objetivos específicos: 1) realizar círculos de leitura para o contato com a novela literária *A hora da estrela*, de Clarice Lispector; 2) possibilitar a discussão dos valores suscitados na obra, propiciando a intervenção social, visando à mudança por meio de círculos de leitura, da reflexão e da libertação de estereótipos culturais; e 3) elaborar um Portfólio como Produto Educacional, resultado da pesquisa desenvolvida, para contribuir para a formação do/da estudante-leitor/a crítico/a do ensino médio, em consonância com a proposta do Ensino Médio Integral – EMI.

Diante disso, inicialmente vislumbramos a possibilidade de promovermos o letramento literário por meio dos círculos de leitura, nos quais as estudantes poderiam se integrar e interagir umas com as outras e encontrar prazer na leitura literária, à medida que se envolvessem na narrativa, buscando contextualizar os conteúdos ao mundo em que estavam inseridas. Com essa ação, compreendemos que os objetivos seriam alcançados, contudo, não dependia somente do contato da pesquisadora com o grupo de participantes. Por isso, reiteramos que se não fosse a colaboração das estudantes, nada ou pouco poderia ser realizado. Foi fundamental o desprendimento e a empatia com que elas receberam a proposta e se engajaram, na medida do possível, para que os encontros se realizassem conforme o planejamento acordado.

Uma educação em que os pilares trabalho, ciência, tecnologia e cultura estejam entrelaçados está intimamente ligada aos objetivos da Educação Profissional e Tecnológica – EPT. Desses pilares, o nosso estudo está ancorado na base da cultura, pois entende-se que a leitura é uma prática cultural que precisa ser fomentada em instâncias formais e não formais, por agentes de letramento que sejam também leitores/as. Podemos afirmar que, conforme dados colhidos durante os encontros, nos Círculos de Leitura, foi promovido o letramento literário, pois além de lerem, as estudantes participaram de forma ativa e crítica, buscando conhecer e compor o mundo aptas a modificá-lo.

Pelo exposto, acreditamos que o nosso estudo, materializado



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, QUE NÃO SE TENHAM COMO FINAIS:

neste Portfólio, possa servir não como modelo, mas como uma alternativa para se trabalhar o letramento em ambientes formais e não formais de ensino, com as adaptações necessárias a cada realidade, posto que esse estudo é amplo e não poderá se limitar a este recorte de discussão, embora ele possibilite subsídios para a promoção de tal reflexão. Ademais, diante do resultado do estudo por nós realizado e do material que resultou dele, poderá ser desenvolvido tanto no contexto da Educação Profissional e Tecnológica – EPT, como extrapolar esses limites, e ser replicado com estudantes, preferencialmente, do nível médio de outras esferas de ensino, a exemplo da esfera Privada e da Pública Estadual, uma vez que o tema a respeito do universo feminino e da profissionalização permeia variados contextos que abrangem esse nível de ensino.

Por fim, é importante não perder de vista que cada realidade possui um contexto que precisa ser respeitado, sendo necessário que o planejamento se dê mediante cada situação, levando-se em consideração os anseios do público que se deseja captar, e tendo como premissa o respeito aos falares e o protagonismo a ser desenvolvido, por meio de práticas semelhantes a esse, em seu bojo de planejamento e de mediação.



REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Georfravia Montoza et al. **Portfólio**: conceitos básicos e indicações para utilização. Universidade Estadual de Londrina \Paraná-Brasil. Estudos em Avaliação Educacional, v. 17, n.33, pp. 137-145. jan./abr.2006.

BARROS, Roberto Idalino; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. **Rodas de conversa**: Diálogos com a diversidade sexual e de gênero na escola. 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/603459/2/PORTFO%cc%81LIO%20-%20RODAS%20DE%20CONVERSA%20A%20DIVERSIDADE%20SEXUAL%20E%20DE%20GE%cc%82NERO%20NA%20ESCOLA%20-%20ROBERTO%20IDALINO%20E%20RICARDO%20CAVALCANTI.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem**, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>. Acesso em: 18 nov. 2023.

CERQUEIRA, Paulete Constantino. **O lugar da mulher na educação profissional e tecnológica**: discriminação de gênero no estágio e no trabalho em alagoas. 2022. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Benedito Bentes, do Instituto Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1MxGkc2BpQgX51kHA401K9agCbwWN6p5D/view>. Acesso: em 20 nov. 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Global, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. Letramento Literário. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2014 s/p. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario#:~:text=Letramento%20liter%C3%A1rio%20%C3%A9%20o%20processo%20de%20apropria%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20enquanto%20linguagem>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ESCOLA, Brasil. “Gênero literário novela”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/amp/literatura/caracteristicas-genero-literario-novela.htm>. Acesso em: 24 de fev. de 2024.

ESCOLA, Brasil. “Gênero literário novela”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-conto.htm>. Acesso em: 24 de fev. de 2024.

FERREIRA, Anderson Luiz; GOMES, Gustavo Kosieniczuk; HENNING, Leoni Maria Padilha apud Paulo Freire, Educação emancipadora: contribuições da teoria freiriana e das teorias histórico-cultural e histórico-crítica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, vol. 17, núm. 1, Esp., pp. 703-715, 2022. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/6198/619872133008/html/>. Acesso: em 19 nov. 2023.

GUIDIN, Márcia Lígia. **Roteiro de Leitura**: A hora da estrela de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1998.

GUSMAN, Antônio Barioni. et al. **Portfólio**: conceito e construção. Instituto de Formação de Educadores. Universidade de Uberaba. Uberaba, 2001. Disponível em: http://www.uniube.br/biblioteca/novo/udi/rondon/arquivos/portfolio_biblioteca_uniube.pdf Acesso em 14 nov. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. Disponível em: Art_Marcuschi_Gêneros_textuais_definição_e_funcionalidade (4).pdf. [s.d.]

MOREIRA, Larici Keli Rocha; LAMBERT, Aline dos Santos; CASTRO, Regina Celi Alvarenga de Moura. Educação Profissional e Tecnológica: permanência e evasão em foco. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, ISS 2358-2391. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/5988/5348>. Acesso em: 09 out. 23.

RIZZATTI, Maria Ivanise; MENDONÇA, Andrea Pereira; MATTOS, Francisco; Rêças, Giselle; SILVA, Marcos André B. Vaz da; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO**, Curitiba, v.5, n.2, p. 1-17, mai./ago.2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>. Acesso em: 20 out. 2023.

RÊÇAS, Giselle; MOREIRA, Maria Cristina do Amaral; PEREIRA, Marcus Vinicius. Esquece tudo o que te disse: os mestrados profissionais da área de ensino e o que esperar de um doutorado profissional. **Revista ENCITEC**, v. 8, n. 1, p. 59-74, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/edile/Downloads/Esquece_tudo_o_que_te_disse_os_mestrados_profissio%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/edile/Downloads/Esquece_tudo_o_que_te_disse_os_mestrados_profissio%20(4).pdf). Acesso em: 20 out. 2023.



**INSTITUTO
FEDERAL**

Alagoas

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho anunciei a minha preocupação ao observar que os/as estudantes que frequentavam a biblioteca, onde desempenho minhas atividades profissionais, não tinham interesse pela leitura, motivo pelo qual emergiu o meu desejo de fazer um estudo para investigar as causas que levavam-nos a isso.

A partir dessa inquietação, atrela-se um problema de pesquisa e, com isso, veio a pergunta: *de que forma os círculos de leitura promovidos contribuem para o letramento literário na Educação Profissional e Tecnológica – EPT?*. À vista desse questionamento, foi levantada a seguinte hipótese: *círculos de leitura são promotores do letramento literário na EPT.*

No que se refere à pergunta de pesquisa, a leitura da obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, sobre a qual nos debruçamos, analisamos os temas propostos, contextualizando-os com a realidade ao nosso redor, foi muito importante, pois as estudantes se envolveram na história, mediante a leitura proposta por meio de Círculos de Leitura, na biblioteca, *locus* de desenvolvimento de nossa investigação. Nesse direcionamento, enfatizamos que os resultados da análise dos dados mostraram que os Círculos de Leitura desempenham um papel relevante nesse contexto de Educação Profissional e Tecnológica porque estimula a leitura, ajuda na compreensão e interpretação do texto e/ou da obra, como foi o caso em questão, promove o desenvolvimento da habilidade de analisar, amplia o vocabulário e a criatividade, bem como subsidia a capacidade de se colocar no lugar do outro, numa relação de alteridade, entre outros benefícios. Além disso, pode substituir o lugar ocupado pela indolência em ler por uma posição diferente, convencionalizada em sociedades grafocêntricas de desenvolvimento uma prática que leva à autonomia e a uma postura crítico-reflexiva, de caráter emancipatório. O resultado dos dados mostrou a disposição das estudantes para alterar seus hábitos de leitura, tendo em vista, sobretudo, as suas participações nos momentos destinados aos Círculos de Leitura propostos.

Dessa forma, a pergunta de pesquisa encontrou resposta, bem como a hipótese levantada foi confirmada, a partir dos seguintes aspectos: as estudantes tiveram oportunidade de discutir os temas que abordavam questões sociais e ontológicas, relacionando-os ao mundo exterior, o que possibilitou não somente uma leitura simples, mas (re)visitarem seus conhecimentos prévios, inclusive, tendo como base as suas vivências, especialmente, na condição de pertencerem ao universo feminino.

Elas perceberam e anunciaram, por meio de exemplos pessoais, que as mulheres podem passar por situações constrangedoras, a partir dos exemplos dispostos nos Quadros 17 e 18 deste trabalho e que, no entanto, a literatura pode promover esse olhar mais ampliado, pode inclusive trazer esse olhar de pertencimento, da nordestinidade, e, ao mesmo tempo se contrapor à personagem central, rejeitando a inércia com que ela se comportava frente a algumas questões, em especial, ao abuso que sofria pelo namorado, que era um abusador. A literatura, ainda nesse mesmo viés, assume um devir ético e estético, não somente para compreender, em alguma medida a realidade, mas, principalmente, para ressignificá-la.

Entre os objetivos traçados, avaliamos que cumpridos, conforme disposto:

a) Objetivo geral: *Promover ações de estímulo à leitura literária, por meio de círculos de leitura, e reunir as impressões desses momentos na elaboração do Produto Educacional Portfólio.* Houve a proposição e a realização de uma ação relevante, a partir das próprias percepções das estudantes, por meio dos Círculos de Leitura, realizados na biblioteca. Ambiente esse, escolhido por ser o meu local de trabalho e no qual observei a possível falta de interesse, a partir da ausência de frequência e da busca por paradidáticos, para atividades que se destinam à leitura literária. Esse envolvimento foi evidenciado em cada encontro.

b) Objetivos específicos: *Realizar círculos de leitura para o contato com a novela literária A Hora de Estrela, de Clarice Lispector; possibilitar a discussão dos valores suscitados na obra, propiciando a intervenção social, visando à mudança por meio de círculos de leitura, da reflexão e da libertação de estereótipos culturais; e elaborar um portfólio como Produto Educacional, resultado da pesquisa desenvolvida, para contribuir para a formação do/da estudante-leitor/a crítico/a do ensino médio, em consonância com a proposta do Ensino Médio Integral – EMI.* Foram cumpridos, pois houve a realização dos Círculos de Leitura sem interveniências consideráveis. As estudantes participaram em sua maioria; os momentos planejados ocorreram a contento e o espaço foi utilizado da forma a possibilitar o curso dos momentos de interação. Além disso, foi possível reunir os subsídios necessários para a materialização do Portfólio de Círculos de Leitura, por meio do resultado dos dados obtidos, a partir das observações registradas após cada encontro, bem como daqueles advindos dos questionários aplicados como instrumentos de pesquisa.

Mediante a leitura da obra nos Círculos de Leitura, o letramento literário estabeleceu-se como a mote aos encontros, afinal, a leitura que as estudantes

realizaram não foi apenas com fins de deleite, fruição, embora também o fosse, em alguma medida, mas o propósito era de ser uma leitura com a finalidade de extrair não apenas as respostas que se buscava para o estudo em tela, mas também o de motivar o desejo de elas se tornarem leitoras após o término dos encontros, o que configuraria pelo menos, parcialmente, um dos intentos almejados com a pesquisa-ação. Compreendemos assim que, ao apontar o (possível) problema, vincular-se imediatamente à necessidade de uma solução ou, na impossibilidade, pelo menos minimizar o seu efeito, assume-se um compromisso social, o qual vislumbramos desde o momento de esboço da investigação.

Como leitora assídua, sempre fui apaixonada por biblioteca, e no percurso dos estudos, especificamente durante os encontros em que líamos a obra, desloquei-me do papel de servidora desse ambiente e me coloquei como leitora semelhantemente às estudantes, com o diferencial de que eu era a condutora de tais encontros. De tal sorte que, ao escrever este trabalho, pude enunciar o quanto a biblioteca escolar é importante na promoção do letramento literário, para além de um ambiente em que os/as docentes direcionam estudantes para fazerem pesquisas escolares, como exclusivamente víamos em nossas práticas laborais antes do desenvolvimento deste estudo.

Portanto, diante do resultado da pesquisa, ratifico que a biblioteca escolar é uma agência de letramento que tem uma função social ampla quanto ao desenvolvimento da cidadania quando, por extensão, conta com agentes de letramento que credenciam-na como tal. Com isso, temos a necessária consciência de que faz-se necessário que os sujeitos que o integrem sejam leitores. É necessário lembrar que não houve uma pesquisa para identificar se e quais dos servidores lotados na biblioteca se enquadram como leitores, até porque não era esse o objetivo de estudo, mas eu falo de um lugar onde trabalho e me credencio como agente de letramento, não só porque sou escritora, mas por ser também leitora assídua.

A escolha de um Portfólio para materializar o nosso estudo ocorreu porque, no caso de uma pesquisa-ação, pode contribuir para possibilidades didáticas de o/a docente ou outros/as pesquisadores/as trabalharem com obras em ambientes formais, como é o caso da biblioteca; embora se reconheça a escassez de espaços como estes nas escolas públicas das esferas municipais e estaduais.

Com base nas respostas dos/as docentes que foram contactados/as e convidados/as a avaliarem o Produto Educacional, este foi considerado adequado

para um trabalho que visa ao letramento literário na EPT, logo, entendemos que ganha relevo a partir de tais percepções tendo em vista que cumpriu o desiderato de servir como uma alternativa para se trabalhar o letramento literário em ambientes formais para além da sala de aula, como é o caso da biblioteca escolar. Não obstante isso, convém considerar que a proposta dos Círculos de Leitura e do desenvolvimento do Letramento Literário também pode ser viabilizada em espaços não formais de ensino.

Ainda no que diz respeito às participantes colaboradoras do estudos, cabe esclarecer que a pesquisa começou com 12 (doze) estudantes e terminou com 09 (nove), mas isso, em nossa percepção, de modo algum impossibilitou a nossa condução, pois essas estudantes, que estiveram presentes nos momentos dos círculos, se disponibilizaram a participar do estudo, comprometendo-se mesmo que os encontros ocorressem logo após o término de suas aulas do curso regular. Nas palavras de uma das avaliadoras do Portfólio: “[...] a leitura é o ato de compromisso do leitor, e nesse sentido, as poucas alunas que se disponibilizaram a participar do projeto estavam comprometidas e isso faz a diferença se comparássemos com o trabalho desenvolvido com o número total de alunos em uma sala de aula na realidade o Ensino Médio Integrado do Ifal, campus Maceió.”

Assim, na condição de pesquisadora, de escritora, de leitora assídua e de profissional que desenvolve o seu exercício laboral no espaço eleito para a condução da pesquisa, foi gratificante acompanhar o crescimento de cada uma das colaboradoras estudantes, pois, à medida que elas se envolveram entre si e, principalmente, com a história, passaram a se expressar com maior desenvoltura e adquiriram um amadurecimento que ocorre cada vez que são ultrapassados entraves na ordem da timidez. No caso delas, a timidez era um aspecto que precisava ser vencido para possibilitar o diálogo, a discussão e a inferência nos temas advindos da leitura proposta. Nessa perspectiva, os resultados são considerados positivos, conforme demonstrado nos resultados da análise dos dados, e no anseio demonstrado pelas próprias estudantes no grupo de WhatsApp de fazermos um novo Círculo de Leitura em momentos vindouros. Inclusive, as estudantes que estavam terminando o ano letivo, propuseram-se a comparecer pelo menos uma vez ao mês, caso um novo projeto dessa natureza fosse implantado e se voltasse a estudantes egressas.

Diante do exposto, vale lembrar que a sequência de ensino proporcionou perceber que uma ação planejada, roteirizada, com uma obra a partir de temas previamente elencados, que estão ligados ao mundo do trabalho e ao universo

feminino, a partir do interesse de livre adesão de cada uma das estudantes, puderam dar indício de que uma prática conduzida semelhantemente a que propomos tende a ser bem aceita e, ao longo da escrita deste trabalho e das análises, eu já apontava os benefícios advindos dos Círculos de Leitura. Esse desdobramento pode ser evidenciado ao observarmos a intenção da continuidade de outros projetos, sinalizada pelas estudantes.

Todavia, como toda pesquisa, o estudo realizado traz algumas limitações. Um fator que acabou intervindo na frequência aos encontros foi que as estudantes da terceira série do Ensino Médio Integrado estão geralmente envolvidas em estágios, projetos e até em empregos; e outro foi a quantidade pequena de participantes, o que já era esperado, pois este último pode ter sido afetado por conta daquele. Contudo, isso não invalida a pesquisa, pelo contrário, vislumbramos que os debates sobre o letramento literário e os círculos de leitura devem ser ampliados nos mais diversos segmentos, especialmente no segmento dos docentes de Língua Portuguesa, considerando que a figura do/a docente como um/a dos/as potentes agentes de letramento.

Nesse sentido, no papel de pesquisadora, iniciei no mestrado com uma vivência de escrita, mas mesmo na condição de escritora, o universo acadêmico possibilitou uma outra percepção sobre o mundo acadêmico e a escrita acadêmica, percebendo nessa inter-relação também o meu letramento literário e, *pari passu*, o meu letramento acadêmico. O estudo também me possibilitou como pesquisadora e como escritora ter um olhar mais ampliado sobre os processos de letramento literário, que é algo que não somente defendo no meu trabalho, mas que percebi, por meio da mediação proposta, que, de fato, na prática, uma condução de leitura razoavelmente mediada possibilita que se desenvolva o tão almejado letramento literário, nos dizeres de Cosson e há muito debatido por Zilberman, Lajolo e tantos/as outros/as autores/as que têm se dedicado a investigar e a propor uma mudança paradigmática no ensino de Literatura na Educação Básica, desde a sua efervescência quando se iniciam tais discussões no contexto brasileiro na década de 1980.

A nossa expectativa é de que as considerações aqui realizadas sirvam como desdobramentos a novas pesquisas e a outros projetos sobre o tema, bem como, que o Produto Educacional possa servir como uma alternativa para futuras práticas educativas, tanto na sala de aula, dando um sentido, cada vez mais especial ao

processo de leitura, como na biblioteca escolar, em que servidores/as se apropriem da condição de agentes de letramento.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Georfravia Montoza et al. **Portfólio**: conceitos básicos e indicações para utilização. Universidade Estadual de Londrina\Paraná-Brasil. Estudos em Avaliação Educacional, v. 17, n.33, pp. 137-145. jan./abr.2006.

ARISTÓTELES. **Poética**. 2. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5737102/mod_resource/content/1/Arist%C3%B3teles_%20%20Po%C3%A9tica%20%282008%2C%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20Calouste%20Gulbenkian%29.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

BARBIER, Rene. **A pesquisa-ação**. Brasília, DF: Plano, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Comunicado Conjunto nº 001/2013** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Áreas de Ensino e de Educação. Perspectivas de cooperação e articulação. MEC: Brasília - DF, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/edile/Downloads/com_conj_edu_ensin%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/edile/Downloads/com_conj_edu_ensin%20(1).pdf). Acesso em: 08 fev. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 10 set. 2023.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 85 (2015). Brasília, DF: Presidência da República, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc85.htm#:~:text=Emenda%20Constitucional%20n%C2%BA%2085&text=Altera%20e%20adiciona%20dispositivos%20na,do%20%C2%A7%203%C2%BA%20do%20art. Acesso em: 10 set. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm. Acesso em: 08 fev. 2023.

BRASIL. Brasil, 1999 – Parecer nº 16/99-CEB/CNE (1999). Brasília, DF: Presidência da República, Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/PCNE_CEB16_99.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

BRITTO, Luiz Percival Leme. O papel da biblioteca na formação de leitores. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Biblioteca escolar**: que espaço é esse? Boletim TV Escola/Salto para o Futuro, v. 21, n. 14, Rio de Janeiro, out. 2011. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/08/biblioteca-escolar-que-espao—esse.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2022.

CAMPOS, Cleide de Araújo. **Letramento literário e bibliotecas escolares**: uma pesquisa exploratória no município de Ouro Preto. 2018. Tese apresentada ao curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Ouro Preto. Disponível em: http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10400/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_LetramentoLiter%c3%a1rioBibliotecas.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2011, p. 169-193.

CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa; GAIA, Rossana Viana; FELIZ, Daniel Amorim de Oliveira; SANTOS, Matheus Marcelino dos. Memórias literárias de alunos licenciandos em letras: problematização acerca do letramento literário. **Revista Educação & Linguagem**, ISSN: 2359-277X, ano 7, nº 1, p. 24-39, 2020. Disponível em: https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2020/06/2_RedLi_2020.1.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

CERQUEIRA, Paulete Constantino. **O lugar da mulher na educação profissional e tecnológica**: discriminação de gênero no estágio e no trabalho em alagoas. 2022. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Benedito Bentes, do Instituto Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1MxGkc2BpQgX51kHA401K9agCbwWN6p5D/view>. Acesso: em 10 out. 2023.

COLOMER, Teresa. **A Formação do Leitor Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Global, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. *In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores*. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2014 s/p. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario#:~:text=Letramento%20liter%C3%A1rio%20%C3%A9%20o%20processo%20de%20apropria%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20enquanto%20language m>. Acesso em: 20 jul. 2022.

COSSON, Rildo; LUCENA, Josete Marinho de, (org.). **Práticas de letramento literário na escola**: propostas para o ensino básico [recurso eletrônico]. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/1033>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Cruz, Antônia Maria Medeiros da. **Letramento literário do professor de Língua Portuguesa**: articulações entre saberes e práticas na formação continuada no sertão de Pernambuco. 2021. Tese apresentada ao curso de doutorado do Programa de Pós-

graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. Disponível em:

[file:///C:/Users/edile/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Letramento%20liter%C3%A1rio%20do%20professor%20de%20I%C3%Adngua%20portuguesa_%20articulo%C3%A7%C3%B5es%20entre%20saberes%20e%20pr%C3%A1ticas%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20continuada%20no%20sert%C3%A3o%20de%20Pernambuco%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/edile/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Letramento%20liter%C3%A1rio%20do%20professor%20de%20I%C3%Adngua%20portuguesa_%20articulo%C3%A7%C3%B5es%20entre%20saberes%20e%20pr%C3%A1ticas%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20continuada%20no%20sert%C3%A3o%20de%20Pernambuco%20(2).pdf). Acesso em: 10 jul. 2023.

FEIJÓ, Janaína. 2022, **A participação das mulheres negras no mercado de trabalho**. Disponível em <https://blogdoibre.fgv.br/posts/participacao-das-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 12 out. 23.

FERREIRA, Anderson Luiz; GOMES, Gustavo Kosieniczuk; HENNING, Leoni Maria Padilha *apud* Paulo Freire, Educação emancipadora: contribuições da teoria freiriana e das teorias histórico-cultural e histórico-crítica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, vol. 17, núm. 1, Esp., pp. 703-715, 2022. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16316/12694>. Acesso em: 09 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

GUIDIN, Márcia Lígia. **Roteiro de Leitura**: A Hora da Estrela de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO, **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/edile/Downloads/Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/edile/Downloads/Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL%20(1).pdf). Acesso em: 15 dez. 22.

LAJOLO, Marisa; ZILBERNAN, Regina. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

MENDONÇA, Andréa Pereira Mendonça; RIZZATTI, Ivanise Maria; RÔÇAS, Giselle; FARIAS, Marcella Sarah Figueiras de; O que contém e o que está contido em um Processo/Produto Educacional? Reflexões sobre um conjunto de ações demandadas para Programas de Pós-Graduação na Área de Ensino. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus (AM), v. 8, e211422, 2022. ISSN: 2446-774X. Disponível em <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/download/2114/877/11052>. Acesso em: 09 ago. 22.

MOREIRA, Larici Keli Rocha; LAMBERT, Aline dos Santos; CASTRO, Regina Celi Alvarenga de Moura. Educação Profissional e Tecnológica: permanência e evasão em foco. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, ISS 2358-2391, Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/5988/5348>. Acesso em: 09 out. 22.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem Significativa: A Teoria de David Ausubel**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem**. 2. ed. amp. São Paulo: E.P.U., 2019.

MOURA, Dante Henrique; Sandra Regina de Oliveira, GARCIA; RAMOS, Marise Nogueira. **Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio**. Documento Base. Ministério da Educação, 2007. Disponível em: file:///C:/Users/edile/Downloads/documento_base.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

OLIVEIRA, Gicele Rose dos Santos. **Contribuições da contação de histórias para a formação integral: caminhos criativos e humanizados em aulas de língua portuguesa**. 2022. Trabalho de Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/10xdykGvPMq0A1Uh_K91Pv8CSO-fagfrC/view?usp=sharing. Acesso em: 01 jul. 2023.

PARREIRAS, Ninfas. Biblioteca escolar: que espaço é esse? Boletim do Salto para o Futuro, 2011. Disponível em <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/08/biblioteca-escolar-que-espao—esse.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

PAULA, Verônica Souza; MACEDO, Reginete Sabino de. A leitura uma ferramenta emancipadora: na busca pela igualdade de gênero. **REVES - Revista Relações Sociais**, Vol. 04 N. 03 (2021). Doi: 10.18540/revesv4iss3pp12771-01-09e OPEN ACCESS – ISSN: 2595-4490, disponível em <https://periodicos.ufv.br/ojs/reves>. Acesso em: 08 out. 23.

PORFÍRIO, Francisco. **Xenofobia**. c2023, [s.d.]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/xenofobia.htm>. Acesso em: em 10 out. 2023.

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENCONÇA, Andrea Pereira; MATTOS, Francisco; RÔÇAS Giselle, SILVA, Marcos André B Vaz da; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de S; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de; SILVA, Marcos André B Vaz da Silva. Os produtos e seus processos educacionais dos programas de pós-graduação: proposições de um grupo de colaboradores. *Revista ACTIO: Docência em Ciências* (ISSN: 2525-8923), v. 5, n. 2 (2020). Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>. Acesso em: 09 nov. 2023.

RÔÇAS, Giselle; MOREIRA, Maria Cristina do Amaral; PEREIRA, Marcus Vinicius. Esquece tudo o que te disse: os mestrados profissionais da área de ensino e o que esperar de um doutorado profissional. **Revista ENCITEC**, v. 8, n. 1, p. 59-74, 2018. Disponível em:

[file:///C:/Users/edile/Downloads/Esquece_tudo_o_que_te_disse_os_mestrados_profisio%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/edile/Downloads/Esquece_tudo_o_que_te_disse_os_mestrados_profisio%20(4).pdf). Acesso em: 20 dez. 2023.

SANTOS, Marivan Tavares. O professor como agente de letramento na prática dialógica de leitura em grupo. **Revista Intercâmbio**, v. XL: 139-158, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X. Disponível em: <file:///C:/Users/edile/Downloads/44984-Texto%20do%20artigo-128614-1-10-20190912.pdf>. Acessado em: 04 abr. 2024.

SEGATO, Sílvia Regina. **A leitura como encontro na educação não formal: linguagem, produção de sentidos e intervenção educativa**. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/230078741.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

SILVA, Fernando Rodrigues da; NASCIMENTO, Elidiane Poquiviqui; OLIVEIRA, Cristiane Ayala de; GOMES, Erbs Cintra de Souza. A relação da teoria cognitiva da aprendizagem significativa com a concepção de Ensino Médio Integrado na Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Semiárido De Visu**, Petrolina, v. 7, n. 2, p. 179-193, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/edile/Downloads/1058-3578-2-PB.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb.pdf>. Acesso em: 08 fev.2024.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TONET, Helena Maria. Uma proposta para a formação do estudante-leitor crítico aliada à concepção de Ensino Médio Integrado, com base nos conceitos de letramento literário de Cosson. 2020. 256 f. Trabalho de Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória. Disponível em: file:///C:/Users/edile/Downloads/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Proposta_Ensino_Forma%C3%A7%C3%A3o_Estudante-leitor_Cr%C3%ADtico.pdf. Acesso em 04 set. 2022.

ZILBERNAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. 3. ed. Porto Alegre: UniRitter, 2015.

ZART, Paulina Ely. **A dupla (ou múltipla) jornada de trabalho feminina e o princípio da igualdade**: reflexão sobre a submissão da mulher e a divisão desigual do trabalho doméstico. 2019. 45 f. Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Disponível em <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/d49e09b0-7092-4714-8ca3-9c3ad4d43082/content>. Acesso: em 09 out. 2023.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO-PERFIL PARA ESTUDANTES

Este Questionário compõe a pesquisa: “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, sob responsabilidade da pesquisadora Edileuza Lima Ferraz e orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (ProfEPT/Ifal) e você pode deixar em branco as questões que desejar.

Assim, pedimos gentilmente que responda a este Questionário, a fim de que nos sirva como um dos instrumentos de coleta de dados. Asseguramos que a sua identidade será preservada para fins éticos em todo o processo investigativo. Esclarecemos que, em quaisquer momentos, você poderá recusar a continuidade de sua participação neste processo.

Pela colaboração, antecipadamente, agradecemos,

Edileuza Lima Ferraz – Mestranda (ProfEPT/Ifal)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti – Orientador (ProfEPT/FAL)

1. DADOS PESSOAIS

a. Nome pelo qual você deseja ser identificada na pesquisa?

b. Qual a data do seu nascimento? _____

c. Série/Curso/Turno: _____

2. Como se sentiu ao ser convidada para participar desta pesquisa?

3. SOBRE LEITURA / LIVROS

a. Você já participou de rodas/círculos de leitura?

() Sim () Não () Não desejo responder

Caso positivo, qual/quais obra/s foi/foram abordada/s e onde foram realizados tais momentos?

b. Com que frequência você lê quando é de sua livre escolha?

() Nunca () Raramente () 1-2 vezes por semana

() 2-3 vezes por semana () 4-5 vezes por semana

() Todo dia () Não desejo responder

c. Qual/quais dos seguintes tipos de livros você prefere ler?

() Ficção () Mistério () Aventura () Fantasia () Romance

() História em quadrinhos () Ficção científica () Outro (por favor, especifique)

() Não desejo responder

d. Qual é o seu livro favorito? _____

e. Onde você prefere ler?

Na biblioteca escolar Em casa Em viagens Ao ar livre

Outro (por favor, especifique) Não desejo responder

Quanto ao seu lugar de preferência, por que prefere ler nesse lugar?

f. De que meio você escolhe ler?

Imprimir livro E-books

Revistas Local na rede Internet

Outro (por favor, especifique): _____

Não desejo responder

g. Quanto tempo você gasta lendo diariamente?

Eu não leio, a mesmo que seja forçado Menos de 15 minutos

De 15 a 30 minutos De 30 minutos a 1 hora

Mais de uma hora Não desejo responder

h. O que te motiva a ler?

Tarefas da escola Recomendação de amigos

Necessidade de informação Meus pais me forçam

Atividade de relaxamento Outro (por favor, especifique): _____

Não desejo responder

i. Qual a escolaridade de seus pais?

Sem escolaridade Ensino Fundamental (1º Grau) incompleto

Ensino Fundamental (1º Grau) completo Ensino Médio (2º Grau) incompleto

Ensino Médio (2º Grau) completo Superior incompleto

Superior completo Mestrado ou Doutorado Não sei informar

j. Diga como seus pais colaboram para incentivar a leitura na sua casa?

k. Por favor, complete a seguinte frase: eu leria com mais frequência se:

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS CÍRCULOS DE LEITURA

Na consideração do encerramento dos nossos círculos de leitura, gostaria que você, se for de sua vontade, respondesse ao questionário a seguir. Reitero que os dados aqui dispostos são confidenciais e consideram os princípios éticos ligados à pesquisa, anteriormente, já dispostos no TALE e TCLE.

Desde já, mais uma vez, agradeço a prontidão de sua participação em todas as etapas da pesquisa.

Edileuza Lima Ferraz – Mestranda (ProfEPT/Ifal)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti – Orientador (ProfEPT/FAL)

1. Nome fictício: *
2. Como você avalia a contribuição dos Círculos de Leitura para repensar os seus hábitos de leitura a partir de agora? _____
3. Quais as principais mudanças, em sua opinião, promovidas a partir de sua participação nos Círculos de Leitura? _____
4. Houve, em sua opinião, algum tipo de receio, quando convidada inicialmente a participar dos Círculos de Leitura? _____
5. A partir do contato com a novela “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, quais os principais ensinamentos obtidos, promovidos pelos Círculos de Leitura?

6. Você pretende, a partir da experiência da leitura em grupo nos Círculos de Leitura, procurar desenvolver o gosto pelos processos de leitura?
() Sim () Não () Talvez
7. Baseado na resposta anterior, você pode responder por quê?

8. Que fatores influenciam/motivam na hora de escolher um livro para ler?
() Tema ou assunto () Dicas de amigos/as () Título do livro
() Dica do/a) professor/a () Autor/a do livro () Outro
9. Caso sua resposta tenha sido "Outro", você poderia especificar?

10. Cite possíveis razões, se houve, que impediram você de ter lido mais este ano?

11. Como você avalia a experiência da leitura realizada em um ambiente como a Biblioteca do Campus Maceió? _____

12. Se fosse o caso, futuramente, você se disponibilizaria a participar de um novo projeto de leitura?

Sim Não Talvez

13. Que sugestões você daria para um novo projeto de leitura, considerando a experiência com os Círculos de Leitura de que fez parte? _____

14. Quantos livros você leu nos últimos 3 (três) meses? _____

15. Quantos livros você leu no último ano, considerando os últimos 12 meses? _____

16. Está lendo algum livro atualmente?

Sim Não Em parte

17. Com que frequência você visita a biblioteca?

Sempre Às vezes Raramente Não frequento

Não sei dizer Prefiro não responder

18. Por qual/is desses motivos você frequenta a Biblioteca?

Ler ou pegar livros emprestados para pesquisar/estudar/trabalhos escolares

Ler ou pegar livros emprestados por prazer

Acessar a internet Não sei dizer Prefiro não responder

APÊNDICE 3

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL – PE

Prezado/a Docente de Língua Portuguesa do *Campus Maceió/Ifal*,

Este Questionário compõe a pesquisa: “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, sob responsabilidade da pesquisadora Edileuza Lima Ferraz e orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (ProfEPT/Ifal), e faz parte do último instrumento de avaliação do Produto Educacional desenvolvido, que tem a perspectiva de contribuir, em alguma medida, para a reflexão sobre eventos de letramento a partir de Círculos de Leitura desenvolvidos para elaboração do Portfólio, que conta com vossa avaliação, como um dos requisitos para a chegada à Banca Examinadora com a Defesa Pública.

O presente instrumento foi desenvolvido de forma sucinta a fim de que pudéssemos ser os mais objetivos possíveis. Ressaltamos que, para tanto, cada um/a docente precisará analisar detalhadamente o Portfólio, que é o nosso Produto Educacional desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifal), *Campus Benedito Bentes*.

Temos em vista que a sua contribuição em muito nos possibilitará fazer ajustes até o momento da defesa, caso sejam necessários. Assim, pedimos, gentilmente, que responda a este instrumento. Asseguramos que os dados guardarão sigilo, amparado nos princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

Pela colaboração, antecipadamente, agradecemos,

Edileuza Lima Ferraz – Mestranda (ProfEPT/Ifal)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti – Orientador (ProfEPT/FAL)

Nome: _____

Área de atuação: _____

1. A linguagem utilizada no Produto Educacional, a considerar o gênero textual Portfólio, é de fácil compreensão, bem como a clareza do ponto de vista da organização das ideias?
 - () Concordo plenamente () Concordo
 - () Não concordo nem discordo () Discordo
 - () Discordo totalmente () Não desejo responder

2. As imagens utilizadas permitem identificar o Produto de forma dinâmica?
 Concordo plenamente Concordo
 Não concordo nem discordo Discordo
 Discordo totalmente Não desejo responder
3. A quantidade de páginas é suficiente para desenvolver o conteúdo a que o produto intenciona, neste caso, princípios sobre o Letramento Literário na conjugação com a experiência desenvolvida?
 Concordo plenamente Concordo
 Não concordo nem discordo Discordo
 Discordo totalmente Não desejo responder
4. As características visuais do Portfólio são atrativas do ponto de vista estético e da organização textual (fonte, tamanho de letra, entre outros recursos)?
 Concordo plenamente Concordo
 Não concordo nem discordo Discordo
 Discordo totalmente Não desejo responder
5. O Produto tem a possibilidade de ser reaplicado, em alguma medida, no contexto de sala de aula em que você atua na condição de docente de Língua Portuguesa?
 Concordo plenamente Concordo
 Não concordo nem discordo Discordo
 Discordo totalmente Não desejo responder
6. Diga, com suas palavras, as potencialidades e/ou fragilidades que este Portfólio pode promover em uma mediação pedagógica de sala de aula no contexto do Ensino Médio Integrado, a partir de suas percepções como docente.
-
-
-
-

7. Que sugestões você poderia dar para que este Produto pudesse sofrer algum tipo de alteração, caso julgue necessário?
-
-
-
-

APÊNDICE 4

TRANSCRIÇÕES DOS CÍRCULOS DE LEITURA

Nesse Apêndice, serão anexadas as transcrições das gravações dos círculos. Esclarecemos que, em alguns dos dias só iniciei as gravações quando do início da leitura e também, que optei por usar realce nas partes em que se procedeu a leitura da obra, para facilitar a análise dos dados, visto que apenas as falas são objetos passíveis de análise.

Círculo de leitura 1

Tema: Biografia da escritora Clarice Lispector: vida e obras / Educação e oportunidades

Data: 17/04/2023

Duração do encontro: 1:36:26

Participantes (quantidade presente no dia): 06 (seis)

Recursos utilizados: Xérox do livro, celular para gravar as falas e filmadora

1º Círculo de Leitura, realizado em 17/04/2023

PESQUISADORA: Vamos conversando enquanto fazemos um lanchinho, pra gente ir ganhando tempo. Nem se preocupem, eu vou falando e depois vocês falam. Como tem naqueles termos que eu entreguei pra vocês assinarem, essa pesquisa faz parte do meu mestrado e eu acho que é importante que vocês conheçam um pouco da minha pessoa enquanto pesquisadora pra depois a gente falar sobre ela. Eu trabalho aqui na biblioteca, sou servidora há quase trinta anos. Antes de ser servidora pública eu fui muita coisa, eu trabalhei em comércio, trabalhei como costureira, eu costurava pra fora e fiz várias outras atividades, fui dona de casa, porque dona de casa também é uma atividade, e às vezes ainda com mais afazeres do que quem trabalha fora, e aí depois eu passei no concurso e virei servidora pública federal. O que foi uma bênção. Por que estou falando pra vocês o que eu fiz e onde estou hoje? É por conta do fator limitação. O que eu estou dizendo é que não somos pessoas limitadas. Nós temos capacidade de conseguir chegar aonde nós queremos ir. Então isso pra mim é uma lição porque eu não imaginava quando eu era adolescente: eu vou ser servidora pública federal e deixar de ser só dona de casa, deixar de tudo nunca deixa, né? Porque sempre vai ter a dona de casa. Mas eu nunca imaginei que eu ia deixar de costurar pra fora. Eu nunca imaginei que eu fosse deixar de trabalhar no comércio. Mas aí eu fui passando por essas fases e hoje eu estou numa situação muito melhor do que o que era antes. Então nós somos pessoas capazes de alcançar voos mais altos do que o que nós estamos hoje. Nós nunca podemos pensar que a nossa vida é só isso, não é. Tem muito mais a frente, né? E nós precisamos estar aptos à mudança. Trabalhando aqui na biblioteca eu observei que os hábitos de leitura dos estudantes de um modo geral são bem restritos, na maioria das vezes aos livros que os professores indicam para fazer atividades ou estudar. Aí eu ficava me perguntando, por que será? Como serão os hábitos de leitura dos estudantes do IFAL? Ah, eu não poderia fazer uma pesquisa com um recorte muito grande de alunos, eu não podia fazer com meninas e meninos porque a gente vai ler sobre uma história que trata de assuntos do universo feminino então optamos, eu e o meu orientador optamos por fazer um recorte feminino. Pra gente se sentir até mais a vontade pra tratar de alguns temas. E aí foi quando nasceu esse interesse de fazer essa pesquisa, né? Para descobrirmos o que é que leva a essa falta de interesse pela leitura, o que está por trás? Todos nós temos uma vida pregressa e todos nós temos nossas motivações pra tudo, né isso? Então, minha pesquisa é justamente sobre isso. Então é isso, eu me apresentei enquanto pesquisadora e também disse do que se

trata a minha pesquisa, agora digam o seu nome e qual a perspectiva, o que é que vocês pensam desses círculos, o que que esperam deles. Olhe, vocês não são constrangidas a nada. Vocês vão fazer e falar somente o que querem, o que sentem à vontade pra fazer. Está certo?
LANA – Éh, meu nome é LANA e o que eu espero desse clube de leitura é que... a gente vê logo perspectivas né? Principalmente feminina, quando você falou do livro eu queria começar a ler, só que eu nunca tive assim um empurrãozinho sabe? Aí eu acho legal pra gente ver os hábitos, a perspectiva de cada uma sobre a obra e esse universo pelo mundo.

LAUREL HELL - Meu nome LAUREL HELL e eu me interessei em fazer parte por ser eh porque nunca me foi proposto isso, acho que eu nunca tive a oportunidade de participar ainda mais ser só mulheres aqui e se tratar de uma de uma obra da Clarice ainda mais *A hora da estrela* que era do meu interesse de ler. Eu cheguei a ler um e foi justamente terminei, sexta-feira, que foi perto do Coração Salvado e acho que foi o primeiro romance. Sim. E eu gostei muito é realmente ela traz muito dessa questão feminina nas obras dela e foi isso.

LÍRIO 2 - Meu nome é LÍRIO 2 e eu resolvi fazer parte desse desse projeto porque eu já tinha interesse na leitura, ler os autores brasileiros e de outros autores só que eu não tinha, não tive esse contato antes. Aí eu achei que esse círculo seria uma boa forma de começar realmente ler a literatura mesmo.

CHER - Eu já tinha lido alguns contos dela, mas nunca li num livro, livro completo, sempre me interessei, só que eu nunca tive aquele empurrão, falei, tipo, vou começar. Eu sempre dizia, não, depois eu leio, depois, mais tarde, mais tarde nunca chegava. E eu achei que tipo, aqui com todo mundo lendo junto, todo mundo falando sobre, comentando e tal. Eu num teria esse impulso.

1456 - Meu nome é 1456 e eu sempre gostei de ler, só que de uns tempos pra cá eu tô sem ler nada. Aí assim que me propôs o círculo aqui, aí eu pensei logo, vai me impulsionar a ler, a voltar a ter a rotina de leitura que eu sempre gostei, tá?

PESQUISADORA - Você não quer falar, não é, né meu bem? Não tem problema, viu? Mestre.

JUDE - Não sei o que eu espero. Eu leio pouquíssimo autores brasileiros por conta que é sempre proposto por alguns professores e não são propostas de livros que interessem pelo menos o meu ponto de vista de leitura os professores gostam de passar aqueles livros chatos e enfadões que nenhuma adolescente quer ler. E é isso.

PESQUISADORA - Geralmente pra você fazer o resumo de obra, né? Eu observei que até tem uma professora que faz um trabalho bacana pelo menos pra o aluno começar a ler, né? Que é logo no primeiro ano. Aí isso me chamou atenção, porque os a os alunos chegavam pedindo um livro mais fininho, para ler rápido, pra poder fazer a tarefa, ou seja, o objetivo do aluno não era ler realmente, mas era se livrar da tarefa.

JUDE - acaba que por conta do incentivo ser obrigação eh pelo menos na minha cabeça eu criei uma coisa, ah, que livros nacionais são chatos.

PESQUISADORA - Tomou aversão?

JUDE - Sim. Agora que eu acho que tem uns dois anos pra cá que eu comecei a ler mais livros nacionais. Vai ter uma série de uma das autoras nacionais que eu adoro ela. Alguém já leu Carina Ricci? Tem a série dos livros dela e tem *Perdida*, que é um livro que vai virar filme. E também a Paula Pimenta, eu gosto das leituras dela.

PESQUISADORA - Você gosta da leitura contemporânea?

JUDE - Sim. Os autores contemporâneos. Isso é, de tudo. Sim. Eu gosto de tudo que envolva eh a era Vitoriana.

PESQUISADORA - Ah, você gosta também?

JUDE - Sim.

PESQUISADORA - Outra coisa que eu ia dizer pra vocês é que com relação a voos mais altos uma coisa que eu nunca pensei na minha vida foi escrever. Eu sempre gostei muito de ler. Sempre, sempre, sempre mas eu nunca pensei em escrever nada. A não ser carta, pois não tinha WhatsApp na minha época, não tinha nada disso tá? Então era na carta e eu adoro carta, viu, minha gente? Só que eu não escrevo mais porque hoje em dia a tecnologia está aí pra ser usada e graças a Deus por ela né? Então, eu nunca pensei que um dia eu fosse capaz de escrever um livro. E eu escrevi dez livros. Então você olha assim e diz: meu Deus com cinquenta anos eu escrevi o meu primeiro livro. Hoje estou com cinquenta e seis e escrevi dez livros. Então são coisas que a gente nunca imagina que é capaz e nós somos muito mais capazes do que o que pensamos ou imaginamos. Vamos falar um pouquinho sobre a Clarice Lispector? Alguém já conhecia a Clarice Lispector?

LAUREL HELL - Já.

PESQUISADORA Já conhecia de ouvir falar, de ler, alguém já leu alguma obra da Clarice Lispector

LAUREL HELL - Li o primeiro livro dela, Perto do coração selvagem.

PESQUISADORA - Mas sobre a vida dela eu não sei se vocês sabem que ela nasceu na Ucrânia. E por conta da guerra, não só por conta da guerra, mas especificamente porque a família dela era judia eles tiveram que fugir do país. E ela morou aqui em Maceió. Ela nasceu lá em 1920 e um dia antes de fazer 57 anos ela morreu. Ela tinha câncer nos no ovário e morreu em decorrência desse câncer. E ela era bem emblemática né? Ela era muito interessante. Você chegaram a ver uma alguma reportagem com ela, alguma entrevista com ela? Não, né? Eu vi uma entrevista com Clarice que eu disse, meu Deus, por que ela o tempo todo é tão introspectiva? Ela dizia que tem escritores pra dentro e tem os escritores pra fora. Pra fora são aqueles escritores que tudo que lê você compreende. E tem aqueles pra dentro, que ele escreve parece que está escrevendo pra ele mesmo. Mas você tem que se esforçar um pouquinho. Ela é pra dentro. Mas ela tem uma característica muito interessante que é a epifania. Que é como se ela ao mesmo tempo de ela ser introspectiva ela também tem uma característica de mostrar de algum modo o que ela realmente quer dizer. Isso é uma característica muito interessante. Eu anotei aqui alguns dados interessantes sobre ela. Por conta dessa perseguição aos judeus todos os povos que eram judeus tiveram que fugir depois da guerra. E durante essa guerra, a mãe de Clarice ela foi estuprada e pegou sífilis. E Clarice ela tinha uma culpa muito grande, porque na época de sua mãe se tinha uma crença que se engravidasse e tivesse um filho, se livraria da sífilis. E aconteceu que ela engravidou de Clarice morreu no parto. E Clarice tinha isso como se fosse uma culpa. Ela tinha uma culpa como se a mãe não tivesse engravidado e se ela não tivesse vindo ao mundo, a mãe dela não teria morrido. Eu acredito que talvez até aconteça isso com várias pessoas. Acho que talvez aconteça com algumas pessoas que a mãe morreu no parto e pensem assim também. E essa morte prematura da mãe marcou profundamente Clarice, porque quando você vai ler os livros dela aí tem muito essa carência afetiva, da mãe, entre mãe e filha né? E também tem muito a questão do homem, né? Porque ela foi criada pelo pai. O pai dela trabalhava no comércio, ele sobrevivia vendendo roupas, ela não passava dificuldade financeira, mas também não vivia

em abundância. O que eu achei interessante é que as a nossa vivência, a vida pregressa da gente, aquilo que a gente aprende, que a gente vê diz muito do que nós somos, do que nós seremos daqui pra frente, né? Muito embora a gente sabe que pode mudar o nosso destino, né? Nós podemos mudar o nosso destino. O pai de Clarice se interessava por música e leitura. Então ele lia muito e adorava música, e aí quando você olha pra Clarice, ela adorava música e nas suas obras retratavam a figura masculina. No início do livro que vamos ler, a parte que é uma dedicatória ela vai citar um bocado de músicos.

Em 1943 ela se casou com um diplomata e vocês sabem que o diplomata viaja muito e ela viajava muito. Ela se sentia estranha lá fora. Porque apesar de ela ser Ucrânia se considerava brasileira e quando ela estava viajando na verdade ela queria estar aqui. E quando foi 1959 ela separou-se e foi morar no Rio de Janeiro. Em 1922, com 02 anos de idade ela veio pra Alagoas, passou um tempo aqui, depois foi pra Recife, onde morou quatorze anos e depois foi pra o Rio de Janeiro lá ela se casou e visitou vários países com o marido, e nesses países ela começou a escrever. Ela escrevia e mandava os livros pra os amigos que se encarregavam de enviá-los pra publicação.

JUDE - Tem Cartas, né? Sim. Ela trocava com um tal de Fernando, eita meu Deus como é?

PESQUISADORA - Tem cartas, trocava com essa pessoa que você está dizendo que eu não lembro o nome. E tem até um livro que tem um bocado de coisa, né? De pessoas falando a respeito de quem era a Clarice, né?

JUDE - A carta, né, que ele saiu do Brasil por conta da ditadura e aí eles trocavam correspondências. Eu ouvi alguns áudios das pessoas falando sobre ela. Sobre essas cartas.

PESQUISADORA - Quando estiver mais próximo do final a gente vai assistir a entrevista em que ela estava super mal-humorada. Aí tem muita gente que não sabe, mas ela já estava sofrendo muito por conta do câncer e ali ela devia estar se acabando de dor. Hoje em dia tem certos tratamentos que faz a pessoa até sentir menos dor, né? Mas antigamente eu dou por vista, né? Outra coisa sobre Clarice foi que em 1966 teve um incêndio no seu apartamento. Fumando, ela adormeceu e incendiou o quarto dela, e aí ela passou acho que foi três meses, se eu não me engano, internada e a mão dela foi o mais prejudicado, a mão direita dela, então ela adorava escrever, mas começou a fazer datilografia, porque datilografava você faz com uma mão apenas, né? Quando a gente vai pras histórias de Clarice, a gente vê muito dela dentro da história. Isso a gente vai perceber depois, e eu quero que vocês mesmo percebam, pra que a gente possa interagir. Eu não vou dizer pra vocês a história, a gente vai interagir sobre isso. O primeiro livro dela é bom? (PESQUISADORA DIRIGINDO-SE A LAUREL)

LAUREL HELL - É muito bom. Lendo o livro você vê claramente a Clarice, a protagonista é a Joana, a mãe dela morreu vê muito da imagem dos homens, primeiro do pai, aí depois a figura do professor. Aí ela mais velha ela casa. E a gente vai ver Clarice por trás da obra.

PESQUISADORA - Ninguém aqui leu *A hora da estrela*? Bem, Clarice fazia parte do movimento modernista e ela era bem intimista, tratava muito dos sentimentos mais íntimos né? Da alma né? Se você olhar direitinho, ela era desse jeito. É o que chamamos de epifania.

Deixe eu explicar o que é epifania, né? Vou dizer exatamente o que pesquisei: *é a arte de tornar compreensível ao leitor algo que faz sentido apenas para o escritor*. Aquela coisa que ele escreve e só ele vai compreender, mas Clarice tem essa arte de escrever e você compreender o que ela estava dizendo. Embora fosse algo tão tão peculiar que talvez só ela

entendesse, mas ela fazia com que o leitor compreendesse isso exatamente o que ela queria dizer. Apesar dela ser uma pessoa introspectiva como ela mesma dizia.

Como eu disse, após o acidente ela passou a datilografar. Aí a gente vai perceber que a mocinha que nós vamos trabalhar com ela, também era datilógrafa. Clarice sempre foi avessa à exposição. Tem um relato que eu achei tão interessante, que ocorreu no dia em que ela morreu: ela se despediu de uma enfermeira com a seguinte frase: morre meu personagem. Quando a gente terminar de ler a história, vai voltar a isso daqui e falar sobre porque ela disse isso, certo? Por causa dessa falta de exposição ela se tornou uma lenda, um mito, porque é justamente isso né? A pessoa não consegue chegar no íntimo dela. Você consegue enxergá-la nas obras, mas chegar no interior da Clarissa é muito delicado. Mas pelas obras dela, a gente consegue enxergá-la. É como quando um escritor escreve qualquer coisa. Quando você escreve um livro, vai ter um pouquinho de você ali. Eu lembro que um dia, eu acho que foi no meu no meu 4º ou 5º livro, minha filha, que sempre lê meus livros antes eu mandar pra fazer a revisão gramatical, ela disse: Mainha, a senhora escreveu uma frase que eu vi a senhora falando. O escritor deixa sua a marca dele na sua obra. Muita daquele gente que conhecia Clarice sabia o que ela estava querendo dizer. Muita gente que me conhece, um dia, lá na frente quando eu me for e minha obra ficar, vai dizer: *rapaz, isso daqui era ela*. Porque quem escreve coloca sua essência no que faz. Não existe se ausentar de si totalmente né? Vai acabar saindo uma frase, um pensamento seu, uma ideia sua né? Clarice deixou escapar muito de si nas suas obras.

Bem, nós vamos hoje começar a ler. Vamos começar na dezenove, certo? Porque é daí exatamente que o livro começa. Vocês preferem ler como, cada uma ler um pouco? Pode ser assim?

UNÍSSONO: Pode

INÍCIO DA LEITURA DA OBRA

LANA: Pois dedico esta coisa aí ao antigo Schumann e sua doce Clara que são hoje ossos, aí de nós. Dedico-me à cor rubra e escarlate como o meu sangue de homem em plena idade e portanto dedico-me a meu sangue. Dedico-me sobretudo aos gnomos, anões, sílfides e ninfas que me habitam a vida. Dedico-me à saudade de minha antiga pobreza, quando tudo era mais sóbrio e digno e eu nunca havia comido lagosta. Dedico-me à tempestade de Beethoven. À vibração das cores neutras de Bach. A Chopin que me amolece os ossos. A Stravinsky que me espantou e com quem voei em fogo. À “Morte e Transfiguração”, em que Richard Strauss me revela um destino?

PESQUISADORA - Até aí. Vê o tanto de pessoas que Clarice citou, e relacionado a quê? Olha as coisas do pai dela aqui, porque isso é Clarice, né? Isso daqui é ela falando, né? Mas nesse instante a gente falou sobre quem ele era, ele gostava de quê? Música, música e leitura, né? Olha as influências, ela trazendo pra cá. Porque Schuman era um compositor alemão casado com essa Clara. Eu não sei como é que ela soube que a Clara era doce, ela disse “a sua doce clara” devia ser porque devia ter algum verso algum poema dele em que a chamara de doce Clara, né? O Schuman era um compositor alemão e Clara era uma pianista alemã, né? Aí vem Beethoven, Chopin, né? Tudo ali ó, entrelaçado com aquilo que ela viu, né? Ah o que que a gente pode ver com isso, né? Que muito do que a gente vê em casa, a gente traz pra nossa vivência, né? A Beethoven, outro compositor alemão né? Bach era um regente alemão. Chopin era um pianista polonês. Olha como ela era inteirada com essa questão da música, um polonês, um russo, um alemão. Vamos lá meu amor, vocês têm alguma coisa a

dizer a respeito disso especificamente. E você, têm alguma coisa a dizer, especificamente disso?

LANA CONTINUA A LEITURA - Sobretudo dedico-me às vésperas de hoje e a hoje, ao transparente véu de Debussy, a Marlos Nobre, a Prokofiev, a Carl Orff, a Schönberg, aos dodecafônicos, aos gritos rascantes dos eletrônicos – a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu. Esse eu que é vós pois não ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim que é que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação. Meditação não precisa de ter resultados: a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever:

PESQUISADORA - Pronto. Olha que coisa interessante, né? Vocês notaram alguma coisa, assim, que chamou a atenção?

LANA - Eu acho que é assim, como você falou, tudo que ela viveu, tudo que realmente fez parte da vida dela, faz parte dela, tá internalizado, é o que ela tem. É, envolve O particular. Pronto, a gente terminou e o destino foi?

PESQUISADORA - Exatamente isso. Vamos retornar à leitura, se ninguém tem mais nada a dizer.

LANA - Sobretudo dedico-me às vésperas de hoje e a hoje, ao transparente véu de Debussy, a Marlos Nobre, a Prokofiev, a Carl Orff, a Schönberg, aos dodecafônicos, aos gritos rascantes dos eletrônicos – a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu.

PESQUISADORA - é uma galeria, né? Ela fez uma galeria relacionada com música, né? Tudo com música. Achei interessante porque ela ela tinha muito essa questão do pai dela, por isso que ela exaltava tanto a figura do eh paterna, sem sem dizer que era paterna. Sem dizer que era o pai dela. Mas no final ela se mostrava na obra dela, né? Ela mostrava essa figura masculina, não é verdade? E uma coisa que eu achei interessante também é que não era somente músicos estrangeiros, não, esse Marlos Nobre era um pianista de Recife, ou seja, era alguém que era certamente ela ao morar em Recife conheceu. Então ela gostava de tudo que fosse de bom gosto, tudo que fosse boa música né? Agora vamos para a próxima aluna.

JUDE - Esse eu que é vós pois não ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim que é que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação. Meditação não precisa de ter resultados: a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever:

PESQUISADORA - Olha que coisa. O vocês acham que ela quis dizer com isso? “o que me atrapalha a vida é escrever?” Porque a coisa que eu mais gosto é escrever. Eu fico querendo entender. Quando ela fala em meditação eu acho interessante porque realmente a meditação é você se esvaziar né? Você se esvazia de tudo, eu nunca consegui, já tentei várias vezes, já fiz de tudo pra meditar, mas eu não consigo me esvaziar, porque o meu pensamento é acelerado, sempre tô pensando, né? Mas isso daqui “eu medito sem palavras e sobre o nada” ela conseguia muita coisa, porque eu não consigo.

LANA - é justamente isso, porque na meditação ela se esvaziava de tudo e pra escrever ela tinha que pensar em tudo.

CHER - também a cobrança, né? Porque ela diz que não precisa ter resultado na meditação, tudo é válido para lá só existindo. Escrever ela se cobra, é justamente o contrário é o oposto.

PESQUISADORA - Vamos continuar a leitura?

LÍRIO 2 - e não esquecer que a estrutura do átomo não é vista mas sabe-se dela. Sei de muita coisa que não vi. E vós também. Não se pode dar uma prova de existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar: acreditar chorando.

PESQUISADORA - Por que acreditar chorando? Isso tem muito a ver com tudo acreditar é fé, né? E fé é você acredita sem enxergar, né? Mesmo que as vezes a gente acredite, não enxergando, mas a gente permanece acreditando né? A gente continua acreditando mesmo sem ser acreditar né? Agora isso acreditar está chorando... o jeito é como se fosse obrigado a acreditar.

JUDE - É que mesmo o sofrimento você tem que acreditar. Mesmo se não for algo que agrade que ela acha bom, mesmo assim se é verdadeiro, continua acreditando. Mesmo que seja difícil.

PESQUISADORA - Por que acreditar chorando? Isso tem muito a ver com tudo acreditar é fé, né? E fé. Continuemos a leitura.

LÍRIO 2 - Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que alguém no mundo ma dê. Vós? É uma história em tecnicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso. Amém para nós todos.

PESQUISADORA - Pronto. Aqui ela entra aí na história de Macabéa. Nessas cinco linhas ela está descrevendo exatamente aquilo que nós vamos ler. Emergência, calamidade pública, trata-se de um livro inacabado porque realmente vocês vão perceber que ele é inacabado. Aqui quando ela fala em tecnicolor é porque a história de de Macabéa é tão preto e branca, eu acredito que ela queria dizer que ela era muito sem cor mesmo, né? Porque ela era uma nordestina sofrida, saiu daqui, foi pra o Rio de Janeiro tentar a vida, tudo, tudo isso que a gente vai ver na obra era cinza, era preto e branco. Aí ela disse, por Deus, eu preciso de um colorido. Mas só na cabeça dela. Porque quando a gente vai ver a história de Macabéa o colorido é a gente que vai tentar encontrar. Nós vamos tentar encontrar juntas. Ela vai e diz amém pra todos nós é como se dissesse assim será que vocês vão conseguir colorido? Né? Boa sorte.

PESQUISADORA Vamos ler mais um pouquinho para ver o início da história né? Porque aqui ela só está falando da história. Mas a história vai começar agora. E aí tem uma coisa interessante aqui que a gente vai começar a perceber. O livro não tem capítulos e fica difícil delimitar até onde nós vamos ler, né? Porque sem capítulos fica ruim. Como é que se faz um livro sem capítulo? Mas Clarice era Clarice, né? Ela inventava palavra, a moda era dela. Tipo: Eu sou a autora. Olha eu estava vendo uma vez que o escritor ele tem o seu estilo. Ele não muda. Se você não gosta daquele tipo de escritor você vai mudar de escritor. Mas o escritor não vai mudar por causa do leitor. Porque são inúmeros leitores. Né? Eu lembro de uma vez que, na metade do meu primeiro livro uma leitora fez umas críticas, e eu gosto das críticas porque me faz ver algum aspecto que eu preciso mudar né? As são boas né? Eu acho que são construtivas. E teve várias. Por exemplo, teve uma pessoa que disse: "Olha, esse livro tem quase trezentas páginas e se tirasse alguns capítulos, resolveria a questão" e eu concordei com ela. Eu fui muito prolixa, era meu primeiro livro. E foi muito aleatório esse livro

que eu que eu escrevi foi muito relacionado com era uma dor profunda que eu estava sentindo, eu estava quase caindo numa depressão e aí ele foi uma válvula de escape. Eu nunca pensei em escrever, mas de repente eu tinha que escapar daquela coisa que estava me oprimindo e aí eu comecei a não dormir mais a noite e eu disse meu Deus, o que eu faço? Eu não quero tomar remédio pra dormir, eu preciso me tratar e eu não sei como. Aí o que foi que eu fiz? Eu comecei a inventar uma historinha na minha cabeça quando eu ia dormir quantas preocupações vinham aí eu na minha cabeça eu inventava aquela história. No dia seguinte eu dei continuidade à história e assim se passaram vários dias, eu acho que uns quinze dias, umas duas semanas eu dando continuidade àquela história. E eu lembrava exatamente de onde eu tinha acabado. Um dia eu me levantei, peguei o notebook e comecei a escrever e foi assim que nasceu meu primeiro livro. Mas aí o que que acontece? Eu fui muito prolixa. Realmente compreendi a crítica. Mas teve uma crítica sobre o meu estilo de escrita. Aí eu não respondi. Porque o escritor não quer mudar. Eu sou escritora de romance de época. Não adianta eu chegar e alterar a minha escrita pra falar de um de um Smartphone ou de um iPhone. Não adianta, o meu estilo é carruagem. Vai mudar quem eu sou, o meu estilo é esse. Vamos recomeçar a leitura? É como você disse, ela era bem pra dentro mesmo e a gente se esforça pra, né? Então, vamos dividir daqui Então vamos lá. Agora foi você, não foi que ficou faltando, então vamos começar da página vinte e um.

LANA - Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou. Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho. Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. Deus é o mundo. A verdade é sempre um contato interior inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulsar. A dor de dentes que perpassa esta história deu uma fígada funda em plena boca nossa. Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade. Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.

PESQUISADORA - Pronto. Aqui ela já começa a falar sobre a protagonista sem dizer o nome dela, né? Nordestinas. Porque é assim a protagonista ela era nordestina ela aqui de Alagoas né? A gente vai ver depois né? Mas olha o emaranhado que ela faz aqui.

LANA - E ela dá um jeito de botar ela lá, fala de melodia.

PESQUISADORA - Exatamente, ela sempre está em algum pedacinho da escrita. E uma das poucas entrevistas que conseguiram fazer com ela, disseram faça o resumo da obra. Aí ela disse “é uma história de uma moça nordestina de Alagoas, tão pobre que só comia cachorro-quente. A história não é só isso não. A história é uma inocência pisada e uma miséria anônima”. Eu fico pensando assim por que será? Quantos nordestinos saem lá pro Rio de Janeiro, vão pra São Paulo, vão tentar a vida, é a migração, né? Migram pra tentar uma vida melhor, e anônima porque quem são esses nordestinos? Quem conhece essas mulheres? O que elas fazem né?

1456 - E ela viveu justamente nessa época, né? Ainda existe isso só que em Alagoas era um dos principais estados que os nordestinos iam pra lá, pra São Paulo, pro Rio de Janeiro principalmente.

PESQUISADORA - Isso, principalmente, né? São Paulo e Rio de Janeiro pra tentar a vida, uma vida melhor, porque como era aqui, né? Acho que aqui o trabalho era mais canavieiro, né? Era muito rudimentar, né? Principalmente pra mulher, né? Então saía-se pra tentar a vida lá fora e chegando lá fora, quem eram essas pessoas? Né? Anônimas, ninguém sabia na verdade quem eram. Aí ela diz assim, “a história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima”. Aí instada a falar sobre a inspiração para escrever declara que a “inspiração é autobiográfica”. Ou seja, muito dela está nesse livro que começamos a ler. É como você disse, ela dá um jeito de aparecer, sem querer aparecer, mas no fundo aparecendo, não é verdade?

1456 - Uma coisa que aparece muito ela é que em algumas partes a pessoa fica meio travada. E eu penso assim que por ela ter perdido a mãe, como a senhora tinha falado que ela pensava que a mãe dela poderia estar viva se ela não tivesse nascido, dentro dela com certeza tinha muita confusão por ela ser criada por homens por ela não ter a visão materna e tal tem muita confusão dentro dela. Eu acho que essas partes que dá uma confusão assim na cabeça acho que é o interior dela gritando dizendo que ela não sabe explicar e também não consegue ser normal pra todo mundo. Ela só sente. E justamente isso, ela só escreve, ela só repassa e é tipo algumas dores eh que muitas pessoas sentem dores diferentes uma da outra mas sempre vai ter alguém que você conta a sua história conta a sua dor e a pessoa de cara assim vai olhar e dizer: eu sei de tudo isso que você está passando. Eu consigo entender completamente. E é exatamente isso as obras delas. Nem todo mundo entende. Nem todo mundo gosta. Porque quem gosta é aquelas pessoas que olham e entendem realmente o lado dela.

PESQUISADORA - Ela era introspectiva sem ser no final das contas não era? Porque ela era introspectiva mas quando ela o colocava no papel ou ela falava a gente terminava desbravando né? A a Clarice, né? É quando ela disse, “a minha vida mais verdadeira é irreconhecível”. Mas eu não vejo como irreconhecível. Claro que tem muita coisa nela que a gente não, nunca vai compreender, né? Mas quando ela escreve, ela se mostra.

1456 – Acho que quando ela diz irreconhecível eu acho que é pelo fato dela escrever seria uma forma se expressar não tanto conversar. Aí quando ela conversa ela tem uma resposta da outra pessoa, ela escrevendo, ela não tem uma resposta. Então pra ela ninguém entende ela.

PESQUISADORA - É, é verdade. E quando ela escreve ela não vai ser confrontada.

1456 - Exato. Acho que dizia reconhecível porque não chegou ninguém pra fazer assim “ó a gente entende”.

PESQUISADORA - Mas ela é tão reclusa que eu acho que era difícil a pessoa chegar pra Clarice e dizer isso, porque ela era tão pra dentro, né? Depois do incêndio ela ficou tão reclusa e ela caiu em depressão e se ela era assim, ela ficou pior ainda porque somente as pessoas mais íntimas conseguiam fazer uma visita a Clarice, justamente porque ela se sentia mal, estava com a pele queimada, a mão ficou deformada, então isso foi pior ainda, isso refletiu muito na vida dela.

JUDE - E culpa. Ela já tinha culpa por conta da mãe dela e aí o cigarro, teve o incêndio por causa, por culpa dela.

PESQUISADORA - Pronto. A gente vai descobrindo as coisas, porque por exemplo, eu não tenho pensado por esse ângulo mas certamente ela sentia culpa de estar naquela situação porquê ela foi dormir com um cigarro que provocou aquilo, ela provocou, involuntariamente mas provocou. Ela não pegou um cigarro e botou lá pra queimar, ela foi dormir com o cigarro na mão e foi uma atitude irresponsável né?

JUDE - Escrever eu acho que pra ela era como estar na frente do espelho como ela disse ninguém falaria com ela era só ela fazendo movimentos e vendo a si mesma, ela não fazia nada, ela só via e estava dentro da própria confusão dela, mas ninguém ao redor podia ver. Só ela podia se olhar naquele espelho.

1456 - Hoje em dia tipo as pessoas leem o livro da senhora e vão lá, comentam, falam sobre ele, e a senhora consegue ler e vê o que elas acham. Naquele exemplo não tinha como ela fazer isso. Ela não sabia a opinião das pessoas. Isso também foi a causa da falta de capítulo.

JUDE - Como Van Gogh, ele nunca foi conhecido. Então pra ele todas em algum momento ele achou que todas as obras dele não eram boas. Aí chegou né, tirou a própria vida e agora é uma das pessoas mais famosas. Ele morreu sem nunca saber que era amado. Acho que é a mesma coisa de Clarice porque obviamente ela tinha fãs mas como ela disse não tinha alcance, fora que os livros eram coisas muito elitista, então só a elite tinha livros. Não tinha como ela chegar ao público que ela almejava porque realmente não tinha todo o alcance que se tem hoje né? Mesmo que os livros conseguissem chegar, as pessoas eram analfabetas. Então não faria diferença.

PESQUISADORA - É, porque mudou muito a a questão do analfabetismo hoje, né? Como era na época dela, porque é esse livro foi escrito numa época em que o analfabetismo no Brasil era muito alto. Ou seja, a elite é como você disse, a elite era quem detinha o direito, a possibilidade financeira de pegar aquele livro e ler. A elite era quem julgava a obra dela, fazia a as análises, né? A pessoa que não tinha condição de comprar o livro, não ia ver aquilo, ia ver pelos olhos de outra pessoa.

CHER - Eu acho até que a parte do irreconhecível que se falou que é como ela se olhasse no espelho também tem muito a ver com isso porque como ela escrevia para um público que não elite, eles não reconheceriam ela.

1456 – Como alguém que nunca esteve naquela mesma situação, porque ela pode não ter nascido no Nordeste, mas desde os dois anos vivia lá. Então, durante praticamente toda a vida dela, ela se considerou nordestina. Então, a elite, ela não se concentrava no Nordeste. Então o resto do Brasil não entendia ela, não entendia o que se passava dentro dela e também não tentava compreender. Acho que só apontavam dedos.

PESQUISADORA - Até porque ela era elite, ela era casada com um diplomata e era vista como um igual, né? Mas de onde ela veio? Por que escrever tanto sobre isso? Escrever sobre o nordestino, sobre essa pobreza, sobre esse sofrimento, sobre essas agruras. Né? Quando na verdade ela tinha tudo. Ora.

JUDE - Sofrimento é esse que ela nunca passou.

PESQUISADORA - Pois é. Muito interessante, né?

LÍRIO 2 - a classe que ela falava, eles não chegavam a se expressar, não é? Expressar tipo livros a respeito d a realidade deles. Então aquilo basicamente era pra coisa de outro mundo, né?

PESQUISADORA - Era coisa de outro mundo que ela não vivia, tinha vivido, mas quando ela estava escrevendo, ela não vivia, porque ela era muito bem de vida, né? Disse que ela tinha um quarto só pra escrever, ela tinha uma vida confortável, a Clarisse Lispector, ela tinha babás pra os filhos dela, então ela tinha uma vida confortável né? Mas parece que o Nordeste não saiu dela e ela queria mostrar pras pessoas o que era aquele sofrimento.

JUDE - Não tem como tirar a parte que ela viveu, não tem como. Não tirar aquilo de dentro dela, podia não tá naquela realidade, naquele momento, mas ela já passou aquela realidade e estava dentro dela. Até porque os traumas dela aconteceram antes quando ela se achava naquela situação. E ela fala sobre a mulher. Talvez durante esse período ela conseguiu se expressar, ela não conseguiu falar da maneira que ela queria e aí depois que se passou os anos acho que ela conseguiu se libertar.

PESQUISADORA - Isso. Agora a Lírio 2 vai dar continuidade à leitura.

LÍRIO 2 - Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes.

PESQUISADORA - Gente ela já ela já vai predizendo, né? O que que vai acontecer. Vamos lá.

LÍRIO 2 - Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia trêmula. Será essa história um dia meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial.

PESQUISADORA - Olha que coisa. Acho que também fala muito sobre ela. Porque eu acho que ela sentia que faltava alguma coisa, não dinheiro, não em bens materiais mesmo. Aqui ela já tava doente, e já nem foi ela quem escreveu, foi uma amiga dela, e ela morreu sem antes de ser publicada essa história. Ela já sabia que ia morrer, né? Então ela aqui ela está se colocando, por isso que quando ela diz “até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia trêmula”. Ou seja, ela estava predizendo uma morte, né? Se você olhar direitinho, ela não é uma Macabéa, mas Macabéa representa muito daquilo que ela passou né?

JUDE - Ela não é Macabéa, mas Macabéa é ela. Ela criou alguém que representa ela.

PESQUISADORA - É, exatamente, a gente vai começando a entrar né

1456 - E falar da pobreza de espírito e de dinheiro. foi como a gente disse, podia ser que aquelas pessoas elas não se expressassem, as pessoas da elite, elas tinham dinheiro no entanto não eram felizes, não tinham a felicidade dentro de si, então faltava alguma coisa, eles tinham uma pobreza de algo.

PESQUISADORA - Vamos ler mais dois parágrafos. Agora com um parágrafo ficou melhor.

CHER - Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos. Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar palavras que vos sustentam. A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S. M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silêncio e de chuva caindo.

PESQUISADORA - Aqui ela fez um resumo de tudo que vai acontecer. Só que, pra todos os efeitos, quem é que tá falando aqui?

VÁRIAS ALUNAS AO MESMO TEMPO - Rodrigo.

PESQUISADORA - Isso. Rodrigo é um personagem masculino. Ela não tá aqui como ela, embora a gente perceba que é ela. Mas ela me colocou um personagem masculino falando sobre a história e como vai acontecer?

1456 - História exterior e explícita, sim, mas que contém segredos – a começar por um dos títulos. “Quanto ao futuro”, que é precedido por um ponto final e seguido de outro ponto final. Não se trata de capricho meu – no fim talvez se entenda a necessidade do delimitado. (Mal e mal vislumbro o final que, se minha pobreza permitir, quero que seja grandioso.) Se em vez de ponto fosse seguido por reticências o título ficaria aberto a possíveis imaginações vossas, porventura até malsãs e sem piedade. Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isto é que não vos dou a vez. Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com seu estrondo possível de átomos. O que é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida.

PESQUISADORA - Aqui ela já começa a entrar realmente na história da nordestina, a falar sem dizer o nome dela ainda.

1456 - Essa parte é como se fosse um resumo de tudo que vai acontecer. Porque nos livros que eu estou acostumada de ler, de ver, sempre tem. Primeiro resumo, primeiro capítulo. Tudo no início. Aqui não, aqui já é do livro. É difícil. Eu que interprete como é, quando é que acaba uma coisa e que inicia outra. Acho que também por isso que ela fala porque a gente tem que entender a gente. Onde é que fica o começo e onde é que fica o fim.

PESQUISADORA - É. Ela disse que se em vez de ponto fosse seguir por reticentes, o título ficaria aberto possíveis imaginações vossas. “porventura até malsãs e sem piedade”. Bem eu acho que quando ela diz que não tem pena, será que é porque ela quer mostrar a realidade crua? Que acontece na verdade, não é isso que acontece? Qual é a realidade, né?

1456 - Acho que ela diz isso por causa da culpa, essa parte de não ter pena e dó de tudo o que acontecer, olhando ela sendo ela, a personagem. Tudo que aconteceu na vida dela talvez seja trazido por culpa dela e ela se sentir nessa culpa também.

CHER - Também eu acho que pode ser tipo ela tem o direito de ser dolorosamente fria como ela disse e não a gente que está lendo porque talvez ela esteja contando uma realidade de fato, um acontecido não uma síntese histórica, acho que por isso que meio que mesmo que não tenha acontecido mas que acontece sempre. Porque geralmente quem está lendo sempre quer ver um final feliz, porque se fosse uma realidade. Porque ela diz que é uma história verdadeira, mesmo que seja inventada.

PESQUISADORA - É uma história inventada mas é uma realidade o que acontece? É diferente de uma ficção que eu invento pra fazer um final feliz, meus personagens tudinho terminam muito bem graças a Deus, final feliz, mas eu optei por isso. Ela optou pela realidade. Não é verdade?

LANA - Eu detesto realidade.

PESQUISADORA – Vamos dar continuidade à leitura e daqui a 15 minutos encerraremos.

DIEM - Porque há o direito ao grito. Então eu grito. Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descobro eu agora – eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?

PESQUISADORA - Pronto. Aí é forte, lembra quando ela falou da dor de dente lá atrás que é terrível? É como se fosse assim, você sofre mas vai recorrer a quem? Não tem o que fazer é continuar levando a vida e assim são milhares de nordestinos, não é isso? Que vão embora e enfrentam situações difíceis, principalmente mulheres, quantas mulheres vão embora, engravidam, vão criar seus filhos distante de sua família né? Vocês conhecem alguém que foi embora daqui pra pra tentar uma vida melhor?

1456 - Sim, a maior parte da minha família é assim.

PESQUISADORA - E não é porque dizendo, eu vou embora pra passear, pra ser feliz de férias, não! Estão tentando uma vida melhor.

BIBI - Pior é que chega lá, eu não vejo essa vida melhor não. É só trabalhador normal pagando aluguel caríssimo.

1456 - A minha família todinha que foi embora uma única pessoa conseguiu. Porque hoje em dia ela é enfermeira. Ela conseguiu fazer a faculdade de enfermagem tudo certinho. Hoje em dia ela é enfermeira, trabalha, tem o apartamento dela. Foi a única, o resto, todo mundo, é a mesma coisa, trabalhador. Eu tenho um primo meu que ele trabalha em dois empregos, e que é de manhã, a tarde e à noite.

JUDE - Eu acho que antigamente existia mais oportunidade, mas hoje em dia acho que as oportunidades são as mesmas, basta procurar porque assim, pelo menos eu acho que na nossa cidade porque Maceió é uma cidade muito turistada então assim é muita gente que vem aqui, então acho que tá a mesma coisa de trabalho, entendeu? Acho que obviamente lá vai ter mais opções,

1456 - Só que é por partes, em áreas específicas também, tipo é tem muita gente querendo fazer uma coisa só daí sobrecarrega aquela parte e fica faltando em outra. É isso que acontece por isso que muitas pessoas vão pra fora porque querem procurar todo mundo faz. Não tem um diferencial.

PESQUISADORA - E vocês acham que como conseguiria esse diferencial?

1456 - Em questão de de profissão, aqui eu faço mecânica, aqui em Alagoas não tem profissionais em mecânicas de avião, o aeroporto tem que contratar de São Paulo e do Rio de Janeiro pra vir pra cá, alugam apartamento, casa, tudo, alimentação, feira do mês, eles pagam tudo. Pagam caro, porque não tem ninguém aqui pra fazer isso. Você tem que ter que olhar pro lugar que você está. É aqui. exatamente a necessidade. Eu quero me manter aqui, aqui está precisando disso e disso e disso. É não é uma coisa só, é várias coisas. Então, você tem que olhar, ah, tá precisando nisso? Então, eu gosto disso. Então, vou fazer isso.

PESQUISADORA - Porque isso é que vai abrir portas, você vai pra um meio que tem pouca mão de obra né? Isso você vai se especializar naquilo.

1456 - A Infraero estava abrindo cursos gratuitos pra os mecânicos que queriam, sem pagar nada, só pra não precisar trazer pessoal lá de fora.

JUDE - É como eu disse, as oportunidades têm aqui, só que as pessoas não não querem. Eh e assim. Eu acho que muitas pessoas daqui também tem um pensamento muito fechado.

1456 - De tipo, eu quero ganhar um salário mínimo pra conseguir sustentar a minha casa. Não tem um pensamento aberto pra que “eu quero construir, eu quero sempre subir mais”.

PESQUISADORA - Eu sei, não tem ambição, porque ambição ela não é negativa, ela não é ruim, ela é positiva, dependendo do seu tipo de ambição.

1456 - Eles se mudam pra São Paulo, pro Rio de Janeiro, aí o que que acontece? A maior parte da população que faz esse trabalho mais pesado nesses lugares são nordestinos. São nordestinos, porque lá as pessoas vão fazer o quê? Ah não eu vou trabalhar pra ganhar isso aqui pra eu manter uma casa. Não, eles vão trabalhar vão tentar se profissionalizar em outras coisas pra conseguir mais. Até porque em São Paulo não dá pra nada porque um aluguel lá é mais de seiscentos reais. Uma casa numa favela o meu tio está morando em Itapevi. Sim. E assim ele mora numa favela. E talvez com aquele aluguel ele morasse bem melhor aqui né? Cara aqui com o dinheiro que ele está pagando lá ele moraria numa parte boa do Antares aqui. Tem casas ótimas no Benedito, na Serraria e não são com a localização ruim aqui. Sim. Aí eu não entendo, trabalha o dia todo.

DIEM - Muitas pessoas que saíram de São Paulo, do Rio de Janeiro, dessas cidades assim pra vir pra um lugar tranquilo. Sim. Porque falaram, não, é porque a pessoa acha que lá tem muita falta de emprego, aí você ganha. Não, aqui é melhor.

CHER - No livro também fala na época muita gente ia lá e ia só na esperança. Não tinha nenhum, nenhuma, nenhum estudo, nada. Iam lá né? Não encontravam nada e as meninas a única coisa que elas tinham era o corpo.

É, ela diz que há milhares de moças em cortiço, atrás de balcões, trabalhando até a estafa, né? Não notam se quer que são facilmente substituíveis. É mesmo. Adoece, morre coloca outra, outra igual no lugar. Então, o segredo é esse, é a educação. É você querer sair de onde você está pra uma situação melhor por meio da educação não é verdade?

1456 - Não é saindo de um lugar pra o outro continuando só com o ensino médio que você vai crescer na vida,

JUDE - É muito difícil você encontrar alguém que não tem o mínimo acesso à internet. E se você passar cinco minutos no Google você consegue achar vários cursos com certificado grátis que assim vai fazer maravilhas pro teu currículo.

PESQUISADORA - Isso se chama oportunidade.

JUDE - Exatamente. Estava tendo um curso em Harvard que você pagava acho que convertendo dava cinquenta reais pro certificado.

1456 - No SENAC a cada início do semestre eles disponibilizam listas de cursos gratuitos que você pode fazer.

PESQUISADORA - Olha aí, então outra palavra, educação e oportunidades, ver as oportunidades. Não é só a educação, porque se você tem que abrir a mente, né? Se quer crescer, se quer mudar de vida, tem que abrir a mente. Pronto a gente vai encerrar por hoje

1456 - Eu tava pensando, “eu também não faço a menor falta e até o que escrevo ou no outro escreveria”. Ela foi uma pessoa humilde, porém também eu olho pelo lado de que ela não se achar tão necessária. Ela se menosprezava. Porque ela é uma escritora, ela escreve é importante aquilo que ela fala. Tipo, pra alguma pessoa é escritor. Cada escritor é único. Eu acho que todo escritor no fundo sabe isso, só que nesse momento talvez falando da pessoa dela, do fiel assim, do que ela sente nela e que tipo, qualquer outra pessoa até poderia tá fazendo o que ela faz. Porque ela não é tão importante assim. Talvez na cabeça dela nem sei.

PESQUISADORA - E eu noto que ela está se comparando aqui, porque quando ela está falando da moça que não faz falta ninguém ela vai, ela se coloca na mesma situação né? Ela vai e diz eu também não faço a menor falta, da mesma forma que ela não vai fazer falta a ninguém. Ela está se comparando aqui. É como se fosse assim, aquela nordestina que não tem nada pra oferecer ela não vai fazer falta. E eu com tudo isso que tenho, eu também não faço falta nenhuma. Alguém pode me substituir e a gente sabe que ela é insubstituível. A Clarice Lispector nem imaginava o valor que ela tinha.

1456 - Essa parte também me lembro de uma parte que me tocou na que ela pensava que se ela não tivesse nascido a mãe dela estaria viva e outra pessoa estaria aqui no seu lugar. Tipo, ninguém nem saberia que ela existiu.

PESQUISADORA - Agora sim, é porque o remorso é uma desgraça. Porque a mãe dela ia morrer de todo o jeito. Não tinha como evitar porque ela tinha uma situação de sífilis, era gravíssimo, né? Porque na época não tinha tratamento. Ou seja, ela ia morrer, mas ela não raciocinava porque no fundo muitas pessoas que têm sentimento de culpa alimenta isso, né? É como um remorso fica que a pessoa fica alimentando e retroalimentando, não é verdade?

CHER - Me deixa pensando também que ela era meio que cruel com a personagem, mas a gente, leitores, as outras pessoas não poderíamos e não seríamos eu meio que acho que tipo ela pode ser cruel com ela mesma, ela se infringe dor, mas outras pessoas ela não acha que vão ter o mesmo comportamento. Que vão ser mais complacentes do que ela.

PESQUISADORA - E talvez ela seja dura porque ela viveu a realidade e ela sabe como é, né?

JUDE - Fernando Sabino. Sim. É com quem ela trocava corresponder. Quer que eu coloque? (aluna pede pra colocar o áudio da carta no celular, pra todos escutarem)

19 junho 1946 - quarta-feira “Fernando, sua carta me surpreendeu tanto... (optei por não transcrever a carta).

JUDE - Tem um monte de carta dessa. Ela fala às três da tarde e o coração dela só bate e eu nunca tinha entendido isso. Só que agora compreendi, é que ela medita, por isso que ela fala na meditação. Era por isso que ela falou que é só o essencial. Tirei do Tik Tok.

PESQUISADORA – Maravilhoso. Acabamos por hoje, na quarta-feira a gente começa na página vinte e três “esquentando o corpo para iniciar”, isso o Rodrigo está dizendo que está esquentando o corpo pra iniciar a história viu? Ela ainda nem começou a história. É um resumo até agora. Até quarta-feira, pessoal.

Círculo de leitura 2

Tema: Aspectos ligados à nordestinidade e aos processos migratórios.

Data: 19/04/2023

Duração do encontro: 1:19:30

Participantes (quantidade presente no dia): 09 (nove)

Recursos utilizados: Xérox do livro, celular para gravar as falas e filmadora.

2º Círculo de leitura, realizado em 19/04/2023

PESQUISADORA

Vamos começar a nossa leitura? Como eu tava dizendo, semana passada a gente estudou um pouquinho sobre a Clarice. Vocês que não estiveram na segunda-feira já leram alguma coisa da Clarice?

GIRASSOL: Acho que li por obrigação, eu nem lembro.

PESQUISADORA Por que foi por obrigação?

GIRASSOL: Eu não sei, eu acho que uma pessoa pediu alguma coisa. Eu acho que eu fiz até um trabalho sobre ela.

LANA: EU também li, mas foi por obrigação. E a gente fez até uma apresentação, agora eu não lembro o que foi, eu lembro que a gente fez uma peça que tinha até uma menina que ela escrevia, e agora eu não lembro qual foi o o livro né?

PESQUISADORA O primeiro livro dela que eu ligo foi A hora estrela

PESQUISADORA Então a gente viu que Clarisse era uma pessoa de difícil compreensão, né? Porque ela era avessa, ela era incompreendida na verdade, porque ela era avessa à vida pública, né? Ela tinha essa coisa, tornou-se quase um mito por conta disso, né? E ela não gostava de escrever uma literatura que fosse atraente aos leitores, ela não romanceava, ela gostava de instigar as pessoas a pensar. E a gente só instiga, muitas vezes, mostrando a realidade, né? Ela escolheu ela optou por isso.

Antes da gente começar a leitura eu queria ler aqui uma coisa pra vocês, antes da gente começar a ler sobre Macabéa. Eu achei bem interessante isso a semana passada eu falei disso. A Clarice surpreendentemente faz uma entrevista e diz que está escrevendo “não um romance, mas uma novela e ela disse que é uma história de uma moça nordestina de Alagoas tão pobre que só comia cachorro-quente. A história não é só isso não. A história é pisada

inocência, de uma miserável anônima.” A gente falou sobre isso a semana passada. Mas aí o que foi que a gente concluiu é que muito ela escreve é aquilo que ela viveu. Não é a história dela, mas ela fala daquilo que ela viu outras pessoas passarem, né? Aí quando perguntam pra ela, qual o estímulo pra ela escrever esse livro? Ela diz: “Morei no Recife, me criei no Nordeste, e depois no Rio. No Rio de Janeiro tem uma feira dos nordestinos no campo de São Cristóvão. E uma vez eu fui lá. Daí começou a nascer a ideia. Depois fui a uma cartomante e imaginei que seria muito engraçado se um táxi me pegasse e eu movesse depois de ter ouvido todas essas coisas. Então fui nascendo toda a trama da história”. Ela vai dando todo o panorama da novela nessa entrevista. Ela pegou o local onde ela morava, ali os os costumes, a vida daquelas meninas, né isso? E aí ela foi começando a imaginar e foi criando, começando a criar uma narrativa, né

Aí perguntaram pra ela qual o nome da heroína da novela. Ela disse: “Não quero dizer, é segredo.”

E o nome da novela, você poderia revelar? Aí eu disse “treze nomes, treze títulos”.

Olha os títulos lá na primeira página do livro de vocês. Lá no iniciozinho. Quando a gente vai lá pra uma parte em que lemos na semana passada, tem uma parte aqui que ela diz “se em vez de ponto fosse seguido por reticências o título ficaria aberto a possíveis imaginações vossas porventura até malsãs e sem piedade. Bem é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina, é um que deseja o frio, mas tem o direito de ser dolorosamente frio e não nós.” Mas não é isso também dizer minha gente, perai minha gente, aqui oh ela fala “história exterior e explícita sim mas que contém segredos a começar por um dos títulos quanto ao futuro que é precedido por um ponto final e seguido outro ponto final”.

Tem uma parte que ela diz “principalmente o primeiro título”. O primeiro título é qual mesmo?

VÁRIA ESTUDANTES: A culpa é minha.

PESQUISADORA Lembra que a gente falou a respeito da Clarice, que a mãe dela morreu no parto e ela se culpava porque ela achava que se não tivesse vindo ao mundo a mãe não teria morrido. Aí você vê que ela pegou treze títulos e foi colocando e depois foi que ela escolheu que seria *A hora da estrela*. Aí lá no final é que a gente vai entender porque foi que ela escolheu a hora da estrela. Na verdade a gente vai esmiuçar essa história pra saber o motivo, né? Por que a hora da estrela de treze títulos, né? A gente vai ver que ela queria dizer alguma coisa, mas lá na frente é que a gente vai ver isso. Então pronto, então é mais ou menos por aí, né? A gente falou sobre isso, né? Sobre as culpas da Clarice Lispector, a vida que ela tinha, né? E vocês foram excelentes, vocês meninas que estavam aqui na segunda foram, né? Trouxeram coisas, novidades assim sobre a Clarice, que é justamente isso que ela quer que a gente reflita sobre sobre o que ela escrevia, né? E ela consegue, né? Até hoje ela consegue que a gente faça isso, né?

Então hoje a gente vai começar a partir da página 23. Hoje começa por aqui (APONTA PARA UM DOS LADOS).

ALUNA: Não!

PESQUISADORA Então eu vou começar e vocês dão sequência, certo?

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? Estou esquentando o corpo para iniciar, esfregando as mãos uma na outra para ter coragem. Agora me lembrei de que houve um tempo em que para me esquentar o espírito eu rezava: o movimento é espírito.

A reza era um meio de mudamente e escondido de todos atingir-me a mim mesmo. Quando rezava conseguia um oco de alma – e esse oco é o tudo que posso eu jamais ter. Mais do que isso, nada. Mas o vazio tem o valor e a semelhança do pleno. Um meio de obter é não procurar, um meio de ter é o de não pedir e somente acreditar que o silêncio que eu creio em mim é resposta a meu – meu mistério. Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria.

Ou seja, trabalho grosseiro, né? Aqui até agora ela continua só falando o tipo de escrita que ela vai utilizar, né? Ela não fala nada ainda da história.

Aqui ela está já entrando na personagem mas sem dizer o nome sem né? esse tempo todinho ela só tava dizendo o que é que ia ser a história, o que ela tinha pensado. Ela não começou a história, ela ficou só remoendo, remoendo.

Muito bem, agora não pode começar, pesquisadora apontou para um dos lados (NINGUÉM QUIS LER). Muito muito, então vamos fazer assim, quem quiser começa a ler.

LANA Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê o meu material básico é palavra. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evolva um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases. É claro que, como todo escritor, tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudo substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordai? Mas não vou enfeitar a palavra pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro – e a jovem poderia mordê-lo, morrendo de fome. Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência. Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaços de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: “desiguinar”.

PESQUISADORA Do jeito que mandava ela datilografava porque ela não sabia escrever, né? Eu não sei como foi que ela conseguiu um emprego num escritório, né? Eu acho interessante essa parte assim, porque aqui mostra que ela não tinha habilidade nem pra escrever e muito menos pra datilografar, né? Mas vamos dar uma paradinha aqui. Como vocês analisam essa parte? Eu noto que ela diz que se limita a humildade, porque ela era tão humilde né? Que limita o linguajar como se ela fosse uma pessoa simples né? Clarice Lispector ela não tem nada disso, ela não tem nada de simples, né? E ela se esforçou muito, eu acho pra escrever essa história, né? E ela fala sobre isso, né? Sobre essa ela tem que se limitar para captar e vaga existência dessa protagonista, né? Alguma coisa chamou atenção de vocês ou vocês não perceberam nada assim que vale a pena a gente comentar? Semana passada o povo estava com água afiada segunda-feira só falando, falando, falando, não foi? 1456, Lana, lá todo mundo falou, não foi? Agora também, a semana passada a gente não começou lendo, mas falando sobre quem era ela, como ela tinha, falou a gente falou sobre o incêndio, né?

A gente já consegue perceber duas culpas em Clarice, uma pela mãe morta e outra por agora estar sem conseguir escrever, porque involuntariamente ela provocou o incêndio, né? Aí quando a gente fala aqui da datilografia o que a gente observa? Que era uma pessoa limitada, mas será que aqui a Clarice não tá querendo falar sobre a própria limitação dela? O que vocês acham?

LÍRIO 2 Ela só muda a condição, né? Ela não podia escrever porque estava com a mão limitada. Agora a menina é porque ela não sabe realmente escrever, né? Ela faz um 'paralelamente' né? O meio é outro só que no final mesmo faz uma coisa.

PESQUISADORA É isso mesmo. Ela no final ela sempre faz uma alusão a ela mesma, só que de uma forma diferente, mas é como se ela quisesse sempre se reportar aquilo que ela viveu, né?

CHER Também tem a parte da Casa do Sertão, com vestido de chita, quer dizer que se ela tivesse ficado lá não teria acontecido.

PESQUISADORA E aí ela já está falando aqui da menina nordestina, né isso? Aqui a gente já pode até abrir um parêntese pra falar (A gente até falou a semana passada) sobre pessoas que saem daqui tentando uma vida melhor, até a Jude disse que já teve gente da família que foi embora do Nordeste, pra ter uma vida bem melhor lá fora, melhor, um pouco melhor e se mata de trabalhar e no final não é melhor coisa nenhuma, né? Até que ponto vale a pena, né? A gente falou também sobre a questão do estudo, aí essa questão já foi você, não foi? 1456 que falou, não foi?

1456 Que as áreas de estudo, não deve focar em uma só. Deve focar naquilo que vai lhe beneficiar a ter um trabalho melhor lá na frente, né? A se inserir no mundo do trabalho.

PESQUISADORA Isso memo. Vamos continuar lendo.

LAUREL HELL Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” Cairia estatelada em cheio no chão. É que “quem sou eu?” Provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto. A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. Voltando a mim: o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. Pois o que estarei dizendo será apenas nu. Embora tenha como pano de fundo – e agora mesmo – a penumbra atormentada que sempre há nos meus sonhos quando de noite atormentado durmo. Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos. É que a esta história falta melodia cantabile. O seu ritmo é às vezes descompassado. E tem fatos. Apaixonei-me subitamente por fatos sem literatura – fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir.

MOMENTO DE EMOÇÃO DA PESQUISADORA, 1456 E LÍRIO 2 (QUASE CHORANDO)
como a gente vai se envolvendo com ela, não é? A gente se envolve demais com essa personagem, eu fiquei com vontade de chorar agora, né ela ela não era tola, ela era boa, boa, né? Na minha visão, né? Você saindo, sair rindo pras pessoas na rua, não quer dizer que a pessoa é boa, né? Mas ela tá dentro, ela tá aqui, não é criticando com a cabeça, né? Mas é porque era a visão que as pessoas tinham de dela era de uma pessoa toda.

PESQUISADORA Vocês captaram alguma coisa do que a gente leu até agora?

LAUREL HELL É aquela coisa, né, da Clarice, que ela é muito profunda, ela assim é muito grande e acho que se você for ler você vai precisar independente de se esforçar pra entender porque é o que ela escreve tipo a senhora disse ela escreve tipo pra ela, coisa dela sim, mas ainda por uma forma que dá no final. A gente se complica, pode se complicar dentro, mas sempre tem um sentido.

CHER Eu ia falar que aquele negócio que lemos semana passada que ela falava da realidade e sem passar pano, sem pano de fundo “meus sonhos quando de noite atualmente quando

durmo, que é uma realidade que ela pensa enquanto dorme, que ela não tá vivendo, mas que ela pensa que ela poderia ter acontecido com ela.

PESQUISADORA Ela deixa clara aqui a realidade mesmo, nua e crua, não é verdade? Quando ela diz que “não se esperem então estrelas no que se segue”, ou seja, na história que a gente vai ler não vai ter babados, não vai ter firulas, vai ser nu e cru. A gente vai ler uma história que facilmente a gente pode encontrar na periferia, em alguns em alguns lugares em pessoas que são exatamente como uma Macabéa, né isso? Então não tem boniteza. Por isso que diz, “nada se ignorará trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza explosiva por todo. Então é uma história que não é bonita, é uma realidade. Vamos continuar a leitura.

LÍRIO 1 Pergunto-me se eu deveria caminhar à frente do tempo e esboçar logo um final. Acontece porém que eu mesmo ainda não sei bem como isto terminará. E também porque entendo que devo caminhar passo a passo de acordo com um prazo determinado por horas: até um bicho lida com o tempo. E esta é também a minha mais primeira condição: a de caminhar paulatinamente apesar da impaciência que tenho em relação a essa moça. Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão. Mal ousou clamar palavras a essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contratomo o baixo grosso da dor. Alegro com brio. Tentarei tirar ouro do carvão. Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem bola. O fato é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta. Mas desconfio que toda essa conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história, pois estou com medo. Antes de ter surgido na minha vida essa datilógrafa, eu era um homem até mesmo um pouco contente, apesar do mau êxito na minha literatura. As coisas estavam de algum modo tão boas que podiam se tornar muito ruins porque o que amadurece plenamente pode apodrecer.

Uma das alunas quis explicação sobre a frase “o que amadurece plenamente pode apodrecer”

PESQUISADORA O que amadurece plenamente é como uma fruta que amadurece demais, ela apodrece rápido, né? E quando ela diz assim: “Perguntam-me se eu deveria caminhar à frente do tempo e esboçar logo um final”. Porque assim no final a gente já está prevendo que no final não vai ser bom. É como se fosse assim: eu tenho tanto pra dizer, mas eu já sei que no final não vai ser bom, então eu já poderia chegar e dizer olha, vai ser assim, assim, assim. Mas aí tudo tem seu tempo, né? E ela disse que até um bicho lida com o tempo por isso que ela vai “caminhar paulatinamente apesar da impaciência que tenho em relação a essa moça”.

E aí, querem acrescentar mais alguma coisa daqui? Bem, esse livro é um silêncio, esse livro é uma pergunta, ou seja, esse livro é instigante. Vamos esmiuçar esse livro. Vamos continuar com Girassol.

GIRASSOL Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer “realidade”. O que narrarei será meloso? Tem tendência mas então agora mesmo seco endureço tudo. E pelo menos o que escrevo não pede favor a ninguém e não implora socorro: agüenta-se na sua chamada dor com uma dignidade de barão. É. Parece que estou mudando o modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional – e preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela. Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura. Estarei lidando com fatos como se fossem as irremediáveis pedras de que falei. Embora queira que para me animar sinos badalem enquanto adivinho a realidade. E que anjos esvoacem em vespas transparentes em torno de minha cabeça quente porque esta quer se transformar em objeto-coisa, é mais fácil. Será mesmo que a ação ultrapassa a palavra? Mas que ao escrever – que

o nome real seja dado às coisas. Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se-a. Esse vosso Deus que nos mandou inventar.

PESQUISADORA Pronto está bom até aqui. E aí? Vamos querer falar um pouquinho sobre isso?

1456 Eu tinha percebido isso num outro parágrafo, mas esse daqui me confirmou que ela... eu não sei se realmente eu estou certa. Mas eu percebo que essa parte todinha do início ela tá enrolando pra contar a história porque talvez ela esteja com medo de algum julgamento de alguém, de todas as pessoas. Pra mim ela me passa isso, que ela está com medo da forma de ser julgada. Então ela fala de um jeito tão grande, tão forte que ela está se segurando pra não falar, só que é necessário falar. Aí ela faz essa entrada todinha só pra tomar coragem.

LÍRIO 2 É que eu acho que era dolorido, não é? É isso que ela está evitando.

1456 É. Ela está com medo de falar, só que ela precisa. Eu não sei se em todos os livros dela ela tem um toque assim mas nesse em específico eu acho que ela realmente possui também algo que marca, eu acho que fechou com chave de ouro porque foi com tudo.

PESQUISADORA O que vocês acham quando ela diz: “Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela”? Porque ela está dizendo isso com a personagem, né?

LÍRIO 2 Eu acho que ela só vai se sentir como se realmente se importasse com a história se ela realmente fizesse algo e nesse caso fazer é escrever a história. E eu também vi que quando ela falou “Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente”. E aí foi o que eu também comentei sobre esse receio dela de talvez não estar na zona de conforto que é sempre ela falando do interior dela e agora ela está se voltando pra uma realidade. Pode ser que isso seja uma coisa fora dos limites dela.

Você vê como ela vai se se descortinando aos pouquinhos na história de Macabéa, a gente vai começando a enxergar, essas coisas.

1456 Acho que acho que esse livro não, assim, é minha expectativa pra ele e que esse livro seja uma forma dela se despedir dos medos dela. Dos medos que ela tinha de ser. Uma forma de ela se despedir dos medos dela, das culpas.

LANA Eu acho que tipo como ela fala que “eu preciso falar dessa nordestina” e que tem muito dela eu acho que isso tá tudo internalizado que ela precisava colocar pra fora. A mulher relaxou, foi escrevendo e isso assusta ela. Porque é algo dela que ela vai transcreever.

DIEM Tem muitos autores, muitos escritores que é como nós aqui, sentem muita coisa só que eles não escrevem, só escrevem o que eles querem. E essa personagem, essa realidade pode atingir tanto com ela acusou ela, machucou ela meio que tocou na ferida dela. Ao ponto dela precisar necessitar ir nos limites dela. Não era o que ela queria, mas ela tem que escrever aquilo, aquela coisa se aliviar daquilo, mas é algo nu, é algo cru, é algo realista, é a realidade.

PESQUISADORA É como a gente tava falando Clarice, ela não escrevia floreando, né? Por exemplo, quando eu vou escrever uma história, eu vou tentar escrever uma que a maioria das pessoas gosta. Nos meus livros são todos assim, eu floreio bem muito, tem livro meu que você vai chorar e que você vai rir, mas no final é tudo redondinho, tudo bonitinho, do jeito que a maioria dos meus leitores querem ler. Com o eterno final feliz. Grande parte dos autores, dos escritores, faz isso. Clarice não, ela foi pra realidade. Ela viveu em tal ambiente, ela se considerava uma nordestina, ela veio da Ucrânia, aí veio pra Alagoas, de Alagoas ela foi pra Recife, de Recife ela foi pra o Rio de Janeiro, do Rio de Janeiro ela foi pra diversos países, no final ela voltou pro Rio de Janeiro, onde ela morreu, né isso? E ela sempre se sentiu brasileira,

apesar de estar tanto tempo fora, né? Eu acho que no tempo dela era melhor do que atualmente viver no nosso país. O que vocês acham sobre o nosso Brasil atualmente?

DIEM Se eu conseguir passar num concurso ganhando 10 mil reais eu digo que está bom. Quem tem dinheiro está ótimo.

Mas é isso, voltando pra ela, esse livro é pra instigar a gente a querer conhecer mais, né?

1456 Eu acho assim que as histórias dela como ela sempre conta eh não diretamente, mas indiretamente ela fala sobre ela talvez não tenha um final feliz porque pra ela, ela não ter um final feliz, na vida dela não tem o final feliz. Aí como que ela vai colocar um final feliz na história dela se ela não teve o final feliz? Teve uma parte aqui livro que ela fala sobre ter dinheiro ter tudo, mas mesmo assim faltar algo. Falta o essencial. É por isso que não tem o final feliz, porque ela não exprime toda essa felicidade.

PESQUISADORA Verdade. Vamos continuar a leitura. Quem é a próxima a ler agora?

LÍRIO 2 Porque escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo portanto 26 não por causa da nordestina mas por motivo grave de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais, por “força de lei”. Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite. Embora não agüente bem ouvir um assovio no escuro, e passos. Escuridão? Lembro-me de uma namorada: era moça-mulher e que escuridão dentro de seu corpo. Nunca a esqueci: jamais se esquece a pessoa com quem se dormiu. O acontecimento fica tatuado em marca de fogo na carne viva e todos os que percebem o estigma fogem com horror. Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzia-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelos menos quero encontrar o mundo e seu Deus.

PESQUISADORA Olha, aqui ela fala como homem. Ela fala bem com a namorada né? Vocês acham que era por que isso? Será que ele que ela queria enganar a gente?

LÍRIO 2 eu não consegui perceber quando foi que ela deixou de ser o rapaz lá atrás. Não sei se ela está nele ou se ela já deixou há um bom tempo, eu estou perdida

PESQUISADORA Olhe, ela coloca a história pra gente dar asas à imaginação, pra gente analisar, criticar, buscar respostas, inquirir, né? A história é pra isso mesmo, é pra gente ficar com uma pulga atrás da orelha mesmo. E também pra gente se perguntar: era ela que escrevia, era Rodrigo, quem era quem? Era como se os dois estivessem entranhados um no outro.

1456 É porque assim, essas coisas me remetem muito, que essa parte “me reduzi a mim mas pelos menos quero encontrar o mundo e seu Deus” ficou como se fosse uma despedida, tipo, ah, tô cansada. Tô precisando descansar. Na minha cabeça como se ela soubesse que seria um dos últimos livros. Algumas coisas me remetem como se fosse uma despedida.

DIEM E será que os fracassos seriam os livros dela?

PESQUISADORA Só se ela fosse muito alheia de si mesma, como Macabéa era.

1456 Mas ela era.

PESQUISADORA Quando ela disse que Macabéa andava pela rua, ela era muito boba, é como se ela dissesse: e quem sou eu né? Se ela se perguntasse quem era ela talvez ela não

encontrasse uma resposta porque ela não sabia o que ela era, quem ela era, qual o espaço dela, o espaço que ela ocupava do mundo, Macabéa não tinha esse entendimento.

LÍRIO 2 Mas acho que Clarice também não tinha. Porque eu vivia dizendo que não é uma profissional, ela não se enxergava com a gente enxerga ela.

1456 Eu falei na segunda-feira que ela não tinha a visão do tipo de alcance que ela ia ter.

LANA Essa parte em específico que ela fala “de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelos menos quero encontrar o mundo e seu Deus” é como, tipo, ela pensasse em tanta coisa, só que ela se reduzisse ao pouco. E tipo, ela é pequena, mas ela é grande por dentro, sabe? Isso me lembrou uma frase eu não sei se é dela ou se é de outra autora. Mas ela fala: eu sou tanta coisa, eu quero ser tanta coisa, mas me reduzo a um corpo fraco, eu sou tão fraca. Mas sou ao mesmo tempo tudo, só que não consigo ser porque tô presa a um corpo fraco. Porque o corpo é fraco mesmo.

1456 E ela acaba sem controle disso e porque ela está presa num corpo doente. E ela era grande demais pra o corpo dela. Ela adorava escrever e agora ela nem escreve mais.

PESQUISADORA Então vamos dar sequência à leitura pra saber se o que analisamos até agora é isso mesmo?

LÍRIO 2 Quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no presente pois sempre e eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será um hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento. E eis que fiquei receoso quando pus palavras sobre a nordestina. E a pergunta é: como escrevo? Verifico que escrevo de ouvido assim como aprendi inglês e francês de ouvido. Antecedentes meus do escrever? Sou um homem que tem mais dinheiro que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim. Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.

PESQUISADORA Pronto, até aqui.

1456 Uma coisa que eu tava pensando isso em casa, que hoje em dia existe ainda existe bastante xenofobia, e ela veio de outro país para o Brasil, aí já começou daí. Que era do Nordeste e mesmo não sendo uma pessoa classe A, elite agora, mas mesmo assim existe preconceito em todo lugar. E tipo ela lá eu acho isso na minha cabeça o que eu penso é de que ela sofria lá, justamente de onde havia nascido, onde ela tem sido criada, e ninguém aceita ela. Ninguém não aceitou ela lá na elite pelo fato da origem dela e nem a classe média aceita. Porque também existe preconceito.

PESQUISADORA Então você acha que ela sofreu xenofobia? E ela transparece isso no livro.

1456 Eu acho. Em alguns momentos.

PESQUISADORA Em alguns momentos? porque até agora ela ainda não entrou na personagem de Macabéa. Vocês tão observando, né? Até agora ela só tá falando que ela vai escrever sobre essa personagem, não é? Ela só tá falando na nordestina, mas não tem diálogo ainda, não tem quase nada, né?

1456 É essa parte de é classe A também achei muito esquisito. Por que teria ela como monstro esquisito, só por ela escrever alguma coisa?

PESQUISADORA Porque ela era introspectiva talvez?

1456 Queriam excluir ela tanto assim a ponto dela chegar a dizer que achavam ela como monstro.

PESQUISADORA Você acha que pode ser por causa da xenofobia?

1456 Sim, eu acho que pode ser por causa disso.

PESQUISADORA E vocês acham isso também? Ou alguém tem outro ponto de vista?

DIEM Fatores da personalidade dela também pode, como se ela não se encaixasse. Essa é a tendência dela de se isolar. Talvez também por causa dos livros, do jeito que ela escreve, sobre as coisas que ela escreve, talvez porque as pessoas naquele tempo não tinham livros, a classe mais baixa não tinha livros. Aí as classes altas ficavam olhando pra esse sonho de escrever e falavam “que é isso?”. Eles não tinham noção das coisas que não acontecia no mundo deles. Ela era casada com diplomata e escrevia sobre a nordestina. É. Ela era, ela era esquisita mesmo, não é? Uma pessoa da classe alta escrevendo sobre uma nordestina.

BIBI Essa parte esquisita pode fazer sentido nessa parte dos livros e tudo mais, agora no monstro, eu acho que eu poderia concordar com ela (APONTANDO PARA 1456), poderia ser xenofobia, por ela ser de outro país, a origem nordestina e tudo o mais.

1456 É porque só pela classe social ser diferente tipo uma família rica, aí uma pessoa da família rica começa a namorar, casar com uma menina pobre. Essa menina pobre sempre é mais julgada. Pelo menos a maioria das vezes é mais julgada pela classe social dela, de onde ela vem? Até hoje muita muitas vezes eu já vi isso acontecendo.

DIEM Por isso que muitos casamentos entre pessoas de classe sociais diferentes não convém, é muito julgada. Até mesmo no mundo inter-raciais também, quando uma pessoa branca fica com uma pessoa negra. Pior ainda mais.

PESQUISADORA É verdade, porque no final das contas a pessoa não é vista não pelo que é, mas pela cor, pela sua ideologia, ou política ou sexual, né? Tudo isso faz a pessoa ter ser é julgada, né? Pode acontecer isso. Agora como você disse, é muito forte é monstro é muito forte.

DIEM Ela era judia?

PESQUISADORA Sim

DIEM Pronto, naquela época era um forte fator para ela ser considerada um monstro.

PESQUISADORA vocês captaram bem direitinho, né? Pense num povo inteligente! Vamos continuar a leitura

1456 Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho a contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua 27 elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama. De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. E se for triste a minha narrativa? Depois na certa escreverei algo alegre, embora alegre por quê? Porque também sou um homem de hosanas e um dia, quem sabe,

cantarei loas que não as dificuldades da nordestina. Por enquanto quero andar nu ou em farrapos, quero experimentar pelos menos uma vez a falta de gosto que dizem ter a história. Comer a hóstia será sentir o insosso do mundo e banhar-se no não. Isso será coragem minha, a de abandonar sentimentos antigos já confortáveis.

DIEM Isso é meio que confirmando que ela quer ultrapassar os limites dela. No trecho inteiro ela falando isso. É como se você pudesse ver uma pessoa na rua e ver nela a personagem, chama atenção disso.

LÍRIO 2 Ela dá detalhes da personagem, mas se você comparar a algumas pessoas que você vê, ela é recorrente. Isso que ela fala aqui, é reconhecer nas ruas pessoas nas mesmas condições.

PESQUISADORA Vê pessoas nas ruas, com suas insignificâncias, totalmente substituíveis, e a gente vê e não dá a importância que a pessoa possui. Todo mundo tem importância. Ela instiga a gente a ver essa personagem na rua, porque tem muitas pessoas nessa situação. Vamos continuar a leitura

1456 Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr ao nível da nordestina. Sabendo no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo à máquina.

PESQUISADORA Ela diz que ela tem que se baixar ao nível da nordestina, como se ela tivesse que sofrer, adquirir olheiras. Você adquire olheiras a base de muita falta de sono, de né?

CHER É como se ela não passasse por tudo isso, não teria propriedade pra ela falar sobre a nordestina. Como ela se sentiria atacada pela personagem se ela não fosse autossuficiente.

PESQUISADORA Será que dá pra ler mais um pouquinho?

ALGUMAS ALUNAS Acho que dá

CHER Tudo isso, sim, a história é história. Mas sabendo antes para nunca esquecer que a palavra é fruto da palavra. A palavra tem que se parecer com a palavra. Atingi-la é o meu primeiro dever para comigo. E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela. Bem, é verdade que também queria alcançar uma sensação fina e que esse finíssimo não se quebrasse em linha perpétua. Ao mesmo tempo que quero também alcançar o trombone mais grosso e baixo, grave e terra, tão a troco de nada que por nervosismo de escrever eu tivesse um acesso incontrolável de riso vindo do peito. E quero aceitar minha liberdade sem pensar o que muito acham: que existir é coisa de doido, caso de loucura. Porque parece. Existir não é lógico. A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto. Sim, e talvez alcance a flauta doce em que eu me enovelarei em macio cipó.

PESQUISADORA Aqui ela se abriu mesmo, o que vocês sentem a respeito disso?

LANA Ela fala em transfiguração, como se ela fosse a Macabéa, a materialização, coloca tudo dela aqui.

PESQUISADORA É como se fosse uma briga de personagens

1456 É como foi dito na segunda-feira, que nem sempre a Macabéa é ela, mas ela é sempre a Macabéa e o Rodrigo é a mesma coisa nem sempre o Rodrigo é o Rodrigo mas ela é sempre o Rodrigo.

CHER Mas eu acho que entre essas personalidades todas que ela apresentação tem uma briga pra ver quem tá falando.

1456 É como se todos precisassem falar, só que como se ela não arranjasse espaço pra falar tudo assim, aí ela vai criando os personagens pra ver quem vai falar, quem vai narrar.

DIEM É como uma briga entre parte dela que quer falar sobre determinadas coisas, aí ela cria personagens pra identificar essas partes dela, ó lá.

CHER Porque querendo ou não, ela fala sobre a mesma história, mas as partes dela...

DIEM Aí pra não ficar o confuso pro leitor, ela nomeia, ela cria essa história

PESQUISADORA Ela coloca a gente pra pensar, porque a leitura não é somente ler fluidamente. A leitura se torna interessante a medida que você entra na história, né? Que você vai ali dentro, você se vê de alguma forma na história, né? A gente vai começando a se apaixonar pela leitura por conta desse tipo de coisa, de você entrar ali, de você conseguir se visualizar ali, de você conseguir interagir, fazer uma interação sobre aquilo, né? Você fazer uma crítica sobre aquilo, cada pessoa que lê, vê de uma forma, cada pessoa tem sua visão de mundo e vai ver aquela história de acordo com aquilo que acha que é, né? Nem sempre uma história vai ser vista pela mesma perspectiva, se for lida por pessoas diferentes, inclusive a visão da autora nunca vai ser a que a gente vai entender da história. Vamos ler só mais um pouquinho pra encerrarmos.

DIEM Mas voltemos a hoje. Porque, como se sabe, hoje é hoje. Não estão me entendendo e eu ouço escuro que estão rindo de mim em risos rápidos e rípidos de velhos. E ouço passos cadenciados na rua. Tenho um arrepio de medo. Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca. Essa ideia de borboleta branca vem de que, se a moça vier a se casar, casar-se-á magra e leve, e, como virgem, de branco. Ou não se casará? O fato é que tenho nas minhas mãos um destino e no entanto não me sinto com o poder de livremente inventar: sigo uma oculta linha fatal. Sou obrigado a procurar uma verdade que me ultrapassa. Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem? Talvez porque nela haja um recolhimento e também porque na pobreza de corpo e espírito eu toco na santidade, eu que quero sentir o sopro do meu além. Para ser mais do que eu, pois tão pouco sou. Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse sempre a novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só quereria ter o que eu tivesse sido e não fui. Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela. E com muito adivinhei a seu respeito, ela se me grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra. Quando eu era menino li a história de um velho que estava com medo de atravessar um rio. E foi quando apareceu um homem jovem que também queria passar para a outra margem. O velho aproveitou e disse: – Me leva também? Eu bem montado nos teus ombros? O moço consentiu e passada a travessia avisou-lhe: – Já chegamos, agora pode descer. Mas aí o velho respondeu muito sonso e sabido. – Ah, essa não! É tão bom estar aqui montado como estou que nunca mais vou sair de você! Pois a datilógrafa não quer sair dos meus ombros. Logo eu que constato que a pobreza é feia e promíscua. Por isso não sei se minha história vai ser – ser o quê? Não sei de nada, ainda não me animei a escrevê-la. Terá acontecimentos? Terá. Mas quais? Também não sei. Não estou tentando criar em vós uma expectativa aflita e voraz:

é que realmente não sei o que me espera, tenho um personagem buliçoso nas mãos e que me escapa a cada instante querendo que eu o recupere.

BIBI Esqueci de dizer que tudo o que estou agora escrevendo é acompanhado pelo rufar enfático de um tambor batido por um soldado. No instante mesmo em que eu começar a história – de súbito cessará o tambor. Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos. Não há dúvida que ela é uma pessoa física. E adianto um fato: trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia? Pergunto-me também como é que eu vou cair de quatro em fatos e fatos. É que de repente o figurativo me fascinou: crio a ação humana e estremeço. Também 30 quero o figurativo assim como um pintor que só pintasse cores abstratas quisesse mostrar que o fazia por gosto, e não por não saber desenhar. Para desenhar a moça tenho que me domar e para poder captar sua alma tenho que me alimentar frugalmente de frutas e beber vinho branco gelado pois faz calor neste cubículo onde me tranquei e de onde tenho a veleidade de querer ver o mundo. Também tive que me abster de sexo e de futebol. Sem falar que não entro em contacto com ninguém. Voltarei algum dia à minha vida anterior? Duvido muito. Vejo agora que esqueci de dizer que por enquanto nada leio para não contaminar com luxos a simplicidade de minha linguagem. Pois como eu disse a palavra tem que se parecer com a palavra, instrumento meu. Ou não sou um escritor? Na verdade sou mais ator porque, com apenas um modo de pontuar, faço malabarismos de entonação, obrigo o respirar alheio a me acompanhar o texto.

FALAS CONCOMITANTES SOBRE SE ERA RODRIGO OU CLARICE QUE FALAVA NO TEXTO ACIMA.

CHER Eu acho que aqui não há uma briga de personagem acho que tudo, tudo que a Clarice escreve é ela, porque tudo que ela escreve é sobre o que ela é, sobre o que ela sente e sobre o que ela passou. E ela o Rodrigo é só tipo um personagem. E esse debate tipo futebol, fazer a barba são só os detalhes que o personagem pede, porque como ele é um homem, espera-se isso.

DIEM Ela só se bota como ele ali. Pra criar a possibilidade.

1456 É mais fácil você falar de alguém do que como se fosse você.

DIEM Porque ela quer falar sobre uma realidade que ela viu, mas só que ela não quer constar que ela estava ali.

1456 É mais fácil você se expressar pra falar de um problema de alguém, de algo que aconteceu com alguém do que aquilo que aconteceu com você?

BIBI Sim, sem você o ponto de vista da vida. Então ela criou o Rodrigo pra ele ser ponto de vista.

PESQUISADORA Pronto, veja o que é Clarice Lispector. Ela coloca a gente nessa discussão, cada uma pensando, com seu ponto de vista, e a gente vai descobrindo a história, vai descortinando. Imagina quando entrar Macabéa, né? A história, aí é que vai ficar mais gostoso, né?

Foi um prazer muito grande, maravilhoso estarmos juntos nessa leitura, tô amando, tô adorando. Essa discussão de cada um ver do seu ponto de vista né? A história é muito bacana e faz com que nós percebamos que em todas as histórias cabe a nossa intromissão, a gente pode entrar nessas histórias e julgar, criticar, nós somos seres pensantes.

1456 A Clarice deixou muitas brechas pra outros entendimentos. Isso faz a gente querer ler mais,

Eu quero continuar lendo pra essa ela diz aqui que né? No final a gente vai ter resposta ou não? Eu quero muito que no final tenha a resposta de todas essas dúvidas.

PESQUISADORA Vai ser um pouquinho lá ou a reticência?

LÍRIO 2 Porque ela fala que o livro dela é pra pessoa refletir, né? Acho que não vai trazer resposta

PESQUISADORA Cada um na verdade vai ficar com suas reflexões, né verdade?

LANA É o que dizem, né? Clarice isso não é pra entender, é pra sentir, né?

PESQUISADORA Agradece e se despede.

Círculo de leitura 3

Tema: Características dos gêneros literários, em especial, o gênero Novela / Interveniências sobre a subjetivação da personagem Macabéa a partir da ótica do narrador Rodrigo S.M.

Data: 24/04/2023

Duração do encontro: 1:15:06

Participantes (quantidade presente no dia): 08 (oito)

Recursos utilizados: Xérox do livro, celular para gravar as falas e filmadora

3º Círculo de Leitura, realizado em 24/04/2023

PESQUISADORA Vamos dar início ao nosso terceiro círculo de leitura. Eu quero dizer a vocês que tô muito, muito feliz assim com esse círculo. Primeiro porque eu adoro ler, eu sozinha, adoro ler. Mas eu nunca tinha participado de um círculo de leitura e eu achei muito bacana essa história de a gente estar junto, e debater. Eu acho que nós descobrimos coisas que sozinhas nós não descobrimos porque é aquela leitura que vai passando, né? Vai lendo rápido e nem percebe direito o que é uma análise crítica, nós não temos isso quando lemos sozinho, né? E quando a gente lê assim, mesmo não goste muito de falar a gente escuta uns aos outros, né? E termina descobrindo aspectos que sozinho a gente não descobria, né?

Antes de a gente iniciar tem uma coisa que eu preciso passar pra vocês, é sobre o gênero literário que nós estamos lendo, porque a gente já foi entrando na história, começou de trás pra frente. Só não foi de trás pra frente porque não chegamos ao final da história. A própria Clarice Lispector definiu o gênero do livro como uma novela. A diferença de um romance pra uma novela é que o romance uma trama longa, né? Ele tem um enredo longo, tem vários personagens, tem uma ação que é desenvolvida por esses personagens, o local onde ela se passa a trama, tudo isso faz com que torne a narrativa bem maior do que o de uma novela. E a novela além de ser uma breve história, ela é resumida e se foca em apenas um personagem. A gente vai observar aqui lendo a história de Macabéa, que tudo que vai se falar aqui é sobre ela. Vão surgir outros personagens, são seis personagens ao todo, mas a história só é de Macabéa. Então, o gênero novela é curta demais pra ser um romance, e longa demais pra ser um conto. E a outra coisa importante que vocês precisam entender é sobre o foco narrativa. O foco narrativo é a impressão, é aquilo que o autor pensa sobre aquilo, é o ponto de vista do narrador sobre a história. E ele pode acontecer de duas formas: ou na primeira pessoa ou na terceira pessoa. No caso, a história é contada na terceira pessoa, narrada por Rodrigo.

A gente viu que até agora que o narrador enfatiza a pobreza da narrativa ele é como se ele, né? Ele sempre tá falando na pobreza da narrativa e é como se ele atribuísse as próprias dúvidas que ele tem em relação tanto a vida quanto à própria literatura. Vocês perceberam isso, né? Ele sempre está misturando a história de Macabéa com a literatura, né? Como se tivesse ali muito alinhado as duas coisas. A dificuldade que ele tem de escrever ele compara a dificuldade que a moça tem pra se projetar na vida né? Pra ser, pra ser alguém, pra ser alguma coisa, né isso?

Outra coisa interessante que eu anotei aqui pra vocês é que quando ele fala sobre, eu não sei se vocês lembram que a gente lê uma parte que diz assim “Não se engane. Só consigo a simplicidade depois de muito trabalho”. Que a gente até disse, né? Não tem nada de simples na escrita da Clarice Lispector, né? E o narrador fala sobre essa simplicidade. Mas aí essa simplicidade quando ele fala aqui ele tá se reportando como se fosse assim, ele sempre está fazendo essa ligação do escritor e sua obra e Macabéa. Depois a gente vai observando, né? Ao longo da história. Você vê que ele sempre está falando na escrita. E nós leitores não sabemos os caminhos, o quanto é árduo pra um escritor criar uma história, né? Não é uma coisa simples, né? É uma coisa complicada, então aí ele dá uma misturada também nesse sentido, certo? Outra coisa que eu queria conversar com vocês que eu acho muito interessante, que ele a gente vai focar em várias coisas relacionadas ao papel do feminino, ao papel de nós enquanto mulheres, né? Que a Clarice Lispector ela teve dificuldades de escrita mesmo não que ela tivesse dificuldade em escrever mas ela dificuldade com as críticas, né? No primeiro livro que ela fez “Perto do meu coração selvagem”, ela recebeu uma recebeu uma crítica muito grande de um crítico muito importante na época, o Álvaro Lins. Ele fez comentários que oscilavam entre elogiar a originalidade do texto dela e e falar como se fosse uma coisa simples, simplista. E aí ele foi, ele situa de forma simplista o livro na categoria de literatura feminina. Ora, e o que é que tinha de errado com a literatura feminina? Segundo ele era um tipo de peixe que predominava o lirismo e o narcisismo. Outro crítico disse que “apesar de elogiar as qualidades estéticas do romance confesso que a princípio pensei na altura como uma mocinha de nome esquisito que morreria de ataque diante de crime de crítica mais séria”. Ele disse isso com a Clarice. E aí ela ficou muito abalada por conta disso. Era o primeiro livro dela, você imagina, né? O primeiro livro dela e isso e ela ficou assim super abalada, e eu acho que no fundo isso também repercutiu naquilo que a gente tá lendo, que ela fala muito sobre isso, né? Sobre essas dificuldades. Aí teve o Antônio Cândido que se manifestou de forma positiva. Ele evitou criticá-la e disse que “apesar de não ver no romance uma obra prima elogiou a ousadia expressional e os novos temas da escritora iniciante, ou seja, ela apostou num caminho de escrita através das experiências com a linguagem. Então ela teve dificuldades, logo no primeiro romance. Mas ela também incentivou que fez com que outras mulheres adentrassem nesse caminho e também se tornassem escritoras, né? Porque olha gente, antigamente era tão difícil pra mulher escrever, antes da Clarice Lispector, né? Eu não sei se vocês sabem, mas os primeiros livros da Jane Austen, ela usou pseudônimo masculino. Naquela época se um romance fosse publicado com nome feminino ele não vendia, aí tem preconceito sobre se a pessoa tinha ou não a capacidade, como se mulher não tivesse capacidade pra pensar naquela época, né? Hoje muita coisa já mudou, né? Ainda que ainda exista que ainda algum tipo de preconceito contra a mulher, mas a gente sabe que muita coisa mudou, não é verdade? Pronto, era isso que eu queria dizer pra vocês antes de a gente começar ali, certo? Agora vamos iniciar a leitura. Eu começo na página 31 e vocês dão continuidade.

Também esqueci de dizer que o registro que em breve vai ter que começar – pois já não aguento mais a pressão dos fatos – o registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países. Aliás foi ele quem patrocinou o último terremoto em Guatemala. Apesar de ter gosto do cheiro de esmalte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado. Tudo isso não impede que todos o amem com servilidade e subserviência. Também porque – e vou dizer agora uma coisa difícil que só eu entendo –

porque essa bebida que tem coca é hoje. Ela é um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora presente.

LAUREL HELL Me chamou atenção aqui uma coisa interessante. Fico perguntando por que ela falou desse refrigerante? Será que ela estava tomando ele na hora que estava escrevendo? Será que ela se valia desse líquido? Como se todo mundo tomasse esse refrigerante tão famoso, né?

LAUREL HELL Ela também fala no terremoto da Guatemala, por quê?

PESQUISADORA Eu fui pesquisar sobre isso ele aconteceu no dia 04/02/1976. Quer dizer, um ano de ela morrer, né? Houve esse terremoto com mais de 76 mil pessoas mortas e aí ela também sobre esse refrigerante, né? Como se ele tivesse patrocinado. Ela não está se referindo aqui a um patrocínio como esses de um time de futebol, né? Eu acredito que é porque todo mundo dos mais simples até os que estavam em situação melhor tomavam esse refrigerante né? Eu acho que foi isso. O que vocês acham que ela quis dizer outra coisa além disso? (ESTUDANTES SE MANTIVERAM EM SILÊNCIO)

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. Mas por que estou me sentindo culpado? E procurando aliviar-me do peso de nada ter feito de concreto em benefício da moça. Moça essa – e vejo que já estou quase na história – moça essa que dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido. Para adormecer nas frígidas noites de inverno enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio parco calor. Dormia de boca aberta por causa do nariz entupido, dormia exausta, dormia até o nunca.

PESQUISADORA É como se ela vivesse sempre cansada, né? Às vezes eu venho da academia de seis horas da manhã, aí tem pedreiro, servente de pedreiro, ali né? trabalhando em obras lá perto de casa e eu digo meu Deus quando chegam em casa já chegam tão cansados por conta do trabalho árduo, pra estar ali de cinco, seis horas da manhã, que horas saem de casa? E aí tem, tem essa coisa, né? Do cansaço físico, o cansaço mental, porque o cansaço físico também acarreta, o cansaço mental, né? A desesperança, né? De talvez achar que que nunca vai ter uma vida melhor, que vai ser só aquilo dali, né? Às vezes eu fico fazendo essas conjecturas e aí eu fico imaginando Macabéa nessa situação também não é? Não que uma pessoa dessa não possa ser feliz, não é isso, eu estou falando de cansaço físico e mental, depois de todinho de trabalho braçal que eu acho que a pessoa chega em casa exausto né? Exausto mesmo. E aí quando eu falo em desengane desesperança é que às vezes realmente tem desesperança. Às vezes não tem um estudo suficiente pra alcançara alçar um cargo melhor, né? Às vezes, sei lá, qual seria a esperança, né? Algumas pessoas conseguem furar a bolha, tem uma colega da minha filha, que o pai dela era taxista, né? E ele estudava no intervalo entre um cliente e outro ninguém, hoje aquele taxista é um promotor, né? Acontece. A gente não fecha as portas, né? Quando eu falo isso eu tô falando da maioria que é isso que a Macabéa representa, a maioria de pessoas substituíveis.

Devo acrescentar um algo que importa muito para a apreensão da narrativa: é que esta é acompanhada do princípio ao fim por uma levíssima e constante dor de dentes, coisa de dentina exposta. Afianço também que a história será igualmente acompanhada pelo violino plangente tocado por um homem magro bem na esquina. A sua cara é estreita e amarela como se ela já tivesse morrido. E talvez tenha. Tudo isso eu disse tão longamente por medo de ter prometido demais e dar apenas o simples e o pouco. Pois esta história é quase nada. O jeito é começar de repente assim como eu me lanço de repente na água gélida do mar, modo de enfrentar com uma coragem suicida o intenso frio. Vou agora começar pelo meio dizendo que – ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura

que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim. (Vai ser difícil escrever esta história. Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus. Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona).

PESQUISADORA Tem alguma coisa que vocês queiram comentar? (SILÊNCIO)

DIEM Aqui ela confirma que está com medo de começar a história, porque ela está prometendo muito mas até agora nada, né? Ela descreve a personagem como se ela fosse incompetente. Tudo se recortando como se fosse ela mesma. A maneira de ela escrever, né? Como se faltasse o jeito pra se ajeitar.

CHER Porque tipo os fatos são sonoros, mas entre os fatos é um sussurro. Ela tá enrolando tanto, tá enrolando tanto, mas tem alguma coisa por trás dessa enrolação. Pode ter alguma coisa nas entrelinhas.

DIEM Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, teria que me escrever todo através dela por entre espantos meus” então é meio que ela descrevendo ela mesma também quando, ela fala incompetente para a vida. Ela sempre está alinhando as duas figuras a dela mesma, que ela aqui está com o Rodrigo né? E a da Macabéa. Como se é como se a descrevesse a incompetência de um e de outro, né? Só que a gente sabe que não tem nada incompetente.

LÍRIO 2 Fica uma pergunta: o que tem tanto nessa história pra adiar tanto a começar?

PESQUISADORA Eu estava vendo que ele continua a protelar o momento de identificar a moça pelo nome como se isso contribuísse né para o início da história que parece tão pra ele, tão custoso contar, né? Mas ao mesmo tempo que ele vai protelando, nós vamos conhecendo cada vez mais Macabéa, porque ele não só, não disse o nome dele, mas ele disse quem era, ele com todas as letras. Ele escreve, né? No final ele já começou a história, mas ele fica indo e voltando. É um recurso, né? E aí ele termina que a gente já começou a história.

CHER Eu acho que quando a gente começar a gente vai meio que querendo ou não entender mais Macabéa entendeu? Pelo que ele fala.

PESQUISADORA É, mas o sussurro ele é um som entre o grito e o silêncio. Por isso que isso tanto pode ser algo assim realmente entre o escritor e a simples datilógrafa, um contraponto entre os dois? Porque quando eu digo o escritor, é porque ele está num patamar muito alto em relação a datilógrafa. Então entre um que está no patamar mais alto e outro no patamar mais existe o contraponto. Existe o o sussurro né? Aí é onde vem as entrelinhas. O que é que nós vamos ver nas entrelinhas, né? Aí vem o nosso senso crítico e é isso que a gente tá fazendo, aqui a gente vai, ao longo da leitura, vamos enxergar.

Pronto, eu vou ler mais um pouco, porque tem pouca gente hoje, né?

Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso disse ele. Quanto à moça, achou que se deve por respeito responder alguma coisa e falou cerimoniosamente a seu escondidamente amado chefe: – Me desculpe o aborrecimento.

PESQUISADORA Olha que coisa interessante. Vocês já viram gente tão besta, tão besta, tão besta, que dá vontade que dá vontade uns tabefes e dizer: acorde pra vida! Olha gente ela está pedindo desculpa por ter sido demitida.

O senhor Raimundo Silveira – que a essa altura já lhe havia virado as costas – voltou-se um pouco surpreendido com a inesperada delicadeza e alguma coisa na cara quase sorridente da datilógrafa o fez dizer com menos grosseria na voz, embora a contragosto: Bem, a despedida pode não ser pra já, é capaz até de demorar um pouco.

DIEM Ou seja, pode trabalhar só mais um pouco aqui. Ele teve pena da cara dela. Era uma cara de prorrogar a pena, né?

GIRASSOL Eu acho que o gesto dela fez ele pensar, nossa, como eu fui rude

PESQUISADORA Você continua a leitura? (Apontando para Diem)

DIEM Depois de receber o aviso foi ao banheiro para ficar sozinha porque estava toda atordoada. Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem algum. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem.

PESQUISADORA Eu não sei como ela fez essa análise, não é? Parecia nem ter capacidade de fazer essa análise, né?

DIEM A moça tinha ombros curvos como os de uma cerzideira. Aprendera em pequena a cerzir. Ela se realizaria muito mais se se desse ao delicado labor de restaurar fios, quem sabe se de seda. Ou de luxo: cetim bem brilhoso, um beijo de almas. Cerzideirinha mosquito. Carregar em costas de formiga um grão de açúcar. Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acredita. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa – basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé. (Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce obediente.)

DIEM A fé dela era muito cega. Não reclamava de nada.

LÍRIO 2 Ela não tem lençol pra se enrolar de noite, dorme encolhida no frio, não tem comida, e ela não reclama de nada, ela não pede um lençol emprestado. É como se ela tivesse só ela mesma e ela vai se bastando, né? E não reclama de nada e ele tem raiva por causa disso.

DIEM É. Ela não reage. Cadê um pouco de fibra? Ela é um doce. Por isso que o seu Raimundo deu a ela mais um tempo de trabalho. Porque que seria dela se não fosse aquele emprego que era tudo o que ela tinha.

DIEM Viu ainda dois olhos enormes, redondos, saltados e interrogativos – tinha olhar de quem tem uma asa ferida – distúrbio talvez de tiróide, olhos que perguntavam. A quem interrogava ela? A Deus? Ela não pensava em Deus, Deus não pensava nela. Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus. Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas. Era lá tola de perguntar? E de receber um “não” na cara? Talvez a pergunta vazia fosse apenas para que um dia alguém não viesse a dizer que ela nem ao menos havia perguntado. Por falta de que lhe respondesse ela mesma parecia se ter respondido: é assim porque é assim. Existe no mundo outra resposta? Se alguém sabe de uma melhor, que se apresente e a diga, estou há anos esperando. Enquanto isso as nuvens são brancas e o céu é todo azul. Para que tanto

Deus. Por que não um pouco para os homens. Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se “panos”, diziam que vinham do fígado. Disfarçava os panos com grossa camada de pó branco e se ficava meio caiada era melhor que o pardacento. Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação. Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofende-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio.

PESQUISADORA Pronto. Fala da insignificância de Macabéa. E ela contribuía pra isso, né? Porque ela era suja, ela fedia.

DIEM Ela para que ela fosse ignorada

CHER E na verdade se a gente olhar direitinho aqui ela não era nem ignorada. Ela era ignorada na rua, mas lá com as colegas ela não era, porque ela ESTAVA muito presente, Pelo odor né?

DIEM Mas é isso aqui mesmo que a gente percebe porque a história é cruel. Porque é uma personagem que sofre, embora ela não reclame de nada. É muito visível que ela sofre.

CHER É visível como ela sofre e também é explicável. Quando lá atrás a gente viu o porquê de ela não reclamar. É como se não adiantasse reclamar. E também às vezes assim a culpa era tanta que preferia viver desse jeito mesmo e não ia reclamar porque de que adianta? Pra quem reclamar? E se mudasse alguma coisa pra ficar bom será que queria? Então essa história é muito densa mesmo.

PESQUISADORA Vamos continuar a leitura.

LÍRIO 2 E assim se passava o tempo para a moça. Esta assoava o nariz na barra da combinação. Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto. Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela. E só eu é que posso dizer assim: “que é que você me pede chorando que não lhe dê cantando”? Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. Antes de nascer ela era uma ideia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer? Mas que fina talhada de melancia. Há poucos fatos a narrar e eu mesmo não sei ainda o que estou denunciando. Agora (explosão) em rapidíssimos traços desenharei a vida pregressa da moça até o momento de espelho do banheiro. Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. Embora a menina não tivesse dado mostras de no futuro a ser vagabunda de rua. Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol. As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. Pois não era que esse castigo se tornara o

predileto da tia sabida? A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida.

PESQUISADORA Olha, você vê, é como se ela não existisse. Pra o capim nascer, ele precisa receber o sol. Então, ela ia ter que nascer de alguma forma, mas não porque fosse ocupar espaço.

CHER Esse não-saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo. Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela. Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.

PESQUISADORA Aqui ela já vai dando a entender o que vai acontecer com Macabéa, ao falar na hora da estrela, ela já vai dizendo tudo ela já vai descortinando tudo sem dizer o nome da moça, vocês sentiram isso?

CHER Quando ele diz isso, a coisa de papel de estrela, então quer dizer que a pessoa já começa a fazer uma alusão a morte.

LÍRIO 2 Ela sabe o eu empírico, basicamente.

DIEM É exatamente era essa palavra que eu queria lembrar.

PESQUISADORA Exatamente, ora uma pessoa não precisa dizer como se abrem os olhos, ocorre naturalmente ou por observação. Ou seja, tudo que ela sabia, que ela conhecia era aquilo que ninguém pode fugir de. Não se ensina: você vai ter que respirar, você vai ter que caminhar...

CHER Quando era pequena tivera vontade intensa de criar um bicho. Mas a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas pois não merecia o amor de um cão. Do contacto com a tia ficara-lhe a cabeça baixa. Mas a sua beatice não lhe pegara: morta a tia, ela nunca mais fora a uma igreja porque não sentia nada e as divindades lhe eram estranhas.

PESQUISADORA. Porque tudo pra ela era obrigado, né? O que vocês acham dessa parte?

CHER Ela só ia à igreja porque a tia era beata. Eu acho que ela nem acreditava naquilo. Se antes ela era obrigada, agora estava livre, pelo menos nisso houve uma libertação.

PESQUISADORA Até a autorrebeldia dela só aconteceu quando não tinha ninguém pra ver, né?

CHER Pois a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável. Mas uma coisa descobriu inquieta: já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor. E, se pensava melhor, dir-se-ia que havia brotado da terra do sertão em cogumelo logo mofado. Ela falava, sim, mas era extremamente muda. Uma palavra dela eu às vezes consigo mas ela me foge por entre os dedos. Apesar da morte da tia, tinha certeza de que com ela ia ser diferente, pois nunca ia morrer. (É paixão minha ser o outro. No caso a outra. Estremeço esquelético igual a ela). O definível está me cansando um pouco. Prefiro a verdade que há no prenúncio. Quando eu me livrar dessa história, voltarei ao domínio mais irresponsável de apenas ter leves prenúncios. Eu não inventei essa moça. Ela forçou de dentro de mim a sua exigência. Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como

uma idiota. A moça que pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. Só eu a amo.

PESQUISADORA Ele diz ela era não era nem de longe da era à mercê, é como se fosse assim, vivia à toa, né? Vivia por tinha que viver, né? E crente, quando ele diz isso, é porque ela acreditava em tudo, pelo que se percebe, né? Ela era uma pessoa muito ingênua mesmo.

DIEM Aqui já que ela tem essa parte do arrependimento dela, né? De ter nascido. E é como se viver fosse uma obrigação. Tipo estou aqui mas eu sou obrigada a viver, a fazer o meu papel.

LÍRIO 2 Tem dois pontos que eu queria chamar aqui atenção. Quando ele fala “eu não inventei essa moça, ela me forçou de dentro de mim a sua existência”, isso mostra que ele que realmente é uma história que ele já viu, ou que ele estava presente, isso aqui já é prova essa. E lá em cima também que fala que ela já tinha esquecido como é ter pai e mãe. Só que eles morreram quando ela tinha dois anos. Tem nem como lembrar? Então aí já está se tratando da Clarice.

PESQUISADORA É muito interessante essa reviravolta no texto né? E faz você ficar indo e voltando. Uma hora você está em Clarice, outra hora você está na Macabéa, outra hora você volta pra Clarice, outra hora é o Rodrigo. Bem vamos lá.

GIRASSOL Depois – ignora-se por quê – tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjava emprego, finalmente morreria e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas. O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro. (O que é que há? Pois estou como que ouvindo acordes de piano alegre – será isto o símbolo de que a vida da moça iria ter um futuro esplendoroso? Estou contente com essa possibilidade e farei tudo para que esta se torne real). Rua do Acre. Mas que lugar. Os gordos ratos da rua do Acre. Lá é que não piso pois tenho horror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço da vida imunda. Uma vez por outra tinha a sorte de ouvir de madrugada um galo cantar a vida e ela se lembrava nostálgica do sertão. Onde caberia um galo a cocoricar naquelas paragens ressequidas de artigos por atacado de exportação e importação? (Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta. Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim). Dos verões sufocantes da abafada rua do Acre ela só sentia o suor, um suor que cheirava mal. Esse suor me parece de má origem. Não sei se estava tuberculosa, acho que não.

PESQUISADORA 1456 pode continuar?

1456 No escuro da noite um homem assobiando e passos pesados, o uivo do vira-lata abandonado. Enquanto isso – as constelações silenciosas e o espaço que é tempo que nada tem a ver com ela e conosco. Pois assim se passavam os dias. O cantar de galo na aurora sanguinolenta dava um sentido fresco à sua vida murcha. Havia de madrugada uma passarinhada buliçosa na rua do Acre: é que a vida brotava no chão, alegre por entre pedras. Rua do Acre para morar, rua do Lavradio para trabalhar, cais do porto para ir espiar no domingo, um ou outro prolongado apito de navio cargueiro que não se sabe por que dava aperto no coração, um ou outro delicioso embora um pouco doloroso cantar de galo. Era do nunca que vinha o galo. Vinha do infinito até a sua cama, dando-lhe gratidão. Sono superficial porque estava há quase um ano resfriada. Tinha acesso de tosse seca de madrugada:

abafava-a com o travesseiro ralo. Mas as companheiras do quarto – Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas – não se incomodavam. Estavam cansadas demais pelo trabalho que nem por ser anônimo era menos árduo. Uma vendia pó-de-arroz Coty, mas que ideia. Elas viravam para o outro lado e readormeciam. A tosse da outra até que as embalava em sono mais profundo. O céu é para baixo ou para cima? Pensava a nordestina. Deitada, não sabia. Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir.

PESQUISADORA A gente nem consegue imaginar o que tem lá fora, né? Quantas pessoas passam por uma situação semelhante, né? Ele diz que ela mastigava papel, e quantas pessoas usam outras maneiras pra dormir, né? Aqui fala da condição social mesmo, né? Quando ele diz que não se incomodava, estavam cansadas demais pelo trabalho porque nem por ser a anônimo era menos árduo né? Quando ela falou ali nas Lojas Americanas, quantas vezes a gente passa e as pessoas estão ali nos caixas e a gente nem enxerga direito. Os garis nas ruas. A gente jamais vai ser capaz eu acho de identificar um gari daquele se vê em outro ambiente. Eu vejo os garis pegando lixo lá na frente da minha casa, se eu encontrá-los no supermercado, será que eu vou lhe conhecer? São anônimos, mas nem por isso trabalham menos.

LAUREL HELL É. Eu me acostumo mas não amanso. Por Deus! Eu me dou melhor com os bichos do que com gente. Quando vejo o meu cavalo livre e solto no prado – tenho vontade de encostar meu rosto no seu vigoroso e aveludado pescoço e contar-lhe a minha vida. E quando acaricio a cabeça de meu cão – sei que ele não exige que eu faça sentido ou me explique. Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. Imaginavazinha, toda supersticiosa, que se por acaso viesse alguma vez a sentir um gosto bem bom de viver – se desencantaria de súbito de princesa que era e se transformaria em bicho rasteiro. Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. Essa economia lhe dava alguma segurança pois, quem cai, do chão não passa. Teria ela a sensação de que vivia para nada? Nem posso saber, mas acho que não. Só uma vez se fez uma trágica pergunta: Quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. Mas eu, que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada.

LÍRIO 1 Sou gratuito e pago as contas de luz, gás e telefone. Quanto à ela, até mesmo de vez em quando ao receber o salário comprava uma rosa. Às vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafinada de meninas brincando de roda de mãos dadas – ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão. As meninas de cabelos ondulados com laços de fita cor-de-rosa. “Quero uma de vossas filhas de marré-marré-deci”. “Escolhei a qual quiser marré”. A música era um fantasma pálido como uma rosa que é louca de beleza mas mortal: pálida e mortal a moça era hoje o fantasma suave e terrificante de uma infância sem bola nem boneca. Então costumava fingir que corria pelos corredores de boneca na mão atrás de uma bola e rindo muito a gargalhada era aterrorizadora porque acontecia no passado e só a imaginação maléfica a trazia para o presente, saudade do que poderia ter sido e não foi. (Eu bem avisei que era literatura de cordel, embora eu me recuse a ter qualquer piedade).

PESQUISADORA A gente pode aqui fazer uma alusão a um trabalho, não nesse sentido realmente, mas crianças que os pais trabalham e às vezes os filhos em vez de estarem brincando, estão ajudando nas tarefas do lar, né? Acaba perdendo a infância por conta do trabalho, né? A gente tá falando aqui de trabalho escravo infantil, não é isso, mas é daquela necessidade mesmo de às vezes a mãe não tem nem o marido, ela sozinha né? Separada e precisa dar conta do lar, aí a criança tem de crescer rápido demais, né? Acho que isso daqui faz uma alusão a eles talvez. Ela fala de uma infância que só existia na cabeça dela, né? Ela fingia que brincava de boneca. Vocês acham que isso pode fazer alusão a isso? Que muitas

mulheres de hoje têm os filhos que ajudam nos afazeres? Principalmente menina, né? Né? Que tem que botar a mão na massa.

LÍRIO 2 Com certeza. Porque hoje é muito mais comum o pai e a mãe trabalhar do que antes, pra conseguir pagar as contas e comprar comida, que hoje tá muito caro.

PESQUISADORA Aí às vezes se precisa que a criança trabalhe, em casa mesmo né? Em vez de estar estudando, em vez de estar crescendo aos poucos vai cuidar do meu mais novo. Ou seja, dá um salto no crescimento.

LANA Aí às vezes falam que as mulheres são naturalmente mais maduras, que mas não, elas são muitas são obrigadas a crescer mais rápido.

LANA Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo. Volto à moça: o luxo que se dava era tomar um gole de café frio antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar. Ela era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos. Eram vida. Enquanto o silêncio da noite assustava: parecia que estava prestes a dizer uma palavra fatal. Durante a noite na rua do Acre era raro passar um carro, quanto mais buzinassem, melhor para ela. Além desses medos, como se não bastassem, tinha medo grande de pegar doença ruim lá embaixo dela – isso, a tia lhe ensinara. Embora os seus pequenos óvulos tão murchos. Tão, tão. Mas vivia em tanta mesmice que de noite não se lembrava do que acontecera de manhã. Vagamente pensava de muito longe e sem palavras o seguinte: já que sou, o jeito é ser. Os galos de que falei avisavam mais um repetido dia de cansaço. Cantavam o cansaço. E as galinhas, que faziam elas? Indagava-se a moça. Os galos pelo menos cantavam. Por falar em galinha, a moça às vezes comia num botequim um ovo duro. Mas a tia lhe ensinara que comer ovo fazia mal para o fígado. Sendo assim, obediente adoeceia, sentindo dores do lado esquerdo oposto ao fígado. Pois era muito impressionável e acreditava em tudo o que existia e no que não existia também. Mas não sabia enfeitar a realidade. Para ela a realidade era demais para ser acreditada. Aliás a palavra “realidade” não lhe dizia nada. Nem a mim, por Deus. Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia. Acabo de descobrir que para ela, fora Deus, também a realidade era muito pouco. Dava-se melhor com um irreal cotidiano, vivia em câmara leeeenta, lebre puuuuulando no aaar sobre os ooooouteiros, o vago era o seu mundo terrestre, o vago era o de dentro da natureza. E achava bom ficar triste. Não desesperada, pois isso nunca ficara já que era tão modesta e simples mas aquela coisa indefinível como se ela fosse romântica. Claro que era neurótica, não há sequer necessidade de dizer. Era uma neurose que a sustentava, meu Deus, pelo menos isso: muletas. Vez por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscantes de jóias e roupas acetinadas – só para se mortificar um pouco. É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco é um encontro.

PESQUISADORA Pronto. Aqui fala de tanta culpa, não é? Vocês perceberam?

LÍRIO 2 Eita história sofrida, meu Jesus! E ele disse que não inventou.

PESQUISADORA Sempre é culpa, será que ela era uma pessoa assim alienada de si mesma porque ela não queria se encontrar? Será que tem a ver com isso? Ela não queria ser feliz, porque ser feliz é ruim, por causa do passado, da culpa que ela sentia? O que é que passa pela cabeça de vocês? Ela acreditava em tudo de ruim, né? Porque ela somatizava e passava

sentir as coisas, do jeito que se dizia, né? E vocês acham que ela rezava por quê, se ela não acreditava em Deus?

LAURELL Talvez a tia tenha, sei lá, ensina, dizer que é pra rezar, uma coisa assim

LANA E não se queixava de nada, eu acho que era um jeito dela tirar essa culpa de si mesmo que ela não soubesse pra onde ir. Já que ela nunca se perguntava, era do jeito que ela conhecia.

LÍRIO 2 A tia falou que tem que rezar, tu tem que rezar. Eu achei engraçado quando ele disse que pensou na sua pergunta e tomou um susto na hora e até saiu do pensamento, rsrsrs.

PESQUISADORA Ela era um ser humano condicionado, né? Ela era condicionada a quem tivesse perto dela, né? Pelo que pelo que se percebia, né? Ela não tinha um senso crítico em si mesma, de tudo ao redor dela, né? Das pessoas, da realidade, né? Ela é uma pessoa fora da realidade, né? É como se fosse assim, qual o meu objetivo, né? Será que isso faz uma alusão à escritora, será que isso seria ela enquanto escritora, assim, o papel dela diante de sua obra, diante daquilo que escrevia? Mas mesmo assim eu acho que é uma pergunta que podemos fazer a nós mesmas, né? Quem sou eu? Qual o meu objetivo de vida? O que é que eu espero da vida? O que que eu estou fazendo pra alcançar esses objetos, quem sou eu enquanto pessoa na sociedade onde eu vivo, no meu meio, né eu acho que é um questionamento pertinente, né? Eu acho que não é só aqui na área da literatura, né? Mas é a nossa vida mesmo. Quem sou eu, por que eu vivo, pra que eu vivo? Então isso daí a gente vai pensar e na quarta-feira vai falar sobre isso. Até lá.

Círculo de leitura 4

Tema: Questões envoltas ao universo feminino presentes na obra.

Data: 26/04/2023

Duração do encontro: 1:17:27

Participantes (quantidade presente no dia): 08 (oito)

Recursos utilizados: Xérox do livro, celular para gravar as falas e filmadora.

4º Círculo de Leitura, realizado em 26/04/2023

PESQUISADORA

Pronto a gente vai começar da página 41. Hoje estava pensando em lermos tudo e deixarmos os comentários pra depois da leitura. Vocês podem fazer anotações, se quiserem, com as observações.

(CONCORDARAM. ENTREGUEI PAPEL E CANETA A CADA UMA)

Eu vou começar a leitura e em seguida vocês continuam.

Domingo ela acordava mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada. O pior momento de sua vida era nesse dia ao fim da tarde: caía em meditação inquieta, o vazio do seco domingo. Suspirava. Tinha saudade de quando era pequena – farofa seca – e pensava que fora feliz. Na verdade por pior a infância é sempre encantada, que susto. Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo e – quem organizou a terra dos homens? Na certa mereceria um dia o céu dos oblíquos onde só entra quem é torto. Aliás não é entrar no céu, é oblíquo na terra mesmo. Juro que nada posso fazer por ela. Afianço-vos que se eu pudesse melhoraria as coisas. Eu bem sei que dizer que a datilógrafa tem o corpo cariado é um dizer de brutalidade pior que qualquer palavrão. (Quanto a escrever, mas vale um cachorro vivo). Devo registrar aqui uma alegria. É que a moça num aflitivo domingo sem farofa teve uma inesperada

felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris. Experimentando o leve êxtase, ambicionou logo outro: queria ver, como uma vez em Maceió, espocarem mudos fogos de artifício. Ela quis mais porque uma verdade que quando se dá a mão, essa gatinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo. E quer mas sem direito algum, pois não é? Não havia meio – pelo menos eu não posso – de obter os multiplicantes brilhos em chuva chuvisco dos fogos de artifício. Devo dizer que ela era doida por soldado? Pois era. Quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar? Se a moça soubesse que minha alegria também vem de minha mais profundo tristeza e que tristeza era uma alegria falhada. Sim, ela era alegrezinha dentro de sua neurose. Neurose de guerra. E tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlate as unhas das mãos. Mas como as roía quase até o sabugo, o vermelho berrante era logo desgastado e via-se o sujo preto por baixo.

Pronto, vamos à próxima. Pode começar com você?

LANA E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser. Será que eu enriqueceria este relato se usasse alguns difíceis termos técnicos? Mas aí que está: esta história não tem nenhuma técnica, nem estilo, ela é ao deus-dará. Eu que também não marcharia por nada deste mundo com palavras brilhantes e falsas uma vida parca como a da datilógrafa. Durante o dia eu faço, como todos, gestos despercebidos por mim mesmo. Pois um dos gestos mais despercebidos é esta história de que não tenho culpa e que sai como sair. A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo, o que é um ato que é um fato. É quando entro em contato forças interiores minhas, encontro através de mim o vosso Deus. Para que escrevo? E eu sei? Sei não. Sim, é verdade, às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro. A nordestina não acreditava na morte, como eu já disse, pensava que não – pois não é que estava viva? Esquecera os nomes da mãe e do pai, nunca mencionados pela tia. (Com excesso de desenvoltura estou usando a palavra escrita e isso estremece em mim que fico com medo de me afastar da Ordem e cair no abismo povoado de gritos: o Inferno da liberdade. Mas continuarei.) Continuando. Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”, e nenhuma música, só pingava em som gotas que caem – cada gota de minuto que passava. E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para das anúncios comerciais – ela adorava anúncios. Era rádio perfeita pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse a precisar saber. Foi assim que aprendeu que o Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus. Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação. Mas nunca se sabe, quem espera sempre alcança. Ouvira também a informação de que o único animal que não cruza com filho era o cavalo.

PESQUISADORA Pronto, Lana, agora vamos continuar com Lauren.

LAUREL HELL - Isso, moço, é indecência, disse ela para a rádio. Outra vez ouvira: “Arrependa-te em Cristo e Ele te dará felicidade”. Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrependia-se toda e de tudo. O pastor também falava que vingança é coisa infernal. Então ela não se vingava. Sim, quem espera sempre alcança. É? Tinha o que se chama de vida interior e não sabia que tinha. Vivia de si mesma como se comesse as próprias entranhas. Quando ia ao trabalho parecia uma doida mansa porque ao correr do ônibus devaneava em altos e deslumbrantes sonhos. Estes sonhos, de tanta interioridade, eram vazios porque lhe faltava o núcleo essencial de uma prévia experiência de – de êxtase, digamos. A maior parte do tempo tinha sem o saber o vazio que enche a alma dos santos. Ela era santa? Ao que parece. Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra. Mas parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre o nada. Só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela. Meditava enquanto batia à máquina e por isso

errava ainda mais. Mas tinha prazeres. Nas frígidas noites, ela, toda estremecente sob o lençol de brim, costumava ler à luz de vela os anúncios que de jornais velhos do escritório. Colava-os no álbum. Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela. Executando o fatal cacoete que pegara de piscar os olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, à colheradas no pote mesmo. É que lhe faltava gordura e seu organismo estava seco que nem saco meio vazio de torrada esfarelada. Tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua fonte primária. Talvez fosse assim para se defender da grande tentação de ser infeliz de uma vez e ter pena de si. (Quando penso que eu podia ter nascido ela – e por que não? – estremeço. E parece-me covarde fuga de eu não ser, sinto culpa como disse num dos títulos.) Em todo caso o futuro parecia via a ser muito melhor. Pelos menos o futuro tinha a vantagem de não ser o presente. Sempre há um melhor para o ruim. Mas não havia nela miséria humana. É que tinha em si mesma uma certa flor fresca. Pois, por estranho que pareça, ela acreditava. Era apenas fina matéria orgânica. Existia. Só isto. E eu? De mim só se sabe o que respiro. Embora só tivesse nela a pequena flama indispensável: um sopro de vida. (Estou passando por um pequeno inferno com esta história. Queiram os deuses que eu nunca descreva o lázaro porque senão eu me cobriria de lepra.) (Se estou demorando um pouco em fazer acontecer o que já prevejo vagamente, é porque preciso tirar vários retratos dessa alagoana. E também porque se houver algum leitor para essa história quero que ele se embeba da jovem assim como um pano de chão todo encharcado. A moça é uma verdade da qual eu não queria saber. Não sei a quem acusar mas deve haver um réu.)

PESQUISADORA Pronto, até aqui. Você agora.

JUDE DUARTE Será que entrando na semente de sua vida estarei com o que violando os segredos dos faróis? Terei castigo em morte por falar de uma vida que contém como todas um segredo inviolável? Estou procurando danadamente achar nessa existência pelos menos um topázio de esplendor. Até o fim talvez o deslumbre, ainda não sei, mas tenho esperança. Esqueci de dizer que às vezes a datilógrafa tinha enjôo para comer. Isso vinha desde pequena quando soubera que havia comido gato frito. Assustou-se para sempre. Perdeu o apetite, só tinha grande fome. Parecia-lhe que havia cometido um crime e que comera um anjo e, porque acreditava, eles existiam. Nunca havia jantado ou almoçado num restaurante. Era de pé mesmo no botequim da esquina. Tinha uma vaga idéia que mulher que entra em restaurante é francesa e desfrutável. Havia coisas que não sabia o que significava. Uma era “efeméride”. E não é que Seu Raimundo só mandava copiar com sua letra linda a palavra efemérides ou efeméricas? Achava o termo efemírides absolutamente misterioso. Quando copiava prestava atenção a cada letra. Glória era estenógrafa e não só ganhava mais como não parecia se atrapalhar com as palavras difíceis das quais o chefe tanto gostava. Enquanto isso a mocinha se apaixonara pela palavra efemérides. Outro retrato: nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobijou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar?

PESQUISADORA Pronto, pode ser até aqui. Agora é você.

GIRASSOL Pergunto eu: conheceria ela algum dia do amor o seu adeus? Conheceria algum do amor os seus desmaios? Teria a seu modo o doce vôo? De nada sei. Que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só. A nordestina se perdia na multidão. Na praça Mauá onde tomava o ônibus fazia frio e nenhum agasalho havia contra o vento. Ah mas existiam os navios cargueiros que lhe davam saudades quem sabe de quê. Isso só às vezes. Na verdade saía do escritório sombrio, defrontava o ar lá de fora, crepuscular, e constatava então que todos os dias à mesma hora fazia exatamente a mesma hora. Irremediavelmente era o grande relógio que funcionava no tempo. Sim, desesperadamente para mim, as mesmas horas. Bem, e daí? Daí, nada. Quanto a mim, autor de uma vida, me dou mal com a repetição: a rotina me afasta de minhas possíveis novidades. Por falar em novidades, a moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que — que queria tê-lo em casa. Deveria ser, como — como ter uma grande esmeralda-esmeralda-esmeralda num estojo aberto. Intocável. Pela

aliança viu que ele era casado. Como casar com-com-com um ser que era para-para-para ser visto, gaguejava ela no seu pensamento. Morreria de vergonha de comer na frente dele porque ele era bonito além do possível equilíbrio de uma pessoa. Pois não é que quis descansar as costas, por um dia? Sabia que se falasse isso ao chefe ele não acreditaria que lhe doíam as costelas. Então valeu-se de uma mentira que convence mais que a verdade: disse ao chefe que no dia seguinte não poderia trabalhar porque arrancar um dente era muito perigoso. E a mentira pegou. Às vezes só a mentira salva. Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruía de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. Arrumou, como pedido de favor, um pouco de café solúvel com a dona dos quartos, e, ainda como favor, pediu-lhe água fervendo, tomou tudo se lambendo e diante do espelho para nada perder de si mesma. Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. Até deu-se ao luxo de ter tédio — um tédio até muito distinto.

PESQUISADORA Até aqui. Prossiga, Lírio 2.

LÍRIO 2 Desconfio um pouco de sua facilidade inesperada de pedir favor. Então precisava ela de condições especiais para ter encanto? Por que não agia sempre assim na vida? E até ver-se no espelho não foi tão assustador: estava contente mas como doía. — Ah mês de maio, não me largues nunca mais! (Explosão) foi a sua íntima exclamação no dia seguinte, 7 de maio, ela que nunca exclamava. Provavelmente porque alguma coisa finalmente lhe era dada. Dada por si mesma, mas dada. Nesta manhã de dia 7, o êxtase inesperado para o seu tamanho pequeno corpo. A luz aberta e rebrilhante das ruas atravessava a sua opacidade. Maio, mês dos véus de noiva flutuando em branco. O que se segue é apenas uma tentativa de reproduzir três páginas que escrevi e que a minha cozinheira, vendo-as soltas, jogou no lixo para o meu desespero — que os mortos me ajudem a suportar o quase insuportável, já que de nada me valem os vivos. Nem de longe consegui igualar a tentativa de repetição artificial do que originalmente eu escrevi sobre o encontro com o seu futuro namorado. É com humildade que contarei agora a história da história. Portanto se me perguntarem como foi direi: não sei, perdi o encontro. Maio, mês das borboletas noivas flutuando em brancos véus. Sua exclamação talvez tivesse sido um prenúncio do que ia acontecer no final da tarde desse mesmo dia: no meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse engolido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se 48 reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo. Ele... Ele se aproximou e com a voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe: — E se me desculpe, senhorita, posso convidar a passear? — Sim, respondeu atabalhoadamente com a pressa antes que ele mudasse de ideia. — E, se me permite, qual é mesmo a sua graça? — Macabéa. — Maca — o quê? — Bea, foi ela obrigada a completar. — Me desculpe mas até parece doença, doença de pele. (MUITOS RISOS) Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se vingasse, até um ano de idade eu não era chamada não tinha nome, (MAIS RISOS) eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo — parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor — pois como o senhor vê eu vinguei... pois é... — Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

BIBI Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado: — Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor? Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo. Da terceira vez em que se encontraram — pois não é que estava chovendo? — o rapaz, irritado e perdendo o leve verniz de finura que o padrasto a custo lhe ensinara, disse-lhe: — Você também só sabe é mesmo chover! — Desculpe. Mas ela já o amava tanto que não sabia

mais como se livrar dele, estava em desespero de amor. Numa das vezes em que se encontraram ela afinal perguntou-lhe o nome. – Olímpico de Jesus Moreira Chaves — mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que têm pai. Fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher. – Eu não entendo o seu nome — disse ela. — Olímpico? Macabéa fingia enorme curiosidade escondendo dele que ela nunca entendia tudo muito bem e que isso era assim mesmo. Mas ele, galinho de briga que era, arrepiou-se todo com a pergunta tola e que ele não sabia responder. Disse aborrecido: – Eu sei mas não quero dizer! – Não faz mal, não faz mal, não faz mal... a gente não precisa entender o nome. Ela sabia o que era o desejo — embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar.

CHER Olímpico de Jesus trabalhava de operário numa metalúrgica e ela nem notou que ele não se chamava de “operário” e sim de “metalúrgico”. Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, embora ganhasse menos que o salário mínimo. Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. “Metalúrgico e datilógrafa” formavam um casal de classe. A tarefa de Olímpico tinha o gosto que se sente quando se fuma um cigarro acendendo-o do lado errado, na ponta da cortiça. O trabalho consistia em pegar barras de metal que vinham deslizando de cima da máquina para colocá-las embaixo, sobre uma placa deslizante. Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo. A vida não lhe era má e ele até economizava um pouco de dinheiro: dormia de graça numa guarita em obras de demolição por camaradagem do vigia. Macabéa disse: – As boas maneiras são a melhor herança. – Pois para mim a melhor herança é mesmo muito dinheiro. Mas um dia vou ser muito rico disse ele que tinha uma grandeza demoníaca: a sua força sangrava. Uma coisa que tinha vontade de ser era toureiro. (MUITOS RISOS E COMENTÁRIOS TIPO: GENTE QUE HOMEM É ESSE?) Uma vez fora ao cinema e estremeceu da cabeça aos pés quando vira a capa vermelha. Não tinha pena do touro. Gostava era de ver sangue. No Nordeste tinha juntado salários e salários para arrancar um canino perfeito e trocá-lo por um dente de ouro faiscante. Este dente lhe dava posição na vida. Aliás, matar tinha feito dele homem com letra maiúscula. Olímpico não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de “cabra safado”. Mas não sabia que era um artista: nas horas de folga esculpia figuras de santo e eram tão bonitas que ele não as vendia. Todos os detalhes ele punha e, sem faltar ao respeito, esculpia tudo do Menino Jesus. Ele achava que o que é, é mesmo, e Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, embora sem dente de ouro (MUITOS RISOS).

PESQUISADORA A gente para por aqui pra analisar ou querem ler mais um pouquinho? Então eu falo aqui assim.

GIRASSOL Tem uma fala aqui, ela, ele, ele ela...

PESQUISADORA É. Vocês estão doidas para chegar nesses diálogos, né?

DIEM Os negócios públicos interessavam Olímpico. Ele adorava ouvir 51 discursos. Que tinha seus pensamentos, isso lá tinha. Acocorava-se com o cigarro barato nas mãos e pensava. Como na Paraíba ele se acocorava no chão, o traseiro sentado no zero, a meditar. Ele dizia alto e sozinho: – Sou muito inteligente, ainda vou ser deputado. E não é que ele dava para fazer discurso? Tinha o tom cantado e o palavreado sebo, próprio para quem abre a boca e fala pedindo e ordenando os direitos do homem. No futuro, que eu não digo nesta história, não é que ele terminou mesmo deputado? E obrigando os outros a chamarem-no de doutor. Macabéa era verdade uma figura medieval enquanto Olímpico de Jesus se julgava peça-chave, dessas que abrem qualquer porta. Macabéa simplesmente não era técnica, ela era só ela. Não, não quero ter sentimentalismo e portanto vou cortar o coitado implícito dessa moça. Mas tenho que anotar que Macabéa nunca recebera uma carta em sua vida e o telefone do escritório só chamava o chefe e Glória. Ela uma vez pediu a Olímpico que lhe telefonasse. Ele disse: – Telefonar para ouvir as tuas bobagens?

Gente que namorado é esse?

PESQUISADORA A gente pode encerrar aqui porque eu acho que isso vai render uma boa discussão?

BIBI Deixa eu falar só uma coisa. No início, né? Ela fala, fala, aí depois ela meio que morde e fala o que ela pensa e depois elogia, aí volta. Isso é tão massa porque ao mesmo tempo a Clarice se encontra um pouquinho nela querendo ou não nas falas dela. E eu já vou, viu gente, que eu vou trabalhar né? Tá certo.

PESQUISADORA Então quer dizer que ninguém anotou nada, né? Ficou todo mundo tão envolvido que esqueceu.

LÍRIO 2 Uma coisa que chamou atenção só que eu não entendi muito bem né? Uma frase: só me livro de ser um fracasso porque eu escrevo. Assim, me livro de quê? Eu não consegui parar entender o que ele quis dizer com isso.

PESQUISADORA Aí ela já tá como escritora, né? Aí ela já tá como a Clarice, ela nem é o Rodrigo, que aqui ele tá falando como se fosse o Rodrigo, né isso? Mas Rodrigo na verdade a gente percebeu que em alguns momentos é a própria Clarice. Outras horas ele é apenas o narrador, né? Como se tivesse fora da história, né? Mas aqui eu acho que se refere justamente ao papel dela enquanto escritora. Lembra que a gente falou que era como se ela não valorizasse a escrita, era como se estivesse em conflito sobre a escrita dela, né? Eu acho que isso tem a ver ler de novo. Eu acho que é isso daí. Mas mesmo assim fica muito ambíguo, né?

JUDE DUARTE É como ela disse que a própria Macabéa ela vive numa montanha-russa de sentimentos, em um momento ela é bem ela, ela é tudo, ela é bem intensa, no outro ela é vazia, entendeu? Então eu acho que Clarice é assim, no momento ela é não é nada, ela não é uma escritora boa, no outro ela é uma escritora maravilhosa e o que salva, o que dá um sentido da vida dela é escrever.

PESQUISADORA É isso mesmo. Porque ela está falando no papel dela enquanto escritora e tem horas que ela se sente num vazio total, né? Ela se mistura ali com Macabéa. Se bem que a impressão que passa é que Macabéa é sempre vazia. Aqui a gente já começou a ver algumas emoções, né? Em Macabéa.

GIRASSOL Ela se arrepiou? Já pensou?

JUDE DUARTE Ela fala que parece que a vida dela era uma longa meditação sobre nada. Que fala que uma caverna não sabe dizer a palavra, mas ela medita sobre que tudo que ela passa sem fazer nada e é como se a vida dela fosse uma longa meditação sobre nada e isso é muito a Clarice porque em vários momentos eh ela fala que faz, quando ela tá meditando, né? Ela faz tudo e não faz nada. E tem uma carta da Clarice com Fernando Sabino, que ela diz que às três horas ela está fazendo tudo e não fazendo nada e ela botou isso em Macabéa, que disse que a vida dela era longa meditação sobre nada.

LÍRIO 2 Isso daí é quando ela fala que Macabéa acordava no domingo mais cedo pra ficar sem fazer nada e ela meditava era às três da tarde e aqui ela dá uma misturada aqui com Macabéa. Ela diz que tinha saudade de quando era pequena no momento que ela estava falando sobre isso né? Eh cá em meditação inquieta, o vazio domingo e ela meio que que rememora aqui a infância dela e diz que era farofa seca, como se fosse uma coisa sem importância, né? Ela era farofa seca e pensava que fora feliz, né? Era como se ela não fosse nada e aí achava que era feliz, né? Mas também toda criança acha que é feliz, né?

LÍRIO 2 É, ela disse que andava pelo corredor imaginando que estava com uma boneca e o carrinho, não era? nem lembro.

PESQUISADORA E sem ter nada, ela não tinha um brinquedo, mas ela imaginava. Eu acho que todo mundo já viu naqueles stories que tem aqueles menininhos lá da Etiópia, lá daquela parte do mundo, que são famintos, magérrimos, com buquinho grande, né? Ali cheio de vermes e eles dançando, dançando na maior felicidade, né? Eles não pensam no futuro, não analisam o que vai ser a vida deles quando eles crescerem. Talvez muitos ou a maioria nem chegue a idade adulta por conta da fome né? Mas eles não tem essa consciência né? A fome deles eh não tira a alegria de viver deles. É muito incrível. Às vezes eu vejo esses esses videozinhos e eu fico assim sabe com lágrimas nos olhos. Porque eu fico imaginando né? Meu Deus essa criança é feliz de qualquer forma, né? E aqui ela era feliz, né? A Macabéa era feliz quando era pequena, né? Tinha uma vida desgraçada, uma tia desgraçada, né?

LÍRIO 2 Eu acho que isso de ser feliz apesar das condições está ligado a não conhecer outras realidades, só conhecer sua própria realidade, de achar que aquilo é tudo o que existe, né? todo mundo brincando se divertindo, então minha vida é muito boa.

PESQUISADORA Exatamente. É o alheamento, né? Ela não enxerga as próprias mazelas porque ela ela não tem um olhar crítico, ela não tem o olhar crítico sobre ela mesma e sobre o mundo que a cerca, né?

CHER Na página quarenta e dois, quando ela diz será que ele vai me matar? Porque tipo, no início do texto falava como ela buscou pequenas alegrias na vida e tipo depois ela realmente perguntou, será que ele vai me matar? Como se ela não não quisesse viver, aí isso me chamou atenção.

PESQUISADORA Sim e aí a gente volta aquela mesma coisa de antes, do sentimento de culpa, né? Da culpa que ela tem, né? Uma coisa aqui que eu achei interessante foi sobre a indústria da beleza, como ela pega a mulher e coisifica. Não é verdade? Torna a mulher uma coisa, uma coisa bonita ou feia. Quando na verdade nós somos muito mais do que a indústria, qualquer que seja ela, diga, não é verdade? Quando ela fala aqui ó, não tinha prazeres, né? Ela fala sobre os anúncios, né? E ela fala do pote que ela gostaria de comer às colheradas. Você imagine como não eram essas propagandas né? Hoje em dia alguma coisa está mudando, mas geralmente colocam mulheres pra protagonizar essas propagandas belíssimas, sem um defeitozinho né? E ela aí eu me chamo atenção essa indústria da beleza né? Que aqui ela falava em 1977, mas até hoje tem essa questão é de coisificar a mulher ela valer também pelo o que ela representa fisicamente, não é verdade? E tem muitas situações assim na vida da mulher que ela é tratada diferente pelo fato de ser mulher mesmo, né? Eu tive uma situação na minha vida que foi horrível. Eu comecei a trabalhar muito cedo, eu tinha treze anos na verdade quando eu comecei a trabalhar e aí eu trabalhava num consultório de um dentista, passei três anos lá e foi uma maravilha, mas fui pra outro local porque eu queria uma situação melhor de vida, queria ganhar mais um pouquinho né? E nos primeiros dias de trabalho eu percebi diferenciado do meu patrão. E um dia ele veio com uma conversa mole pra eu tirar umas fotos pra ele. E aí você já imagina o tipo de foto que ele queria que eu tirasse. Eu saí desse emprego, fui pra outro, e enfrentei uma situação não desse jeito porque, porque era em outro tipo de estabelecimento. Mas aquela, do camarada passar por perto, assim roçando, na pessoa. Se fosse um homem naquela situação trabalhando ali, ele faria aquilo? Então assim, nós enquanto mulheres vários fatores que que pode nos diminuir, que pode nos colocar assim num patamar bem inferior aos homens, né?

Vocês se lembram de alguma coisa assim, de algum episódio que pelo fato de serem mulheres vocês foram prejudicados de alguma forma?

JUDE DUARTE Meu estágio. Eu fui pra uma empresa de engenharia elétrica né? E eu passado por todas as fases e tinha feito um questionário. Era uma sessão. E aí passou um menino do segundo ano e ele foi contratado e eu não, ele é do segundo ano, e eu sou do terceiro. E ele não tem como saber as mesmas coisas.

PESQUISADORA Qual a tua área?

JUDE DUARTE Eletrotécnica.

PESQUISADORA A gente já parte do princípio que tem algumas profissões que já estão como que alinhadas ao gênero masculino. É como se pelo fato de ser mulher não tivesse capacidade de desempenhar aquela tarefa.

CHER Pelo menos o dele não foi explícito e quando eu faço entrevista que a minha é explícita, literalmente dizem, não, porque você é menina. Ah, não, tipo, não, eu gostei muito de você, tem muito conhecimento, mas você não vai aguentar o trabalho.

PESQUISADORA Qual a tua área?

CHER Mecânica

CHER É cada resposta que eu levo, gente. Vocês não têm noção. Em uma entrevista pra estágio de professor, muita coisa, muita coisa. Às vezes você vai aprender alguma coisa e tipo, eles passam a mão, é triste, é triste.

PESQUISADORA Mas é, é o assédio de todas as formas. Pelo fato do papel da mulher ser diferenciado do do homem. Não que a gente queira dar uma de feminista aqui, mas é uma realidade, né? Que nós vemos acontecendo no dia a dia, né? Como tem o contrário também, às vezes algumas moças vão fazer entrevista e aí eles contratam, pela beleza. Tem gente que às vezes nem tem capacidade pra o trabalho, mas fisicamente é mais bonitinha do que Fulana que tem um currículo muito legal, muito superior. Mas já pensando em outras situações, né?

CHER Eu acho que na área do entretenimento tem muito isso.

JUDE DUARTE Eu anotei uma parte aqui na página 51. Que ele fala que matar tenha feito dele um homem com letra maiúscula. E realmente matou uma pessoa?

PESQUISADORA Lá na frente vocês vão ver. Acho que sim. Eu acho que ele era assassino mesmo. Gostava de ver sangue.

LANA E eu também anotei na página 49 que fala um pouco da cultura que é também eh no sertão da Paraíba, promessa, questão de honra. Sim. Que fala um pouco da cultura do nordeste, e não sei, mas é cultura.

PESQUISADORA É, a história retrata a vida de dois nordestinos que se conhecem e se reconhecem né? Lembra que ele fala do faro, né? O cachorro quando ele ele vai andando, né? Ele vai caminhando. Não tô menosprezando eles não, tô me referindo quando ele fala dos iguais, né? Como se fosse assim, os iguais se reconhecem, né? Quando um cachorro vai vai passando ele vai aqui tranquilo, mas quando ele vê o cachorro do outro lado da rua ele fareja e ele já quer

ir pra perto. Então ele no caso ali quando eles se encontraram né? Aí já houve aquele entrosamento pelo fato de serem dois iguais no mundo diferente, dois iguais nesse sentido, né? Que veio do Nordeste, uma terra seca, árida, pobre e eles estavam ali como estranhos lá no sul do país, não é verdade? E uma coisa que eu achei interessante aqui que eu queria até passar pra vocês é que ela diz o que os originais foram jogados fora pela cozinheira né? E literalmente aconteceu isso, ela já estava com o livro a Clarice Larissa Lispector, né? Ela estava com grande parte do livro, já tinha falado sobre essa parte aí, né? Dessa, esse, esse momento em que os dois tinham se conhecido, e a empregada jogou fora, a cozinheira jogou fora, aí ela tá contando a história da história, quer dizer, daquilo que ela se lembrava, ela contou como foi o encontro deles, né? Mas é muito interessante, porque isso aconteceu na vida real mesmo da Clarisse e ela colocou aqui como se fosse o Rodrigo, né? Como se fosse o Rodrigo, mas era ela, né? Existe esse entrelaçamento dos três, né? Como se fosse três em um, né? Três em um, três nela, né? Três em uma Clarice.

LANA E outra coisa aqui que me chamou atenção foi esse primeiro encontro dela consigo mesma. Quando ela dançava eu rodopiava, quando ela mentiu. E aí foi a primeira vez que a gente percebe, que ela se encontrou, se encontrou livre, livre de todas as amarras, não é verdade? Porque ela sempre foi guiada por alguém, pela tia, por qualquer pessoa, menos por ela mesma. E mesmo aqui a gente não percebe que ela tomou as rédeas da vida dela, mas pelo menos naquele dia ela teve um encontro consigo mesma. Ela tomou as rédeas. Inventou uma mentira. Olha fez uma coisa. Inventou uma mentira né? Pra ficar em casa, em prol de si mesma, porque ela nunca não tinha nem nada, ela não fazia nada em benefício próprio.

JUDE DUARTE Era uma bobeira, mas pra ela que nunca tinha feito nada por si, é uma coisa muito grande.

PESQUISADORA Muito, pra ela era um esforço tremendo fazer um negócio daquela coisa e ter a inteligência de fazer isso.

CHER Isso é no cotidiano né? Anotei aqui na 47 vezes, tipo ela sempre via no mesmo horário. Tipo ela meio que repetia aquilo e não via o dia de amanhã porque o dia de amanhã era o hoje, ela sempre seguia o padrão. Era uma rotina.

PESQUISADORA Verdade. Quando fala nas horas, não é hora somente de relógio. Tem alguma coisa de psicológica nisso, a hora realmente daquilo que ela tinha aquele padrão, né isso? A gente no final foi convergindo pras mesmas coisas, né? Aquilo que chama mais atenção, a rotina nos mantém no mesmo lugar fazendo, as mesmas coisas, afastando de novidades não é verdade? E era essa a vida dentro de Macabéa.

JUDE DUARTE Ela estourou a bolha da monotonia por algumas horas só que depois retornou mas por aquele tempo saiu um pouco da rotina e viveu.

PESQUISADORA Exato, viveu, rodopiou, dançou, tomou né? Olha a atitude, pegou o café emprestado e comeu.

E outra coisa que eu anotei aqui foi quando ela fala em efeméride, quer dizer Almanaque, é um calendário, é um anuário. E ela achava linda essa palavra mas ela não sabia o que era. Aí eu acho que isso trata muito do analfabetismo funcional. Daquele que conhece as letras, conhece as palavras mas não conseguem interpretar. Pronto. O que a gente está fazendo aqui? Nós estamos lendo e entendendo a história. Né? Nós somos pessoas alfabetizadas e temos um senso crítico daquilo que nós estamos lendo. É esse o papel que nós devemos desempenhar enquanto leitores, nos encontrar dentro da história e começar a fazer, como a gente está fazendo aqui, a

gente está fazendo, ligando pontos com a realidade que a gente vive. Isso é uma leitura crítica, o ensino de um modo geral deve fazer com os estudantes, com as estudantes.

LÍRIO 2 Mas não faz.

PESQUISADORA Pois é, você acha que não tem isso. Mas deve, deve ter, por quê? Porque quando você faz isso, aí você começa a ganhar gosto pela leitura. Quando você só lê aleatoriamente, não é? Aí fica um negócio muito aleatório, né? Muito de letras, letras sem sentido, né verdade? Mas o que nós estamos fazendo é uma leitura crítica, analítica, nós estamos analisando e empregando o que nós estamos lendo na realidade do mundo que a gente vive. Ó quantas pessoas nós já relatamos aqui, nós já sobre o papel da mulher, né? Enquanto pessoas dentro da sociedade. Nós já falamos da nordestinidade, que são temas inerentes ao livro, não é verdade? Nós falamos sobre a fome que também fala sobre isso, são aspectos na leitura né que nós podemos é compreender, mas nós sabemos que existem muitas pessoas que foram alfabetizadas mas são analfabetas e funcionais. Não entende o que estão dentro, né? E aqui eu achei interessante também ela dizer que ela tinha enjojo quando ia comer e ela disse que parecia que havia cometido um crime que comeram um anjo. E porque acreditava eles existiam. Interessante isso né? Porque eles não aquilo que a gente acredita é o que a gente vai encontrar, não é verdade? As coisas que acreditamos, mesmo que não existam, eles existem para quem? Para nós, porque nós estamos acreditando. Se ela se imaginava nada, se ela não se dava importância, pra ela era nada né? Nós enquanto estudantes, vocês enquanto meninas eu enquanto mulher, nós enquanto mulheres, nós enquanto estudantes, profissionais, enquanto pessoas inseridas no mundo, nós temos que entender nosso papel na sociedade o que a gente pode o que a gente pode fazer pra alterar o ambiente de hoje a minha vida né? O que eu posso contribuir pra por mim mesma e para mim mesma né? E não levar a vida por levar sem perspectiva, sem sonhos. Nós temos que ter sonhos. Nós temos que sonhar e acreditar neles. Nesses sonhos, né?

E ela colocou assim: na ignorância de si mesma ela confiava no futuro, talvez porque como no momento ela não tinha nada né? Mas mesmo assim ela ainda conseguia acreditar que podia ter alguma coisa, porque ela se colocava no lugar dos menos privilegiados.

LÍRIO 2 Será que pra ter esperança do futuro seria porque ela não seja capaz de mudar o presente, é algo assim?

PESQUISADORA Eu acho que tem a ver. Ela é tão alheia no momento que quem sabe no futuro não vai acontecer alguma coisa? Tanto é que ela está caminhando pra o futuro dela. Que a gente vai ver no final do livro. Não é verdade? Eu não posso ser alheia a mim mesma e nem a nada, eu tenho que ter consciência da minha vida enquanto ser social, enquanto mulher, enquanto né?

JUDE DUARTE Eu anotei na página 42, “se a moça soubesse que a minha alegria também vem e minha mas profunda tristeza e a tristeza era uma alegria falhada sim. Ela era levezinha dentro de sua neurose guerra, eu interpretei como se fosse a Clarice aqui novamente. Porque a alegria dela vem mais profunda tristeza. Aí de novo é um turbilhão de emoções. Uma hora ela está aqui, outra hora ela tá aqui (POSICIONOU AS MÃOS ACIMA DA CABEÇA, DEPOIS NA ALTURA DA CINTURA). Você não consegue ler completamente ela. Aí vem a leitura novamente. Ela é boa escritora, ou ela não é boa escritor? Ela é feliz ou a alegria dela tem só da profunda e a tristeza é uma alegria falhada. E aí é sempre isso. Ela dá e toma, ela não deixa a gente saber o que ela tá sentindo, ela dá aquela emoção, quando você acha que você tá conseguindo pegar um pouco, ela toma e fica pra si.

PESQUISADORA É isso mesmo Julie. Gostei dessa perspectiva sua. porque veja bem, a obra ela é incrível né? Cada escritor escreve aquilo que ele pensa, aquilo que ele compreende, aquilo que ele cria, que ele acha que deve. E aí, cabe a cada eleitor ver aquela obra de sua forma, porque cada cabeça é um mundo, cada mente tem a sua própria interpretação. Às vezes a gente converge pra um mesmo resultado. Mas mesmo a gente convergindo para os mesmos resultados a gente não pensa igual, porque nós somos seres muito diferentes

LÍRIO 2 Cada um tem suas experiências, não é?

PESQUISADORA Exatamente, né? Cada um tem sua sua leitura de mundo, de acordo com a vida que leva, que vive, né? Uma coisa que me chamou atenção também aqui foi “ele se aproximou e com a voz cantante de nordestino que a emocionou perguntou-lhe...” Essa voz cantante eu acho que é aqui a gente também pode tratar do preconceito contra o nordestino, né? A Suzana Amaral é a cineasta que fez o filme e aí ela disse numa entrevista algo em outro contexto, mas no final a gente vai ver que vai dar no mesmo, ela disse “como sou documentarista há muitos anos essa coisa de migração nordestina em São Paulo, da não adaptação me impressiona muito. Lembro que quando cheguei aos Estados Unidos me senti uma Macabéa. Eu tinha um problema de comunicação. Acho que o problema maior na história de Macabéa é o problema de comunicação. É difícil para o imigrante essa comunicação com um outro ambiente o que vai comer, como se fala, quais os costumes” ela disse que sentiu na pele o que é ser Macabéa no ambiente urbano, estranho. Ela disse que tem a cara do Brasil. “Ela é o que todo mundo é. Ela é uma Macunaíma de saia, uma anti-heroína aqui no Brasil, mas com uma universalidade muito grande.” As características delas são universais, né? Porque independentemente de qualquer lugar eh encontrou na caverna. Na Alemanha, em Nova York, o imigrante não é um problema só brasileiro, existem Macabéias no mundo inteiro. Aqui ela já não está falando da migração, né? Porque ela ela no caso aqui ela saiu do país e foi pra outro. Mas é estranhamento. É você se sentir uma estranha em outro lugar. Então essa questão aí que ela ela estava lá em Nova Iorque.

JUDE DUARTE De não pertencer. É a falta de pertencimento.

PESQUISADORA Eu era diretora de gestão de pessoas, trabalhava na reitoria e que todo mês eu ia à Brasília ou a outro estado, e uma vez eu fui não lembro se era Curitiba ou era uma cidade do Espírito Santo, e quando foi um dia e quando eu cheguei no hotel eu ia caminhando com minhas colegas e algumas outras colegas de outros institutos passaram a frente no momento que eu entrei. Quando eu lembrei de fazer um algo e voltei, elas estavam rindo e uma delas disse bem assim: “não sei como ela não tem vergonha dessa voz cantada dela. Meu Deus que voz ridícula. Tem hora que eu não aguento”. Aí eu entrei e fechei a porta. Agora imagine no outro dia pra eu me sentar novamente com aquelas pessoas, pessoas que não se identificavam comigo, porque me achavam estranha, nordestina, porque o nordestino, e eu como sou pernambucana a minha voz é mais cantada até do que a do alagoano, e eu reconheço isso, né? E eu passei por várias situações assim. Em Brasília, teve uma vez que eu tava numa fila pra pagar e aí eu fiz uma pergunta a pessoa do caixa, ela disse “o que foi que você perguntou?” com a voz cantada (RISOS). Aí eu olhei pra cara dela e disse com a voz mais cantada ainda “minha filha, sou pernambucana sim com muito orgulho, viu? E aí tem várias situações que a gente enquanto Macabéia pode se encontrar nessas situações, não é verdade? A Macabéa a nordestina, a Macabéa mulher, a Macabéa explorada no trabalho, são várias situações que a gente pode encontrar. Eu me eu me encontrei nessa situação e foi horrível.

GIRASSOL PERGUNTOU PREOCUPADA: Vai ter relacionamento abusivo?

LÍRIO Não, mas um pouquinho tóxico.

GIRASSOL vai ter um final feliz?

PESQUISADORA Mulher, vamos para o final do livro (RISOS). Uma curiosidade que eu gostaria de compartilhar com vocês. Um amigo acha que o nome de Macabéa pode ser proveniente do nome bíblico Macabeus, que significa martelo. Por causa daquele diálogo *super-romântico* entre Macabéa e Olímpico que envolvia pregos e martelo. Aí ele fez uma ligação, porque lembra quando ela disse que adorava parafusos? Ele fez essa ligação porque ela se diminui muito, se sujeita, se menospreza na verdade. E o martelo serve pra quê? Bater. Então ele fez essa ligação, por isso que eu sempre digo que um livro é escrito de uma forma do ponto de vista do escritor, mas a imaginação de quem o lê é fértil. E tem que tem ser mesmo. Por que estou falando isso? Porque a leitura leva a pessoas a diferentes patamares de interpretação, como eu disse, cabeças são mundos.

LÍRIO 2 Será que descobrimos a origem do livro agora? A ideia do da origem do livro? Quem tá se perguntando, Meu Deus, a Clarice escreveu uma história de alguém que existe de verdade. Quem será que é? Quem será que é?

PESQUISADORA Mas vamos adiante, que acha que vai descobrir mais coisas, né? E aqui quando ele fala do talento dele, que vocês disseram assim, é como se ele não tivesse talento, né? Ó, “Mas não sabia que era um artista, nas horas de folga, (aqui não é ele que tá dizendo, ele realmente se achava, né? Ele era o inverso de Macabéa, né se achava o bala. Tanto é que ele disse que ia ser deputado né? Enquanto na Macabéa achava que não era nada, ele, homem, cabra safado, ele se achava o bala, né? Mas mesmo assim ele ainda tinha alheamento de si mesmo. Porque se a gente olhar, ele não sabia que era um artista. Isso não é ele que está dizendo, é o Rodrigo. Nas horas de folga esculpia figuras de santo e eram tão bonitas que eles não as vendia. Não é que as figuras não prestassem, eram figuras eram bonitas, mas ele ficava pra si porque eram bonitas. Quer dizer, não sabia nem fazer dinheiro. Ele era um pouco alheio do que podia.

PESQUISADORA Adorei nosso encontro. Acho que mais dois a gente termina.

GIRASSOL Hoje Maravilhoso porque é quando tem o encontro de Macabéa com Olímpico. Aí a coisa começa a melhorar, né? Esse primeiro encontro amoroso (VOZ DE CINISMO)

NOVAMENTE AS MENINAS QUISERAM SABER SE HAVIA COMPORTAMENTO ABUSIVO. Uma disse: “Eu tô preocupada com esse lance”

Mas e o namoro que não é namoro, né? É só um ajuntamento de pessoas, não é. De duas pessoas solitárias, de duas pessoas iguais vivendo num mundo diferente.

JUDE Mas ele sabe que ele namora com ela?

LÍRIO 2 Sabe nada.

PESQUISADORA Mas vocês vão ver lá na frente que no final ele pensa a mesma coisa que ela

GIRASSOL Como é o final? Tem final?

PESQUISADORA Tem, mas a gente só vai saber na próxima leitura (RISOS)

GIRASSOL Um final inacabado?

PESQUISADORA Saberemos ao terminar a leitura. Despedida.

Círculo de leitura 5

Tema: Figura da mulher e o mundo do trabalho

Data: 03/05/2023

Duração do encontro: 1:13:02

Participantes (quantidade presente no dia): 09 (nove)

Recursos utilizados: Xérox do livro, celular para gravar as falas e filmadora

5º Círculo de Leitura, realizado em 03/05/2023

PESQUISADORA

Hoje nós vamos começar com aquele diálogo que tinha gente que estava doidinha pra ver a semana passada, da Macabéa e Olímpico.

SLIDES COLOCADOS NO MULTIMÍDIA PARA FAZER A LEITURA

Slide 1

O que é pra vocês A hora da estrela? É uma obra desafiadora? Uma obra difícil? Uma obra hermética, uma obra instigante na cadeia do fio. (ALGUÉM PERGUNTOU O QUE ERA HERMÉTICA)

PESQUISADORA Hermética é uma coisa fechada, que não dá espaço, né? desafiado. A gente vai desfiar o que, pelo amor de Deus, né? Tá tudo bem. Mas antes, sabia, né? Ela desafia? É uma obra difícil?

LÍRIO 2 Às vezes, não é? É, às vezes usa palavras difíceis.

JUDE DUARTE instigante com certeza.

PESQUISADORA Ela realmente é uma obra instigante. Antes de começar eu queria falar um sobre algo que a semana passada nós fizemos, é que pedi pra gente ler e vocês iam anotando o que chamasse atenção, só que terminou que a gente até esqueceu, né? De de escrever, de anotar, não é verdade?

LÍRIO 2 Não dava nem tempo corrido, era tão corrido que a gente esquecia de anotar

PESQUISADORA Então eu acho que se a gente voltar aquele mesmo ponto, de a gente ler e depois refletir talvez a seja melhor, né? Porque senão a gente pode perder isso de vista. Por exemplo, tem uma parte aqui que eu achei interessante, que eu ia falar e não falei, quando diz que Olímpico de Jesus trabalhava de operário numa metalúrgica e Macabéa nem notou que ele não se chamava de operário em sim metalúrgico, porque ele achava que o metalúrgico era muito mais do que um operário né? E ela se sentia orgulhosa porque ela era datilógrafa e ganhava menos que um salário mínimo. Mas ela se sentiu orgulhosa, porque ela achava que eles era um casal de classe. Ela era *datilógrafa* e ele era *metalúrgico*, né? Então ela achava que isso daí era muito interessante, né? E aí eu tava refletindo sobre o trabalho, né? Sobre os aspectos de trabalho de Macabéa e o papel dela no mundo do trabalho, né?

Que a gente falou sobre isso desde o segundo dia, do papel dos indivíduos, né? Dos homens e das mulheres, né? E também mais focado no papel da mulher, né? Porque nós somos mulheres, né isso? E aí eu tava vendo que, uma coisa que me atenção é que apesar de nós mulheres sermos iguais aos homens, mas desde o início que nós fomos, nós somos, pelo

menos a maioria das pessoas elas são e preparadas, elas são educadas para se comportarem e fazerem determinadas coisas, o homem com as coisas de homem e mulher com as coisas de mulher, quando na verdade a gente sabe que a gente pode fazer o que quiser e quem vai determinar somos nós

LÍRIO 2 Menino brinca com carro, menina brinca com boneca.

PESQUISADORA Exatamente, né? Isso daí. E isso também se refere a educação, num é? Na educação, no trabalho, né? E aí eu tava vendo isso, por quê? Nós mulheres, já destravamos muitas coisas, não a partir da gente, mas a partir de outras mulheres. Aí eu trouxe aqui um exemplo da Mary Curie, ela foi uma cientista física e química, ela era natural da Polônia e naturalizada eh francesa, e ela descobriu o rádio e o polônio e ela ganhou o prêmio Nobel numa época em que os homens é que se projetavam, que descobriam as coisas. No entanto numa época em que as descobertas eram dominadas pelos homens a Marie foi e fez essa descoberta, né? Na verdade ela fez com o marido dela, mas o marido deu de todo o crédito a ela porque foi ela que fez. Quer dizer, era uma época tão machista que podia até ser que ele quisesse, tipo, “tu fica de lado e deixa isso comigo”, mas ele deu crédito pra mulher dele, né? A gente sabe que a constituição de 1988 diz no artigo 5º que homens e mulheres são iguais, né?

LÍRIO 2 Só um adendo, a Mary Curie ganhou dois nobéis.

PESQUISADORA Isso mesmo. E numa época vocês já sabem, né? Não era fácil não. Então o que é que eu quero dizer? Nós enquanto mulheres, muitas das conquistas nós não conquistamos, foram outras mulheres que passaram situações adversas, né? E isso é desde os primórdios, desde a época da escravidão mesmo, quando houve a revolução dos escravos, os negros homens que foram abolidos, eles podiam votar, as mulheres tinham a liberdade, mas não podiam votar e somente na era de Vargas, que foi no ano de 1934, é que a mulher teve o direito de votar, a mulher sempre foi colocada atrás de homens, né? E aí eu tava vendo que esse prognóstico mudou pra gente não porque nós lutamos mas porque outras mulheres lutaram e talvez nós hoje tenhamos que lutar para que mulheres lá na frente também tenham coisas que nós é que vamos conseguir hoje, né? Que foi justamente um movimento sufragista. Esse momento sufragista foi desencadeado por mulheres ricas por mulheres que tinham tudo, elas deviam ter babás para seus filhos, elas deviam ter uma vida muito confortável, porque elas quando foram pra luta, elas tinham outras reivindicações, mas a principal que eu tô me reportando aqui é a do voto né? Que eu tô falando que a gente aqui só conseguiu esse ganho em 1934 na era Vargas, mas isso conseguido por essas mulheres na metade do século dezenove, essas mulheres não eram pobres e vocês acham que isso era por causa de quê? Vamos falar um pouquinho do mundo do trabalho, o que vocês acham que essas mulheres que foram as ruas elas foram reivindicar várias coisas pras outras mulheres e elas não eram as mulheres pobres. Vocês acham que isso se deveu a quê?

LÍRIO 2 Talvez cultura, algo assim? Já que elas não eram os pobres elas poderiam ter mais tempo pra esse tipo de coisa pra esse tipo de coisa, não é?

CHER Eu acho que a indignação delas de não terei o direito de voto.

Exatamente. E elas tinham tempo pra lutar por aquilo, né?

LÍRIO 2 Sim, pra pensar.

PESQUISADORA Então é o que a gente pode pensar de pessoas como Macabéa o tempo delas, onde é gasto?

LÍRIO 2 No trabalho

PESQUISADORA Então, aquelas mulheres daquela época não tinham tempo, elas tinham que cuidar dos filhos, tinham que cuidar do trabalho, tinham uma vida dupla, tripla de trabalho e talvez as reivindicações delas, talvez se elas fossem pra rua não era nem pra lutar pelo voto porque o que elas passavam era muito mais sério do que ir lá e votar né? Talvez fossem melhores de trabalho né? Outras coisas que pra elas eram mais importantes, porque a importância de tudo na nossa vida depende do contexto que a gente vive. Não é verdade? As mulheres daquela época eram pobres, mulheres como Macabéa, que trabalhavam em fábricas em jornadas exaustivas em condições precárias e com baixíssimos salários, trabalhavam fora e deixavam os filhos em casa, a jornada era dupla por também realizarem os serviços domésticos. Isso é muito comum hoje, né? A jornada de trabalho das mulheres é fora, o mundo do trabalho, o universo de trabalho da mulher é muito pior do que a maioria dos homens, né? Quando eu digo da maioria é porque já tem homens que trabalham fora e ajudam muito a mulher em casa. A gente sabe que a consciência tá mudando, né? A gente sabe. Mas ainda não é na proporção desejada, que deveria, né?

1456 Porque é isso daí, a mulher trabalha fora, mas quando ela chega em casa, ainda tem que dar conta de casa, tem que tá cuidando do marido, tem filho em casa, a educação dos filhos recai sobre a cabeça das mulheres e não na dos homens, qualquer coisa que acontece é mais a mãe do que um pai, e quem não é casado tem um lar, né? Ninguém vive só trabalhando, a mulher sempre tem alguma coisa além do trabalho.

LÍRIO 2 Tem gente que diz que a jornada em casa ainda é pior do que no trabalho. Tem algumas pessoas que dizem que trabalha mais em casa do que no próprio trabalho assim, é mais cansativo. Eu fico aqui de manhã, de tarde, chego em casa de noite tão cansada que é como se tivesse trabalhando.

PESQUISADORA É uma jornada inglória. Pronto, vamos começar nossa leitura, quer começar? (NINGUÉM SE PROPÓS). Então eu vou começar e depois vocês prosseguem.

Quando Olímpico lhe dissera que terminaria deputado pelo Estado da Paraíba, ela ficou boquiaberta e pensou: quando nos casarmos então serei uma deputada? Não queria, pois deputada parecia nome feio. (Como eu disse, essa não é uma história de pensamentos. Depois provavelmente voltarei para as inominadas sensações, até sensações de Deus. Mas a história de Macabéa tem que sair senão eu estouro.) As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acre-doce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá para casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.

Por que eles faziam pouca sombra no chão?

VÁRIAS VOZES Pequenos... magros..., né? Acho que faz sentido, né?

Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais do que ela que não tinha anjo da guarda. Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Aqui é a gente vai começar a ler o diálogo cabulosinho deles dois, né?

(Os diálogos, que se resumiam em perguntas e respostas, ficaram disponíveis na multimídia, e propus fazer uma espécie de teatro, em que uma perguntava e outra respondia, até terminar todo o diálogo. ELAS AMARAM A IDEIA. FIZERAM ATÉ IMPOSTAÇÃO DE VOZES.)

Ele: – Pois é. Ela: – Pois é o quê? Ele: – Eu só disse pois é! Ela: – Mas “pois é” o quê? Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende. Ela: – Entender o quê? Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já! Ela: – Falar então de quê? Ele: – Por exemplo, de você. Ela: – Eu?! Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente. Ela: – Desculpe mas não acho que sou muito gente. Ele: – Mas todo mundo é gente, meu Deus! Ela: – É que não me habituei. Ele: – Não se habituou com quê? Ela: – Ah, não sei explicar. Ele: – E então? Ela: – Então o quê? Ele: – Olhe, eu vou embora porque você é impossível! Ela: – É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é 53 que eu faço para conseguir ser possível? Ele: – Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado. Ela: – Acho que não sei dizer. Ele: – Não sabe o quê? Ela: – Hein? Ele: – Olhe, até estou suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem? Ela: – Sim, está bem, como você quiser. Ele: – É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim. – É? – Pois se eu estou dizendo! Você não acredita? – Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.

MUITOS RISOS DURANTE O DIÁLOGO

PESQUISADORA Aí a gente vê que é um diálogo sem pé e sem cabeça, né? É como se eles não tivessem nada na cabeça, né? E até brigaram porque não tinha conteúdo em suas palavras.

DIÁLOGOS ALTERNADOS

Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico: – Você sabe se a gente pode comprar um buraco? – Olhe, você não reparou até agora, não desconfiou que tudo que você pergunta não tem resposta? Ela ficou de cabeça inclinada para o ombro assim como uma pomba fica triste. Quando ele falava em ficar rico, uma vez ela lhe disse: – Não será somente visão? – Vá para o inferno, você só sabe desconfiar. Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça-donzela. – Cuidado com suas preocupações, dizem que dá ferida no estômago. – Preocupações coisa nenhuma, pois eu sei no certo que vou vencer. Bem, e você tem preocupações? – Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida. Foi a única vez em que falou de si própria para Olímpico de Jesus. Estava habituada a se esquecer de si mesma. Nunca quebrava seus hábitos, tinha medo de inventar. – Você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no País das Maravilhas” e que era também um matemático? Falaram também em “álgebra”. O que é que quer dizer “álgebra”? – Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita. – Nessa rádio eles dizem essa coisa de “cultura” e palavras difíceis, por exemplo: o que quer dizer “eletrônico”? Silêncio. – Eu sei mas não quero dizer. – Eu gosto tanto de ouvir os pingos de minutos do tempo assim: tic-tac-tic-tac-tic. A rádio Relógio diz que dá a hora certa, cultura e anúncios. Que quer dizer cultura? – Cultura é cultura — continuou ele emburrado. Você também vive me encostando na parede. – É que muita coisa eu não entendo bem. O que quer dizer “renda per capita”? – Ora, é fácil, é coisa de médico. – O que dizer rua Conde de Bonfim? O que é que conde? É príncipe? Não contou que o roubara no mictório da fábrica: o colega o tinha deixado na pia quando lavara as mãos. Ninguém soube, ele era um verdadeiro técnico em roubar: não usava o relógio de pulso no trabalho. – Sabe o que mais eu aprendi? Eles disseram que se devia ter alegria de viver. Então eu tenho. Eu também ouvi uma música linda, eu até chorei. – Era samba? – Acho que era. E cantada por um homem chamado Caruso que se diz que já morreu. A voz era tão macia que até doía ouvir. A música chamava-se “Una Furtiva Lacrima”. Não sei por que eles não disseram lágrima.

PESQUISADORA “Una Furtiva Lacrima” fora a única coisa belíssima na sua vida. Enxugando as próprias lágrimas tentou cantar o que ouvira. Mas a sua voz era crua e tão desafinada como ela mesma era. Quando ouviu começara chorar. Era a primeira vez que chorava, não sabia que tinha tanta água nos olhos. Chorava, assoava o nariz sem saber mais por que chorava. Não chorava por causa da vida que levava: porque, não tendo conhecido outros modos de viver, aceitara que com ela era “assim”. Mas também creio que chorava porque, através da música, adivinhava talvez que havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até com um certo luxo de alma. Muitas coisas sabia que não sabia entender. “Aristocracia” significaria por acaso uma graça concedida? Provavelmente. Se é assim, que assim seja. O mergulho na vastidão do mundo musical que não carecia de se entender. Seu coração disparara. E junto de Olímpico ficou de repente corajosa e arrojando-se no desconhecido de si mesma disse:

DIÁLOGOS

– Eu acho que até sei cantar essa música. Lá-lá-lá-lá-lá. – Você até parece uma muda cantando. Voz de cana rachada. – Deve ser porque é a primeira vez que canto na vida.

PESQUISADORA Ela achava que “lacrima” em vez de lágrima era erro do homem da rádio. Nunca lhe ocorrera a existência de outra língua e pensava que no Brasil se falava brasileiro. Além dos cargueiros do mar nos domingos, só tinha essa música. O substrato último da música era a sua única vibração. E o namoro continuava ralo. Ele falava coisas grandes mas ela prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria. Assim registrou um portão enferrujado, retorcido, rangente e descascado que abria o caminho para uma série de casinhas iguais de vila. Vira isso do ônibus. A vila além do número 106 tinha uma plaqueta onde estava escrito o nome das casas. Chamava-se “Nascer do Sol”. Bonito o nome que também augurava coisas boas. Ela achava Olímpico muito sabedor das coisas. Ele dizia o que ela nunca tinha ouvido. Uma vez ele falou assim:

PESQUISADORA Você vê aqui que ela se achava insignificante, não é verdade? Tanto é que ela prestava atenção nas coisas insignificantes como se ela própria se sentisse assim, sem importância retorcida.

LANA – A cara é mais importante do que o corpo porque a cara mostra o que a pessoa está sentindo. Você tem cara de quem comeu e não gostou, não aprecio cara triste, vê se muda – e disse uma palavra difícil – vê se muda de “expressão”.

PESQUISADORA Aí é outra coisa, né gente? Ela achava que ele dizia te coisa bonita! Ela achava muito sabedor das coisas. Até isso que ele falava, desgraçando com ela, olha o quanto Macabéa era subserviente, né?

CHER Ela disse consternada: – Não sei como se faz outra cara. Mas é só na cara que sou triste porque por dentro eu só até alegre. É tão bom viver, não é? – Claro! Mas viver bem é coisa de privilegiado. Eu sou um e você me vê magro e pequeno mas sou forte, eu com um braço posso levantar você do chão. Quer ver? – Não, não, os outros olham e vão maldar! – Magricela esquisita ninguém olha.

COMENTÁRIOS Meu pai! Parece aquelas brigas de irmão.

PESQUISADORA Vocês captaram uma coisa aí muito interessante. A Cher disse que parecia uma briga de irmão, né? E no livro o que foi que ela disse? Irmãos não se casam. Então a gente vai vendo coisas que realmente existem na obra, né verdade?

DIEM E lá foram para a esquina. Macabéa estava muito feliz. Realmente ele a levantou para o ar, acima da própria cabeça. Ela disse eufórica: – Deve ser assim viajar de avião. É. Mas de repente ele não aguentou o peso num só braço e ela 57 caiu de cara na lama, o nariz

sangrando. Mas era delicada e foi logo dizendo: – Não se incomode, foi uma queda pequena. Como não tinha lenço para limpar a lama e o sangue, enxugou o rosto com a saia, dizendo: – Você não olhe enquanto eu estiver me limpando, por favor, porque é proibido levantar a saia. Mas ele emburrara de vez e não disse mais nenhuma palavra. Passou vários dias sem procurá-la: seu brio fora atingido.

LAUREL Afinal terminou por voltar para ela. Por motivos diferentes entraram num açougue. Para ela o cheiro da carne crua era um perfume que a levitava toda como ,se tivesse comido. Quanto a ele, o que queria ver era o açougueiro e sua faca amolada. Tinha inveja do açougueiro e também queria ser. Meter a faca na carne o excitava. Ambos saíram do açougue satisfeitos. Embora ela se perguntasse: que gosto terá esta carne? E ele se perguntava: como é que uma pessoa consegue ser açougueiro? Qual era o segredo? (O pai de Glória trabalhava num açougue belíssimo.) Ela disse:

DIÁLOGOS ALTERNADOS NOVAMENTE

– Eu vou ter tanta saudade de mim quando morrer. – Besteira, morre-se e morre-se de uma vez. – Não foi o que minha tia me ensinou. – Que tua tia se dane. – Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema. Só vou ao cinema no dia em que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas. Sabe que Marilyn era toda cor-de-rosa? – E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema. – Você acha mesmo? – Tá na cara. – Não gosto de ver sangue no cinema. Olhe, sangue eu não posso mesmo ver porque me dá vontade de vomitar. – Vomitar ou chorar? – Até hoje com a graça de Deus nunca vomitei. – É, dessa vaca não sai leite. MUITOS RISOS.

PESQUISADORA Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava. Mas Olímpico não só pensava como usava palavreado fino. Nunca esqueceria que no primeiro encontro ele a chamara de “senhorinha”, ele fizera dela um alguém. Como era um alguém, comprou um batom cor-de-rosa. O seu diálogo era sempre oco. Dava-se conta longinquamente de que nunca dissera uma palavra verdadeira. E “amor” ela não chamava de amor, chamava de não-sei-o-quê.

DIÁLOGOS ALTERNADOS

– Olhe, Macabéa... – Olhe o quê? – Não, meu Deus, não é “olhe” de ver, é “olhe” como quando se quer que uma pessoa escute! Está me escutando? – Tudinho, tudinho! – Tudinho o quê, meu Deus, pois se eu ainda não falei! Pois olhe vou lhe pagar um cafezinho no botequim. Quer? – Pode ser pingado com leite? – Pode, é o mesmo preço, se for mais, o resto você paga.

PESQUISADORA Macabéa não dava nenhuma despesa a Olímpico. Só dessa vez quando lhe pagou um cafezinho pingado que ela encheu de açúcar quase a ponto de vomitar mas controlou-se para não fazer vergonha. O açúcar ela botou muito para aproveitar. E uma vez os dois foram ao Jardim Zoológico, ela pagando a própria entrada. Teve muito espanto ao ver os bichos. Tinha medo e não os entendia: por que viviam? Mas quando viu a massa compacta, grossa, preta e roliça do rinoceronte que se movia em câmara lenta, teve tanto medo que se mijou toda. O rinoceronte lhe pareceu um erro de Deus, que me perdoe por favor, sim? Mas não pensara em Deus nenhum, era apenas um modo de. Com a graça de alguma divindade Olímpico nada percebeu e ela disse a ele:

DIÁLOGOS ALTERNADOS

– Estou molhada porque me sentei no banco molhado. nada percebeu. Ela rezou automaticamente em agradecimento. Não era agradecimento a Deus, só estava repetindo o que aprendera na infância. – A girafa é tão elegante, não é? – Besteira, bicho não é elegante. Ela teve inveja da girafa que pairava tão longe no ar. Tendo visto que seus comentários sobre bichos não agradavam Olímpico, procurou outro assunto: – Na Rádio Relógio disseram uma palavra que achei meio esquisita: mimetismo. Olímpico olhou-a desconfiado: – Isso é lá coisa

para moça virgem falar? E para que serve saber demais? O Mangue está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais. – Mangue é um bairro? – É lugar ruim, só pra homem ir. Você não vai entender mas eu vou lhe dizer uma coisa: ainda se encontra mulher barata. Você me custou pouco, um cafezinho. Não vou gastar mais nada com você, está bem? Ela pensou: eu não mereço que ele me pague nada porque me mijei. Depois da chuva do Jardim Zoológico, Olímpico não foi mais o mesmo: desembestara.

DIEM Gente, ela se culpava de tudo, até daquilo que ele era culpado, ela puxava pra ela, né? É muito impressionante. Como é que pode um negócio desse? Será que existe gente assim ainda?

CHER Existe, porque hoje no ônibus eu tava vendo uma menina falando uma porcentagem estatística pra defender porque o namorado traía ela.

ALGUÉM PERGUNTOU: Como assim? Como é que é isso aí?

CHER Não, é porque 60% dos homens no mundo não conseguem se controlar. É porque é natural do homem, o homem tem o desejo carnal maior do que a mulher, é do homem, é natural.

PESQUISADORA Minha gente, aí por isso ele pode trair, ele não tem problema nenhum é homem, né? Porque ainda tem muito isso, tem muito disso, principalmente no interior. Trai e pronto e não tem problema nenhum, porque é homem, né? Homem pode tudo, né? E aqui o Olímpico, ele desempenha bem esse papel de machão, né? De machista, né? De machista, né? Porque o tanto de coisas que ele disse aqui, diminuindo a mulher e ainda achava que tava certo.

BIBI Mas existe sim, ainda existem muitas mulheres que se diminui em detrimento do homem e ainda tentam compreender a posição dele, enquanto o homem pode determinadas coisas e ela não.

LÍRIO 2 Empatia em excesso.

CHER Acho que é dependência.

DIEM Falta de autoestima.

PESQUISADORA A falta de alta autoestima leva a pessoa a caminhos torturantes pra si mesmo.

LEITURA: E sem notar aquele profeta de poucas palavras, como convém a um homem sério, disse-lhe.

– Mas puxa vida! Você não abre o bico e nem tem assunto! Então aflita ela lhe disse: – Olhe, o Imperador Carlos Magno era chamado na terra dele de Carolus! E você sabia que a mosca voa tão depressa que se voasse em linha reta ela ia passar pelo mundo todo em 28 dias? – Isso é mentira! – Não é não, juro pela minha alma pura que aprendi isso na Rádio Relógio! – Pois não acredito. – Quero cair morta neste instante se estou mentindo. Quero que meu pai e minha mãe fiquem no inferno, se estou lhe enganando. – Vai ver que cai mesmo morta. Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo? – Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê? ...Quer dizer não sei bem quem eu sou. – Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos isso? – É verdade. Mas não sei o que está dentro do meu nome. Só sei que eu nunca fui importante... – Pois fique sabendo que meu nome ainda será escrito nos jornais e sabido por todo o mundo. Pode ser, porque o livro é ela que tá escrevendo e a história da Macabéa ia ficar conhecida. Ela disse para Olímpico: – Sabe que na minha rua tem um galo

que canta? – Por que é que você mente tanto? – Juro, quero ver minha mãe cair morta se não é verdade! – Mas sua mãe já não morreu? – Ah, é mesmo... que coisa... (Mas e eu? E eu que estou contando esta história que nunca me aconteceu e nem a ninguém que eu conheça? Fico abismado por saber tanto a verdade. Será que o meu ofício doloroso é o de adivinhar na carne a verdade que ninguém quer enxergar? Se sei quase tudo de Macabéa é que já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada. Esse relance me deu ela de corpo inteiro. Quanto ao paraibano, na certa devo ter-lhe fotografado mentalmente a cara — e quando se presta atenção espontânea e virgem de imposições, quando se presta atenção a cara diz quase tudo.)E agora apago-me de novo e volto para essas duas pessoas que por força das circunstancias eram seres meio abstratos.

PESQUISADORA Aqui vai falar sobre Olímpico, vocês querem continuar? Essa parte aqui é bem legal que a gente vai descobrir uma coisa que me perguntaram semana passada: ele é assassino, ele matou mesmo? (TODAS ACEITARAM, CURIOSAS PELA FIGURA DE OLÍMPICO).

BIBI Mas ainda não expliquei bem Olímpico. Vinha do sertão da Paraíba e tinha uma resistência que provinha da paixão por sua terra braba e rachada pela seca. Trouxera consigo, comprada no mercado da Paraíba, uma lata de vaselina perfumada e um pente, como posse sua e exclusiva. Besuntava o cabelo preto até encharcá-lo. Não desconfiava que as cariocas tinham nojo daquela meladeira gordurosa. Nascera crestado e duro que nem galho seco de árvore ou pedra ao sol. Era mais passível de salvação que Macabéa pois não fora à toa que matara um homem, desafeto seu, nos cafundós do sertão, o canivete comprido entrando mole-mole no fígado macio do sertanejo. Guardava disso segredo absoluto, o que lhe dava a força que um segredo dá. Olímpico era macho de briga. Mas fraquejava em relação a enterros: às vezes ia, três vezes por semana ia a enterro de desconhecidos, cujos anúncios saíam nos jornais e sobretudo no O dia: e seus olhos ficavam cheios de lágrimas.

CHER Era uma fraqueza, mas quem não tem a sua. Semana em que não havia enterro, era semana vazia desse homem que, se era doido, sabia muito bem o que queria. De modo que não era doido coisa alguma. Macabéa, ao contrário de Olímpico, era fruto do cruzamento de “o quê” com “o quê”. Na verdade ela parecia ter nascido de uma ideia vaga qualquer dos pais famintos. Olímpico pelo menos roubava sempre que podia e até do vigia de obras onde era sua dormida. Ter matado e roubar faziam com que ele não fosse um simples acontecido qualquer, davam-lhe uma categoria, faziam dele um homem com honra até lavada. Ele também se salvava mais do que Macabéa porque tinha grande talento para desenhar rapidamente perfeitas caricaturas ridículas dos retratos de poderosos nos jornais.

DIEM Era a sua vingança. Sua única bondade com Macabéa foi dizer-lhe que arranjaría para ela emprego na metalúrgica quando fosse despedida. Para ela a promessa fora um escândalo de alegria (explosão) porque na metalúrgica encontraria a sua única conexão atual com o mundo: o próprio Olímpico. Mas Macabéa de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo. Ouvira na Rádio Relógio que havia sete bilhões de pessoas no mundo. Ela se sentia perdida. Mas com a tendência que tinha para ser feliz logo se consolou: havia sete bilhões de pessoas para ajudá-la. Macabéa gostava de filme de terror ou de musicais, Tinha predileção por mulher enforcada ou que levava um tiro no coração. Não sabia que ela própria era uma suicida embora nunca lhe tivesse ocorrido se matar. É que a vida lhe era tão insossa que nem pão velho sem manteiga. Enquanto Olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen. E como já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido. Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver.

PESQUISADORA Pronto, aqui a gente percebe que a autora entrou na história novamente, num foi? Ela entra e como se embalasse a Macabéa, ela sente pena dela, né?

DIEM Ela poderia ter filhos?

PESQUISADORA Ela tinha. Mas aqui também pode ser que esteja se referindo, ao aspecto de escritora mesmo, da pobreza da escrita, pode ser também que isso esteja relacionado com essa pobreza de escrita, porque às vezes ela mistura o papel de escritora.

LÍRIO 2 Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa — é o que eu descubro agora. Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu a colega da Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe. Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar. É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada por Macabéa: “sou carioca da gema!” Olímpico não entendeu o que significava “da gema” pois esta era uma gíria ainda do tempo de juventude do pai de Glória. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade.

PESQUISADORA É que a outra era bem mirradinha, nordestina, tal, não sei o que. A outra dizia que era pobre também, mas o pai era açougueiro e era mais forte, né?

GIRASSOL Enquanto isso o namoro com Macabéa entrara em rotina morna, se é que alguma vez haviam experimentado o quente. Muitas vezes ele não aparecia no ponto do ônibus. Mas pelo menos era um namorado. E Macabéa só pensava no dia em que ele quisesse ficar noivo. E casar. Posteriormente de pesquisa em pesquisa, ele soube, que Glória tinha mãe, pai é comida quente em hora certa. Isso tornava-a de primeira qualidade Olímpico caiu em êxtase quando soube que o pai dela trabalhava num açougue. Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe pareceu ter em si mesma o seu próprio fim. Esqueci de dizer que era realmente de se espantar que para corpo quase murcho de Macabéa tão vasto fosse o seu sopro de vida quase ilimitado e tão rico como o de uma donzela grávida, engravidada por si mesma, por partenogênese: tinha sonhos esquizoides nos quais apareciam gigantescos animais antediluvianos como se ela tivesse vivido em épocas as mais remotas desta terra sangrenta.

1456 Foi então a (explosão) que se desmanchou de repente o namoro entre Olímpico e Macabéa (AS MENINAS BATERAM PALMAS AO LEREM ESSE RELATO, DE QUE, ENFIM, MACABÉIA ESTAVA LIVRE DE OLÍMPICO) Namoro talvez esquisito mas pelo menos parente de algum amor pálido. Ele avisou-lhe que encontrara outra moça é que esta era Glória. (Explosão) Macabéa bem viu o que aconteceu com Olímpico e Glória: os olhos de ambos se haviam beijado. Diante da cara um pouco inexpressiva demais de Macabéa, ele até que quis lhe dizer alguma gentileza suavizante na hora do adeus para sempre. E ao se despedir lhe disse: – Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida? – Não, não, não! Ah por favor quero ir embora! Por favor me diga logo adeus!

VÁRIOS COMENTÁRIOS: - Gente, pelo amor de Deus! - Como é que pode, um cabelo na sopa, a gente sente nojo de um cabelo na sopa, num é verdade? - Era um sincericídio, - ele gostava realmente de matar, né? Ele não matou só com uma faca, né? - Com as palavras também. - A cada dialogo, ele acabava com ela, né verdade? - Autoestima dela já não tinha.

PESQUISADORA Tem gente que tem a autoestima baixa, mas encontra outras pessoas que elevam tanto a pessoa que ela começa a mudar a maneira de se enxergar, né? Ela consegue modificar, ela consegue se enxergar uma pessoa muito superior por conta, a autoestima

aumenta por conta da que você tá convivendo, né? A gente tem que ter muito cuidado com as pessoas ao nosso redor. E um namorado, pior ainda, viu minha gente? Porque um namorado ou um marido, ou ele derruba a mulher ou ele levanta, né verdade? Quando eu digo isso é porque nós mulheres parece que nascemos pra ter essa coisa do cuidado, do zelo, né? Ela não concorda muito não, Eduarda. Mas assim, porque um relacionamento coloca a pessoa lá pra baixo, tanto faz homem ou mulher, se você tiver uma pessoa que só coloca você lá pra baixo você vai se sentir lá embaixo. Amizades, amizades tem amizades que são assim também. Vocês concordam que tem amizade tóxica? E a gente tem que ter esse cuidado de se livrar desse dessa toxicidade, né?

LÍRIO 2 Eu só lhe pergunto se esse zelo ele é uma coisa que é natural ou se é ensinada desde a infância. Essa é uma pergunta.

PESQUISADORA Eu acho que é ensinado. Num é? Porque a menina logo quando ela tá ficando grandinha, o que é que acontece? A mãe dá logo uma boneca e ensina ela a fazer o quê? A ser mãe. E o menino é mais raiz. A mulher realmente é ensinada a cuidar, a zelar pela família, né verdade? E o menino ele é ensinado...

DIEM a farrar.

PESQUISADORA E também a cuidar de uma forma diferente, a seu provedor, não é? Geralmente é assim, né?

1456 O menino ele é ensinado a cuidar do carro, a ser o homem da casa.

GIRASSOL Quando tiverem filhos, meninas, lembrem, dê um carro para as meninas e uma boneca para os meninos

DIEM Invertam os papéis.

PESQUISADORA Eu acho que é essa pergunta é pertinente, né? Nós somos ensinadas desde pequenas a cuidar, por conta disso a gente reproduz, né? E hoje nós temos essa característica bem feminina mesmo, né? Você querida, continue a leitura.

LAURELL HELL É melhor eu não falar em felicidade ou infelicidade — provoca aquela saudade desmaiada e lilás, aquele perfume de violeta, as águas geladas da maré mansa em espumas pela areia. Eu não quero provocar porque dói. Macabéa, esqueci de dizer tinha uma infelicidade: era sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério. Havia, no começo do namoro, pedido a Olímpico um retratinho tamanho 3x4 onde ele saiu rindo para mostrar o canino de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e duas ave-marias para se acalmar. Na hora em que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela (explosão) veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar. Surpreendido. Olímpico, sem entender, deu gargalhadas. Ficaram rindo os dois. Aí ele teve uma intuição que finalmente era uma delicadeza: perguntou-lhe se ela estava rindo de nervoso. Ela parou de rir e disse muito, muito cansada: Não sei não.

LÍRIO 1 Macabéa entendeu uma coisa: Glória era um estardalhaço de existir. E tudo devia ser porque Glória era gorda. A gordura sempre fora o ideal secreto de Macabéa, pois em Maceió ouvira um rapaz dizer para uma gorda que passava na rua: “a tua gordura é formosura!” A partir de então ambicionara ter carnes e foi quando fez o único pedido de sua vida. Pediu que a tia lhe comprasse óleo de fígado de bacalhau. (Já então tinha tendência para anúncios.) A tia perguntara-lhe: você pensa lá que é filha de família querendo luxo? Depois que Olímpico a despediu, já que ela não era uma pessoa triste, procurou continuar como se nada tivesse perdido. (Ela não sentiu desespero, etc. etc.) Também que é que ela podia fazer? Pois ela era

crônica. E mesmo tristeza também era coisa de rico, era para quem podia, para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo.

LANA Esqueci de dizer que no dia seguinte ao que ele lhe dera o fora 65 ela teve uma ideia. Já que ninguém lhe dava festa, muito menos noivado, daria uma festa para si mesma. A festa consistiu em comprar sem necessidade um batom novo, não cor-de-rosa como o que usava, mas vermelho vivante. No banheiro da firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que os seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marilyn Monroe. Depois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada. Pois em vez de batom parecia que grosso sangue lhe tivesse brotado dos lábios por um soco em plena boca, com quebra-dentes e rasga-carne (pequena explosão). Quando voltou para a sala de trabalho Glória riu-se dela:

DIÁLOGOS RÁPIDOS ALTERNADOS

– Você endoidou, criatura? Pintar-se como uma endemoniada? Você até parece mulher de soldado. – Sou moça virgem! Não sou mulher de soldado e marinheiro. – Me desculpe eu perguntar: ser feia dói? – Nunca pensei nisso, acho que dói um pouquinho. Mas eu lhe pergunto se você que é feia sente dor. – Eu não sou feia!!! — gritou Glória. Depois tudo passou e Macabéa continuou a gostar de não pensar em nada. Vazia, vazia. Como eu disse, ela não tinha anjo da guarda. Mas se arranjava como podia. Quanto ao mais, ela era quase impessoal. Glória perguntou-lhe: – Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso custe dinheiro. – É para eu não me doer. – Como é que é? Hein? Você se dói? – Eu me doo o tempo todo. – Aonde? – Dentro, não sei explicar.

PESQUISADORA Pronto, terminamos esse diálogo.

GIRASSOL Estou vendo a Clarice aí

PESQUISADORA Num é? Aqui a gente já consegue enxergar a Clarice. Eu me doo o tempo todo, né? É impressionante como a gente percebe a Clarice nessa obra, eu não me canso de falar.

Agora, deixa eu me perguntar um negócio a vocês, vocês acham que quando diz a palavra *explosão*, quer dizer o quê?

LÍRIO 2 Eu ia perguntar isso.

DIEM É como um tamborzinho tocando pra chamar atenção.

CHER Eu acho que é quando ela tá sentindo alguma coisa muito forte

PESQUISADORA Eu acho que é como se tivesse ligado à emoção do momento.

DIEM Um impacto

PESQUISADORA É essa a palavra que estava tentando dizer, penso que quanto mais impactante o momento, maior explicitação, quando menor é pequena explosão. É alguma coisa que mexe com ela, né? Que mexe naquele momento e aí você quer até isso, ela tenta colocar no livro pra que a gente perceba os sentimentos de Macabéa, porque ela mesma não se dá a conhecer, né? A Macabéa, quer dizer, se dá e não se dá, porque ela pelo fato de ela mesma se desvalorizar tanto, a gente não vê assim muita emoção, apesar de dizer que ela tem uma tendência natural pra ser feliz, mas é com coisas tão mínimas, né?

DIEM Um feliz bem torturante, né?

LÍRIO 2 Assim, apesar dela não mostrar, todo mundo tem sentimento.

PESQUISADORA É verdade, mesmo que não demonstremos todos nós sentimentos, todos nós possuímos nossas cargas de emoções, não é verdade? Por isso que a gente tem que ter cuidado nos nossos relacionamentos, para não sermos feridas. E aí, estão gostando dos círculos?

LÍRIO 2 Adorando

GIRASSOL Super me identifiquei.

CHER Explosão.

PESQUISADORA Mas eu acho muito legal os diálogos, porque através dos diálogos a gente conhece mais eles, porque ele se mostra mais, né? Tanto a Macabéa como o Olímpio.

GIRASSOL O grosso.

PESQUISADORA Exatamente. Porque por mais que você fale da grossura de alguém, quando ela não abre a boca você não sabe o quando ela é grossa. Olímpio, não é for que se cheire não. Assassino cruel, sanguinário! Mas é assim gente, prazer enorme de estar com vocês de novo, a gente tá se aproximando para o fim, mas todos os temas que a gente tá abordando aqui são muito importantes, né? É um pouco complexa porque a Clarisse era essa pessoa, né? Um pouco complexa, muito complexa na verdade, mas eu eu vejo isso uma oportunidade de a gente trabalhar como um leitor crítico, né? A gente falar sobre isso acho que na próxima na próxima reunião da gente, né? A gente tem que ler, saber o que está lendo, interpretar o que está lendo, e eu estou vendo que a gente está fazendo isso, não estamos vendo só palavras, né? A gente tá lendo e tá fazendo uma crítica, analisando, é dessa forma que nós podemos nos colocar dentro da história e ver o que acontece ao nosso redor, tudo tudo por causa de uma obra, uma obra situa a gente, se a gente souber ler, né? Não lê somente as palavras, mas o que tá implícito naquelas palavras. O que que o autor quis dizer? Do do meu ponto de vista, o que que eu acho daquela história? E é isso aí que vai que vai alterar a nossa maneira de ler, né? O nosso gostar ou não da leitura, é você saber ler, né? A gente saber ler, né verdade? Prazer, enorme estar com vocês. Muito bom mesmo e até a próxima.

Círculo de leitura 6

Tema: Questões envoltas ao universo feminino presentes na obra.

Data: 08/05/2023

Duração do encontro: 1:06:58

Participantes (quantidade presente no dia): 08 (oito)

Recursos utilizados: Xérox do livro, celular para gravar as falas e filmadora.

6º Círculo de Leitura, realizado em 03/05/2023

PESQUISADORA Vamos começar a nossa leitura. A gente começa lendo e depois faz algumas interações com alguns slides. Hoje quem vai iniciar a leitura é Diem, porque ela vai sair daqui a pouco.

DIEM Aliás cada vez mais ela não se sabia explicar. Transformara-se em simplicidade orgânica. E arrumara um jeito de achar nas coisas simples e honestas a graça de um pecado. Gostava de sentir o tempo passar. Embora não tivesse relógio, ou por isso mesmo, gozava o grande tempo. Era supersônica de vida. Ninguém percebia que ela ultrapassava com sua existência a barreira do som. Para as pessoas outras ela não existia. A sua única vantagem

sobre os outros era saber engolir pílulas sem água, assim a seco. Glória, que lhe dava aspirinas, admirava-a muito, o que dava a Macabéa um banho de calor gostoso no coração. Glória advertiu-a: – Um dia a pílula te cola na parede da garganta que nem galinha de pescoço meio cortado, correndo por aí. Um dia teve um êxtase. Foi diante de uma árvore tão grande que no tronco ela nunca poderia abraçá-la. Mas apesar do êxtase ela não morava com Deus. Rezava indiferentemente. Sim. Mas o misterioso Deus dos outros lhe dava às vezes um estado de graça. Feliz, feliz, feliz. Ela de alma quase voando. E também vira o disco voador. Tentara contar a Glória mas não tivera jeito, não sabia falar e mesmo contar o quê? O ar? Não se conta tudo porque o tudo é um oco nada. Às vezes a graça a pegava em pleno escritório. Então ela ia ao banheiro para ficar sozinha. De pé e sorrindo até passar (parece-me que esse Deus era muito misericordioso com ela: dava-lhe o que lhe tirava). Em pé pensando em nada, os olhos moles. Nem Glória era uma amiga: só colega. Glória roliça, branca e morna. Tinha um cheiro esquisito. Porque não se lavava muito, com certeza. Oxigenava os pelos das pernas cabeludas e das axilas que ela não raspava. Olímpico: será que ela é loura embaixo também? (RISOS GERAIS) Em relação a Macabéa, Glória tinha um vago senso de maternidade. Quando Macabéa lhe parecia murcha demais, dizia: – E esse ar é por causa de?

GIRASSOL Macabéa, que nunca se irritava com ninguém, arrepiava-se com o hábito que Glória tinha de deixar a frase inacabada. Glória usava uma forte água-de-colônia de sândalo e Macabéa, que tinha estômago delicado, quase vomitava ao sentir o cheiro. Nada dizia porque Glória era agora a sua conexão com o mundo. Este mundo fora composto pela tia, Glória, o Seu Raimundo e Olímpico — e de muito longe as moças com as quais repartia o quarto. Em compensação se conectava com o retrato de Greta Garbo quando moça. Para minha surpresa, pois eu não imaginava Macabéa capaz de sentir o que diz um rosto como esse. Greta Garbo, pensava ela sem se explicar, essa mulher deve ser a mulher mais importante do mundo. Mas o que ela queria mesmo ser não era a altiva Greta Garbo cuja trágica sensualidade estava em pedestal solitário. O que ela queria, como eu já disse era parecer com Marilyn. Um dia, em raro momento de confissão, disse a Glória quem ela gostaria de ser. E Glória caiu na gargalhada: – Logo ela, Maca? Vê se te manca! Glória era toda contente consigo mesma: dava-se grande valor. Sabia que o sestro molengole de mulata, uma pintinha marcada junto da boca, só para dar uma gostosura, e um buço forte que ela oxigenava. Sua boca era loura. Parecia até um bigode. Era uma safadinha esperta mas tinha força de coração. Penalizava-se com Macabéa mas ela que se arranjasse, quem mandava ser tola? E Glória pensava: não tenho nada a ver com ela. Ninguém pode entrar no coração de ninguém. Macabéa até que falava com Glória — mas nunca de peito aberto. Glória tinha um traseiro alegre e fumava cigarro mentolado para manter um hálito bom nos seus beijos intermináveis com Olímpico. Ela era muito satisfatona: Tinha tudo o que seu pouco anseio lhe dava. E havia nela um desafio que se resumia em “ninguém manda em mim”. Mas lá um dia pôs-se a olhar e a olhar e a olhar Macabéa. De repente não aguentou e com um sotaque levemente português disse:

PESQUISADORA dá a entender que essa marquinha era uma marquinha do lado esquerdo, essa marquinha do da boca dela, né? E Olímpico, será que ela é loira lá também, minha gente. O bicho ia longe, né?

LÍRIO 1 Oh mulher, não tens cara? – Tenho sim. É porque sou achatada de nariz, sou alagoana. – Diga-me uma coisa: você pensa no teu futuro? A pergunta ficou por isso mesmo, pois a outra não soube responder. Muito bem. Voltemos a Olímpico. Ele, para impressionar Glória e cantar logo de galo, comprou pimenta-malagueta das brabas na feira dos nordestinos e para mostrar à nova namorada o durão que era mastigou em plena poupa a fruta do diabo.

Nem sequer tomou um copo de água para apagar o fogo nas entranhas. O ardor quase intolerável no entanto o enrijeceu, sem contar que Glória assustada passou a obedecê-lo. Ele pensou: pois não é que sou um vencedor? E agarrou-se em Glória com a força de um zangão, ela lhe daria mel de abelhas e carnes fartas. Não se arrependeu um só instante de romper com Macabéa pois seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha fome de ser outro. No mundo de Glória, por exemplo, ele ia se locupletar, o frágil machinho. Deixaria enfim de ser o que sempre fora e que escondia até de si mesmo por vergonha de tal fraqueza: é que desde menino na verdade não passava de um coração solitário pulsando com dificuldade no espaço. O sertanejo é antes de tudo um paciente. Eu o perdooo. Glória, querendo compensar o roubo do namorado da outra, convidou-a para tomar lanche da tarde, domingo, na sua casa. Soprar depois de morder? (Ah que história banal, mal aguento escrevê-la.) E lá (pequena explosão) Macabéa arregalou os olhos. É que na suja desordem de uma terceira classe de burguesia havia no entanto o morno conforto de quem gasta todo o dinheiro em comida, no subúrbio comia-se muito. Glória morava na rua General não-sei-o-quê, muito contente de morar em rua de militar, sentia-se mais garantida. Em sua casa até telefone tinha. Foi talvez essa uma das poucas vezes em que Macabéa viu que não havia lugar no mundo e exatamente porque Glória tanto lhe dava. Isto é, um farto copo de grosso chocolate de verdade misturado com leite e muitas espécies de moscas açucaradas, sem falar num pequeno bolo. Macabéa, enquanto Glória saía da sala — roubou escondido um biscoito. Depois pediu perdão ao Ser abstrato que dava e tirava. Sentiu-se ,perdoada. O Ser a perdoava de tudo. No dia seguinte, segunda-feira, não sei se por causa do fígado atingido pelo chocolate ou por causa de nervosismo de beber coisa de rico, passou mal. Mas teimosa não vomitou para não desperdiçar o luxo do chocolate. Dias depois, recebendo o salário, teve a audácia de pela primeira vez na vida (explosão) procurar o médico barato indicado por Glória: Ele a examinou, a examinou e de novo a examinou.— Você faz regime para emagrecer, menina? Macabéa não soube o que responder. — O que é que você come? — Cachorro-quente. — Só? — Às vezes como sanduíche de mortadela. — Que é que você bebe? Leite? — Só café e refrigerante. — Que refrigerante? — perguntou ele sem saber o que falar. A toa indagou: — Você às vezes tem crise de vômito? — Ah, nunca!, exclamou muito espantada, pois não era doída de desperdiçar comida, como eu disse.

LANA O médico olhou-a e bem sabia que ela não fazia regime para emagrecer. Mas era-lhe mais cômodo insistir em dizer que não fizesse dieta de emagrecimento. Sabia que era assim mesmo e que era médico de pobres. Foi o que disse enquanto lhe receitava um tônico que ela depois nem comprou, achava que ir ao médico por si só já curava. Ele acrescentou irritado sem atinar com o porquê de sua súbita irritação e revolta: — Essa história de regime de cachorro-quente é pura neurose e 70 o que está precisando é procurar um psicanalista! Ela nada entendeu mas pensou que o médico esperava que ela sorrisse. Então sorriu. O médico muito gordo e suado tinha tique nervoso que o fazia de quando em quando ritmadamente repuxar os lábios. O resultado era parecer que estava fazendo beicinho de bebê quando está prestes a chorar. Esse médico não tinha objetivo nenhum. A medida era apenas para ganhar dinheiro e nunca por amor á profissão nem a doentes. Era desatento e achava a pobreza uma coisa feia. Trabalhava para os pobres detestando lidar com eles. Eles eram para ele o rebotalho de uma sociedade muito alta á qual também ele não pertencia. Sabia que estava desatualizado na medicina e nas novidades clínicas mas para pobre servia. O seu sonho era ter dinheiro para fazer exatamente o que queria: nada. Quando ele avisara que ia examiná-la ela disse: — Ouvi dizer que no médico se tira a roupa mas eu não tiro coisa nenhuma. Passara-a pelo raio X e dissera: — Você está com começo de tuberculose pulmonar. Ela não sabia se

isso era coisa boa ou coisa ruim. Bem, como era uma pessoa muito educada, disse: – Muito obrigada, sim?

LAUREL HELL O médico simplesmente se negou a ter piedade. E acrescentou: quando você não souber o que comer faça um espaguete bem italiano. E acrescentou com um mínimo de bondade a que ele se permitia já que se considerava também injustiçado pela sorte: – Não é tão caro assim ... – Esse nome de comida que o senhor falou eu nunca comi na vida. É bom? – Claro que é! Olhe só a minha barriga! Isso é resultado de boas macarronadas e muita cerveja. Dispense a cerveja, é melhor não beber álcool. Ela repetiu cansada: – Álcool? – Sabe de uma coisa? Vá para os raios que te partam! Sim, estou apaixonado por Macabéa a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém. Apaixonado por seus pulmões frágeis, a magricela. Quisera eu tanto que ela abrisse a boca e dissesse: – Eu sou sozinha no mundo e não acredito em ninguém; todos mentem, às vezes até na hora do amor, eu não acho que um ser fale com o outro, a verdade só me vem quando estou sozinha. Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia. (Vejo que tentei dar a Maca uma situação minha: eu preciso de algumas horas de solidão por dia senão “me muelo”.) Quanto a mim, só sou verdadeiro quando estou sozinho. Quando eu era pequeno pensava que de um momento para outro eu cairia para fora do mundo. Por que as nuvens não caem, já que tudo cai? É que a gravidade é menor que a força do ar que as levanta. Inteligente, não é? Sim, mas caem um dia em chuva. É a minha vingança.

CHER Nada contou a Glória porque de um modo geral mentia: tinha vergonha da verdade. A mentira era tão mais decente. Achava que boa educação é saber mentir. Mentia também para si mesma em devaneio volátil na sua inveja da colega. Glória, por exemplo, era inventiva: Macabéa viu-a se despedir de Olímpico beijando a ponta dos próprios dedos e jogando o beijo no ar como se solta passarinho, o que Macabéa nunca pensaria em fazer. (Esta história são apenas fatos não trabalhados de matéria-prima e que me atingem direto antes de eu pensar. Sei muita coisa que não posso dizer. Aliás pensar o quê?) Glória, talvez por remorso, disse-lhe: – Olímpico é meu mas na certa você arranja outro namorado: Eu digo que ele é meu porque foi o que a minha cartomante me disse e eu não quero desobedecer porque ela é médium e nunca erra. Por que você não paga uma consulta e pede pra ela te pôr as cartas? – É muito caro? Estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte. A procura da palavra no escuro. O pequeno sucesso me invade e me põe no olho da rua. Eu queria chafurdar no lodo, minha necessidade de baixeza eu mal controlo, a necessidade da orgia e do pior gozo absoluto. O pecado me atrai, o que é proibido me fascina. Quero ser porco e galinha e depois matá-los e beber-lhes o sangue. Penso no sexo de Macabéa, miúdo mas inesperadamente coberto de grossos e abundantes pelos negros — seu sexo era a única marca veemente de sua existência. Ela nada pedia mas seu sexo exigia, como um nascido girassol num túmulo. Quanto a mim, estou cansado. Talvez da companhia de Macabéa, Glória, Olímpico. O médico me enjoou com sua cerveja. Tenho que interromper esta história por uns três dias. Nestes últimos três dias, sozinho, sem personagens, despessoalizo-me e tiro-me de mim como quem tira uma roupa. Despessoalizo-me a ponto de adormecer.

LÍRIO 2 E agora emergo e sinto falta de Macabéa. Continuemos: – É muito caro? – Eu lhe empresto. Inclusive madama Carlota também quebra feitiço que tenham feito contra a gente. Ela quebrou o meu à meia-noite em ponto de uma sexta-feira treze de agosto, lá para lá de S.

Miguel, num terreiro de macumba. Sangraram em cima de mim um porco preto, sete galinhas brancas e me rasgaram a roupa que já estava toda ensanguentada. Você tem coragem? – Não sei se posso ver sangue. Talvez porque sangue é a coisa secreta de cada um, a tragédia vivificante. Mas Macabéa só sabia que não podia ver sangue, o resto fui eu que pensei. Estou me interessando terrivelmente por fatos: fatos são pedras duras. Não há como fugir. Fatos são palavras ditas pelo mundo. Bem. Diante da súbita ajuda, Macabéa, que nunca se lembrava de pedir, pediu licença ao chefe inventando dor de dente e aceitou o dinheiro emprestado que nem sabia quando ia devolver. Essa audácia lhe deu um inesperado ânimo para audácia maior (explosão): como o dinheiro era emprestado, ela raciocinou tortamente que não era dela e então podia gastá-lo. Assim pela primeira vez na vida tomou um táxi e foi para Olaria. Desconfio que ousou tanto por desespero, embora não soubesse que estava desesperada, é que estava gasta até a última lona, a boca a se colar no chão. Não foi difícil achar o endereço da madama Carlota e essa facilidade lhe pareceu bom sinal. O apartamento térreo ficava na esquina de um beco e entre as pedras do chão crescia capim — ela o notou porque sempre notava o que era pequeno e insignificante. Pensou vagamente enquanto tocava a campainha da porta: capim é tão fácil e simples. Tinha pensamentos gratuitos e soltos porque embora à toa possuía muita liberdade interior.

PESQUISADORA Pronto. Vamos interagir um pouquinho com esses slides, vamos falar aqui um pouquinho sobre esse estranhamento, veja “A vida é assim, aperta-se o botão e a vida acende, só que ela não sabia qual era o botão de acender, nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica, onde era um parafuso dispensável” Isso daí a gente tá falando sobre o quanto era estranha, o quanto ela tinha esse estranhamento na de vida, né? O que vocês acham que era esse estranhamento? Em que situações a gente pode perceber esse estranhamento? Que a gente percebe que Macabéa às vezes fala coisa com coisa e ela não compreende o papel dela, e vocês acham que isso acontece por quê? Vocês têm alguma ideia do porquê disso, o que a gente pode observar nela e também no próprio olímpico?

LÍRIO 2 Olha, a maneira que ela faz em casa era como se tivesse isolada do mundo inteiro e tá descobrindo as coisas agora não sei muito bem pensar disso sinceramente. Parece que tava isolada e tá agora aprendendo como é que funciona.

CHER Meio que tem aquele negócio, né? Tipo de antigamente o pessoal saía daqui da roça, do Nordeste, pra cidade, não conhecia nada, tipo, veio aqui da fazenda, não conhecer mesmo, não tem estudo nem nada, pra procurar uma vida melhor.

PESQUISADORA Estava lá, num ambiente até mais escolarizado talvez, né? Porque lá no sudeste, né? A gente é tratada aqui como anormais, imagina Macabéa. Nós somos tratados diferente, e na época de hoje, né?

LANA Também ela era sozinha, sabe? Ela nunca teve oportunidade de ser levada e ser compreendida porque ela vivia tipo numa arredonda, numa bolha assim. E como ele, o Rodrigo dizia, ela tinha a alegria dos idiotas, mas ela não era idiota. Só que nunca chegou alguém pra falar, dizer pra onde ela ia ou alguma coisa, porque no próprio livro fala como ela era sozinha.

PESQUISADORA E eu acho que esse estranhamento pode acontecer em qualquer das situações, quando eu por exemplo saio daqui e vou pra o sul do país eu vou com os meus hábitos e quando chega lá eu encontro hábitos totalmente diferente. Então eu vou estranhar aquilo, né? Quando a própria Clarice quando ela foi mudando de região pra região ela foi observando, né? O quanto isso era estranho pra ela, né? Então, os hábitos deles eram estranhos, tanto é que lembra que tem uma parte eles só conversavam sobre carne seca,

rapadura. Ora, quem é lá do Sul do país que conhece esse linguajar? Isso é coisa do nordestino e o nordestino quando vai pra outro local, né? Ele sente esse estranhamento, ele se sente deslocado, então existiu essa esse deslocamento deles enquanto pessoas, né isso? E é em qualquer momento. A Suzana Amaral disse que quando ela foi pra Nova Iorque, eu acho que ela até já falei sobre isso da outra vez, ela sentiu uma dificuldade muito grande, porque uma brasileira em Nova Iorque é uma dificuldade enorme. É dificuldade de cultura, a língua, tudo, né? Você pode falar fluentemente em inglês, mas é diferente de nascer lá. A alimentação. Você se sente sozinho, solitário. Macabéa era solitária, porque ninguém conseguia compreendê-la.

LANA Aí quando ela acha que encontrar alguém no mundo assim quando ela encontrou, né? Aí acontece as adversidades. Quando encontra uma pessoa que acha que pensa igual a ela, a pobre não pode nem abrir a boca, né? Então ela continua sendo estranha, né? Não tem saída pra pobre de Macabéa.

PESQUISADORA Aí quero chamar atenção pra essa parte aqui, se a veracidade nessa história, é claro que a história é verdadeira, que cada um reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e não quem não tem pobreza de dinheiro tem de espírito ou saudade por faltar coisa mais preciosa que houve não existe aqui falta o delicado essencial... o que me chamou atenção que logo no início eu coloco, é uma obra instigante, é uma obra desafiadora, porque o que eu tava vendo isso, que ela nos desafia essa hora. A gente tá falando o quê? Tá falando dos problemas que a Macabéa enfrentava, mas ela não tá não está nos desafiando a entrar nesse contexto, a ver essas coisas né? Sei lá, a incerteza das coisas, as injustiças sociais, né? A questão do padrão de vida de algumas pessoas que tanto sofrem, a gente já falou sobre isso, então ela instiga e instiga muito a gente a vê isso e quem sabe até buscar alguma forma de alterar essa realidade. Vocês acham que a gente tem possibilidade de em alguma medida alterar alguma coisa, sei lá, alguma injustiça, alguma coisa que aos nossos olhos nós tamo percebemos que está errado, vocês acham que nós temos capacidade pra isso? Pelo menos tentar?

GIRASSOL Tentar sim. Agora conseguir mudar totalmente complica

PESQUISADORA Mas tem várias situações que nós podemos, eu acho que sim, vocês concordam com isso? Outra coisa que eu queria chamar atenção é na página 72 quanto ele diz assim: Maca porém jamais disse frases. Em primeiro lugar, ela não se sabia explicar transformaram-se em simplicidade orgânica. O que que vocês acham que poderia ter modificado essa maneira de Macabéa ser assim? Porque Macabéa era essa pessoa, né? Que a gente percebe que ela não tinha percepção de si mesma e ela não tinha percepção do mundo ao redor dela... Eu vou deixar pra vocês, o que é que vocês acham que talvez tivesse modificado a vida de Macabéa, que talvez ela não tivesse se tornado essa pessoa tão absorta?

LANA Eu acho que pelas influências, pelo que ela passou mesmo, tipo, quando ela era pequena ter vindo com a tia tinha que deixar era bem rigorosa com ela e pelas pessoas que ela encontra no caminho que ela nunca teve jeito assim, nunca teve abertura pra ela se expressar. As pessoas que ali encontra é meio complicado pra ela se explicar, começa com a tia que não dava espaço pra ela falar, e também com Olímpico que xingava ela coitada. E até em outras pessoas que ela era levada como uma tola, aí ela acaba se fechando.

PESQUISADORA Vocês acham que tem mais algum fator que poderia ter alterado esse quadro aí e ela hoje poderia ser uma pessoa diferente?

LÍRIO 2 A cultura, talvez, a sua cultura?

PESQUISADORA A cultura. Muito bem, acesso à cultura. O estudo, se ela fosse uma pessoa que tivesse estudado, tivesse oportunidade de ir a uma escola, porque o que a gente percebe é que Macabéa fez o curso de tacografia, mas ela não era uma pessoa letrada, tanto é que ela escrevia as palavras todas erradas, ela escrevia, mas não sabia nem o que é que tava escrevendo e ela não sabia nem como procurar o significado das palavras, ela achava que significava tal coisa. Porque geralmente as pessoas que não têm muita cultura, vivem na base do empírico, né? Do senso comum, vai pelo senso comum, né verdade? Mas o estudo poderia ter feito uma diferença gigantesca na vida dela. Ela poderia ter uma visão diferente das coisas porque ela ia aprender a ter uma visão diferente das coisas, né? Como é que vocês acham que o estudo pode contribuir pra que a gente tenha essa visão crítica? Por que a educação tem que ser emancipatória, né? Ela tem que ser uma coisa que liberte a gente, porque Macabéa era uma prisioneira, era um corpo que andava, mas não sabia pra onde ir, não sabia, não tinha objetivo, o objetivo dela era respirar, inspirar. E talvez já fosse uma defesa dela, né? Porque como ela nunca teve ninguém que defendesse, que ensinasse, que ajudasse, então ela talvez até se fizesse de mais burrinha do que as pessoas achavam era, talvez ela nem fosse tão burrinha, mas ela precisava se proteger das pessoas, né? Porque ela não tinha ninguém por ela, todas as pessoas que ela se aproximava ninguém era por ela, né? Só pisavam. Até o médico.

Então vocês tocaram em cultura, educação e a questão do incentivo né? Da motivação. Tem gente que diz que a motivação está dentro da gente. Sim, está dentro da gente, mas pode ser despertada por outras pessoas. Não é verdade? A gente pode sim despertar. Então, a educação ela tem que priorizar a pessoa com o indivíduo. Aquilo que ele traz, a carga de vida que ele aprendeu, ele tem uma história ele aprendeu com a família dele, aprendeu com os vizinhos dele, no mundo em que ele vive, na rua dele, com a religião dele, todo mundo é uma pessoa que vem com uma bagagem, vocês concordam? E aí como é que o professor pode contribuir pra melhorar uma educação, pra que nós possamos ser uma pessoa crítica, reflexiva, que a gente possa ser emancipada culturalmente falando, educada, de educação.

LANA Acesso à cultura. Ter contatos com diferentes tipos de vida?

CHER Acredito nisso também, o acesso à educação muda muita coisa.

PESQUISADORA Exatamente. Cada aluno é um mundo. Cada aluno é um mundo e o professor pode acessar esses conhecimentos, em vez de só passar o conhecimento, ele pode, sei lá, descobrir o que é que cada aluno tem pra oferecer.

LANA É, acho que o professor tem que influenciar aquilo que cativa o aluno, né? Porque cada um, cada pessoa é diferente, não adianta passar... palavras incompreensíveis.

PESQUISADORA Exatamente. E e não apresentar uma coisa já pronta. O Paulo Freire ele denunciava um tipo de ensino que ele repudiava, um tipo de ensino chamado bancário e esse ensino bancário ele é como se fosse assim, tem a conta lá no banco e você vai depositando um dinheiro lá, aí aquela aquela conta vai crescendo, aí ele dizia que o aluno ele era como se fosse uma conta vazia sem nada pra oferecer e o professor era aquele que detinha todo conhecimento e ia só depositando os conhecimentos para os alunos, aos alunos cabia somente absorver os conhecimentos. Absorvendo esses conhecimentos, o que era importante? Depois que você adquire os conhecimentos, o que é importante pra escola? O que vocês acham? Tirar boas notas? O que faz você passar de ano? Não é boas notas? Ora, se você memorizar e tirar boas notas, você vai passar adiando, né verdade? E aí tá tudo bem porque tá subentendido que o aluno aprendeu. Mas será que se aprende decorando textos?

Será que se aprende só memorizando? Não é uma uma coisa interessante a se pensar né? Porque se a educação tem que ser emancipadora, ela tem que me libertar, eu tenho que ter um senso crítico, e como é que eu vou ter o senso crítico se eu não posso falar em sala de aula? Se só o professor fala e só ele passa os conhecimentos? Por exemplo, Macabéa mesmo, todo mundo era só na lapada com a coitada, né? Todo mundo acabava com Macabéa, colocava ela lá embaixo. Aí eu pergunto, será que nos dias de hoje nossos docentes, nossos professores, grande parte já tem uma visão muito diferente, grande parte dos nossos docentes já tem uma visão diferente, né? Que já entende que o aluno tem muito a oferecer, ele tem muito a ensinar também. Porque todo mundo tem alguma coisa pra ensinar. A gente não é uma conta, é não em branco que vem outra pessoa e escreve, não, nós somos um livro em branco que nós mesmos pegamos e escrevemos a nossa história, e essa a nossa história precisa ser acessada pra que outras pessoas entendam que nós temos o lugar de fala, né verdade?

E quando eu falo assim na educação, numa educação emancipadora, eu falo principalmente em relação a nós mulheres, né? Aí diz assim, mas tem diferença? Tem, tem diferença sim, nós temos diferenças de de ensino, quando acontece evasão na escola ou quando tem assim sei lá problemas, tem o menino muitas vezes evade da escola porque ele precisa deixar de estudar pra ir trabalhar. Quantos rapazes a gente conhece que ele não consegue conciliar? Então ele tem que ajudar os pais, aí ele larga o estudo e vai trabalhar. Aí pronto, já deixou o estudo e aí a qualidade de vida dele, como vai ser? Será que ele vai ter uma qualidade de vida boa lá na frente? Será que vai ter suporte educacional pra mobilidade social dele lá na frente, né? Porque pra você se inserir na sociedade e ter uma vida descente em termos financeiros falando, né? A gente precisa passar por algumas, por algumas fases da nossa vida. Será que esse menino vai conseguir? Ou será que ele vai ser um Olímpico da vida, um desses olímpicos da vida, porque simplesmente não houve a condição, de ele ultrapassar aquela barreira e conseguir uma vida melhor. Aí eu me reporto às mulheres. As mulheres, vocês acham que é pior ou melhor essa situação educacional? Existiria algum fator, vocês acham assim que faz com que pra mulher ainda seja pior.

LÍRIO 2 Gravidez é um fator de evasão escolar.

LÍRIO 1 E eu acho que quando isso acontece, tipo não é incentivado, não é como se fosse incentivado que ela voltasse. Já que é entendido que o papel dela seria ser esposa depois. Então é como se quando ela saísse alguém fosse incentivar ela voltar a estudar. Como se tivesse o esquecimento das mulheres

LANA É como se já tivesse perdido, já que ela engravidou agora não tem mais o que fazer.

LÍRIO 1 Como se não valesse a pena insistir.

PESQUISADORA Porque aquela coisa da educação patriarcal, a gente fica feito o livro da Clarice, né? Indo e voltando, né? Vou contar um caso pessoal, eu eu engravidei com dezoito anos de idade, eu não era casada ainda e engravidei. E aí eu fiquei super feliz. Cheguei na escola dizendo pra todo mundo: tô grávida, tô grávida. Eu nem sabia o que era esta grávida, os sacrifícios que seria estar grávida, e aí com dezoito anos eu fui mãe, com dezenove eu fui mãe de novo, com vinte eu fui mãe de novo e com vinte e dois eu fui mãe de novo. Com 22 anos eu já tinha tido quatro filhos A minha felicidade é que eu casei com um homem diferenciado. Eu posso dizer a vocês que tudo que eu tenho na minha vida devo primeiramente a Deus, em segundo lugar a meu esposo porque até o concurso que eu fiz se não fosse por ela não teria feito. Então ele é uma excelente marido, ele é um excelente pai, ele é um

excelente homem, ele é homem justo. Mas minha gente, quantas meninas engravidam e o pai dar no pé, ela fica sozinha, ela tem condição de tomar conta de um filho e de ainda estudar? Não tem.

CHER E muitas vezes como não tem nenhum apoio, ela tem que trabalhar também, né?

PESQUISADORA Exatamente, às vezes ela engravida, vai ter de sair da escola porque além de ser mãe ela ainda vai trabalhar.

LÍRIO 2 E é uma jornada dupla, né?

PESQUISADORA Verdade. E eu vou te contar, às vezes ela é em dupla, viu? Eu acho que tem mães que dormem três, quatro horas por noite, porque é tripla, não é verdade? Às vezes chega em casa, o bebê pequenininho, não dorme direito. Então é uma situação mais difícil pra mulher

Outra coisa que eu queria perguntar a vocês, vocês acham que o Instituto Federal cumpre um papel no sentido de incentivar os alunos a terem uma educação emancipatória, que de alguma forma ele ajuda vocês a serem esses estudantes críticos? Vocês acham que existe a preocupação do Instituto Federal, de formar cidadãos preparados tanto intelectualmente como para o mercado de trabalho?

LÍRIO 2 Depois do ensino médio não. Antes já não tinha tanto, e depois do ensino médio aí acabou com tudo mesmo.

PESQUISADORA Por que você diz isso?

LÍRIO 2 Porque foi tirado a obrigatoriedade das matérias humanas. Foi tenho diminuído muito delas, muito mesmo. Cada um escolhe uma área vai pra... eh linguagens, matemática e tecnologia ou humanas.

PESQUISADORA Não é mais obrigado, e isso você acha muito importante?

LÍRIO 2 Muito.

LÍRIO 1 Eu acho que tipo comparando o Instituto Federal com outras escolas, tipo a proposta do instituto é uma coisa dessa educação muito importante, não quer dizer que cumpre, eu falo das pessoas que trabalham na instituição, mas comparado com outras escolas, eu acho que sim. Pelo menos a proposta, não quer dizer que cumpra.

PESQUISADORA Você quer dizer assim, que os institutos de um modo geral tem um papel e ele quer que aconteça, mas pode não acontecer por conta de alguns profissionais, né? Que a gente sabe que existe profissionais e profissionais, em todas as profissões existe isso. Sempre existe dois tipos de profissionais, o bom e ruim? E eu sempre costumo dizer o seguinte, é que tem profissional que se doa mais e ele quer fazer do estudante esse tipo aí que os institutos querem ofertar, porque se a gente for olhar pras propostas dos estudos, a proposta é boa. Mas, na prática... por que não dá certo? Será que nós enquanto profissionais estamos cumprindo aquilo que o instituto quer a gente cumpra, né? Ou é um negócio só bonitinho que está ali papel, mas que não tá conseguindo desempenhar, né? Porque claro que tá acontecendo isso, né? Tem os profissionais que são excelentes, mas tem outros que não. E também tem a questão de o instituto também ter a extinto algumas matérias. Teve uma coisa muito positiva nos institutos que achei que foi essa questão da regionalização, de levar a educação pra outros municípios, pra lugares distantes.

LÍRIO 2 A escola ir até os alunos e não os alunos irem até a escola.

PESQUISADORA Isso, porque quantas pessoas vinham de outras cidades, continuam vindo de outras cidades, mas bem menos agora. Por exemplo, a gente tem escola de piranhas, super distante, quer dizer, quem morava em Piranhas ou ir pra escola do estado ou do município, porque não tinha oportunidade de ir em escola federal. Aí vem Penedo, Santana do Ipanema e muitas outras cidades, né? Que são dezesseis institutos, né isso? Então, isso daí já foi um ganho muito grande, né? A gente percebe que essa a escola como você disse né LÍRIO? A escola foi aos alunos né? Nós ainda temos muitos alunos que estão vindo de outras cidades, mas a escola foi realmente até eles. Com essa expansão E aí? Eu tô falando aqui não é pra incentivar vocês a falarem mal do instituto, de jeitinho nenhum, porque eu faço parte do instituto e eu sei que vocês gostam do instituto, senão vocês não estariam aqui, não é verdade? Mas nós somos participantes, críticos, nós fazemos reflexões em tudo que a gente estuda, em tudo que a gente vê, tudo que a gente lê, é por conta disso, que eu estou perguntando, por que nós estamos entrando dentro da história. A gente está pegando essa história e está inserido no nosso contexto: eu enquanto mulher, eu enquanto estudante, eu encontro trabalhadora, não é verdade? Então, é isso que eu estou fazendo aqui com vocês.

PESQUISADORA Eu acho que o professor deve dar liberdade aos alunos para expressar suas ideias, porque quando há essa interação professor/aluno, aluno/professor, aluno/aluno, vai haver um crescimento, essa interação vai fazer com que esse círculo, né? Haja aprendizagem e haja principalmente respeito mútuo. Porque é nessa interação uns com os outros, com esse convívio com os outros e nesse respeito das ideias de uns com as ideias dos outros que vai fazer com que haja esse crescimento mesmo, esse crescimento pessoal, né? Emocional, porque nós enquanto seres somos um mundo, né? E nós precisamos realmente estar atentos a isso, né? A gente aprende a ouvir, a ser escutado né? Muita gente só sabe ouvir, né? E nesse contexto educacional, o professor tem que aprender também ouvir, não é verdade?

LÍRIO 2 Essa questão do *campus* eh essa proposta de educação emancipatória. Eu acho que tem uma má comunicação entre as áreas, entre as matérias em sim, entre os anos. Porque tem muito professor que só cumprimenta. Aí meio que falta alguma coisa, tem uma descontinuidade entre tipo alguma vez alguma pessoa não termina algum assunto principalmente assim humanas que é o foco aqui eh formação do pensamento, crítico, certo? Eu acho que tem essa descontinuidade que acaba meio que atrapalhando essa parte de formação crítica e você, você... é isso, é isso que eu acho, eu acho que tem essa parte. Tem gente que só cumprimenta. Só cumpre um programa

PESQUISADORA Você acha que ele tem as a matéria pra dar e pra ele você acha que o que importa é dar aquela matéria naquele espaço de tempo e pronto?

LÍRIO 2 Tem vez até que o professor não conclui a ementa a parte que o outro não concluiu e fica pra lá aquele conhecimento que não foi aprendido, tem essa parte que eu acho que acaba atrapalhando essa formação.

PESQUISADORA Essa formação humana e integral, né? Porque o instituto tem esse objetivo de uma formação humana integral, né? Que é pra que você se torne um cidadão não somente intelectual, mas em todas as áreas de sua vida, cultural, tecnologicamente, você tem que ser uma pessoa capaz de exercer seus conhecimentos e estar preparado pra vida, seria o objetivo, né?

LÍRIO 2 A proposta é muito boa, a proposta é muito boa, mas essa questão logística, entre outras, destoa da realidade que se vive, né isso? Da realidade daquilo que se apresenta, né?

PESQUISADORA E realmente eu acho assim que vocês que estão dentro desse contexto sabem muito mais do que acontece em sala de aula, mas cada aluno sabe como se sente diante, né? Da situação e também assim, se ele é ouvido. Vocês acham que são ouvidos quando vocês falam alguma coisa, quando vocês, sei lá, fazem algum tipo de crítica ou...

GIRASSOL eu acho que eu não tem nem abertura pra fazer isso.

LÍRIO 1 A comunicação, falta comunicação

PESQUISADORA Falta comunicação, os professores então, eu acredito que eles estão naquele patamar que a gente falou agora há pouco, que eles depositam os seus conhecimentos sem interagir com os alunos.

LANA E até na questão de comunicação do professor com o aluno não é tipo diretamente do aluno, o professor às vezes é por meio de uma pedagoga, ou isso, mas assim, a informação vai de fora dos nossos olhos, sabe? Chega até o professor, a informação do professor chega até a gente, mas nunca é por meio direto.

LÍRIO 1 É uma coisa mecânica.

LÍRIO 2 É, muito mecânica.

LÍRIO 1 São as notas e o professor é o que vai dar as notas, né? Não é tipo o indivíduo, é a nota.

PESQUISADORA Pronto. Então chegou onde eu tava falando agora, porque cada ser humano, cada indivíduo, cada estudante é único que precisa ser considerado e esse aluno, esse indivíduo, esse ser social, ele tá sendo formado por professores, e os professores têm que ter consciência disso e têm que tratar como tal, porque a educação para você ser uma pessoa que você vai aprender, que você vai ter acesso à cultura, podendo fazer suas críticas, mostrar os pontos relevantes, aqueles que não têm relevância, eh você fazer análise de qualquer coisa é uma oportunidade que o professor tem que dar. Porque numa sala de aula o que é que funciona? Aluno/professor e aluno/aluno. Aluna/aluna é o dia a dia, mas aluno/professor, né? E vice-versa, é onde deve haver maior comunicação e aprendizagem, né? Mas pra isso, o aluno precisa ser ouvido. O aluno não pode só escutar, ele tem que ser ouvido né?

LANA Porque participa ativamente da educação né? Do aluno. Não por tipo, ah tem uma reclamação pra fazer sobre tal professor aí você vai contar pra uma pessoa que não participa ativamente daqui. Aí é muito difícil acontecer essa troca se essa comunicação não acontece.

PESQUISADORA Se houvesse uma maior interação do aluno e professor, então, você acha que melhoraria bastante.

LANA Acho que seria melhor.

PESQUISADORA Entre eles em primeiro lugar.

LANA Porque é uma coisa que está ativa. E você tem uma barreira entre a comunicação do aluno que atrapalha demais.

PESQUISADORA Porque tem que ter um intermediador, né? Se muita coisa poderia ser resolvida ali na sala de aula mesmo.

LANA Dá aquela abertura. Porque tem muita gente que acha que o professor é muito melhor do que eu, só que está todo mundo no mesmo ambiente. Ele tem a função de ensinar. e você de qualquer forma ensina a ele também.

PESQUISADORA É o que a gente estava falando aqui. Né? O que nós falamos aqui. Nós somos seres capazes. Ele vai ter mais conhecimento porque ele estudou pra, né? Mas ele vai pegar aquilo que eu já sei, aquilo que tem importância pra mim e aí ele vai agregar, ele vai somar o que ele já sabe né isso? Com o meu, então a gente vai haver uma soma de conhecimentos. E aí vai se tornar uma aprendizagem significativa pra aquele aluno. Vai ter significado pra ele. Eu estava vendo um exemplo bem simples, você vai ensinar a criança pequenininha, tem que ter significado pra ela, porque se não tiver ela não vai aprender. Se você chegar e colocar só assim, vamos aqui A E I O U, repita A E I O U, ela não vai aprender, ela vai decorar. Agora, se você chega pra criança e vai mostrando um desenho de um avião, de uma bonequinha, coisas, brinquedos que ela gosta, de uma casa, pra criança, uma casa é muito significativo, porque ali tem o papai, tem mamãe, aqueles que têm papai e mamãe, né? Mas vai ter alguém dentro daquela casa que tem significado pra ela. Então ela vai entender que a letra C é de casa, mas casa tem um significado pra ela. Então ela vai fazendo a ligação com aquilo que ela gosta. Um aviãozinho, né? Eu gosto de brincar de aviãozinho, gosto de brincar de bola. B de bola, é B de bola, mas tudo parte daquilo que significa pra criança, né verdade? Não é só a letra? Pode prestar atenção que os professores infantis dão dó em pingo d'água pra trazer essa significação pra esse aluno pra que ele possa aprender. E com a gente é que nós enquanto adultos, enquanto adolescentes, né? Como vocês, o que é que pode trazer de significado da vida de vocês, eu não vejo dificuldade não. Por exemplo, se for falar sobre água potável, peraí vamos falar sobre alguma coisa na vida das pessoas que não têm água potável em casa. Então vamos falar sobre isso aí sim. Depois que a gente falar, discorrer sobre pessoas que não tem acesso a água, aí vai falar sobre a água enquanto aquilo que o professor quer que seja aprendido. Né? É qualquer coisa que você pega e um significado vai ficar diferente pra o aluno, né? Porque ele vai pegar a experiência daquele aluno, daquilo que ele vive na vida dele, né? Mas isso daí é uma coisa que não tem nada a ver com o livro. A foco mesmo é leitura. Então, o que é que eu preciso dizer a vocês que com relação a leitura é a mesma coisa, tem que ter um significado. Certo? Um significado é a gente procurar contextualizar, como fizemos aqui, nós contextualizamos muita coisa, não é verdade? Nós falamos sobre diversos assuntos que na obra não tinham esses assuntos, mas nós buscamos, trouxemos pra cá e demos um significado maior à obra. Né? Já é uma e meia e hoje a gente leu pouco, mas acho que a semana que vem dá pra gente terminar. Na quarta-feira tá pra gente terminar tudo. Eu acredito, porque já é o final dos finais. Eu tinha pensado em lermos mais, só que fica difícil entender, porque aqui já é o final, é o ápice do livro, é quando ela vai pra madame Carlota, né? Eu acho que todos os assuntos importantes que nós tínhamos que abordar nessa obra eu acho que nós abordamos não é verdade? Nós falamos sobre a questão da nordestinidade, do estranhamento de uma pessoa quando está num lugar e vai pra outro, e se sente uma pessoa estranha, esquisita, nós falamos sobre o alheamento próprio, né? Nós falamos sobre educação né? Principalmente da mulher. Então nós falamos de vários aspectos que estão implícitos na obra, que nós fomos abordando, né? Que foram emergindo e a gente foi conversando. Então eu acho que quarta-feira se Deus quiser a gente termina.

Círculo de leitura 7

Tema: A educação como promotora da mobilização social: por uma educação combatidora de desigualdades sociais.

Data: 10/05/2023

Duração do encontro: 1:23:37

Participantes (quantidade presente no dia): 08 (oito)

Recursos utilizados: Xérox do livro, celular para gravar as falas e filmadora.

7º Círculo de Leitura, realizado em 10/05/2023

PESQUISADORA Pronto, vamos começar?

GIRASSOL Dessa vez vai ter conversas? Porque eu acho que da outra vez teve bastante conversa, né?

PESQUISADORA É, mas não tanto. Mas eu acho que dá pra terminar porque nós estamos ansioso pelo final e pelo filme. A maioria já sabe alguma coisa no filme, né? Mas uma coisa é no filme e outra coisa é no livro, né? Eu vou iniciar e vocês dão sequência, ok?

A própria madama Carlota atendeu-a, olhou-a com naturalidade e disse: – O meu guia já tinha me avisado que você vinha me ver, minha queridinha. Como é mesmo o seu nome? Ah, é? É muito lindo. Entre, meu benzinho. Tenho uma cliente na salinha dos fundos, você espera aqui. Aceita um cafezinho, minha florzinha? Macabéa sentou-se um pouco assustada porque faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho. E bebeu com cuidado pela própria frágil vida, o café frio e quase sem açúcar. Enquanto isso olhava com admiração e respeito a sala onde estava. Lá tudo era de luxo. Matéria plástica amarela nas poltronas e sofás. E até flores de plástico. Plástico era o máximo. Estava boquiaberta. Afinal saiu dos fundos da casa uma moça com olhos muito vermelhos e madama Carlota mandou Macabéa entrar. (Como é chato lidar com fatos, o cotidiano me aniquila, estou com preguiça de escrever esta história que é um desabafo apenas. Vejo que escrevo aquém e além de mim. Não me responsabilizo pelo que agora escrevo). Continuemos, pois, embora com esforço: madama Carlota era enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda com vermelho vivo e punha nas faces oleosas duas rodela de ruge brilhoso. Parecia um bonecão de louça meio quebrado. (Vejo que não dá para aprofundar esta história. Descrever me cansa.) – Não tenha medo de mim, sua coisinha engraçadinha. Porque quem está ao meu lado, está no mesmo instante ao lado de Jesus. E apontou o quadro colorido onde havia exposto em vermelho e dourado o coração de Cristo. – Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranjou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. Aí eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo. Larguei a casa de mulheres porque era difícil tomar conta de tantas moças que só faziam era querer me roubar. Você está interessada no que eu digo? – Muito. – Pois faz bem porque eu não minto. Seja também fã de Jesus porque o Salvador salva mesmo. Olhe, a polícia não deixa pôr cartas, acha que estou explorando os outros, mas, como eu lhe disse, nem a polícia consegue desbancar Jesus. Você notou que Ele até me conseguiu dinheiro para ter mobília de grã-fino? – Sim senhora. – Ah, então você também acha, não é? Pelo que vejo você: é inteligente, ainda bem, porque a inteligência me salvou. Madama Carlota enquanto falava tirava de uma caixa aberta um bombom atrás do outro e ia enchendo a boca pequena. Não ofereceu nenhum a Macabéa. Esta, que, como eu disse, tinha tendência a notar coisas pequenas, percebeu que dentro de cada bombom mordido havia um líquido grosso. Não cobiçou o bombom pois aprendera que as coisas são dos outros. – Eu era pobre, comia mal, não tinha roupas boas. Então caí na vida. E gostei porque sou uma pessoa muito carinhosa, tinha carinho por todos os homens. Além do mais, na zona era divertido porque havia muita conversa entre as coleguinhas. Nos éramos muito unidas e só de vez em quando eu me atracava com uma. Mas isso também era bom,

porque eu era muito forte e gostava de bater, de puxar cabelos e morder. Por falar em morder, você não pode imaginar que dentes lindos eu tinha; todos branquinhos e brilhantes. Mas se estragaram tanto que hoje uso dentadura postiça. Você acha que se nota que são postiços? – Não senhora.

1456 Olhe, eu era muito asseada e não pegava doença ruim. Só uma vez me caiu uma sífilis mas a penicilina me curou. Eu era mais tolerante do que as outras porque sou bondosa e afinal estava dando o que era meu. Eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até apanhava dele. Quando ele me dava uma surra eu via que ele gostava de mim, eu gostava de apanhar. Com ele era amor, com os outros eu trabalhava. Depois que ele desapareceu, eu, para não sofrer, me divertia amando mulher. O carinho de mulher é muito bom mesmo, eu até lhe aconselho porque você é delicada demais para suportar a brutalidade dos homens e se você conseguir uma mulher vai ver como é gostoso, entre mulheres o carinho é muito mais fino. Você tem chance de ter uma mulher? – Não senhora.– É que também você nem se enfeita. Quem não se enfeita, por si mesma se enjeita. Ai que saudades da zona! Eu peguei o melhor tempo do Mangue que era freqüentado por verdadeiros cavalheiros. Além do preço fixo, eu muitas vezes ganhava gorjeta. Ouvi dizer que o Mangue está acabando, que a zona agora só tem uma meia dúzia de casas. Em meu tempo havia umas duzentas. Eu ficava em pé encostada na porta vestindo só calcinha e sutiã de renda transparente. Depois, quando eu já estava ficando muito gorda e perdendo os dentes, é que me tornei caftina. Você sabe o que quer dizer caftina? Eu uso essa palavra porque nunca tive medo de palavras. Tem gente que se assusta com o nome das coisas. Vocezinha tem medo de palavras, benzinho? – Tenho, sim senhora. – Então vou me cuidar para não escapulir nenhum palavrão, fique sossegada. Ouvi dizer que o Mangue tem um cheiro insuportável. No meu tempo a gente punha incenso queimando para dar um ar limpo na casa. Até tinha cheiro de igreja. E tudo era muito respeitoso e com muita religião. Quando eu era mulher-dama já ia juntando meu dinheirinho, dando porcentagem à chefe, é claro. De vez em quando havia tiros mas nada comigo. Minha florzinha, estou te aborrecendo com minha história? Ah, não? Você tem paciência de esperar pelas cartas? – Tenho, sim senhora. Então madama Carlota contou-lhe que lá no Mangue, no seu cubículo, havia enfeites lindos nas paredes. – Você sabe, meu amor, que cheiro de homem é bom? Faz bem à saúde. Você já sentiu cheiro de homem? – Não senhora. Finalmente, depois de lamber os dedos, madama Carlota mandou-a cortar as cartas com a mão esquerda, ouviu minha adoradilha?

PESQUISADORA Pronto. Minha gente, a Macabéa totalmente inocente, pura, virgem, de repente a mulher fala de homem, de mulher, tudo, né? Que era pra pegar tudo do mangue disso, casa disso, casa daquilo.

DIEM Muita informação pra a cabecinha. É curioso, né esqueci a palavra, mas cadê? Ele era meu luxo, eu até apanhava dele. Tem pessoas que tem fetiche em apanhar. “Quando ele me dava uma surra eu via que ele gostava de mim”.

LÍRIO 2 Macabéa separou um monte com a mão trêmula: pela primeira vez ia ter um destino. Madama Carlota (explosão) era um ponto alto na sua existência. Era o vórtice de sua vida e esta se afunilara toda para desembocar na grande dama cujo ruge brilhante dava-lhe à pele arregalou os olhos. – Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror! Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim.– Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror! Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida

fora tão ruim. com o coração todo grato.— E eis que (explosão) de repente aconteceu: o rosto da madama se acendeu todo iluminado: — Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é de maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florzinha, que até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir. Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança.

DIEM Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus — enquanto suportava uma trombeta vinda dos céus — Enquanto suportava uma forte taquicardia. Madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro (explosão). E eu também estou com esperança enfim. — E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro? — Não senhora — disse Macabéa já desanimando. — Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verde ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu ex-namorado, esse gringo ia namorar você. Não! Não! Não! Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz de meu guia: esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano, ele vai lhe dar muito amor e você, minha enfeitadinha, vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar! Macabéa começou (explosão) a tremelicar toda por causa do 79 lado penoso que há na excessiva felicidade. Só lhe ocorreu dizer: — Mas casaco de pele não precisa no calor do Rio...— Pois vai ter só para se enfeitar. Faz tempo não boto cartas tão boas. E sou sempre sincera: por exemplo, acabei de ter a franqueza de dizer para aquela moça que saiu daqui que ela ia ser atropelada, ela até chorou muito, viu os olhos avermelhados dela? E agora vou lhe dar um feitiço que você deve guardar dentro deste sutiã que quase não tem seio, coitada, bem em contacto com a pele. Você não tem busto mas vai engordar e vai ganhar corpo. Enquanto você não engordar, ponha dentro do sutiã chumaços de algodão para fingir que tem. Olha, minha queridinha, esse feitiço também sou obrigada por Jesus a lhe cobrar porque todo o dinheiro que eu recebo das cartas eu dou para um asilo de crianças, Mas se não puder, não pague, só venha e pagar quando tudo acontecer.

PESQUISADORA Pronto, até aí, Minha gente eita mulher pra falar! Essa tinha arte da comunicação. Tagarela.

CHER Não, eu lhe pago, a senhora acertou tudo, a senhora é... Estava meio bêbada, não sabia o que pensava, parecia que lhe tinham dado um forte cascudo na cabeça de ralos cabelos, sentia-se tão desorientada como se lhe tivesse acontecido uma infidelidade. Sobretudo estava conhecendo pela primeira vez o que os outros chamavam de paixão: estava apaixonada por Hans. — E que é que eu faço para ter mais cabelo? — ousou perguntar porque já se sentia outra. — Você está querendo demais. Mas está bem: lave a cabeça com sabão Aristolino, não use sabão amarelo em pedra. Esse conselho eu não cobro. Até isso? (explosão) bateu-lhe o coração, até mais cabelo? Esquecera Olímpico e só pensava no gringo: era sorte demais pegar homem de olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos, não havia como errar, era vasto o campo das possibilidades.— E agora — disse a madama — você vá embora para encontrar seu maravilhoso destino. E mesmo porque tem outra freguesa esperando, demorei demais com você, meu anjinho, mas valeu a pena! Num súbito ímpeto (explosão) de vivo impulso Macabéa, entre feroz e desajeitada, deu um estalado beijo no rosto da madama. E sentiu de novo que sua vida já estava melhorando ali mesmo: pois era bom beijar. Quando ela

era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede. Ao acariciar ela se acariciava si própria

GIRASSOL Madama Carlota havia acertado tudo. Macabéa estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como disse, até então se julgava feliz. Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo — crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, sim, sim, era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras — desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria. Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora é já, chegou a minha vez! E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a — e neste mesmo instante em algum único lugar do mundo um cavalo como resposta empinou-se em gargalhada de relincho.

CHER A madama trocou as previsões. Ela meio que misturou, né? Ma parte da outra ela tava certa. A parter da outra, não era da outra, era da Macabéa.

LÍRIO 1 Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, pensou ela, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta. E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma resistente raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito. (Eu ainda poderia voltar atrás em retorno aos minutos passados e recomeçar com alegria no ponto em que Macabéa estava de pé na calçada — mas não depende de mim dizer que o homem alourado e estrangeiro a olhasse. É que fui longe demais e já não posso mais retroceder. Ainda bem que pelo menos não falei e nem falarei em morte e sim apenas um atropelamento.) Ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções, e viu entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana. Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci. (A verdade é sempre um contato interior inexplicável. A verdade é irreconhecível. Portanto não existe? Não, para os homens não existe.) Voltando ao capim. Para tal exígua criatura chamada Macabéa a grande natureza se dava apenas em forma de capim de sarjeta — se lhe fosse dado o mar grosso ou picos altos de montanhas, sua alma, ainda mais virgem que o corpo, se alucinaria e explodir-se-lhe-ia o organismo, braços pra cá, intestino para lá, cabeça rolando redonda e oca a seus pés — como se desmonta um manequim de cera. Prestou de repente um pouco de atenção para si mesma. O que estava acontecendo era um surdo terremoto? Tinha-se aberto em fendas a terra de Alagoas. Fixava, só por fixar, o capim. Capim na grande Cidade do Rio de Janeiro. À toa. Quem sabe se Macabéa já teria alguma vez sentido que também ela era à-toa na cidade inconquistável. O Destino havia escolhido para ela um beco no escuro e uma sarjeta. Ela sofria? Acho que sim. Como uma galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue. Só que a galinha foge — como se foge da dor — em cacarejos apavorados. E Macabéa lutava muda. Vou fazer o possível para que ela não morra. Mas que vontade de adormecê-la e de eu mesmo ir para a cama dormir.

LAUREL HELL Então começou levemente a garoar. Olímpico tinha razão: ela só sabia mesmo era chover. Os finos fios de água gelada aos poucos empapavam-lhe a roupa e isso não era confortável. Pergunto: toda história que já se escreveu no mundo é história de aflições?

Algumas pessoas brotaram no beco não se sabe de onde e haviam se agrupado em torno de Macabéa sem nada fazer assim como antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam, o que lhe dava uma existência. (Mas quem sou eu para censurar os culpados? O pior é que preciso perdoá-los. É necessário chegar a tal nada que indiferentemente se ame ou não se ame o criminoso que nos mata. Mas não estou seguro de mim mesmo: preciso perguntar, embora não saiba a quem, se devo mesmo amar aquele que me trucidou e perguntar quem de vós me trucidou. E minha vida, mais forte do que eu, responde que quer porque quer vingança e responde que devo lutar como quem se afoga, mesmo que eu morra depois. Se assim é, que assim seja). Macabéa por acaso vai morrer? Como posso saber? E nem as pessoas ali presentes sabiam. Embora por via das dúvidas algum vizinho tivesse pousado junto do corpo uma vela acesa. O luxo da rica flama parecia cantar glória. (Escrevo sobre o mínimo parco enfeitando-o com púrpura, joias e esplendor. É assim que se escreve? Não, não é acumulando e sim desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final.) Enquanto isso, Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma. Este é um melodrama? O que sei é que melodrama era o ápice de sua vida, todas as vidas são uma arte e a dela tendia para o grande choro insopitável como chuva e raios. Apareceu portanto um homem magro de paletó puído tocando violino na esquina. Devo explicar que este homem eu o vi uma vez ao anoitecer quando eu era menino em Recife e o som espichado e agudo sublinhava com uma linha dourada o mistério da rua escura. Junto do homem esquelético havia uma latinha de zinco onde barulhavam secas as moedas dos que o ouviam com gratidão por ele lhes planger a vida. Só agora entendo e só agora brotou-se-me o sentido secreto: o violino é um aviso. Sei que quando eu morrer vou ouvir o violino do homem e pedirei música, música, música.

PESQUISADORA Pronto, até aí. Acho que aqui a Clarissa, né? Acho que teve muita coisa que ela viu em Recife e ela foi inserindo na história, né? Como o violino e também aqui ela estava nas vésperas da morte, né? Vamos lá

LANA Macabéa, Ave Maria, cheia de graça, terra serena da promessa, terra do perdão, tem que chegar o tempo, ora pro nobis, e eu me uso como forma de conhecimento. Eu te conheço até o osso por intermédio de uma encantação que vem de mim para ti. Espriar-se selvagememente e no entanto atrás de tudo pulsa uma geometria inflexível. Macabéa lembrou-se do cais do porto. O cais chegava ao coração de sua vida. Macabéa pedir perdão? Porque sempre se pede. Por quê? Resposta: é assim porque assim é. Sempre foi? Sempre será. E se não foi? Mas eu estou dizendo que é. Pois. Via-se perfeitamente que estava viva pelo piscar constante dos olhos grandes, pelo peito magro que se levantava e abaixava em respiração talvez difícil. Mas quem sabe se ela não estaria precisando de morrer? Pois há momentos em que a pessoa está precisando de uma pequena mortezinha e sem nem ao menos saber. Quanto a mim, substituo o ato da morte por um seu símbolo. Símbolo este que pode se resumir num profundo beijo mas não na parede áspera e sim boca-a-boca na agonia do prazer que é morte. Eu, que simbolicamente morro várias vezes só para experimentar a ressurreição. Acho com alegria que ainda não chegou a hora de estrela de cinema de Macabéa morrer. Pelo menos ainda não consigo adivinhar se lhe acontece o homem louro e estrangeiro. Rezem por ela e que todos interrompam o que estão fazendo para soprar-lhe vida, pois Macabéa está por enquanto solta no acaso como a porta balançando ao vento no infinito. Eu poderia resolver pelo caminho mais fácil, matar a menina-infante, mas quero o pior: a vida. Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago. Por enquanto Macabéa não passava de um vago sentimento nos paralelepípedos sujos. Eu poderia deixá-la na rua e simplesmente não acabar a história. Mas não: irei até onde o ar termina, irei até onde a grande ventania se solta uivando, irei até onde o vácuo faz uma curva, irei aonde meu fôlego me levar. Meu fôlego me leva a Deus? Estão tão puro que nada sei. Só uma coisa eu sei: não preciso ter piedade de Deus. Ou preciso? Tanto estava viva que se mexeu devagar e acomodou o corpo em posição fetal. Grotasca como sempre fora. Aquela relutância em ceder, mas aquela vontade do grande abraço. Ela se abraçava a si mesma com vontade do doce nada. Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência

e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá.

PESQUISADORA Pronto.

GIRASSOL Estou tristes tão triste, triste, tão triste.

PESQUISADORA Tem alguma observação de vocês nesse momento?

LANA só aquela, eu acho que foi na reportagem que a Clarice fez sobre esse livro que ela fala, seria muito engraçado que eu saísse e um táxi me atropelasse, depois de ouvir todas as coisas boas

LÍRIO 2 Foi que ela tirou a ideia.

1456 Então — ali deitada — teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte. A morte que é nesta história o meu personagem predileto. Iria ela dar adeus a si mesma? Acho que ela não vai morrer porque tem tanta vontade de viver. E havia certa sensualidade no modo como se encolhera. Ou é porque a pré-morte se parece com a intensa ânsia sensual? É que o rosto dela lembrava um esgar de desejo. As coisas são sempre vésperas e se ela não morre agora está como nós na véspera de morrer, perdoai-me lembravos porque quanto a mim não me perdoe a clarividência. Um gosto suave, arrepiante, gélido e agudo como no amor. Seria esta a graça a que vós chamais de Deus? Sim? Se iria morrer, na morte passava de virgem a mulher. Não, não era morte pois não a quero para a moça: só um atropelamento que não significava sequer desastre. Seu esforço de viver parecia uma coisa que, se nunca experimentara, virgem que era, ao menos intuía, pois só agora entendia que mulher nasce mulher desde o primeiro vagido. O destino de uma mulher é ser mulher. Intuíra o instante quase dolorido e esfuziante do desmaio do amor. Sim, doloroso reflorescimento tão difícil que ela empregava nele o corpo e a outra coisa que vós chamais de alma e que eu chamo — o quê?

LÍRIO 2 Aí Macabéa disse uma frase que nenhum dos transeuntes entendeu. Disse bem pronunciado e claro: — Quanto ao futuro. Terá tido ela saudade do futuro? Ouço a música antiga de palavras e palavras, sim, é assim. Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjoo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas. O que é que estou vendo agora e que me assusta? Vejo que ela vomitou um pouco de sangue, vasto espasmo, enfim o âmago tocando no âmago: vitória! E então — então o súbito grito estertorado de uma gaivota, de repente a águia voraz erguendo para os altos ares a ovelha tenra, o macio gato estraçalhando um rato sujo e qualquer, a vida come a vida. Até tu, Brutus?! Sim, foi este o modo como eu quis anunciar que — que Macabéa morreu. Vencera o Príncipe das Trevas. Enfim a coroação.

DIEM Qual foi a verdade de minha Maca? Basta descobrir a verdade que ela logo já não é mais: passou o momento. Pergunto: o que é? Resposta: não é. Mas que não se lamentem os mortos: eles sabem o que fazem. Eu estive na terra dos mortos e depois do terror tão negro ressurgi em perdão. Sou inocente! Não me consumam! Não sou vendável! Ai de mim, todo na perdição e é como se a grande culpa fosse minha. Quero que me lavem as mãos e os pés e depois — depois que os untem com óleos santos de tanto perfume. Ah que vontade de alegria. Estou agora me esforçando para rir em grande gargalhada. Mas não sei por que não rio. A morte é um encontro consigo. Deitada, morta, era tão grande como um cavalo morto. O melhor negócio é ainda o seguinte: não morrer, pois morrer é insuficiente, não me completa, eu que tanto preciso. Macabéa me matou. Ela estava enfim livre de si e de nós. Não vos assusteis, morrer é um instante, passa logo, eu sei porque acabo de morrer com a moça. Desculpai-me esta morte. É que não pude evitá-la, a gente aceita tudo porque já beijou a parede. Mas eis que de repente sinto o meu último esgar de revolta e uivo: o morticínio dos pombos!!! Viver é

luxo. Pronto, passou. Morta, os sinos badalavam mas sem que seus bronzes lhes dessem som. Agora entendo esta história. Ela é animinência que há nos sinos que quase-quase badalam. A grandeza de cada um.

CHER Silêncio. Se um dia Deus vier à terra haverá silêncio grande. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa. O final foi bastante grandiloquente para a vossa necessidade? Morrendo ela virou ar. Ar enérgico? Não sei. Morreu em um instante. O instante é aquele átimo de tempo em que o pneu do carro correndo em alta velocidade toca no chão e depois não toca mais e depois toca de novo. Etc., etc., etc. No fundo ela não passara de uma caixinha de música meio desafinada. Eu vos pergunto: — Qual é o peso da luz? E agora — agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas — mas eu também?! Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos. Sim.

GIRASSOL Não gostei.

LÍRIO 2 Também não.

GIRASSOL Ai gente, achei que ela não ia morrer.

DIEM É a hora da estrela, né?

LÍRIO 2 Pensei que ia acontecer alguma coisa realmente, que ela ia, sei lá.

PESQUISADORA A gente esperava um futuro melhor pra Macabéa. Quem já viu o filma já sabia. Quando você assiste ao filme é diferente, né? Mas quando você tá lendo, você parece que sente mais a coisa, porque é mais completo, né? Mas eu senti. A primeira vez que eu esse livro eu chorei, porque eu sou muito mole pra chorar, né? Eu sou muito boba. Mas a morte de Macabéa.

LANA Eu só não chorei porque eu pensei em outras coisas.

PESQUISADORA Girassol ficou tão triste, girassol ficou murcho.

GIRASSOL Nossa. Não gostei. Nem o filme eu quero assistir mais.

PESQUISADORA Mas a gente viu que desde o início já era pré-anunciando a desgraça de Macabéa. Porque nada de bom aconteceu com ela. É ou não é verdade? Tudo que aconteceu na vida dela que ela achava que era bom não tinha nada de bom e tudo na vida dela foi desgraçadamente terrível.

GIRASSOL Olhando bem assim parece que a Clarice está contando a história dela, né? Porque ela também morre.

PESQUISADORA Tem muitas cenas principalmente no final, né? Que ela tava se reportando a ela mesma porque ela tava sofrendo muito por causa do câncer, né? Ela tava bem próximo de morrer. Teve muita coisa assim positiva na vida de Clarice que ela foi uma pessoa privilegiada financeiramente. Já Macabéa teve isso, né? Mesmo que no passado ela tenha visto muita desgraça e também tinha passado uma certa dificuldade, mas foi diferente.

1456 Acho que se Macabéa tivesse vivido um pouquinho mais talvez ela tivesse vencido na vida.

GIRASSOL Eu acho que ainda tinha esperança pra ela.

PESQUISADORA Eu fiz uma pergunta e vou ver o que é que vão responder. Vocês acham que existe o fator determinismo, pessoas que estão determinadas a permanecer da mesma forma dentro daqueles mesmos parâmetros, dentro daquelas suas limitações para sempre?

DIEM Dependendo do contexto que ela nasce, né? Por exemplo, se, por exemplo, muitas moradoras de rua, as mulheres que moram na rua tem crianças, então se não tiver do governo, auxílio, é provável que aquela criança cresça e viva a vida dela pra sempre naquela situação e morra. Vai até morrer antes de mesmo virar adolescente, por exemplo. Geralmente nesse contexto, elas estão fadadas praticamente fadadas.

1456 Teria como mudar? Teria só que pra mudar teria de ser da pessoa de fora, outras pessoas pra ajudar e lutar.

PESQUISADORA É algo muito grande, né? Teria que ser alguma coisa governamental mesmo, né? Então, vocês acham que existe existem alguns grupos, algumas classes de pessoas que estão fadadas, determinadas, a v vida já foi definida desde o nascimento.

DIEM Se não houver intervenção de uma coisa maior como o Estado que pode auxiliar melhor essas pessoas elas vão viver aquela situação até chegar a certa idade. As crianças principalmente porque muitas crianças quando nascem nessa situação não tem nem um registro de nascimento, não é visto como cidadão, não tem os direitos qualquer cidadão tem, então é alguém que não existe perante a lei perante o governo, então não tem como mudar eu acho. Poucas são as instituições que dão auxílio.

PESQUISADORA E às vezes dão auxílio enquanto é pequenininho, mas chega uma certa idade.

LÍRIO 2 Eu acho que fadados é uma palavra muito forte, eu acho. Sim. Assim, pode ocorrer a exceção, mas realmente é difícil, a exceção é uma realidade. Essa exceção é raridade. A maior a maior parte dos casos é tipo é o nome mesmo. É a história se repetindo o tempo todo. Mas existem casos que são raríssimos que há jeito, então eu a palavra fadado eu acho que não é muito certo nesse contexto, eu acho. Mas acho que são raros os casos.

PESQUISADORA É, acho que na maioria dos casos talvez haja esse determinismo mesmo como Diem? O que você está querendo dizer é que são raros ou caos, mas talvez aconteçam no mundo. Tem um exemplo de uma pessoa que foi criada na rua lá em Recife. Era morador de rua e um dia ele começou a pegar uns livros no lixo e começou a ler, se interessou e começou a estudar, e fez um concurso pra o Banco do Brasil e passou. É algo tão raro que saiu até no jornal.

1456 Essa é uma exceção. Se você nasce naquele ambiente, você convive com aquilo, aquela é a sua realidade, é aquilo que você conhece? Você só vai saber que existe um mundo em volta se você for buscar o conhecimento. Mas se você nascer naquilo e continuar ali você nunca vai saber quem existe o mundo.

DIEM Como por exemplo, esse homem tinha conhecimento da alfabetização, é uma coisa também que muita gente não tem acesso ao básico né?

LÍRIO 2 Porque a pessoa tem que estar aberta pra uma coisa nova, né? Aí ele viu o livro e falou, e se eu ler?

PESQUISADORA É, pronto, é sobre isso que a gente vai falar aqui. Nós vimos uma protagonista de uma obra de um livro que não era protagonista na sua própria vida, ela, a Macabéa ela era alheia a si mesma e ao mundo ao redor, aí o que acontecia? Ela ouvia tudo e todos, ela acreditava em tudo e em todos. Ela não tinha direcionamento próprio. Ela não

tinha arte de falar, ela também não sabia como agir. E por conta disso, foi o que levou ao trágico destino dela, não é verdade? Agora é como você tá dizendo aí né? A gente você tem que ter que procurar. Agora acho que a gente foi pra o extremo. O extremo é isso que a Diem disse, o extremo é esse daí né? Que você nasce numa rua, você dorme debaixo de ponta e tudo, como sair daquilo? É muito difícil. Aí vamos parar o uma coisa mais mediana, pessoas pobres mas que tem acesso ao estudo de alguma forma, municipal, estadual ou federal, como vocês tem federal né? Eu sempre estudei em escola municipal e estadual. Aí sim. Aí entra a educação.

1456 Pode ter uma outra vida, só que só vai ter que buscar mais. Isso é, no estudo.

PESQUISADORA Esse povo mediano que está nessa média. Porque por exemplo esse extremo aí que a Diem falou já fica mais complicado. Porque os pais não colocam na escola. Às vezes eles não tiveram. A criança é invisível, porque a mãe, o pai também foi, a criança por si mesma jamais vai à escola dizer, eu quero me matricular, olha como nós somos responsáveis. Então, quer dizer, é um ciclo vicioso que se perpetua, né?

LÍRIO 2 E quem é que vai estudar passando fome em casa?

PESQUISADORA É outro fator preponderante.

1456 Eu estudava em Escola estadual. Tinha alunos que só comiam no colégio. Iam pra escola só pra comer.

LÍRIO 2 Inclusive na minha antiga escola, depois da pandemia começaram a distribuir cesta básica. Às vezes o aluno ia pra escola não era nem pra aprender, ele não tinha nem condição de aprender. Ele ia pra se alimentar e não por outra coisa.

PESQUISADORA E aqui Exatamente. E voltando a Macabéa, ela não conseguia ter essa mobilidade social, a mobilidade social é você transitar, é você se movimentar, sair de uma condição social para a outra. Existem várias formas dessa mobilidade social acontecer. Ela pode acontecer de forma horizontal, que é aquela pessoa que dentro do seu próprio grupo ela vai, vamos supor, Macabéa e Olímpico saíram do Nordeste pra uma cidade mais desenvolvida mas não conseguiram essa mobilidade, só saíram mesmo da cidade. Mas eles não conseguiram ascender. E assim a gente lembra que iniciozinho a gente falou muito sobre isso. As pessoas vão procurando uma qualidade melhor de vida, mas termina que não conseguem. Às vezes até acontece uma mobilidade descendente, até cai, né?

1456 Como Macabéa era uma pessoa influenciável, faltou uma boa influência na vida dela.

PESQUISADORA Exatamente. E já começou com a tia dela, né? Com a educação que ela não deu.

DIEM E essa influência começa na infância, né? Durante toda vida dela, teve tratamento parecido com o da infância. Tudo era dos outros, ela não tinha nada. Ela não tinha direito de ter algo. Ela não tinha o direito nem de sentir tristeza.

PESQUISADORA Pois é, ela não aprendeu os sentimentos, ninguém demonstrava sentimento por ela, ela não aprendeu, né? E aí tem a mobilidade que você vai mudar de uma classe pra outra, e pode acontecer de várias formas. Por exemplo, a pessoa ganhava na Mega Sena e de uma hora pra outra ela muda de classe social. A pessoa pode passar no concurso, trocar de emprego, tudo isso vai fazendo com que a pessoa se movimente socialmente e vá ganhando espaço diferente, né? Mas o que eu quero falar aqui é sobre como a escola pode ofertar uma educação que promova como a escola pode ofertar, ofertar na verdade uma educação que promova essa mobilidade social pra que se acabe a desigualdade social?

Porque quando há esse movimento social e as pessoas começam a ascender, a desigualdade social vai se nivelando. Vocês acham que a escola tem essa possibilidade de entrar nesse contexto e promover essa mobilidade? De que forma vocês acham que isso pode acontecer?

LÍRIO 2 Eu acho que é um conjunto de coisas. Não é só a escola. O desemprego afeta muito coisa. Porque hoje a gente vê gente que se forma no curso superior e não tem onde trabalhar, não sai do lugar.

DIEM Sem contar também que tem muita gente que estuda, mas tem de largar os estudos pra trabalhar, e quando não consegue um emprego vai trabalhar como profissional liberal, uma coisa na rua ou fazer um qualquer coisa.

1456 Tem um amigo que o pai dele faleceu e ele basicamente parou de vir pra escola porque ele precisa trabalhar pra sustentar a casa e porque ficou ele, a mãe dele, os irmãos dele e ele tem de sustentar a casa, ele perdeu basicamente o ano todo, ele tava tentando recuperar agora pra ver se consegue passar de ano.

PESQUISADORA É. Por mais que a escola faça, o que vocês estão querendo dizer é que por mais que a escola faça pra promover essa mobilidade social, mas sempre existem fatores externos que são mais fortes do que aquilo.

LÍRIO 2 Sim, não é suficiente.

PESQUISADORA Cabe a ela fazer o possível, né?

1456 Porque a escola só tem como fazer algo enquanto a gente tá aqui dentro, depois que a gente sair...

PESQUISADORA Enquanto vocês estão aqui dentro ela pode ofertar um ensino de qualidade, um ensino que faça com que vocês, enquanto indivíduos tenham uma educação plena, que os torne capazes e plenos de ter uma vida lá fora e uma forma completa, que tenha a capacidade emocional, física, intelectual, né? Tudo isso é uma forma de educação que a escola deve promover, né? Mas tem outras coisas que a escola tem que promover pra poder ajudar nisso daí, pelo menos nesse momento, porque depois ela não pode fazer mais nada, mas pelo menos nesse resolvido do ensino, né? Ela vai tá contribuindo de alguma forma, né? Pra essa educação integral da pessoa. Então, vocês acham que os fatores externos são muito, muito...

DIEM mais influenciáveis.

1456 Porque assim, aqui tem algumas falhas, mas se o aluno se interessar bastante, conseguem criar um excelente técnico. Dependendo também bastante do aluno, da inteligência, conseguem criar, só que entra no mercado de trabalho, não ajuda, não contribui a sociedade não contribui, as oportunidades não contribui. Porque tipo, querendo ou não, eles têm condições dependendo, principalmente, eu vejo muitos professores bastante interessados. E se eles veem alunos interessados, eles vão lá e ajuda, fazem o possível, tá? Mas o mercado também não ajuda, não tem lugar pra todo mundo trabalhar, né?

PESQUISADORA É muita gente saindo e pouco posto de trabalha né? E também tem aqueles alunos que também saem sem capacitados.

1456 Pra uma pessoa se capacitar realmente é por esforço da pessoa. Cem por cento, a pessoa tem que vim em horários a mais, buscar a assistir vídeos, conversar com o professor pra participar de projetos, o aluno tem de se esforçar pra conseguir.

DIEM E aí vem também os fatores externos. Nem todo mundo pode. Às vezes não tem ônibus, às vezes a pessoa não consegue se manter na escola, às vezes tem que trabalhar, tem muita coisa que pesa.

PESQUISADORA É, cada pessoa tem uma história de vida, né? E isso vai interferir de uma forma ou de outra, ou pra melhorar ou pra melhorar.

LÍRIO 2 Tem que arrumar a casa, né? Eu arrumo minha casa sozinha. É eu e eu.

PESQUISADORA Mas a escola ela precisa tentar dar o suporte. A infraestrutura é fundamental, porque a gente sabe que tem escolas que estão sucateadas, né? Aqui tem uma infraestrutura bacana pra o aluno, né verdade? Além da infraestrutura, eu acho muita coisa deve ser atualizada no currículo, porque os alunos hoje, eles, eu quando falo assim, atualizado, é no sentido de, desde a base o aluno, ele ser ouvido, ser valorizado, né? E tem também a questão da tecnologia.

LÍRIO 2 Uma crítica minha é que a pessoa deveria ser incentivada à leitura desde o nível fundamental um. É que tem o imaginário de que ler livro é chato. Dá pra apresentar umas obras legais, sabe? Com a primeira infância. Dá pra apresentar.

PESQUISADORA Daqui quem de vocês gosta de ler?

GIRASSOL Eu gosto de ler, só que eu não leio.

1456 Eu gosto muito de ler, só que com toda correria do meu dia a dia... No momento que eu deito na cama, eu digo assim vou dormir.

LÍRIO 2 Eu comecei a ler mais, muito mais depois eu comecei a pegar livro em áudio aí eu ficava arrumando a casa escutando o livro.

LANA Tem nos Sportfy gente, tem no Sportfy tem vários livros.

1456 Eu não consigo a minha mente vai pra mil lugares.

LÍRIO 2 Ontem, olha, ontem me apresentaram um livro, eu terminei de ler de tarde, o mesmo livro, que foi o Pedro do Pássaro Morto. É tristíssimo, mas eu fiquei arrumando a casa de uma e pouca até as cinco horas.

LANA Eu não consigo sentir assim

PESQUISADORA Eu sei, você gosta da letra, né? Pronto gente, então é o seguinte, eu anotei aqui que durante a leitura desse livro nós conseguimos fazer uma coisa assim muito interessante, a gente não leu somente como um ato de fruição, ou seja não foi simplesmente por ler, por desejo de ler, por alegria, tipo assim, ai meu Deus, vou sentar agora e vou ler. Né? Não foi isso, né? A gente leu o livro e conseguimos enxergar um monte de coisa que estava dentro do livro. A gente entrou dentro do livro, né? A pobreza, a miséria, hoje surgiu essa nova, a dos invisíveis, de pessoas que são invisíveis, porque são tão miseráveis que não são vistas, né? Cada minuto, cada dia que a gente lia, a gente ia vendo, é um submundo, né? É uma coisa terrível.

LÍRIO 2 Sem direitos, basicamente, ser invisível é não ter direito.

DIEM Esse submundo é uma coisa que está visível aos nossos olhos, né? A gente vê todos os dias, né? A gente só para e fala nossa, nunca tinha visto antes.

PESQUISADORA Invisível socialmente, porque não tem um registro, mas nós vemos, quando nós passamos nas ruas, nos semáforos.

LÍRIO 2 Fica a discussão se realmente é necessário ter a identificação pra entrar na escola. Eu fico me perguntando se isso seria uma forma de incluir as pessoas. Você tipo baixar a exigência pra entrar na escola, sei lá no SUS, porque tem que ter a carteirinha do SUS senão não é atendido, eu fico perguntando isso. Ou ter alguma forma de tirar mais fácil a pela primeira vez e depois uma segunda ser mais fácil, eu fico me perguntando isso.

PESQUISADORA Não ser um negócio tão burocrático que a pessoa desiste, né?

LANA Isso que a Diem falou sobre ser um submundo, mas não é porque a gente vê todos os dias, eu acho engraçado porque o sistema ele nos obriga a gente tipo a gente tá muito preocupado tentando sobreviver que às vezes acaba nem tendo empatia.

DIEM É, eu vi um caso achei que foi em São Paulo ou Rio de Janeiro, acho que foi em São Paulo, tem pessoas que se suicidam nos trilhos e o que incomoda é que atrapalhar o tráfico das pessoas. É, eles reclamam que estão atrasados. Mas por que eles fazem isso? É po que aquilo gera o atraso, o atraso gera complicações no trabalho, é que todas essas exigências no ser humano acaba tirando aquela sensibilidade.

LANA Acaba que desumaniza.

PESQUISADORA É como um médico que vê pessoas morrendo todos os dias, ele vê tanto isso que perde a humanidade, aquilo não machuca mais ele.

LÍRIO 1 Vira banal.

PESQUISADORA Isso, a banalização da vida, realmente é verdade. Pronto, nós vimos estranhamento social, a ausência da educação, o papel da mulher no mundo do trabalho, a mobilidade social, muitos aspectos nós vimos obra, né? Numa obra bem fininha, nós conseguimos ter a percepção de tudo isso.

LÍRIO 2 Ainda não entendi esse título da obra, A hora da estrela. E outra coisa, é aquela palavrinha que tinha lá atrás e aqui apareceu de novo, essa ela vomitou, queria vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas. O que seria isso que eu não entendi?

PESQUISADORA Eu realmente não consegui identificar isso, entender isso daí. E A hora da estrela dela acontece no momento da morte dela.

LANA Foi a hora que ela morreu, saiu dela mesma, subiu.

PESQUISADORA Ela colocou no início do livro esses títulos todos, prestem atenção, vamos ler esses títulos: *A culpa é minha*

DIEM A gente falou que foi referente a morte da mãe dela.

PESQUISADORA Isso daqui eu acho que tem tanto na Clarice, e que ela falava o tempo, a culpa por ter nascido, a mãe que morreu no parto, do acidente,

LÍRIO 2 E Macabéa também tem essa culpa que ela foi demitida e ela falou “desculpe, desculpe”...

PESQUISADOR Exatamente, as duas, Macabéa e ela passavam por situações que não eram as mesmas, mas elas eram duas criaturas agoniadas, corroídas pela culpa. *Ela que se arranje* É como se fosse assim, Porque realmente não tinha ninguém por ela. Quem era por Macabéa?

Nem ela mesmo, porque ela não tinha noção de si mesma e ela não sabia como lutar, era uma coisa que eu ia até dizer é que o que faltava em Macabéa, tinha de sobra nos outros. Macabéa não se comunicava, ela não sabia se expressar, ela não sabia falar, mas presta atenção, Olímpico e Glória falavam demais e sabiam lutar, podia ser do modo errado, mas ele se esgoelava, eles lutavam. Eles agiam.

CHER Ele deixou a Macabéa pela Glória pra tentar subir na vida.

DIEM E nem vendo o comportamento deles Macabéa conseguia fazer algo, ela não sabia lutar. Ela não sabia o que significava lutar.

PESQUISADORA Ela era alheia a tudo, a si mesma, ao mundo ao redor dela, e essa questão de lutar você tem que ter muita muito conhecimento de si mesmo, do que você quer.

DIEM Aquela parte mesmo que as pessoas estavam ao redor dela, mas não ajudavam ela. É como se ela merecesse morrer. Acho que é esse o ponto, ela merecia morrer, não tinha como ela ter uma vida boa, ter a chance de ter uma vida boa se ela até aquele ponto alheia a tudo. Então de fato ela merecia morrer.

PESQUISADORA Pois é, vocês já ouviram falar de pessoas que gostam tanto de viver, que tá com uma doença estado terminal e ela luta, luta.

GIRASSOL Macabéa não tinha sangue pra viver, ela não sabia viver.

CHER Ela vivia porque vivia.

PESQUISADORA O *Direito ao grito*, tudo era relacionado com Macabéa, *Quanto ao futuro* (nenhum, não tinha futuro nenhum), *Lamento de um blue* (Aqui se referia aquele músico que vimos no início do livro que fica tocando violino, acho que isso aqui tem a ver com ele), *Ela não sabe gritar* (**DIEM** Ela falou O direito ao grito, mas ela não sabe gritar), (**LÍRIO 2** ela não sabe nem que tem direito), *Assovio ao vento escuro*, (**DIEM** o negócio do grito ela acha que nem tem direito) *Eu não posso fazer nada*, vocês acham que isso se refere ao Rodrigo, à Clarice ou aos dois?

LÍRIO 2 Os dois aos dois

PESQUISADORA exatamente. É tipo assim, eu não posso fazer nada, eu vou matá-la ela mesmo. Não posso fazer nada.

LANA Pior que não tem outro final.

LAUREL Ela realmente merecia morrer.

PESQUISADORA *Registro dos fatos antecedentes, História lacrimagênica de cordel, Saída discreta pela porta dos fundos*. A última pergunta que eu queria fazer a vocês: Vocês que estão no terceiro ano, o que vocês estão pensando em fazer agora? Isso tem tudo a ver com aquilo que a gente falou muito aqui, atitude, né? Porque a gente falou tanto que a Macabéa não tem atitude, né? Eu falei aqui que eu passei por por essa questão da mobilidade social, né? Eu saí de uma vida miserável, uma vida morada em guetos, uma vida morada em quatinhos, uma vida passando fome, passando necessidade, a minha realidade foi mudada porque minha mãe apesar de nunca ter tido um livro, de ser analfabeta, ela mal sabe escrever o nome dela, mas ela me incentivou em primeiro lugar ao estudo, sem nunca ter lido um livro ela me incentivava a ler. E eu não tinha opção a não ser tirar nota boa. Mesmo assim eu repeti o quinto ano. Porque realmente era muito difícil a situação. Muito delicada. E eu passei por uma fase que eu só ia pra escola pra comer. Eu realmente passei por essa fase. Então eu fui uma pessoa

que eu sofri abusos. Abusos sexuais, eu sofri abuso da pessoa que era eu mais confiar na minha vida, que foi do meu pai. Eu passei por situações assim na minha vida que foram terríveis, de você ter que passar a noite todinha acordada pra se vigiar porque minha mãe trabalhava de noite e eu tinha que me vigiar pra não ser, pra não chegar aos finalmentes, então era uma situação muito delicada pra mim. Eu passei por situações terríveis. E houve essa mobilidade social comigo. Eu saí dessa fase, dessa coisa terrível que era a minha vida e hoje eu posso dizer a vocês que eu sou rica. Rica não ganha porque muito dinheiro. Não. De jeito nenhum. Mas tudo foi por conta de escolhas. Nossas escolhas vão determinar o que nós vamos ter lá na frente. Estou dizendo isso porque eu fui aquela pessoa que não era um invisível, não era aquele miserável dos miseráveis como a gente falou hoje, como a Diem muito bem falou, como nós discorremos sobre isso, né? Eu estava um pouquinho acima do patamar, mas foi sua educação que me salvou, foi o estudo que me levantou e tudo que eu tenho hoje foi por conta disso, Devo a Deus em primeiro lugar, devo a minha mãe em segundo, né? A gente consegue. Nós não somos governo, nós não podemos fazer nada de grandioso, mas nós podemos dar um grito, nós podemos sair da situação que estamos, nós podemos ser alguém, né? A gente pode não ser hoje, mas vamos ser lá na frente. Hoje o que é que eu sou? Eu sou estudante. Mas eu quero ser o quê? Pronto é isso aí que vai definir. Né? Isso daí é o que vai me definir. É a minha meta. Eu tenho que me identificar com alguma coisa, eu tenho que querer ser muito mais do que eu sou hoje. Era isso que eu queria dizer a vocês. Lutem pra ter o melhor. Porque vocês não são Macabéas, vocês são mulheres vencedoras. Contudo pra vencer, eu não sei o contexto de cada uma de vocês, cada um fez seu contexto né? Eu não sei. O meu era desgraçado, mas hoje eu levo uma vida muito boa, não ganho rios de dinheiro, mas eu levo uma vida boa, eu tenho um emprego, eu tenho meu marido, eu tenho meus filhos, eu tenho meus netos, cada um com suas prioridades. Essas foram as minhas, mas cada um tem suas prioridades, né? A mulher pode ser o que ela quiser, a gente não falou isso, né? Ela pode dizer, eu só quer trabalhar e pronto, vai só trabalhar; eu quero ter uma família, você vai ter sua família. O que você quiser, a gente tem que atentar pra isso. Nossas escolhas de hoje vão determinar nosso futuro lá na frente. Viu? Queria passar isso pra vocês. Então vocês estão no terceiro ano, procurem ser aquilo que vocês pretendem e vocês desejam. Sonhem alto e vocês vão chegar lá. Só não sonhem com o impossível. Porque tem gente que diz a gente pode ter qualquer coisa. Também não é assim não. Eu não posso ter um avião. Nós temos um limite, né? Mas tô falando dentro das nossas possibilidades, a gente lutar e a gente consegue sim. Certo? É o conselho que eu quero dar pra vocês.

AS ESTUDANTES FICARAM PENSATIVAS.

PESQUISADORA Segunda-feira nós estaremos aqui vendo o filme, tá certo? Querem dizer alguma coisa? Querem falar alguma coisa? Antes dos círculos vocês tinham algum receio, eu me lembro agora você tinha medo de ler em público (ME REFERINDO A GIRASSOL) mas você não quis se recusar, você quis vencer.

GIRASSOL Eu quis me recusar por timidez, mas disse: vou passar por essa, né?

PESQUISADORA Que coisa boa. Entre tantas coisas serviu pra você deixar a timidez, né? E tirar esse medo da leitura. E você meu amor, tinha medo de que?

LÍRIO 2 Eu só não costumo ler em voz alta, por isso tive receio.

PESQUISADORA Mas aí deu uma melhorada agora?

LÍRIO 2 Sim

PESQUISADORA Legal. E vocês, temiam alguma coisa?

DIEM Pessoas desconhecidas, né? Tirando elas (apontando para duas colegas), as pessoas eram bem desconhecidas. Aí eu pensei no quão desconfortável iria ficar, tenho uma ansiedade muito grande quando eu penso que eu vou ficar num lugar cheio de gente que eu não conheço. Ter que dar opinião. Só que foi natural, né?

LÍRIO 1 Cheguei aqui não conhecia ninguém, né? Grande parte de desconhecidos tudo, mas era por timidez pra se expressar e talvez sentisse medo de sei lá, de fazer uma pergunta direta, né? Mas não aconteceu isso.

PESQUISADORA Eu sempre deixei claro só era falar quem quisesse.

LÍRIO 1 Sim e ajudou bastante isso.

PESQUISADORA Que bom! Feliz por isso! Que bom mesmo!

NINGUÉM MAIS QUIS FALAR.

PESQUISADORA Então tá, minha gente! Vamos encerrar por aqui. Maravilhoso estar com vocês. Até segunda-feira, se Deus quiser!

Círculo de leitura 8

Tema: Assistimos ao filme A hora da estrela

Data: 15/05/2023

Duração do encontro: 1:45:30

Participantes (quantidade presente no dia): 09 (nove)

Recursos utilizados: Datashow

Círculo de leitura 9

Tema: Análise dos tipos de linguagem adotados, considerando a película e a obra escrita/trabalhada nos momentos destinados aos círculos de leitura.

Data: 17/05/2023

Duração do encontro: 1:01:00

Participantes (quantidade presente no dia): 08 (oito)

Recursos utilizados: Xérox do livro, celular para gravar as falas e filmadora.

9º Círculo de Leitura, realizado em 10/05/2023

Qual a impressão que vocês tiveram assistir ao filme e comparar com o livro?

GIRASSOL Macabéa era uma Macabéa... risos

DIEM Acho que no filme ela demonstrava muito desejo, desejo no geral, vontade de algo, vontade do amanhã e no livro ela não tinha vontade de nada disso. Ela vivia porque tava viva

LANA Eu acho que o filme não consegue capturar a introspecção que o livro tem, a Macabéa é uma pessoa muito particular, ela é muito mais introspectiva do que todo o resto. Talvez tenha

sido uma falha da direção, mas eu acho que é muito difícil capturar o livro assim e colocar isso no filme, porque tem muita coisa assim, pensando na situação, de fora, a gente não entenderia, já no livro a gente entenderia, a gente tá dentro da cabeça dela. É difícil capturar isso, fica bem diferente. Porque assim, no livro, o Rodrigo é como se criasse a Macabéa, a gente tá dentro da cabeça de Macabéa, a gente sabe o que ela tá sentindo. No filme como porque não tem um narrador, não tem como entrar nisso.

PESQUISADORA Foi a principal diferença que aconteceu.

DIEM Principalmente nessa coisa, por exemplo, de explosão. Não tinha algo que identificasse isso no filme. Não sei, eu senti falta disso, daquele impacto.

CHER Também no livro enrola tanto pra entrar na história de Macabéa que ele mesmo já vai contando, já vai dando uma introdução, que no filme já é contado, já aparece Macabéa, não se sentia a vontade de conhecer quem era essa personagem, já foi me jogado.

PESQUISADORA Se bem que tem uma coisa que eu achei interessante é que a diretora fez algumas cenas paralelas para apresentar Macabéa, tem a cena dela alugando a vaga no quarto, aparece aquela personagem do nada, porque no livro não tem, mas ela quis situar Macabéa, ela não quis que fosse uma coisa solta. No livro a gente não vê isso, já aparece ela morando num quarto com umas amigas, que também foram inseridas no filme, que no livro não falava quem eram essas amigas. A gente percebe que houve inserção de elementos, de diálogos, de pessoas, de situações... e também houve supressão de muita coisa. Foi suprimida a figura do Rodrigo. E aí, muita coisa que Rodrigo nos contou, teve de ser substituída por ações,

LAUREL HELL Assim, é que no filme acho que eles quiseram trazer a imagem de uma Macabéa nova, tipo, pegou ali a Macabéa do livro, mas quis trazer assim uma Macabéa pro público, porque no filme a gente observa que a Macabéa é desejosa, tem até de se casar, isso não tem nada no livro sobre isso.

DIEM Tem até desejo de futuro

LAUREL HELL É bem introspectivo, eu acho que mesmo que tentassem, no filme não conseguiriam transmitir tudo aquilo, toda aquela introspecção, o pessoal, o interior da Macabéa. E se tentassem mostrar realmente como ela era, talvez ficasse um filme bem monótono, porque no livro tem poucos diálogos, tanto é que a gente ficou feliz quando apareceram os diálogos.

BIBI Eu acho que eles fizeram essa modificação para ficar uma coisa mais atrativa. Porque o livro, querendo ou não é algo mais atrativo. Então seria um filme todo narrado e não seria tão legal.

GIRASSOL Eu acho que se eles tivessem colocado do jeito que tá no livro, ninguém ia gostar, se eu assistisse só o filme, sem ter lido o livro, eu não ia gostar do livro. Eu dia dizer, ahn, como assim, já morreu? Não tem nem vida?

PESQUISADORA É porque o filme de qualquer forma tem essa função de fazer o telespectador se encantar.

LANA É porque é uma adaptação. Mas também tem essa coisa assim de o livro ser todo narrado. Aí é impossível fazer um filme narrado.

PESQUISADORA E também tem o fato de o livro ser uma novela, que pelo fato de não ter uma narrativa tão extensa, fica difícil fazer um filme.

LÍRIO 1 Eu acho que o filme foi bem superficial, a gente vê que isso afetou muito ela no livro, o fato de ela ser uma pessoa muito introspectiva, mas a gente não sabe a história, a origem dele, os pensamentos dele, foi uma coisa mais superficial.

LANA Acho que no filme faltou muito colocar a essência dos personagens.

CHER É porque no livro como é narrado aí meio conta o passado, e o desejo dos personagens deixa aquilo meio implícito pra gente meio que descobrir quem é quem.

LANA A gente conhece no livro os personagens. No filme, são personagens só.

DIEM No filme a gente pode conhecer mais um pouco do Olímpico

PESQUISADORA Eu senti muito a falta do médico, que queria que tivesse porque era muito engraçado. Perderam muito tempo com coisa sem importância.

LÍRIO 1 Focaram muito na Glória

GIRASSOL E essa Glória! Porque no livro a Glória era tipo uma mulher que não tava nem aí pra Macabéa, mas no filme ela tem pena. E eu pensei que ela era gorda.

PESQUISADORA É deixou muito a desejar em alguns aspectos, mas vocês acham que isso descaracterizou a obra? O filme foi fiel à obra?

VÁRIAS ESTUDANTES Não

PESQUISADORA Por quê?

CHER Porque eu acho que o livro traz uma profundidade que o filme não traz passa uma mensagem diferente, querendo ou não.

LÍRIO 1 Tipo eu acho que foi fiel à sequência de acontecimentos, mas não conseguiu a essência da Clarice mesmo foi perdida.

DIEM É como ela tá falando, porque no livro a Clarice deixa claro que vai ser uma história cruel, nua, crua, que é diferente no filme, que agente não sente a crueldade da história de Macabéa, como ela é uma pessoa vazia de vontade, de futuro, como as pessoas são com ela, como isso afeta ela, a essência vazia de Macabéa, a gente não sentiu isso no filme. Eles tentaram suavizar a crueldade que a Clarice deixa claro na obra.

PESQUISADORA Ela realmente foi crua, porque a gente sabe que no contexto que ela tava falando, é aquilo mesmo, a crueldade das palavras dela se refere a uma vida assim mesmo, porque falava da migração do coitado do nordestino...

LÍRIO 1 E trocaram a origem dela, disseram que ela era do norte, nortista.

PESQUISADORA No filme ela mentiu duas vezes, e no livro isso aconteceu apenas uma vez. É uma dessas mentiras foi depois de ter visto Glória mentindo. Vocês acham que talvez tenham feito isso para atenuar a mentira de Macabéa, tipo assim, ela jamais, por si só seria capaz de inventar uma mentira, ela teve de ver alguém fazer, pra poder ter a capacidade de inventar uma mentira, porque ela era tão pura que ela jamais inventaria uma mentira.

LANA Eu acho que foi exatamente isso

CHER Eles queriam colocar em ações o que o livro traz narrando a inocência dela, porque a gente vê que Macabéa era inocente, e eles queriam demonstrar isso em ações, já que não tinha um narrador.

PESQUISADORA É, porque sem a figura do narrador, como é que a gente ia entender essa característica de Macabéa?

Vamos falar um pouquinho sobre a diferença do livro para o filme. A primeira diferença é a linguagem, pois uma é literária e outra é visual. O livro é escrito do ponto de vista do autor, é a ideia do autor, é aquilo que ele pensa, que ele analisou, que ele pesquisou, e ele vai lá e coloca no papel. Ali é o que ele quer colocar no papel. E pra mim, esse livro se torna muitos outros livros, porque ele vai ser interpretado conforme a cabeça, de cada leitor. Por exemplo, se eu descrever um baile em um dos meus livros, cada uma aqui vai ler e imaginar de um jeito, cada pessoa vai criar a própria história, mas o esqueleto do livro continua o mesmo. Eu acho que a diretora pegou o esqueleto do livro de Clarisse e foi criando outras coisas pra gente visualizar melhor a Macabéa. Mas vocês gostaram mais da Macabéa do livro ou do filme?

TODAS responderam que gostaram mais do livro

LANA Eu não acho que falha como adaptação, só que eu acho que o filme tem a visão de cada diretor, tipo, o filme é uma coisa meio cômica até, não é uma coisa dramática, mas eu acho que se fosse feito por outra pessoa com outra visão seria um filme totalmente diferente.

LÍRIO 1 E com outros recursos também.

LANA Mas mesmo assim, eu acho que é muito difícil capturar tudo aquilo que tem no livro. E também porque é um livro muito particular. Tem livro que parece um roteiro pronto pra um filme, que adapta pra o cinema e fica ótimo. Mas o livro é uma história muito singular.

PESQUISADORA É, principalmente a personagem de Macabéa. Ela é uma personagem muito diferenciado, muito embora a gente veja muitas macabéas por aí, porque ela representa a pobreza, a migração, a falta da educação, a educação no sentido de conhecimento. Mas o que vocês acham que mais prejudicava Macabéa?

DIEM A submissão dela, ela ficava passiva a qualquer coisa que o outro falasse ou fizesse.

PESQUISADORA E por que você acha que ela era submissa?

DIEM Por falta de conhecimento mesmo, por falta de autoestima,

LÍRIO 1 E também o trauma dela com a tia.

LANA Acho que basicamente porque ela era alheia a si e a tudo.

PESQUISADORA Eu acho que o que mais prejudicava Macabéa era a comunicação. A falta. Tem gente que não teve acesso à educação, mas se comunica muito bem, porque se comunicar é você lutar pelo que você quer, por meio das palavras você vai conseguir transitar, convencer, e faltava isso em Macabéa.

LANA Acho que no filme Macabéa fala demais, porque no livro era mais o Rodrigo narrando sobre ela.

DIEM É porque no livro é como se Rodrigo fosse a mente dela, os olhos dela, então a gente não precisa nem que ela fale.

1456 Exatamente, e não tem como colocar isso no filme.

PESQUISADORA E se a gente não tivesse lido a obra, talvez ficasse aquele vazio.

DIEM Porque é como a Lana disse, eles trouxeram uma Macabéa no livro muito cômica, as expressões, a cara dela.

PESQUISADORA Vamos tentar lembrar de situações, diálogos e personagens que apareceram na obra e não no filme, e vice-versa?

As meninas começaram a falar sobre várias coisas que no livro apareceram de um jeito e no filme, de outra completamente diferentes.

DIEM Macabéa alugando uma vaga num quarto, quando no livro ela já vivia no RJ

LANA Aparece dona Joana, a pessoa que aluna a vaga no quarto.

PESQUISADORA E também as **companheiras de quarto de Macabéa**, com diálogos para refletir aquilo que o narrador pensava e expressava de Macabéa. A exemplo das várias vezes em que se evidenciou a virgindade dela, por meio dos diálogos desses personagens secundários.

GIRASSOL Aparece o **chefe de seu Raimundo**, que chefe de Macabéa, o que despediu e depois se arrependeu de despedir Macabéa.

1456 Cena de Olímpico discursando de forma eloquente, fazendo uma alusão ao político que ele pretendia se tornar no futuro.

PESQUISADORA Mostra o trabalho dele e a cena do roubo do relógio, acho que o filme quis caracterizar melhor quem era Olímpico, seu mau-caratismo e acentuar que ele era um reles operário, e também foi acrescentada a cena de Glória falando sobre aborto, assunto não abordado na obra.

LÍRIO 1 Vena de Glória sendo induzida pela cartomante a roubar o namorado de alguma amiga. E outra coisa que não mostrou no livro, é que ela usou Olímpico para cumprir uma espécie de oferenda para conseguir um marido.

CHER Outra cena que destoa da natureza neutra e sem emoção de Macabéa é a do término do namoro, quando ela chora em desespero.

PESQUISADORA O filme conseguiu traduzir o que nós deduzimos ao ler a obra, a ida de Glória antecipadamente à cartomante, que apareceu 3 vezes no filme, quando na obra apareceu uma única vez.

GIRASSOL A cena de Glória convidando Macabéa para a festa de aniversário da mãe não existe na obra, o convite foi fruto de remorso, e ela só a convidou para um lanche e não pra um aniversário.

LANA Tiraram a cena do médico, acho que deveria ter sido acrescentada dele, da forma como foi descrita no livro, era muito engraçada.

PESQUISADORA Bem, existem diferenças nas versões livro e filme, sendo que a principal é a da linguagem. Enquanto na obra é utilizada a linguagem escrita e, por meio desta vamos criando as imagens na nossa cabeça, no filme a linguagem é visual e de início já nos deparamos com as cenas.

Resumindo, foram suprimidas algumas situações e acrescentadas outras, mas de um modo geral penso que o filme se aproxima do texto escrito por Clarice, pois conseguiu mostrar as situações que se propunha denunciar: **pobreza; desigualdade social; falta de uma educação escolar, que** acaba por prejudicar a inserção no mundo do trabalho; **a questão da migração**, o que por sua vez prejudica a mobilidade social; e o principal talvez seja a falta de comunicação, pois com ela as pessoas conseguem transitar e buscar um lugar qualquer no ambiente em que vive.

PESQUISADORA E por fim, vem o desfecho, com a cena da morte de Macabéa. Nessa situação o livro e o filme se aproximam, pois tanto em um como no outro, ela morre atropelada por um gringo. Fica evidenciada a inversão da profecia da cartomante, que disse que ela se casaria com um gringo.

Última pergunta: Macabéa era infeliz?

A maioria se atropelou dizendo a mesma coisa: Ela era tão inerte que não sabia o que era ser feliz ou infeliz. Era uma pessoa neutra.

APÊNDICE 5

FICHA DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Ficha de validação da Produção Técnica Tecnológica (PTT) - ProfEPT 1



MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA | PROFEPT
COORDENAÇÃO ACADÊMICA NACIONAL | CAN - GESTÃO 2022/2025

IDENTIFICAÇÃO	
Instituição Associada:	ProfEPT/Ifal
Discente:	Edileuza Lima Ferraz
Produto/Processo Educacional:	Círculos de Leitura: possibilidades de desenvolvimento do letramento literário no Ensino Médio Integrado ao Técnico
Dissertação:	Letramento Literário em ambiente formal no ensino médio integrado: o portfólio de círculos de leitura na biblioteca escolar
Orientador (a):	Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti
Área de Concentração:	Educação Profissional e Tecnológica (EPT)
Linha de Pesquisa:	Práticas Educativas em EPT – Linha 1
Macroprojeto	Propostas metodológicas e recursos didáticos em espaços formais e não formais de ensino na EPT – Macroprojeto 1

TIPOS DE PRODUTOS TÉCNICO TECNOLÓGICOS	
<input checked="" type="checkbox"/>	PTT1: Material didático/instrucional
<input type="checkbox"/>	PTT2: Curso de formação profissional
<input type="checkbox"/>	PTT3: Tecnologia social
<input type="checkbox"/>	PTT4: Software/Aplicativo
<input type="checkbox"/>	PTT5: Evento Organizados
<input type="checkbox"/>	PTT6: Relatório Técnico
<input type="checkbox"/>	PTT7: Acervo
<input type="checkbox"/>	PTT8: Produto de comunicação
<input type="checkbox"/>	PTT9: Manual/Protocolo
<input type="checkbox"/>	PTT10: Carta, mapa ou similar

CRITÉRIOS			
		Sim	Não
Aderência	À projeto de pesquisa	X	
	À linha de pesquisa do Programa	X	

	Área de concentração do Programa	X	
	Ao macroprojeto	X	
Replicabilidade	O PE pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que ele foi produzido?	X	
Registro	Possibilidade de registro/depósito de propriedade intelectual	X	

IMPACTO	
	Alto - PTT gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
X	Médio - PTT gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.
	Baixo - PTT gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.
IMPACTO - DEMANDA	
X	Demanda espontânea
	Demanda contratada
	Demanda por concorrência (ex. Edital)
IMPACTO - OBJETIVO DA PESQUISA	
	Experimental
	Sem um foco de aplicação inicialmente definido
X	Solução de um problema previamente identificado

ABRANGÊNCIA TERRITORIAL	
X	Local
	Regional
	Nacional
	Internacional
INOVAÇÃO	
	Alto teor inovativo (desenvolvido com base em conhecimento inédito).
X	Médio teor inovativo
	Baixo teor inovativo
	Sem inovação aparente
COMPLEXIDADE (Mais de um item pode ser marcado)	
X	O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação.
X	A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE
X	Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico empregados na respectiva dissertação.

X	Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.
APLICABILIDADE	
X	PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa.
X	PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o mestrado.
	PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição.
ESTÁGIO DA TECNOLOGIA	
	Piloto/protótipo
	Em teste
X	Finalizado/implantado
	Não se aplica
ACESSO	
	PE sem acesso.
	PE com acesso via rede fechada.
X	PE com acesso público e gratuito.
X	PE com acesso público e gratuito pela página do Programa.
X	PE com acesso por Repositório institucional com acesso público e gratuito.

PANORAMA SOBRE A ABRANGÊNCIA E/OU A REPLICABILIDADE DO PTT

O PPT possui condições para uma maior abrangência, embora tenha se desenvolvido em contexto local. No entanto, é evidente as condições de replicabilidade a considerar o público a que se destinou, bem como necessárias adaptações em caso de uma maior abrangência, incluindo um público mais heterogêneo, como é o caso de estudantes do gênero masculino.

Até 255 caracteres

DESCRIÇÃO DO TIPO DE IMPACTO DO PTT

O PPT Portfólio, de médio teor inovador, advindo de uma demanda espontânea, teve a pretensão de solucionar um problema previamente identificado e na sua especificidade se prestou ao tratamento da metodologia empregada para uma experiência de ensino por meio dos círculos de leitura.

Até 255 caracteres

ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA	
Presidente da banca	Prof.Dr.Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (ProfEPT/Ifal)
Membro externo	<i>Lúcia de Fátima Santos</i> Profa.Dra.Lúcia de Fátima Santos (Fale/Ufal)
Membro interno ProfEPT/IA	Prof.Dr.Jarbas Maurício Gomes (ProfEPT/Ifal)
Data da defesa	22/03/2024

Ficha elaborada a partir de:

1. Documento de Área Ensino CAPES. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ORIENTACOES_REGISTRO_PRODUCAO_TECNICA_TECNOLOGICA_ENSINO.pdf. Acesso em 08 nov. 2022.
2. RIZZATTI, et al. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. *ACTIO*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: http://profqui.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/334/2020/09/Artigo_Os-Prod.-Educ.-dos-PPG-profissionais.pdf. Acesso em 08 nov. 2022.

ANEXO 1

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió

TERMO DE COMPROMISSO

Senhor(a) coordenador(a) do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal)

Eu, Edileuza Lima Ferraz, servidora técnico-administrativa, proponente do projeto de pesquisa intitulado “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti, comprometo-me a dar início à pesquisa de campo ou coleta de dados, referentes a essa pesquisa, somente após apreciação e aprovação pelo CEPSH/Ifal e parecer de aprovação disponível na Plataforma Brasil.

Asseguro o caráter anônimo dos dados coletados em documentos ou junto aos participantes e, quando da divulgação dos resultados, as identidades dos participantes serão preservadas, salvo quando estes manifestarem desejo em contrário. Os materiais da pesquisa: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento Livre e respostas dos questionários, serão mantidos em confidência estrita, em arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa.

Responsabilizo-me pelo andamento, realização e conclusão da pesquisa conforme o Protocolo de Pesquisa encaminhado ao CEPSH/Ifal ou, em caso de modificações, informá-las ao Comitê. Declaro que as informações fornecidas nos documentos são verdadeiras e que nenhuma informação relevante para a análise ética foi omitida. Comprometo-me a encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, ou justificar ao CEPSH/Ifal, ou à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) a não publicação dos resultados, bem como a encaminhar relato sobre eventos adversos decorrentes da pesquisa.

Declaro que li e entendi as Resoluções (CNS) 466/2012, 510/2016 e suas complementares e enviaremos ao CEPSH/Ifal, via Plataforma Brasil, o relatório parcial e relatório final, ou justificativa, a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Maceió (AL), _____ de _____ de _____.

Edileuza Lima Ferraz
Pesquisadora Responsável

ANEXO 2

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió

**TERMO DE CONCORDÂNCIA DOS SERVIÇOS ENVOLVIDOS DA INSTITUIÇÃO
PROPONENTE**

Maceió (AL), _____ de _____ de _____.

Senhor(a) Coordenador(a) do CEPESH/Ifal

Declaramos que nós da Direção-Geral, do *Campus* Maceió, estamos cientes e de acordo em que serão desenvolvidos círculos de leitura com estudantes da terceira série do Ensino Médio Integral, em apoio a realização da pesquisa “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, observadas as resoluções 466/2012, 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNE) e suas complementares, pela pesquisadora Edileuza Lima Ferraz, estudante do curso do Mestrado em Educação Profissional do Instituto Federal de Alagoas, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal), até o seu final, previsto para o mês de abril de 2023.

Diretor-Geral do *Campus* Maceió

ANEXO 3

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO
DE IMAGEM, SOM DE VOZ E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA
(ESTUDANTE – MAIOR DE 18 ANOS)

Eu, _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem, som de voz e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO** a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, sob responsabilidade de Edileuza Lima Ferraz, vinculada ao Curso do Mestrado em Educação Profissional do Instituto Federal de Alagoas.

Minha imagem, som de voz e/ou depoimentos podem ser utilizados apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e atividades educacionais.

Tenho ciência de que NÃO haverá divulgação da minha imagem, nem som de voz, nem depoimentos por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitada anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens, sons de voz e/ou depoimentos são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem, som de voz e/ou depoimentos, em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com a participante.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Maceió, ____ de _____ de _____.

ANEXO 4

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Campus Maceió

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO
DE IMAGEM, SOM DE VOZ E DEPOIMENTOS PARA FINS DE PESQUISA
(ESTUDANTE – MENOR DE 18 ANOS)

Eu, _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso da imagem som de voz e/ou depoimento da menor à qual sou responsável, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), *AUTORIZO* a utilização da imagem e som de voz, na qualidade de responsável pela participante/entrevistada no projeto de pesquisa intitulado “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, sob responsabilidade de Edileuza Lima Ferraz, vinculada ao Curso do Mestrado em Educação Profissional do Instituto Federal de Alagoas.

A imagem, o som de voz e/ou depoimentos podem ser utilizados apenas para análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e atividades educacionais.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da sua imagem, nem som de voz, nem depoimentos por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitada anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens, sons de voz e/ou depoimentos são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Desse modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da imagem, som de voz e/ou depoimentos da menor à qual sou responsável, em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Lei N.º 13.146/2015).

Este documento foi elaborado em três vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa, outra com a participante e a outra com o(a) responsável pela participante.

_____ (Assinatura da participante)

_____ (Assinatura do/a Responsável pela Participante da Pesquisa)

_____ (Nome e Assinatura da pesquisadora)

Maceió, ____ de _____ de _____.

ANEXO 5**Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas – CEPSh/Ifal**

Rua Dr. Odilon Vasconcelos, 103, 4º Andar, Sala 404
 Jatiúca - Maceió – AL. CEP.: 57035-660
 Telefone: (82) 3194-1176 - E-mail: eticaempesquisa@ifal.edu.br

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)
ESTUDANTE – MAIORES DE 18 ANOS**

Título do Projeto: “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”

Pesquisadora responsável: Edileuza Lima Ferraz e orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti

Nome do participante da pesquisa: _____

Data de Nascimento: (não obrigatório) ____/____/____

Neste momento o(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, em caráter voluntário, do Projeto de Pesquisa “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, sob a responsabilidade da pesquisadora Edileuza Lima Ferraz e orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti. Por favor, leia atentamente o texto seguinte e esclareça com a pesquisadora todas as dúvidas que surgirem. Após serem sanadas as possíveis dúvidas, caso aceite participar do estudo, assine ao final deste Termo e rubrique as demais páginas, o qual consta em duas vias. Uma delas pertence a você e a outra à pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhuma penalidade.

1. A pesquisa tem por objetivo compreender os principais motivos que desencadeiam o desinteresse pela leitura de estudantes do ensino médio integrado que frequentam a biblioteca do *Campus* Maceió e como esse desinteresse reverbera nas outras dimensões de sua vida enquanto estudante e ser humano que almeja se inserir no mercado de trabalho, levando-se em consideração que é imprescindível incentivar o desenvolvimento da capacidade cultural, integrado ao mundo do trabalho, inserindo-se no contexto de uma construção enquanto ser humano emancipado e livre de limitações. A pesquisa terá o diferencial de ser realizada por uma servidora, ocupante do cargo técnico-administrativo, que exerce suas funções numa biblioteca, assumindo-se como agente de letramento literário e participando ativamente da dinâmica laboral do seu setor, em vez de ser apenas uma entregadora e receptora de livros. No decorrer da investigação, pretende-se elaborar o Produto Educacional, tendo em vista que, na modalidade de Mestrado Profissional, é obrigatória a elaboração de um produto, que necessariamente deverá ser aplicado no contexto real, seja em sala de aula ou em outro ambiente não necessariamente formal de ensino. Assim, como resultados esperados, pretende-se estimular a criatividade literária das alunas ao possibilitar que estas, não só tenham acesso às produções literárias, mas que também percebam-se capazes de produzir essas obras, incentivando o desenvolvimento da capacidade cultural, integrado ao mundo do trabalho, inserindo-se no contexto de uma construção enquanto ser humano emancipado e livre de limitações. Dessa forma, espera-se contribuir em alguma medida para uma formação omnilateral na Educação Profissional e Tecnológica. Assim, a pretensa pesquisa também vai

expandir a situação do universo cultural das estudantes, a partir de uma atividade voltada para a promoção da literatura e dos valores da biblioteca, a roda de leitura, e dar origem a um produto educacional, o Portfólio de círculos de leitura, com potencial para desencadear outras pesquisas e/ou desdobramentos em formato de publicações e participações com apresentações orais em eventos locais, regionais e/ou nacionais.

Almeja-se, bem como, possibilitar aporte teórico-metodológico para, de algum modo, repensar o ensino de literatura, tendo em vista a obra trabalhada, em contextos não formais de ensino, a exemplo das bibliotecas escolares, bem como na formalidade de práticas pedagógicas de sala de aula.

2. O papel dos pesquisadores nessa pesquisa compreende: i. organizar oito círculos de leitura, para proceder com a leitura e análise da obra “A Hora da Estrela”; ii. Providenciar cópias da obra, extraída do site https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305284/mod_resource/content/2/Lispector_1_999_Estrela.pdf, que disponibiliza gratuitamente, com o intuito de garantir a leitura dessa e de outras obras a quem não pode comprar ou ler por meios eletrônicos; iii. Escolher um ambiente adequado e reservado para o desenvolvimento dos círculos de leitura, a saber: sala de vídeo da biblioteca do *Campus* Maceió; e iv. Assistir ao filme “A Hora da Estrela” na sala de vídeo. O seu papel na pesquisa compreende a sua participação por meio de círculos de leitura, sob a orientação dos pesquisadores, em que se discutirão questões relativas à temática proposta no questionário-perfil, qual seja, leitura e letramento literário, bem como, ao final da pesquisa, responder ao questionário de avaliação do Produto Educacional (PE) e dos círculos de leitura.

2. Na duração da pesquisa, que acontecerá no mês de abril de 2023, em especial, poderão ocorrer incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental, a saber: por se tratar de uma pesquisa em que usar-se-ão questionários, entrevistas, narrativas autobiográficas, como instrumentos de coleta de dados, é passível de existir constrangimento ou aborrecimento em responder aos questionários, desconforto ao se expor durante as entrevistas e narrativas autobiográficas. Além dos riscos de invasão de privacidade e o de perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados. Em que o primeiro poderá ser minimizado por meio da exclusão desses arquivos do armazenamento virtual, assim que for finalizada a coleta dos dados, e colocados em armazenamento local (HD, cartão de memória, pendrive). E o segundo evitando expor a participante a situações que a faça perder o autocontrole e se comprometendo a não divulgar pensamentos e sentimentos nunca revelados sem a permissão do participante, caso ocorra. A qualquer momento a colaboradora poderá ser desligada, a partir de seu pedido, e o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa para que se avalie a necessidade de adequação. Havendo quebra de sigilo, os dados com sigilo rompido no curso do estudo serão descartados. Na condição de pesquisadores responsáveis pela pesquisa, caso o participante venha a sofrer qualquer tipo de dano, previsto ou não, resultante de sua participação na pesquisa, nos comprometemos a buscar a assistência que se faça necessária.

3. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente, são: além da fundamentação científica acerca do tema, poder contribuir para uma formação omnilateral das estudantes, baseada na associação entre as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura no processo formativo a partir do Produto Educacional que se presta à oferta de um Portfólio, cuja participação das estudantes do Ifal dar-se-á de modo voluntário. No que diz respeito aos círculos de leitura, intenciona-se que viabilizem momentos de leitura e reflexão a partir da obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, em dois encontros semanais, totalizando oito ao final da pesquisa. Desse modo, a pretensa pesquisa vai expandir a

situação do universo cultural das estudantes, a partir de uma atividade voltada para a promoção da literatura e dos valores da biblioteca, a roda de leitura, e dar origem a um produto educacional inovador, o Portfólio de círculos de leitura, com potencial para desencadear outras pesquisas, considerando o local onde esta será realizada: a biblioteca escolar.

4. Caso você aceite participar, será necessária a sua permanência na escola após o término das aulas, especificamente na Biblioteca Benevides Monte, todas as segundas e quartas-feiras. Pretende-se realizar dois encontros semanais de duas horas cada, perfazendo o total de oito encontros e dezesseis horas, no horário das 12:00 às 14:00, durante o mês de abril de 2023. Nesses encontros, sob a orientação dos pesquisadores, serão realizados círculos de leitura, nas quais procederemos à leitura do livro “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, bem como, desenvolver o diálogo e a criticidade acerca de assuntos que se considerem relevantes na obra, além de discorrer sobre questões relativas à temática proposta no questionário-perfil. A sua participação também ocorrerá por meio de narrativas autobiográficas e de um questionário de avaliação do Produto Educacional (PE), após a sua elaboração, e da finalização dos círculos de leitura. A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo no seu tratamento escolar.

6. Não haverá despesa alguma decorrente de sua participação nesta Pesquisa, podendo deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerá nenhuma punição.

6. Não haverá nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela sua participação na pesquisa; no entanto, caso tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, será ressarcido.

6. Em caso de algum dano decorrente da sua participação nesta pesquisa, conforme determina a Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, será providenciada a assistência necessária e terá direito a buscar indenização, nos termos da Lei.

6. O seu nome será mantido em sigilo, garantindo a privacidade, e se desejar terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre os estudos dessa pesquisa, como também será informado das suas consequências, enfim, tudo o que anseie saber antes, durante e depois da sua participação.

7. As informações coletadas serão usadas, única e exclusivamente, para a finalidade desta pesquisa e os resultados serão publicados para fins acadêmicos

8. Qualquer dúvida, solicita-se a gentileza de entrar em contato com a pesquisadora Edileuza Lima Ferraz, pelo telefone: 82-98184-8319, e-mail edileuza.ferraz@ifal.edu.br, endereço: Av. Venerável João Vieira Chagas, 93. Bairro Jatiúca, Maceió/AL – 57036-655.

9. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, que é um colegiado (grupo de pessoas que se reúnem para discutir assuntos em benefício de toda uma população), interdisciplinar (que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas, ou áreas de conhecimento) e independente (mantém-se livre de qualquer influência), com dever público (relativo ao coletivo, a um país, estado ou cidade), criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade, dignidade e bem-estar. É responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. São consideradas pesquisas com seres humanos, aquelas que envolvam diretamente contato com indivíduo (realização de diagnóstico, entrevistas e acompanhamento clínico) ou aquelas que não envolvam contato, mas que manipulem informações dos seres humanos (prontuários, fichas clínicas, fichas de alunos ou informações de diagnósticos catalogadas em livros ou outros meios). Assim, se você tiver dúvidas sobre seus

direitos como participante da pesquisa, a qualquer momento você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal), situado na Rua Dr. Odilon Vasconcelos, No. 103, 4o. Andar, Sala 404, Jatiúca – Maceió – AL, pelo Telefone: (82) 3194-1176 (das 08:00 às 12:00 de segunda a sexta) ou pelo e-mail “eticaempesquisa@ifal.edu.br”.

Eu, _____,

declaro ter sido informado e concordo em permitir a minha participação, em caráter voluntário, do projeto de pesquisa “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, sem que para isso eu tenha sido forçada ou obrigada.

Maceió, _____ de _____ de _____.

Assinatura da participante da pesquisa

Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti – Pesquisador

Edileuza Lima Ferraz – Pesquisadora responsável pela pesquisa

ANEXO 6**Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas – CEPSh/Ifal**

Rua Dr. Odilon Vasconcelos, 103, 4º Andar, Sala 404
Jatiúca - Maceió – AL. CEP.: 57035-660
Telefone: (82) 3194-1176 - E-mail: eticaempesquisa@ifal.edu.br

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA RESPONSÁVEIS, COM PESQUISA EM MENORES DE IDADE E PARA
PESSOAS LEGALMENTE INCAPAZES)**

Título do Projeto: “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”

Pesquisadora responsável: Edileuza Lima Ferraz e orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti

Nome do participante da pesquisa: _____

Data de Nascimento: (não obrigatório) _____/_____/_____

Neste momento a sua filha/tutelada está sendo convidada a participar, em caráter voluntário, do Projeto de Pesquisa “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, sob a responsabilidade da pesquisadora Edileuza Lima Ferraz e orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti. Por favor, leia atentamente o texto seguinte e esclareça com a pesquisadora todas as dúvidas que surgirem. Após serem sanadas as possíveis dúvidas, caso aceite participar do estudo, assine ao final deste Termo e rubrique as demais páginas, o qual consta em duas vias. Uma delas pertence a você e a outra à pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não sofrerá nenhuma penalidade.

1. A pesquisa tem por objetivo compreender os principais motivos que desencadeiam o desinteresse pela leitura de estudantes do ensino médio integrado que frequentam a biblioteca do *Campus* Maceió e como esse desinteresse reverbera nas outras dimensões de sua vida enquanto estudante e ser humano que almeja se inserir no mercado de trabalho, levando-se em consideração que é imprescindível incentivar o desenvolvimento da capacidade cultural, integrado ao mundo do trabalho, inserindo-se no contexto de uma construção enquanto ser humano emancipado e livre de limitações. A pesquisa terá o diferencial de ser realizada por uma servidora, ocupante do cargo técnico-administrativo, que exerce suas funções numa biblioteca, assumindo-se como agente de letramento literário e participando ativamente da dinâmica laboral do seu setor, em vez de ser apenas uma entregadora e receptora de livros. No decorrer da investigação, pretende-se elaborar o Produto Educacional, tendo em vista que, na modalidade de Mestrado Profissional, é obrigatória a elaboração de um produto, que necessariamente deverá ser aplicado no contexto real, seja em sala de aula ou em outro ambiente não necessariamente formal de ensino. Assim, pretende-se estimular a criatividade literária das alunas ao possibilitar que estas, não

só tenham acesso às produções literárias, mas que também percebam-se capazes de produzir essas obras, incentivando o desenvolvimento da capacidade cultural, integrado ao mundo do trabalho, inserindo-se no contexto de uma construção enquanto ser humano emancipado e livre de limitações. Dessa forma, espera-se contribuir em alguma medida para uma formação omnilateral na Educação Profissional e Tecnológica. Assim, a pretensa pesquisa também vai expandir a situação do universo cultural das estudantes, a partir de uma atividade voltada para a promoção da literatura e dos valores da biblioteca, a roda de leitura, e dar origem a um produto educacional, o Portfólio de círculos de leitura, com potencial para desencadear outras pesquisas e/ou desdobramentos em formato de publicações e participações com apresentações orais em eventos locais, regionais e/ou nacionais. Almeja-se, bem como, possibilitar aporte teórico-metodológico para, de algum modo, repensar o ensino de literatura, tendo em vista a obra trabalhada, em contextos não formais de ensino, a exemplo das bibliotecas escolares, bem como na formalidade de práticas pedagógicas de sala de aula.

2. O papel dos pesquisadores nessa pesquisa compreende: i. organizar oito círculos de leitura, para proceder com a leitura e análise da obra “A Hora da Estrela”; ii. Providenciar cópias da obra, extraída do site https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305284/mod_resource/content/2/Lispector_1_999_Estrela.pdf, que disponibiliza gratuitamente, com o intuito de garantir a leitura dessa e de outras obras a quem não pode comprar ou ler por meios eletrônicos; iii. Escolher um ambiente adequado e reservado para o desenvolvimento dos círculos de leitura, a saber: sala de vídeo da biblioteca do *Campus* Maceió; e iv. Assistir ao filme “A Hora da Estrela” na sala de vídeo. Quanto ao papel da sua filha/tutelada nesta pesquisa, compreende, compreende a participação por meio de círculos de leitura, sob a orientação dos pesquisadores, em que se discutirão questões relativas à temática proposta no questionário-perfil, qual seja, leitura e letramento literário, bem como, ao final da pesquisa, responder ao questionário de avaliação do Produto Educacional (PE) e dos círculos de leitura.

2. Na duração da pesquisa, que acontecerá no mês de abril de 2023, em especial, poderão ocorrer incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental, a saber: por se tratar de uma pesquisa em que usar-se-ão questionários, entrevistas, narrativas autobiográficas, como instrumentos de coleta de dados, é passível de existir constrangimento ou aborrecimento em responder aos questionários, desconforto ao se expor durante as entrevistas e narrativas autobiográficas. Além dos riscos de invasão de privacidade e o de perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados. Em que o primeiro poderá ser minimizado por meio da exclusão desses arquivos do armazenamento virtual, assim que for finalizada a coleta dos dados, e colocados em armazenamento local (HD, cartão de memória, pendrive). E o segundo evitando expor a participante a situações que a faça perder o autocontrole e se comprometendo a não divulgar pensamentos e sentimentos nunca revelados sem a permissão do participante, caso ocorra. A qualquer momento a colaboradora poderá ser desligada, a partir de seu pedido, e o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa para que se avalie a necessidade de adequação. Havendo quebra de sigilo, os dados com sigilo rompido no curso do estudo serão descartados. Na condição de pesquisadores responsáveis pela pesquisa, caso o participante venha a sofrer qualquer tipo de dano, previsto ou não, resultante de sua participação na pesquisa, nos comprometemos a buscar a assistência que se faça necessária.

2. Os benefícios esperados com a participação de sua filha/tutelada no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente, são: além da fundamentação científica acerca

do tema, poder contribuir para uma formação omnilateral das estudantes, baseada na associação entre as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura no processo formativo a partir do Produto Educacional que se presta à oferta de um Portfólio, cuja participação das estudantes do Ifal dar-se-á de modo voluntário. No que diz respeito aos círculos de leitura, intenciona-se que viabilizem momentos de leitura e reflexão a partir da obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, em dois encontros semanais, totalizando oito ao final da pesquisa. Desse modo, a pretensa pesquisa vai expandir a situação do universo cultural das estudantes, a partir de uma atividade voltada para a promoção da literatura e dos valores da biblioteca, a roda de leitura, e dar origem a um produto educacional inovador, o Portfólio de círculos de leitura, com potencial para desencadear outras pesquisas, considerando o local onde esta será realizada: a biblioteca escolar. Caso você concorde com a participação de sua filha/tutelada, será necessária a permanência dela na escola após o término das aulas, especificamente na Biblioteca Benevides Monte, todas as segundas e quartas-feiras. Pretende-se realizar dois encontros semanais de duas horas cada, perfazendo o total de oito encontros e dezesseis horas, no horário das 12:00 às 14:00, durante o mês de abril de 2023. Nesses encontros, sob a orientação dos pesquisadores, serão realizados círculos de leitura, nas quais procederemos à leitura do livro “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, bem como, desenvolver o diálogo e a criticidade acerca de assuntos que se considerem relevantes na obra, além de discorrer sobre questões relativas à temática proposta no questionário-perfil. A sua participação também ocorrerá por meio de narrativas autobiográficas e de um questionário de avaliação do Produto Educacional (PE), após a sua elaboração, e da finalização dos círculos de leitura. A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo no seu tratamento escolar. Não haverá despesa alguma decorrente da participação nesta pesquisa e filha/tutelada poderá deixar de participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerá nenhuma punição.

2. Não haverá nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação da sua filha/tutelada; no entanto, caso tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, será ressarcido(a).

3. Em caso de algum dano decorrente da participação de filha/tutelada nesta pesquisa, conforme determina a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, será providenciada a assistência necessária e terá direito a buscar indenização, nos termos da Lei.

4. O nome da sua filha/tutelada será mantido em sigilo, garantindo a privacidade, e se desejar terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre os estudos dessa pesquisa, como também será informado das suas consequências, enfim, tudo o que anseie saber antes, durante e depois da participação dele(a).

5. As informações coletadas através da participação da sua filha/tutelada serão usadas, única e exclusivamente, para a finalidade desta pesquisa e que os resultados serão publicados para fins acadêmicos.

6. Qualquer dúvida solicita-se a gentileza de entrar em contato com a pesquisadora Edileuza Lima Ferraz, pelo telefone: 82-98184-8319, e-mail edileuza.ferraz@ifal.edu.br, endereço: Av. Venerável João Vieira Chagas, 93. Bairro Jatiúca, Maceió/AL – 57036-655.

7. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa que é um colegiado (grupo de pessoas que se reúnem para discutir assuntos em benefício de toda uma população), interdisciplinar (que estabelece relações entre duas ou mais disciplinas ou áreas de conhecimento) e independente (mantém-se livre de qualquer

influência), com dever público (relativo ao coletivo, a um país, estado ou cidade), criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade, dignidade e bem-estar. É responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. São consideradas pesquisas com seres humanos, aquelas que envolvam diretamente contato com indivíduo (realização de diagnóstico, entrevistas e acompanhamento clínico) ou aquelas que não envolvam contato, mas que manipulem informações dos seres humanos (prontuários, fichas clínicas, fichas de alunos ou informações de diagnósticos catalogadas em livros ou outros meios).

Assim, se você tiver dúvidas sobre seus direitos e do(a) seu(sua) filho(a)/tutelado(a) como participante da pesquisa, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal), situado na Rua Dr. Odilon Vasconcelos, No. 103, 4o. Andar, Sala 404, Jatiúca – Maceió – AL, pelo Telefone: (82) 3194-1176 (das 08:00 às 12:00 de segunda a sexta) ou pelo e-mail “eticaempesquisa@ifal.edu.br” (a qualquer momento).

Eu, _____,
declaro ter sido informado sobre a participação da minha filha/tutelada no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação da minha filha/tutelada implicam, concordo em permitir a participação da minha filha/tutelada, em caráter voluntário, do projeto de pesquisa “LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR”, sem que para isso eu tenha sido forçada ou obrigada.

Maceió, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável pela Participante da Pesquisa

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti - Pesquisador

Edileuza Lima Ferraz - Pesquisara responsável pela pesquisa

ANEXO 7

Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas – CEPESH/Ifal

Rua Dr. Odilon Vasconcelos, 103, 4º Andar, Sala 404
Jatiúca - Maceió – AL. CEP.: 57035-660
Telefone: (82) 3194-1176 - E-mail: eticaempesquisa@ifal.edu.br

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.A.L.E.) (Maiores de 12 anos e menores de 18 anos)

Título do Projeto: LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O PORTFÓLIO DE CÍRCULOS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Pesquisador/a Responsável: Edileuza Lima Ferraz e orientação do Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti

Local da Pesquisa: Biblioteca Benevides Monte, *Campus* Maceió

Endereço: R. Mizael Domingues, 530 – Centro, Maceió – AL, 57020-600

O que significa assentimento?

Assentimento é um termo que nós, pesquisadores/as, utilizamos quando convidamos uma pessoa da sua faixa etária para participar de um estudo. Depois de compreender do que se trata o estudo, e se concordar em participar dele, você pode assinar este documento.

Nós te asseguramos que você terá todos os seus direitos respeitados e receberá todas as informações sobre o estudo, por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entende. Por favor, peça ao/à responsável pela pesquisa ou à equipe de estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Informação à participante

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa, que tem o objetivo de compreender os principais motivos que desencadeiam o desinteresse pela leitura de estudantes do ensino médio integrado que frequentam a biblioteca do *Campus* Maceió e como esse desinteresse reverbera nas outras dimensões de sua vida enquanto estudante e ser humano que almeja se inserir no mercado de trabalho.

A pesquisa tem por objetivo compreender os principais motivos que desencadeiam o desinteresse pela leitura de estudantes do ensino médio integrado que frequentam a biblioteca do *Campus* Maceió e como esse desinteresse reverbera nas outras dimensões de sua vida enquanto estudante e ser humano que almeja se inserir no mercado de trabalho, levando-se em consideração que é imprescindível incentivar o desenvolvimento da capacidade cultural, integrado ao mundo do trabalho, inserindo-

se no contexto de uma construção enquanto ser humano emancipado e livre de limitações. A pesquisa terá o diferencial de ser realizada por uma servidora, ocupante do cargo técnico-administrativo, que exerce suas funções numa biblioteca, assumindo-se como agente de letramento literário e participando ativamente da dinâmica laboral do seu setor, em vez de ser apenas uma entregadora e receptora de livros. No decorrer da investigação, pretende-se elaborar o Produto Educacional, tendo em vista que, na modalidade de Mestrado Profissional, é obrigatória a elaboração de um produto, que necessariamente deverá ser aplicado no contexto real, seja em sala de aula ou em outro ambiente não necessariamente formal de ensino. Assim, como resultados esperados, pretende-se estimular a criatividade literária das alunas ao possibilitar que estas, não só tenham acesso às produções literárias, mas que também percebam-se capazes de produzir essas obras, incentivando o desenvolvimento da capacidade cultural, integrado ao mundo do trabalho, inserindo-se no contexto de uma construção enquanto ser humano emancipado e livre de limitações. Dessa forma, espera-se contribuir em alguma medida para uma formação omnilateral na Educação Profissional e Tecnológica. Assim, a pretensa pesquisa também vai expandir a situação do universo cultural das estudantes, a partir de uma atividade voltada para a promoção da literatura e dos valores da biblioteca, a roda de leitura, e dar origem a um produto educacional, o Portfólio de círculos de leitura, com potencial para desencadear outras pesquisas e/ou desdobramentos em formato de publicações e participações com apresentações orais em eventos locais, regionais e/ou nacionais. Almeja-se, bem como, possibilitar aporte teórico-metodológico para, de algum modo, repensar o ensino de literatura, tendo em vista a obra trabalhada, em contextos não formais de ensino, a exemplo das bibliotecas escolares, bem como na formalidade de práticas pedagógicas de sala de aula.

O estudo será desenvolvido na sala de vídeo da Biblioteca Benevides Monte, do Campus Maceió, todas as segundas e quartas-feiras. Pretende-se realizar dois encontros semanais de duas horas cada, perfazendo o total de oito encontros e dezesseis horas, no horário das 12:00 às 14:00, durante o mês de abril de 2023. A sua participação também ocorrerá por meio de narrativas autobiográficas e de um questionário de avaliação do Produto Educacional (portfólio) após a sua elaboração, e da finalização dos círculos de leitura. Durante os círculos haverá gravação de áudio e vídeo, contudo, a sua identidade será mantida com o uso de tarjas no rosto. Será assegurado o caráter anônimo dos dados coletados em documentos ou junto aos participantes e, quando da divulgação dos resultados, a sua identidade será preservada, salvo se você manifestar desejo em contrário. Os materiais da pesquisa: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento Livre e respostas dos questionários serão mantidos em confidência estrita, em arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa.

Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente, são: além da fundamentação científica acerca do tema, poder contribuir para uma formação omnilateral das estudantes, baseada na associação entre as dimensões do trabalho, da ciência e da cultura no processo formativo a partir do Produto Educacional que se presta à oferta de um Portfólio, cuja participação das estudantes do Ifal dar-se-á de modo voluntário. No que diz respeito aos círculos de leitura, intenciona-se que viabilizem momentos de leitura e reflexão a partir da obra “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, em dois encontros semanais, totalizando oito ao final da pesquisa. Desse modo, a pretensa pesquisa vai expandir a situação do

universo cultural das estudantes, a partir de uma atividade voltada para a promoção da literatura e dos valores da biblioteca, a roda de leitura, e dar origem a um produto educacional inovador, o Portfólio de círculos de leitura, com potencial para desencadear outras pesquisas, considerando o local onde esta será realizada: a biblioteca escolar.

Na duração da pesquisa, que acontecerá no mês de abril de 2023, em especial, poderão ocorrer incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental, a saber: por se tratar de uma pesquisa em que usar-se-ão questionários, entrevistas, narrativas autobiográficas, como instrumentos de coleta de dados, é passível de existir constrangimento ou aborrecimento em responder aos questionários, desconforto ao se expor durante as entrevistas e narrativas autobiográficas. Além dos riscos de invasão de privacidade e o de perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados. Em que o primeiro poderá ser minimizado por meio da exclusão desses arquivos do armazenamento virtual, assim que for finalizada a coleta dos dados, e colocados em armazenamento local (HD, cartão de memória, pendrive). E o segundo evitando expor a participante a situações que a faça perder o autocontrole e se comprometendo a não divulgar pensamentos e sentimentos nunca revelados sem a permissão do participante, caso ocorra. A qualquer momento a colaboradora poderá ser desligada, a partir de seu pedido, e o fato comunicado ao Conselho de Ética na Pesquisa para que se avalie a necessidade de adequação. Havendo quebra de sigilo, os dados com sigilo rompido no curso do estudo serão descartados. Na condição de pesquisadores responsáveis pela pesquisa, caso o participante venha a sofrer qualquer tipo de dano, previsto ou não, resultante de sua participação na pesquisa, nos comprometemos a buscar a assistência que se faça necessária.

Que deve fazer se você concordar voluntariamente em participar da pesquisa?

Caso você aceite participar, será necessária a sua permanência na escola após o término das aulas, especificamente na Biblioteca Benevides Monte, todas as segundas e quartas-feiras. Pretende-se realizar dois encontros semanais de duas horas cada, perfazendo o total de oito encontros e dezesseis horas, no horário das 12:00 às 14:00, durante o mês de abril de 2023. Nesses encontros, sob a orientação dos pesquisadores, serão realizados círculos de leitura, nas quais procederemos à leitura do livro “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, bem como, desenvolver o diálogo e a criticidade acerca de assuntos que se considerem relevantes na obra, além de discorrer sobre questões relativas à temática proposta no questionário-perfil. A sua participação também ocorrerá por meio de narrativas autobiográficas e de um questionário de avaliação do Produto Educacional (PE), após a sua elaboração, e da finalização dos círculos de leitura.

A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo no seu tratamento escolar.

Contato para dúvidas

Se você ou seu/sua responsável tiver dúvidas com relação ao estudo ou aos riscos relacionados a ele, você deve contatar a pesquisadora principal ou membro de sua equipe: Edileuza Lima Ferraz, e-mail: edileuza.ferraz@ifal.edu.br, e Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti, e-mail: ricardo.cavaltanti@ifal.edu.br, pelo telefone: 2126-7026 ou no endereço: R. Mizael Domingues, 530 – Centro, Maceió – AL, 57020-600

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal). O CEP tem por objetivo principal assegurar os interesses dos participantes de pesquisas que envolvam seres humanos, procurando garantir que elas sejam realizadas de maneira ética. Caso o senhor ou a senhora tenha dúvidas, mesmo após os esclarecimentos dados pelos pesquisadores responsáveis por esta pesquisa, ou se tiver sugestões ou denúncias, o CEPSH estará disponível para lhe atender. O CEPSH está localizado na Rua Dr. Odilon Vasconcelos, nº 103, 4º andar, sala 404 – Bairro: Jatiúca, Maceió, Alagoas. Atendimento ao Público: Segunda a Sexta das 08h às 12h. O contato poderá ser feito, também, pelo telefone **(82) 3194-1176** (das 08h às 12h) ou por e-mail: eticaempesquisa@ifal.edu.br (a qualquer momento).

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante da pesquisa, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto Federal de Alagoas (CEPSH/Ifal), pelo e-mail eticaempesquisa@ifal.edu.br.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DA PARTICIPANTE

Eu li e discuti com a pesquisadora responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados adquiridos para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste documento.

Maceió, ____ de _____ de _____.

(Assinatura da Adolescente)

(Assinatura da Pesquisadora Responsável ou quem aplicou o TALE)